
CHARLIE DONLEA
Autor do best-seller A GAROTA DO LAGO
OLHOS VAZIOS
Ela mudou o nome e a aparência...
mas nada pode apagar o que testemunhou.
FARO EDITORIAL

Livros deCharlie Donlea

LAGO DA CIMEIRA

A MENINA QUE FOI LEVADA

NÃO ACREDITE

ALGUNS ESCOLHEM A ESCURIDÃO

A CASA DO SUICÍDIO

VINTE ANOS DEPOIS

Publicado por Kensington Publishing Corp.

ESSES OLHOS VAZIOS

CHARLIE DONLEA



www.kensingtonbooks.com

Índice

Também por

Folha de rosto

Página de direitos autorais

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013

PARTE I - O Testemunho Final

CAPÍTULO 1 - Tribunal Distrital Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 15h05.

CAPÍTULO 2 - Tribunal Distrital Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 15h30.

CAPÍTULO 3 - Tribunal Distrital Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 15h50.

CAPÍTULO 4 - McIntosh, Virgínia Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 18h08.

CAPÍTULO 5 - Tribunal Distrital Sexta-feira, 27 de setembro de 2013 9h12

CAPÍTULO 6 - Tribunal Distrital Sexta-feira, 27 de setembro de 2013 10h32

PARTE II - A Fuga

CAPÍTULO 7 - Terça-feira, 29 de setembro de 2015 Paris, França 13h35.

CAPÍTULO 8 - Terça-feira, 29 de setembro de 2015 Paris, França 13h45.

CAPÍTULO 9 - Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 Zurique, Suíça 9h35

CAPÍTULO 10 - Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 Zurique, Suíça 11h30

CAPÍTULO 11 - Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 Zurique, Suíça 21h41.

CAPÍTULO 12 - Sexta-feira, 2 de outubro de 2015 Cambridge, Inglaterra 14h15.

CAPÍTULO 13 - Sexta-feira, 2 de outubro de 2015 Cambridge, Inglaterra 19h45.

CAPÍTULO 14 - Sábado, 3 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 10h05

CAPÍTULO 15 - Sábado, 3 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 10h15

CAPÍTULO 16 - Segunda-feira, 5 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 11h22

CAPÍTULO 17 - Quinta-feira, 8 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 16h20.

CAPÍTULO 18 - Quinta-feira, 8 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 17h15.

PARTE III - O Retorno

CAPÍTULO 19 - Manhattan, Nova York Domingo, 15 de janeiro de 2023 20h45.

CAPÍTULO 20 - Washington, DC Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2023, 23h48.

CAPÍTULO 21 - Washington, DC Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2023, 23h56.

CAPÍTULO 22 - Manhattan, Nova York Sexta-feira, 3 de março de 2023 9h20

CAPÍTULO 23 - Washington, DC Sábado, 4 de março de 2023, 23h58.

CAPÍTULO 24 - Washington, DC Segunda-feira, 6 de março de 2023 9h10

CAPÍTULO 25 - Washington, DC Segunda-feira, 6 de março de 2023 20h36.

CAPÍTULO 26 - Washington, DC Segunda-feira, 6 de março de 2023, 20h36.

CAPÍTULO 27 - Washington, DC Segunda-feira, 10 de abril de 2023, 19h48.

CAPÍTULO 28 - Washington, DC Quinta-feira, 13 de abril de 2023,

22h32.

CAPÍTULO 29 - Washington, DC Sexta-feira, 14 de abril de 2023, 18h45.

CAPÍTULO 30 - Washington, DC Sexta-feira, 14 de abril de 2023, 19h00.

CAPÍTULO 31 - Washington, DC Segunda-feira, 17 de abril de 2023 12h20.

CAPÍTULO 32 - Washington, DC Sexta-feira, 21 de abril de 2023, 23h35.

PARTE IV - Um Caso de Pessoas Desaparecidas

CAPÍTULO 33 - Washington, DC Sábado, 22 de abril de 2023, 23h45.

CAPÍTULO 34 - Manhattan, NY Terça-feira, 25 de abril de 2023 8h02

CAPÍTULO 35 - Washington, DC Terça-feira, 25 de abril de 2023 9h15

CAPÍTULO 36 - Washington, DC Terça-feira, 25 de abril de 2023 10h00

CAPÍTULO 37 - Washington, DC Quarta-feira, 26 de abril de 2023 10h32

CAPÍTULO 38 - Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023 8h15

CAPÍTULO 39 - Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023 9h00

CAPÍTULO 40 - Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023 13h35.

CAPÍTULO 41 - Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023 14h45.

CAPÍTULO 42 - Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 15h30.

CAPÍTULO 43 - Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 16h05.

CAPÍTULO 44 - Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023 7h15

CAPÍTULO 45 - Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023 9h20

CAPÍTULO 46 - Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023 9h50

CAPÍTULO 47 - Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023 10h30

CAPÍTULO 48 - Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023 11h35

CAPÍTULO 49 - Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 14h30.

CAPÍTULO 50 - Washington, DC Segunda-feira, 1º de maio de 2023, 13h55.

CAPÍTULO 51 - Washington, DC Segunda-feira, 15 de maio de 2023 10h00

CAPÍTULO 52 - Washington, DC Segunda-feira, 15 de maio de 2023

10h50

CAPÍTULO 53 - Washington, DC Segunda-feira, 15 de maio de 2023, 20h30.

PARTE V - Revelações

CAPÍTULO 54 - Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023 10h45

CAPÍTULO 55 - Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023 12h30.

CAPÍTULO 56 - Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023 19h45.

PARTE VI – O Perfil de um Assassino

CAPÍTULO 57 - Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023 21h32.

CAPÍTULO 58 - Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023 21h45.

CAPÍTULO 59 - Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023, 23h05.

CAPÍTULO 60 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023, 19h32.

CAPÍTULO 61 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023, 19h35.

CAPÍTULO 62 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023, 20h30.

CAPÍTULO 63 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023, 21h30.

CAPÍTULO 64 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h30.

CAPÍTULO 65 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023 23h35.

CAPÍTULO 66 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023 23h45.

CAPÍTULO 67 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023 23h55.

CAPÍTULO 68 - Wytheville, Virgínia Quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h57.

PARTE VII - Círculo Completo

CAPÍTULO 69 - Washington, DC Sábado, 10 de junho de 2023, 15h32.

CAPÍTULO 70 - McIntosh, Virgínia Segunda-feira, 12 de junho de 2023 10h04

CAPÍTULO 71 - Londres, Inglaterra Sábado, 1º de julho de 2023 13h05.

CAPÍTULO 72 - Os Montes Apalaches Sábado, 14 de outubro de 2023 21h52.

RECONHECIMENTOS

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Na medida em que a imagem ou imagens na capa deste livro retratam uma pessoa ou pessoas, tais pessoas são meramente modelos e não se destinam a retratar qualquer personagem ou personagens apresentados no livro.

LIVROS KENSINGTON são publicados por

119 West 40th Street Nova York, NY 10018

Copyright © 2023 por Charlie Donlea

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio sem o consentimento prévio por escrito da Editora, exceto breves citações usadas em resenhas.

O K com logotipo do livro Reg. Pat. dos EUA. &TM desligado.

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2022948697
ISBN: 978-1-4967-2717-6

Primeira edição de capa dura de Kensington: abril de 2023

ISBN: 978-1-4967-2721-3 (e-book)

Siga as evidências onde quer que elas levem e questione tudo.
—Neil de Grasse Tyson

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013

O pecado era um mistério.

Alguns acreditavam que seus pecados passavam despercebidos e poderiam ser cometidos sem consequências. Outros se arrependeram na convicção de que um Deus onipotente testemunhou todas as decisões e perdoou incondicionalmente. O atirador, vestido com botas e um sobretudo longo e esvoaçante, acreditava em outra coisa: que os pecados mais flagrantes deveriam ser sempre notados e nunca perdoados, e que aqueles que os cometem deveriam ser punidos.

O atirador subiu as escadas silenciosamente enquanto a família dormia. No topo da escada, a figura se aproximou do quarto e usou o cano da espingarda para abrir a porta da suíte master. As dobradiças rangeram e perturbaram a casa silenciosa. A porta parou com espaço suficiente apenas para passar pelo batente da porta. O atirador entrou e caminhou até o pé da cama. A respiração suave da mulher podia ser ouvida entre os roncos animalescos do homem deitado ao lado dela. O atirador ergueu a espingarda e prendeu-a — bem apertada ao ombro, com a face direita contra o metal frio — de modo que o cano apontasse para o homem que roncava. Um dedo pousou sobre o gatilho, parou momentaneamente e depois se contraiu, desencadeando um estrondo ensurdecedor. A carne do homem adormecido explodiu quando a bala atingiu seu peito. Desorientada, sua esposa sentou-se rapidamente. Em sua confusão, ela nunca viu o atirador parado ao pé da cama ou o cano da espingarda girando em sua direção. Uma segunda explosão fez o torso da mulher ricochetear na cabeceira da cama.

Enfiando a mão no bolso do sobretudo, o atirador retirou três fotos e as jogou na cama. À medida que o barulho dos tiros se dissipava, as tábuas do piso rangeram do lado de fora do quarto. Rapidamente, o atirador abriu o cano da espingarda, permitindo que os cartuchos gastos flutuassem no ar. Com as mãos protegidas por luvas de látex, o atirador retirou duas balas vivas do segundo bolso do sobretudo, inseriu-as na câmara de fumo e fechou o cano antes de apontar para a porta do quarto. Uma eternidade se passou até que as dobradiças rangeram novamente quando a porta se abriu totalmente para revelar um menino parado no batente da porta.

Raymond Quinlan tinha treze anos, uma idade problemática para o atirador – velho o suficiente para ser uma testemunha viável, mas jovem o

suficiente para tomar a próxima decisão desafiadora. Enquanto Raymond lutava para entender a cena diante dele, o atirador não deu tempo para o menino se orientar. O cano da espingarda foi apontado para o peito do menino, e uma terceira explosão ensurdecedora encheu a casa.

À medida que a concussão ricocheteou nas paredes do quarto, a melancolia começou a se instalar, mas foi rapidamente deixada de lado. Haveria tempo para desânimo quando a missão terminasse. Um trabalho que momentos antes havia sido concluído estava agora apenas três quartos concluído. O atirador saiu rapidamente do quarto. Raymond estava deitado no corredor, com uma poça crescente de sangue escorrendo pela madeira. Uma rápida olhada para o quarto permitiu que as conchas gastas se destacassem no carpete onde haviam caído. Mas eles não eram uma preocupação. Nem a arma em si. Na verdade, o plano era deixar a arma ao pé da cama quando a noite terminasse, mas Raymond estragou tudo. Passando por cima de seu corpo, o atirador correu pelo corredor até o quarto dos fundos. Havia outro membro da família na casa que agora exigia atenção.

Chegando ao final do corredor, o atirador usou o cano da espingarda para abrir a porta do quarto. Desta vez, porém, a porta não se mexeu. Estava trancado. Girando a maçaneta e encontrando a porta trancada, o atirador levantou um joelho e apontou o salto da bota para a maçaneta. A madeira lascou, mas não cedeu. Um segundo esforço abriu a porta e soltou a dobradiça superior do batente, de modo que a porta ficou torta no batente. Ao entrar no quarto, o atirador viu que a cama estava vazia, mas as cobertas estavam emaranhadas. Colocando a palma da mão nos lençóis, a cama estava quente onde alguém estava dormindo momentos antes. Quando o atirador se afastou da cama, a atenção se voltou para o armário. A porta de vime estava fechada. Ao se aproximar, o atirador usou o cano da espingarda para bater na porta.

Quando não houve resposta, o atirador girou a maçaneta e abriu lentamente a porta. Mas o armário, assim como a cama, estava vazio. Foi então que o frio da noite percorreu as costas das panturrilhas do atirador, abaixo da bainha do sobretudo. Do outro lado da sala, as cortinas da janela giravam enquanto eram preenchidas com o ar noturno que passava pelo parapeito. Depois de correr pela sala, o atirador arrancou as cortinas para o

lado e abriu totalmente a janela. A tela estava na passarela abaixo, libertada da moldura quando o último membro da família escapou pela janela.

Foi um problema. Um erro grave criado por um erro de cálculo descuidado, mas não o único que o atirador cometeu naquela noite.

PARTE I
A última testemunha

"Se ele sangra ele leva."

—Garrett Lancaster

Outono de 2013

CAPÍTULO 1

Tribunal Distrital Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 15h05.

GARRETT LANCASTER CAMINHOU PARA O PÓDIO DO TRIBUNAL ENQUANTO as câmeras de TELEVISÃO gravavam cada movimento seu e milhões assistiam à cobertura ao vivo. O julgamento por difamação de Alexandra Quinlan contra o estado da Virgínia chamou a atenção da nação. Desde a noite em que a família Quinlan foi massacrada e a filha de dezessete anos foi presa pelos assassinatos, o país ficou fascinado por Alexandra Quinlan. Primeiro, quando ela foi acusada do crime e rotulada de assassina sádica. E mais tarde, depois que ela foi inocentada, quando surgiram evidências que provavam sua inocência. E especialmente agora, quando Alexandra deu meia-volta e processou o estado da Virgínia, alegando que o Departamento de Polícia de McIntosh e o gabinete do procurador distrital de Alleghany não só tinham estragado a investigação do assassinato da sua família, como também arruinaram a sua vida no processo.

Devido à atenção mediática que os assassinatos de Quinlan receberam, o caso de difamação de Alexandra foi acelerado. Previsto para durar duas semanas, o julgamento ocorreu dentro do prazo. Durante os primeiros dias – de segunda a quinta de manhã – os jurados ouviram depoimentos de uma lista cuidadosa de testemunhas que Garrett Lancaster convocou em ordem estratégica. Agora, Garrett tinha quinta-feira à tarde e sexta-feira inteira para terminar de apresentar seu caso. Ele planejou preencher essas horas com depoimentos de apenas duas pessoas, suas últimas testemunhas. Se as coisas corressem conforme o planejado, os advogados de defesa do estado permaneceriam em silêncio durante os dois dias finais do caso da promotoria. Eles não ousariam ir atrás do testemunho que ouviram hoje, e nem sequer pensariam em interrogar o seu testemunho amanhã.

Garrett sabia da posição insustentável em que estava prestes a colocar a equipe de defesa do estado. Ele sabia disso porque Garrett geralmente era o advogado que fazia a defesa. Foi apenas através de um conjunto bizarro de circunstâncias que ele se viu na posição incomum de ser o promotor que representa Alexandra Quinlan em seu processo por difamação contra o estado da Virgínia. Sócio-gerente de uma das maiores empresas de defesa

da Costa Leste, Garrett era advogado de defesa de profissão e, portanto, estava na posição única de conhecer seus oponentes por dentro e por fora.

Garrett planejou sua estratégia cuidadosamente. Apesar da tentação de permitir que o júri ouvisse o depoimento de suas duas principais testemunhas no início da semana, no início do julgamento, quando era fácil impressionar os júris, ele guardou o depoimento para agora - quinta-feira à tarde e sexta-feira de manhã. O plano era encerrar as coisas na manhã seguinte, antes do almoço, e então convencer o juiz a suspender o julgamento no fim de semana. Garrett queria que os depoimentos de suas duas últimas testemunhas – bem como seus rostos, lágrimas e vozes embargadas – estivessem frescos na mente dos membros do júri enquanto eles se aproximavam do fim de semana. Ele queria que o depoimento durasse dois longos dias antes que o júri se reunisse novamente na manhã de segunda-feira para ouvir os advogados do estado da Virgínia montarem sua defesa completa e irrestrita contra as alegações de Alexandra de que o Departamento de Polícia de McIntosh era incompetente e que o gabinete do promotor distrital de Alleghany era corrupto.

“Meritíssimo”, disse Garret depois de subir ao pódio. Vestido elegantemente com um terno azul-marinho e gravata amarela, ele organizou cuidadosamente suas anotações sem pressa, transmitindo uma sensação de compostura e confiança. Ele sabia que uma audiência televisiva de milhões de pessoas estava sintonizada e não se esquivava da atenção. Com cinquenta e poucos anos e bonito, Garrett sabia como usar a sua presença para trabalhar como júri e não era um amador quando se tratava de casos de grande repercussão. “A promotoria liga para Donna Koppel.”

A primeira policial a chegar à casa dos Quinlan na noite de 15 de janeiro, Donna Koppel foi a primeira a entrar na casa, a primeira a subir as escadas e a primeira a testemunhar a carnificina no quarto principal. Os outros quatro policiais que responderam aos tiros disparados em 421 Montgomery Lane já haviam denunciado. Garrett usou habilmente os depoimentos dos policiais para expor ao júri exatamente o que foi descoberto na noite em que os policiais entraram na casa dos Quinlan. Os depoimentos deles eram idênticos: cada um deles descreveu o derramamento de sangue de uma família massacrada no meio da noite. Cada um deles testemunhou sobre encontrar uma jovem, identificada como Alexandra Quinlan, sentada no chão do quarto dos pais, segurando a

espingarda que foi usada para matar seus pais e irmão. Garrett não tentou amenizar ou suavizar a lembrança da cena pelos policiais. Na verdade, ele certificou-se de que cada um oferecesse relatos minuciosamente detalhados daquela noite - desde a chegada ao local, até a subida das escadas, passando por cima do corpo de Raymond Quinlan para ter acesso ao quarto principal, onde Dennis e Helen Quinlan jaziam mortos. a cama deles.

Fazia parte da estratégia de Garrett. Iniciar o depoimento de cada policial e extraí-lo detalhadamente passo a passo basicamente dificultou o interrogatório da defesa. Nada mais pôde ser apurado pelas testemunhas. Garrett não refutou nenhum dos testemunhos dos policiais sobre o que viram e encontraram quando entraram na casa dos Quinlan. Em vez disso, Garrett tomou as lembranças dos policiais como um evangelho e confirmou que o testemunho de cada policial combinava perfeitamente com o dos outros - uma noite horrível que chocou profundamente cada um deles e uma cena de crime perturbadora que surpreendeu a nação. .

No início da semana, Garrett chamou especialistas forenses para depor, que testemunharam que a arma usada para matar a família Quinlan era uma espingarda Stoeger Coach lado a lado calibre 12 pertencente ao Sr. No tribunal, na manhã de terça-feira, Garrett apresentou dramaticamente a espingarda ao júri. Muitos membros do júri, quando perguntados por Garrett, admitiram que fora da televisão nunca tinham visto uma arma antes. Garrett sabia, pela seleção do júri, que oito deles não tinham experiência com armas e que quatro eram proprietários registrados de armas. Segurar a arma que havia sido usada para matar três pessoas e permitir que os jurados a vissem de perto era surpreendente. Mas isto também fazia parte do plano de Garrett. Ele fez isso para que, quando voltasse a sacar a arma amanhã de manhã, quando interrogasse sua última testemunha, ela parecesse menos letal e mais comum. A arma não mostraria Alexandra Quinlan como uma adolescente assassina perturbada, mas como a jovem inteligente que ela era.

Mas esse pouco de carisma ficava para amanhã. Hoje, ele subiu ao pódio e ouviu o barulho dos saltos de Donna Koppel enquanto ela caminhava pelo corredor central da sala do tribunal ao som de sussurros de seus colegas policiais na galeria. Toda a força policial de McIntosh considerou o depoimento que Donna estava prestes a dar uma traição. As coisas ficaram tão ruins antes do julgamento que o policial Koppel tirou

licença do Departamento de Polícia de McIntosh. A licença estava programada para durar enquanto o julgamento durasse, mas Garrett suspeitava que as chances de ela retornar à força policial de McIntosh eram mínimas.

Donna empurrou a divisória de madeira e passou por Garrett. Ele notou o rápido olhar de soslaio que ela lhe lançou no caminho. Se olhares pudessem matar, ele teria caído morto no chão. Em vez disso, pelo breve contato visual de Donna, ele leu o pensamento predominante dela: Espero que você saiba o que está fazendo.

Donna sentou-se no banco das testemunhas.

“Por favor, levante a mão direita, senhora”, disse o juiz do banco à sua esquerda.

Donna fez conforme as instruções.

“Você jura dizer a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade, que Deus o ajude?”

"Eu faço."

“Conselheiro”, disse o juiz, acenando para Garrett.

Garrett parou por um momento atrás do pódio para virar algumas páginas em seu caderno. A tenda não era para impressionar o júri com seu comando da sala do tribunal desta vez. Era para Donna dar-lhe a oportunidade de se recompor com algumas respirações extras. Quando Garrett viu que ela estava firme, encontrou seu lugar em seu caderno e olhou para o banco das testemunhas.

"EM. Koppel”, disse Garrett. “Você pode, por favor, declarar ao tribunal o seu papel dentro do Departamento de Polícia de McIntosh?”

“Eu sou um policial.”

“Há quanto tempo você trabalha no departamento?”

"18 anos."

“E você serviu como oficial o tempo todo?”

"Sim."

“Você está atualmente trabalhando como policial?”

“Estou de licença no momento.”

"Por que é que?"

Donna engoliu em seco. “Meu testemunho esta tarde não é. . . popular dentro da força policial McIntosh.”

“Não é popular, mas não será desonesto de forma alguma, estou correto?”

"Você está certo."

“Por que você acha que seu testemunho será impopular?”

Donna hesitou e deu uma breve olhada na galeria e nos colegas oficiais.

“Porque vai contra a narrativa.”

“Que narrativa é essa?”

“Aquela apresentada pelo Departamento de Polícia de McIntosh sobre o que aconteceu na noite de 15 de janeiro, tanto na casa dos Quinlan quanto mais tarde na sede da polícia.”

“Tudo bem”, disse Garrett. “Mas como ninguém aqui está tentando ganhar um concurso de popularidade, apenas buscando justiça pelos erros cometidos naquela noite, acredito que seu depoimento é vital, mesmo que não seja respeitado por seus colegas. Você concorda?"

“Objeção”, disse o procurador do estado.

“Sustentado”, disse o juiz.

Garrett acenou com a cabeça para o juiz e olhou para Donna.

“Antes de começarmos, você pode informar ao tribunal como você e eu somos parentes?”

"Eram casados."

Garrett saiu de trás do pódio e aproximou-se do banco das testemunhas.

“Oi,” ele disse quando estava ao lado dela.

Donna sorriu e os membros do júri soltaram risadas silenciosas.

“Oi”, disse Donna.

“No dia quinze de janeiro deste ano, você estava de plantão trabalhando no turno da noite?”

"Sim."

“Você recebeu uma ligação naquela noite?”

"Sim. Eu estava em minha rota de patrulha de rotina quando recebi uma ligação por tiros disparados contra uma residência.”

"O que você fez?"

“Eu respondi imediatamente. Eu estava a apenas alguns quarteirões de distância.”

“Você foi o primeiro policial no local?”

"Eu era."

“Você pode nos explicar aquela noite, policial Koppel? Desde o momento em que você chegou ao local e descreva o que fez e o que observou?

Donna respirou fundo e Garrett sentiu seu nervosismo. Não importa quantas vezes eles ensaiaram isso em casa, não havia como recriar o estresse de sentar no banco das testemunhas e conversar para um tribunal lotado, com doze jurados atentos a cada palavra sua e câmeras de televisão ligadas.

Vem cá Neném. Garrett encorajou a esposa com um aceno sutil. Você tem isso.

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 12h46.

Donna estacionou a viatura até o meio-fio e apontou o holofote do veículo para a frente da casa, iluminando a casa de dois andares contra o bairro escuro. Ela estava respondendo a uma chamada para o 911 sobre tiros disparados em 421 Montgomery Lane e foi a primeira policial a chegar ao local. Bem depois da meia-noite, não havia luzes brilhando dentro da casa e, além dos poucos vizinhos que vagavam do lado de fora, a cena estava silenciosa.

Um homem caminhou até a viatura enquanto Donna descia. Ela o manteve afastado com o braço estendido e a mão na arma. O homem parou seu avanço e ergueu as mãos.

“Eu moro ao lado”, disse ele. “Fui eu quem ligou para o 911.”

Donna manteve sua atenção simultaneamente na casa, no homem à sua frente e na crescente multidão de vizinhos que lentamente se reunia ao seu redor.

"O que aconteceu?" ela perguntou.

“Eu estava assistindo televisão quando ouvi um grande estrondo. Desliguei o som da TV e ouvi outra, então abri a porta dos fundos e subi no meu deck. Alguns segundos depois, ouvi um terceiro estrondo. Só que desta vez eu estava do lado de fora e reconheci imediatamente como um tiro. Espingarda, provavelmente calibre doze. Eu sou um caçador, então conheço esse som.”

Donna apontou para a casa para onde seu foco estava direcionado. “Você tem certeza de que os tiros vieram daquela casa?”

“Com certeza, senhora. 'Desculpe minha linguagem.'

“Dentro de casa?”

"Sim, senhora."

Mantendo os olhos na porta da frente, Donna pegou o rádio preso ao ombro. “Aqui é o oficial Koppel no local dos tiros disparados contra quatro e vinte e um Montgomery.”

“Vá em frente, oficial.”

“Tenho uma testemunha que confirma tiros disparados de dentro de casa. Solicitando apoio enquanto avalio a casa.”

"Entendido. No caminho, faltam três minutos.

“Tenho muitas armas, senhora”, ofereceu o prestativo vizinho. “Basta dizer uma palavra e eu lhe darei todo o apoio que você precisa.”

“Fique aí,” ela disse a ele enquanto se dirigia para casa.

Sua sombra ficou mais longa enquanto ela passava pelo holofote do carro, até que a imagem preta subiu pela frente da casa e ficou acima dela como um fantasma. Ela tirou a lanterna do cinto e direcionou-a pelas janelas da frente, mas as cortinas bloquearam sua visão. Quando chegou à varanda da frente, bateu a lanterna na porta.

"Polícia! Abra a porta."

Como não houve resposta, ela olhou para trás e viu o grupo de vizinhos observando da rua. Felizmente, as luzes de outro cruzador piscaram à distância quando os reforços chegaram. Um minuto depois ela estava na varanda da frente com dois outros policiais. Um terceiro tinha ido lá atrás para verificar as coisas, e agora sua voz soava no rádio.

“Quieto aqui atrás. Sem luzes. Nenhum sinal de vida.

Como Donna foi a primeira a chegar, a cena ficou sob seu comando. Ela alcançou a maçaneta da porta da frente e ficou surpresa ao encontrá-la destrancada, a porta se abrindo assim que ela girou a maçaneta. Ela olhou para seus colegas oficiais, que acenaram com a cabeça. Com as armas em punho, eles entraram na casa.

CAPÍTULO 2

Tribunal Distrital Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 15h30.

GARRETT VOLTOU AO PÓDIO E COLOCOU AS MÃOS CALMAMENTE nas laterais do púlpito. Ele consultou suas anotações.

“Naquele momento, policial Koppel, ao entrar em casa, qual era o seu estado de espírito? O que você estava pensando?

Donna parou por um momento. "Eu estava nervoso."

“Uma testemunha que morava ao lado dos Quinlan disse que ouviu claramente tiros vindos de dentro da casa dos Quinlan. O nervosismo seria uma emoção justa para qualquer um sentir. Mas o que mais você e seus colegas sentiram?”

“Objeção”, disse Bill Bradley, o principal advogado do governo no caso de Alexandra Quinlan versus o estado da Virgínia. “A policial Koppel não pode dar sua opinião sobre como os outros policiais se sentiram naquela noite.”

“Sustentado”, disse o juiz.

“Além de estar nervoso”, continuou Garrett, “o que mais você sentiu?”

“Muita adrenalina.”

“Então você estava nervoso e cheio de adrenalina. Na sua opinião, os outros oficiais sentiram o mesmo.”

“Objeção”, disse Bill Bradley.

“Estou perguntando ao policial Koppel sobre a mentalidade dela ao entrar na casa, não a de seus colegas policiais.”

“Rejeitado”, disse o juiz. "Vá em frente."

“Então você estava nervoso e cheio de adrenalina e sentiu que seus colegas policiais estavam experimentando as mesmas emoções?”

"Sim."

“Você alguma vez, em seus dezoito anos na força policial de McIntosh, respondeu a tiros disparados ou a uma chamada envolvendo um atirador ativo?”

"Não."

“Algum dos outros policiais que estavam com você naquela noite já respondeu a tal chamado?”

"Não."

“Então, entrar na casa com a suspeita de que havia um atirador ativo lá dentro foi uma experiência nova para você?”

"Sim."

“Além do treinamento do departamento em tal evento, você não tinha experiência prática?”

"Não."

“É razoável dizer, policial Koppel, que lidar com uma situação estressante, perigosa e única com a qual você não tinha experiência anterior abriu a porta para a possibilidade de que as coisas pudessem ser mal tratadas?”

Donna fez uma pausa e engoliu em seco. "Sim."

“Nervosos e cheios de adrenalina, será possível que os quatro policiais que se encontraram em uma situação da qual nunca haviam participado tenham interpretado mal a cena dentro da casa dos Quinlan?”

"Sim."

“Sabendo o que você sabe hoje, você teria lidado com aquela noite de forma diferente?”

Lágrimas brotaram dos olhos de Donna enquanto ela respondia. "Sim."

“Você pode contar ao tribunal o que encontrou quando entrou na casa dos Quinlan na noite de 15 de janeiro?”

Donna respirou fundo para acalmar os nervos, piscou para afastar as lágrimas e contou ao tribunal o que ela e seus colegas policiais descobriram dentro de casa.

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 12h54.

"Olá?" Donna gritou enquanto entrava em casa, com a pistola apontada para ela. "Polícia. Tem alguém em casa?

Era quase uma da manhã, a casa estava escura e a última coisa que ela queria era surpreender um proprietário de arma no meio da noite, caso isso fosse um mal-entendido colossal. Ela e seus colegas fizeram o máximo de barulho possível no saguão.

"Polícia!" ela disse novamente. “Tem alguém em casa?”

“Os policiais estão em sua casa!” outro oficial gritou. “Tem alguém aqui?”

A casa respondeu com um silêncio assustador. Eles se separaram, cada um acendendo as luzes enquanto avançavam pelo primeiro andar. Nada estava fora do lugar e não havia sinais de entrada forçada. Donna acendeu a luz do hall de entrada. O corredor do andar de cima era protegido por uma grade que dava para o vestíbulo de teto aberto. Ela começou a subir lentamente as escadas, com a arma na frente dela. Ao se aproximar do patamar do segundo andar, ela conseguiu ver o final do corredor através do corrimão. Uma das portas do quarto estava muito danificada e pendurada na moldura.

"Aqui em cima!" ela gritou para os outros policiais, que se reuniram rapidamente com armas em punho e subiram as escadas correndo para se juntar a ela.

“Quarto no final do corredor. Parece que a porta foi quebrada”, disse ela, ainda agachada na escada e incapaz de ver o quarto principal à direita do patamar.

“Eu vou liderar”, disse ela. "Você cobre."

Os policiais atrás dela assentiram e todos começaram a subir lentamente, um por um, os degraus. Assim que Donna chegou ao patamar, a carnificina do lado de fora do quarto principal apareceu. Um menino estava deitado no chão. A poça de sangue ao seu redor e o ferimento no peito contaram imediatamente a história. O vizinho, de fato, ouviu tiros.

“Puta merda”, disse Donna, ofegante enquanto seu peito apertava.

Os policiais escalaram rapidamente as escadas restantes e se agacharam em posições de atirador enquanto apontavam suas armas para a porta aberta da suíte master. Donna teve a súbita sensação de que o atirador ainda estava dentro de casa. Ela pegou o rádio do ombro.

“Solicitando reforços e EMT em Montgomery Lane, quatro e vinte e um. Pelo menos uma vítima de tiro dentro de casa.”

“Entendido”, gritou uma voz no rádio. “O backup está a caminho. Despachando EMT e ambulância.”

Donna apontou para o quarto principal. Ela tentou não olhar para o menino caído no chão, em vez disso concentrou seu foco no quarto e no que poderia estar esperando lá dentro. Ao se aproximar, ela ouviu um barulho e ergueu a mão para que os policiais atrás dela parassem. Ela ouviu até confirmar o que pensava ter ouvido: choro. Estava vindo do quarto principal. Ela se aproximou e os soluços ficaram mais altos. Parecia infantil. Com as costas contra a parede, ela gritou: “Polícia! Você precisa colocar as mãos para cima. Você entende?"

Mais choro veio, mas nenhuma resposta verbal. Com a adrenalina inundando seu sistema, Donna aliviou a pressão que aplicava no gatilho de sua arma de fogo, sabendo que não demoraria muito para descarregar. Ela passou por cima do menino morto e entrou no quarto. Ela se agachou como um atirador enquanto apontava a arma para dentro da sala. O que ela viu a confundiu. Uma adolescente estava sentada no chão com as costas apoiadas nos pés da cama, a camisa de dormir manchada de vermelho de sangue e uma espingarda calibre 12 no colo. Atrás da menina, os corpos de dois adultos jaziam na cama, os lençóis cobertos de sangue. Respingos sardentos cobriam a parede atrás deles.

Donna tentou entender a cena. Os corpos. A garota. A arma.

“Coloque as mãos para cima!” Donna disse à garota, apontando a arma para o suspeito. A menina continuou a chorar, mas seguiu a ordem levantando os braços.

Enquanto Donna mantinha a arma apontada para a garota, outro policial entrou correndo e pegou a espingarda do colo da

garota. O terceiro policial empurrou a garota de cara no chão e prendeu suas mãos atrás das costas. O quarto oficial esvaziou a sala e confirmou que não havia mais ninguém presente.

Donna se aproximou lentamente da garota soluçante, acenando para o policial para lhe dar algum espaço. Além de ser a primeira a chegar, Donna era a única mulher presente e parecia natural que fosse ela quem falasse com a garota. Ela ajudou a garota a sentar-se novamente e, no processo, observou mais de perto o sangue que cobria sua camisola.

“Meus pais estão mortos”, disse a garota.

“Você atirou neles?”

“Meu irmão também.”

“Você atirou neles?” Donna perguntou novamente.

Os olhos da garota estavam arregalados quando ela olhou para Donna. “Eles estão todos mortos.”

"Qual o seu nome?"

Os gritos da garota suavizaram.

“Alexandra Quinlan.”

CAPÍTULO 3

Tribunal Distrital Quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 15h50.

“QUAL FOI SUA PRIMEIRA IMPRESSÃO AO ENTRAR NO SR. E o quarto da Sra. Quinlan? Garrett perguntou, ainda de pé no pódio.

“Vi três vítimas e um suspeito armado.”

“Como você descreveria a atmosfera dentro daquela sala?”

"Tenso. Nossas armas foram sacadas e eu estava nervoso. Minha primeira impressão foi que Alexandra havia atirado nos pais e no irmão e que ela era um perigo para si mesma e para minha equipe.”

"E então você a desarmou?"

"Sim. Seguimos o protocolo do departamento para desarmar um atirador ativo.”

"E então você algemou Alexandra?"

"Sim."

“Durante aqueles momentos iniciais, quando você entrou no quarto principal, quando passou por cima do corpo de Raymond Quinlan e viu Dennis e Helen Quinlan mortos em sua cama, os lençóis manchados de vermelho, respingos de sangue cobrindo a parede atrás deles, e uma adolescente sentada no chão. andar com uma espingarda no colo – você descreveria esses momentos como confusos?”

"Sim."

“O policial Diaz”, disse Garrett, virando uma página em seu bloco de notas, “que foi o segundo a chegar ao local, também descreveu a cena como ‘aterrorizante’. ’ Você também concordaria com essa ideia?”

“Sim, estávamos todos com medo.”

“Objeção”, disse Bill Bradley. “Mais uma vez, a policial Koppel não pode prestar testemunho sobre como seus colegas policiais estavam se sentindo.”

"Sustentado."

“Meritíssimo, entendo que a policial Koppel não pode falar em nome de seus colegas policiais, mas o depoimento deles já está registrado. Cada um deles descreveu sentimentos de confusão, horror, tristeza e uma sensação de opressão pelo que encontraram dentro da casa dos Quinlan. Estou perguntando se o policial Koppel sentiu as mesmas coisas.”

“A objeção foi sustentada, Sr. Lancaster”, disse o juiz. "Ir em frente."

Garrett demorou um momento antes de assentir e se dirigir novamente a Donna.

“Oficial Koppel, momentos após entrar no quarto dos Quinlan você sentiu algumas emoções poderosas. Houve confusão entre eles?

"Sim."

“Horror e choque?”

"Sim."

"Tristeza?"

"Sim."

“A sensação de que a cena foi avassaladora?”

Lágrimas brotaram dos olhos de Donna. "Sim."

“Com todas essas emoções percorrendo você ao mesmo tempo, seria possível que ao ver uma adolescente sentada ao pé da cama dos pais — pais que claramente haviam sido baleados — fosse possível que você pudesse ter confundido a cena com algo que era? não?"

"Sim. Obviamente que sim.

“Com suas emoções tão intensas e selvagens, você presumiu que Alexandra Quinlan havia matado sua família. Isso está correto?

“Essa foi minha suposição, sim.”

“Você alguma vez, enquanto estava na residência de Quinlan, considerou que havia outra explicação para o que você encontrou?”

“Não enquanto eu estava na cena do crime, não.”

“Você conversou com algum de seus colegas policiais sobre outras possibilidades que possam explicar o que você encontrou dentro da casa dos Quinlan?”

Donna balançou a cabeça. “Não enquanto eu estava no local, não.”

“Mas houve um momento, policial Koppel, não foi, quando você percebeu que sua interpretação da cena do crime era imprecisa?”

"Sim. Quando voltamos para a sede e eu estava assistindo à entrevista de Alexandra, comecei a suspeitar que havíamos entendido errado.”

“Qual foi o período de tempo desde quando você entrou em cena e experimentou todas aquelas emoções avassaladoras, até quando essa epifania finalmente chegou até você? Essa percepção de que você pode ter entendido errado?

“Provavelmente foi duas horas depois.”

Garrett verificou suas anotações. “Você respondeu aos tiros disparados na casa dos Quinlan às 12h46. Você chamou reforços e paramédicos às 12h58, depois de entrar na casa. O detetive Alvarez começou o interrogatório de Alexandra Quinlan às três e vinte da manhã. Então, quase três horas se passaram desde o momento em que você atendeu a ligação até o momento em que viu Alexandra sendo entrevistada. Eu tenho o cronograma correto?

"Sim."

“Então, depois que você entrou no quarto dos Quinlan, você levou três horas para processar imagens e emoções que poucos policiais vivenciaram em suas carreiras. Demorou três horas para permitir que essas emoções avassaladoras se dissipassem. Três horas para permitir que a razão e a lógica se unam à confusa cena do crime e permitir que o bom senso resolva as coisas. Eu tenho esse cronograma correto?

Donna assentiu e enxugou as lágrimas. "Sim."

Garrett fez uma pausa para causar efeito. Ele ficou sem falar por tempo suficiente para que o silêncio deixasse o júri desconfortável. Para torná-los alertas e hiperfocados.

“Quando essas emoções se acalmaram, policial Koppel, e a razão e a lógica vieram até você, o que você percebeu?”

Donna limpou a garganta. “Vi Alexandra ser interrogada na sala de interrogatório e avaliei que ela não estava mais em estado de choque, como claramente estava quando a encontramos no local. Foi então que vi uma garota que estava perdida e confusa sobre o que estava sendo acusada.”

“Você percebeu depois de três horas – um período de tempo suficiente para Alexandra processar o que havia acontecido – que ela finalmente entendeu que estava sendo acusada de matar sua família. E quando essa compreensão ocorreu a ela, o que mudou no comportamento de Alexandra?

“Ela não estava mais em transe. Pareceu-me que ela finalmente entendeu que estava sendo interrogada e parecia assustada e perdida e como se precisasse de ajuda.”

“Então, uma menina de dezessete anos, que foi a única sobrevivente na noite em que sua família foi morta, precisava da ajuda dos adultos ao seu redor. Foi isso que você pensou?

"Sim."

Garrett saiu de trás do pódio e foi até a frente do júri.

“A ideia de que uma jovem nessa situação precisaria de adultos para protegê-la parece senso comum, não é?”

"Objeção. Argumentativo."

"Sustentado."

“Parece que a primeira coisa que os adultos deveriam fazer é proteger esta menina que acabou de perder a mãe, o pai e o irmão. Mas, em vez de ajuda, o que Alexandra Quinlan obteve foram agentes que interpretaram mal a cena e tiraram conclusões precipitadas, não foi?

"Objeção! Argumentativo."

"Sustentado."

“Em vez de ajuda, o que Alexandra Quinlan conseguiu foi um detetive agressivo que, durante um interrogatório ilegal de uma menor às três e meia da manhã, a acusou de matar a sua família. Em vez de ajuda, o que Alexandra Quinlan conseguiu por sobreviver naquela noite foi uma estadia de dois meses num centro de detenção juvenil. Em vez de ajuda, o que Alexandra Quinlan conseguiu foi ser arrastada algemada para fora de sua casa enquanto uma equipe de notícias gravava cada detalhe e transmitia para o mundo. Em vez de ajuda, o que Alexandra Quinlan recebeu foram semanas e semanas de manchetes acusando-a de matar a sua família – porque todos sabemos que nos meios de comunicação social, se sangrar, é a liderança. Sabemos também que o ciclo de notícias de 24 horas é rápido para julgar, mas lento para se arrepender. Então, o que Alexandra Quinlan conseguiu foi uma vida inteira de marcas e calúnias para superar. O que Alexandra Quinlan recebeu foi o terrível apelido de “Olhos Vazios”, dado a ela por um repórter excessivamente zeloso e repetido por todas as organizações de notícias da Virgínia e por muitas em todo o país. Tudo porque uma jovem teve a audácia de parecer perdida e confusa nos momentos imediatamente seguintes ao assassinato de toda a sua família. O que Alexandra Quinlan obteve foi exatamente o oposto do que uma sociedade civilizada e um sistema de justiça ético e imparcial deveriam ter dado a ela.”

"Objeção!" Bill Bradley estava de pé e com raiva. “Meritíssimo, o Sr. Lancaster está apresentando um argumento final quando deveria estar interrogando uma testemunha.”

"Senhor. Lancaster”, disse o juiz, “você está testando minha paciência. Você tem alguma pergunta para o oficial Koppel?

"Eu faço."

A voz de Garrett suavizou-se quando ele olhou dos membros do júri para Donna.

“A família de Alexandra foi morta na noite de quinze de janeiro. Alexandra sobreviveu. Oficial Koppel, você concorda que a má conduta do Departamento de Polícia de McIntosh naquela noite, e nas semanas seguintes, afetará negativamente Alexandra pelo resto de sua vida?

"Objeção!"

Garrett observou Donna começar a chorar. Quase o arruinou explorar o papel de sua esposa nesta situação.

“Retirado, Meritíssimo. Não tenho mais perguntas.”

"Senhor. Bradley? disse o juiz. “Sua testemunha.”

Bill Bradley simplesmente fechou os olhos e balançou a cabeça para o juiz. Ele não se atreveu a fazer uma tentativa de interrogatório. Não enquanto o júri estivesse tão claramente emocionado.

“Oficial Koppel”, disse o juiz, “você pode renunciar”.

A sala do tribunal ficou em silêncio quando Donna saiu do banco e caminhou pelo corredor central. Desta vez, Garrett notou, ela não fez contato visual ao passar por ele e não houve sussurros dos policiais na galeria.

"Senhor. Lancaster, você tem mais testemunhas? o juiz perguntou.

“Apenas um, Meritíssimo. Nosso último. Alexandra Quinlan.”

O juiz olhou para o relógio. Já passava das 16h.

“Considerando que é tarde, e presumindo que o depoimento da Srta. Quinlan certamente ocupará uma quantidade substancial de tempo, adiaremos até amanhã às nove da manhã.”

O juiz bateu o martelo. A bancada do júri esvaziou-se e a galeria encheu-se de sussurros enclausurados enquanto os espectadores e repórteres discutiam o que tinham testemunhado naquele dia. Os advogados de defesa fizeram as malas e foram embora. Garrett reuniu as suas notas no pódio e sentou-se à mesa da acusação. Ele respirou fundo algumas vezes, sabendo que tinha apenas mais um dia para consertar isso.

CAPÍTULO 4

McIntosh, Virgínia, quinta-feira, 26 de setembro de 2013, 18h08.

Donna e Garrett sentaram-se no pátio dos fundos de sua casa e ouviram a cacofonia noturna do chilrear dos pássaros e do zumbido dos gafanhotos no terreno arborizado que confinava com a propriedade. Nenhum dos dois havia se falado desde que saíram do tribunal no início da tarde. As emoções estavam intensas e os nervos à flor da pele, mas até agora a estratégia deles funcionou com perfeição. O tempo de Donna no depoimento os levou até o final da quinta-feira. O depoimento de Alexandra começaria na sexta-feira de manhã e, se as coisas corressem conforme o planejado, o juiz adiaria o julgamento para o fim de semana, quando Garrett encerraria seu caso, deixando os jurados meditando sobre o depoimento de Donna e Alexandra durante todo o fim de semana. O problema, Garrett percebeu agora, sentado em silêncio com a esposa, era que as palavras deles também ficariam gravadas nele.

O gelo tilintou no copo de vidro quando ele girou o bourbon à sua frente. Ele tomou um gole e permitiu que sua mente voltasse àquela noite. Para a noite fria de janeiro, quando este capítulo de suas vidas começou. Ele olhou para o pátio onde Donna estava sentada com a mão na haste de uma taça de vinho. Seus olhos estavam fechados e Garrett sabia que ela estava pensando na mesma noite.

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 1h12.

A van do Channel 2 News parou no endereço em Montgomery Lane, onde o scanner que eles monitoraram indicava que havia um atirador ativo. A casa foi banhada pelos holofotes das viaturas policiais estacionadas na frente. A equipe de notícias saiu correndo da van para capturar imagens. A vizinhança estava viva com luzes vermelhas e azuis pulsando no topo das viaturas e de uma ambulância. A van do legista acabara de dar ré na entrada da garagem e a equipe de notícias chegou a tempo de capturar o médico legista entrando na casa. Com alguma sorte, logo teriam imagens de pelo menos uma maca saindo pela porta da frente, com um lençol branco cobrindo seu ocupante.

A repórter tocou no microfone para confirmar que estava ao vivo e depois se posicionou de forma que a casa bem iluminada ficasse atrás dela, com a van do necrotério sobre seu ombro.

“Aqui é Tracy Carr reportando da subdivisão de Brittany Oaks em McIntosh, onde a polícia respondeu a tiros disparados dentro da casa atrás de mim. Como você pode ver, o médico legista acabou de chegar, mas neste momento não temos informações sobre quantas vítimas podem estar lá dentro.”

Fora das câmeras, o produtor reuniu alguns vizinhos dispostos a serem entrevistados.

“Estou acompanhado agora”, disse o repórter quando um homem entrou no quadro e ficou ao lado dela, “por um vizinho que ouviu os tiros e ligou para a emergência”.

O repórter colocou o microfone no rosto do homem.

“Vou contar a vocês o que disse à primeira policial quando ela chegou aqui. Eu estava assistindo TV quando ouvi um grande estrondo. Alguns segundos depois, ouvi outro. Então fui até o meu deck traseiro para ver o que estava acontecendo. Foi quando ouvi o terceiro e, como dessa vez eu estava lá fora, soube imediatamente que era um tiro. Sou um caçador e o barulho foi registrado imediatamente, exceto que ninguém está caçando a esta hora da noite.

“Os tiros vieram de dentro da casa do seu vizinho?” —Tracy perguntou.

"Sim, senhora."

“Foi quando você chamou a polícia?”

"Sim. Fiquei tentado a ir até lá com minha própria arma para ver o que estava acontecendo, mas a polícia chegou bem rápido. Um monte deles está na casa agora.”

“Então você ouviu três tiros?”

"Sim, senhora."

A repórter virou-se para a câmera e ofereceu ao público um resumo do que ela sabia. “Mais uma vez, estou na subdivisão de Brittany Oaks em McIntosh, onde a polícia está atualmente dentro de uma casa onde pelo menos três tiros foram disparados. O médico legista está no local e entrou na casa há poucos minutos.”

Só então, a porta da frente se abriu e uma policial conduziu uma adolescente para fora de casa, com as mãos algemadas nas costas e a camisa pintada de vermelho com sangue. Tracy Carr seguiu direto até o final da garagem com seu cinegrafista logo atrás, chegando no momento em que a polícia escoltava a garota até a rua e em direção a um dos carros da polícia.

“Oficial, Tracy Carr do Channel Two News. Você pode me dizer o que está acontecendo?

A policial levantou a mão para bloquear a câmera. "Por favor, dê um passo para trás, senhora."

Tracy aproximou o microfone o mais próximo possível do rosto da jovem. “Você disparou os tiros que os vizinhos ouviram?”

A garota ergueu os olhos naquele momento e olhou para a câmera. Seus olhos estavam vazios e pretos. “Eles estão todos mortos”, disse a garota.

Um segundo policial correu pela calçada para afastar a câmera, mas o cinegrafista se recuperou a tempo de capturar imagens da garota de olhos vazios sendo colocada na traseira da viatura. A policial feminina ignorou a enxurrada de perguntas do repórter enquanto corria para o banco do motorista, ligava as sirenes e partia noite adentro.

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 3h20.

O detetive chegou uma hora depois que o policial Koppel colocou Alexandra Quinlan na sala de interrogatório. Donna observava agora através da janela espelhada enquanto a garota se sentava sozinha na cadeira de madeira dura. Um detetive se aproximou de Donna. Ela o conhecia, mas não bem.

“Oficial Koppel?” o detetive perguntou.

Ela assentiu. "Oi. Dona Koppel.

“Romero Alvarez”, disse o homem com um tom sensato. “Você foi o primeiro a chegar ao local?”

Donna assentiu novamente. “Sim, respondi aos tiros disparados.”

“Dê-me um resumo. Até agora só ouvi informações de segunda mão. Tenho meus técnicos de evidências em casa agora, irei até lá depois disso.

“A casa estava silenciosa quando cheguei. Esperei por reforços antes de entrarmos. Bati primeiro na porta da frente, sem resposta. Descobrimos que a porta da frente estava destrancada. Lá dentro, encontramos três vítimas – dois adultos, os pais, baleados na cama. Uma criança do sexo masculino baleada no corredor em frente ao quarto dos pais. Era, hum, o irmão mais novo da garota. Donna ergueu o queixo em direção à sala de interrogatório. “A menina estava sentada no chão em frente à cama dos pais.”

“Todos os três estavam mortos?”

"Sim. Um único ferimento de bala em cada um deles. Tiros no peito. A garota estava com uma espingarda calibre doze no colo. Estamos realizando a perícia agora para ter certeza de que foi a arma usada para matar os pais e o irmão. Também coletamos amostras das mãos da garota para confirmar se os resíduos correspondem à arma.”

“Bom trabalho”, disse o detetive. “Mais alguma coisa antes de falar com ela?”

“Sim, ligamos para o Serviço de Proteção à Criança, mas eles disseram que demoraria um pouco até conseguirem trazer alguém

aqui. A menina não tem outra família que possamos encontrar.

"Algo mais?"

Donna parou por um momento, sem querer ultrapassar os limites. “Devíamos designar para ela um defensor juvenil antes de você falar com ela.”

O detetive olhou para o relógio. “Vou senti-la primeiro.”

"Ela ainda está em choque, então vá com calma com ela."

O detetive Alvarez deu um sorriso condescendente. “Ela matou três pessoas. A última coisa que farei é lidar com ela com luvas de pelica.”

“Eu só quis dizer—”

“O problema deste mundo, oficial Koppel, é que não ficamos mais chocados depois que algo assim acontece. Acabou de se tornar parte da nossa cultura. Hoje é sua própria família, sua escola amanhã, um cinema no dia seguinte. E deveríamos ter simpatia por ela porque ela está em estado de choque depois de destruir toda a sua família? Dê-me um tempo, policial. Esta é uma sala de interrogatório, não um espaço seguro.”

O detetive olhou para Donna, desafiando-a a responder, antes de se virar e entrar na sala de interrogatório. O detetive Alvarez sentou-se em frente à garota. Donna assistiu pela janela.

A garota olhou para o detetive.

“Sou o detetive Alvarez.”

A voz do detetive era clara ao passar pelo alto-falante posicionado acima da janela.

“Estou aqui para descobrir o que aconteceu na sua casa.”

“Meus pais estão mortos”, disse a menina, com os olhos tão vazios agora como quando ela foi levada para fora de casa e colocada na traseira de uma viatura policial. “E meu irmão também.”

“Sim, os policiais me contaram sobre isso. Mas vamos começar com o seu nome.

“Alexandra Quinlan.”

“Tudo bem, Alexandra. Mais uma vez, meu nome é Detetive Alvarez e estou aqui para ajudá-lo, ok? Mas só se você for

honesto comigo. Se você mentir para mim, bem, então não posso ajudá-lo. Você entende?"

“Tem certeza de que eles estão mortos?” Alexandra perguntou. “Eu realmente nunca verifiquei.”

“Sim”, disse o detetive. “Eles estão mortos. Os dois adultos da casa eram seus pais?

"Sim."

“E o menino era seu irmão?”

"Sim. Raimundo.”

“Quantos anos você tem, Alexandra?”

"Dezoito. Quero dizer, farei dezoito anos em alguns dias.”

“Você estava discutindo com seus pais?”

Ela olhou para ele. A primeira tentativa de contato visual. Ela balançou a cabeça lentamente. "Não."

"Então, o que aconteceu ontem à noite?"

"Nada. Só fui dormir depois de terminar meu dever de casa.”

“De quem era a arma que você segurava quando a polícia chegou?”

"A arma?"

"Sim. Você estava segurando uma espingarda quando a polícia entrou no quarto dos seus pais. De quem era a arma?

“Do meu pai, eu acho.”

"Você pensa? De onde você pegou isso?"

“Ele normalmente guardava na garagem.”

“Então você pegou na garagem?”

"Não."

“Então onde você conseguiu a arma, Alexandra?”

“Estava no hall de entrada.”

O detetive fez uma pausa e Donna percebeu que ele estava tentando juntar as peças do pouco que sabia sobre a cena até então.

“A arma estava no hall de entrada da sua casa?”

"Sim."

"Você escondeu lá?"

“Eu fiz o quê?”

“Você escondeu a arma no hall de entrada?”

“Não, estava apenas no chão, então peguei.”

“E foi então que você atirou neles?”

Os olhos da garota se estreitaram e Donna viu sua cabeça inclinar-se para o lado. "Minha família?"

"Sim. Diga-me o que aconteceu depois que você pegou a arma.

Os olhos da garota se encheram de lágrimas. “Tem certeza de que eles estão mortos?”

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 3h30.

Donna assistiu à entrevista pela janela. Seu tenente estava ao lado dela com os braços cruzados enquanto ele também observava o que estava acontecendo do outro lado do vidro.

“Alguma coisa está errada”, disse Donna.

"O que é isso?" perguntou seu tenente sem tirar os olhos da sala de interrogatório.

Ele estava tão atento a cada palavra que vinha dos alto-falantes acima deles que Donna teve a impressão de que ele nem sabia que ela estava presente.

“Algo não está certo”, disse Donna.

“Uma família morreu e essa garota os matou, então eu diria que é uma afirmação precisa.”

“Não, quero dizer com a garota. Olha para ela. Ela não tem ideia do que está acontecendo. Ela não tem ideia do que Alvarez está falando.”

“Você mesmo disse, ela está em choque. Você sabe que essas crianças planejam essas coisas com base em qualquer videogame ou mídia social que esteja poluindo suas mentes. Então, uma vez que eles realmente passam por isso, eles querem retomá-lo. Mas não há como refazer o assassinato.

Ao olhar pela janela da sala de interrogatório, Donna não viu uma adolescente cheia de remorso. Ela viu uma garota confusa que não entendia nada sobre o motivo de estar sendo entrevistada na sede da polícia. Ela viu uma garota que ainda não tinha percebido totalmente que sua família estava morta. Donna também viu outra coisa ao observar Alexandra Quinlan. Foi a camisola da menina que deu início à epifania de Donna. Um pijama de aparência inocente coberto de sangue. Por que, Donna se perguntou, uma garota que matou sua família – um evento que teria exigido muito planejamento e contemplação – usaria pijama para fazer isso?

“Não”, disse Donna, balançando a cabeça. “Não podemos entrevistá-la assim. Ela está confusa. Cristo, tenente, ela não sabe por que está aqui ou o que está acontecendo ao seu redor. Ela nem

sequer compreendeu totalmente o fato de que sua família está morta. Precisamos dar um tempo, pausar esta situação e pensar sobre isso. Obtenha o consentimento adequado, consiga um defensor para essa garota e dê-lhe uma chance.”

“Uma chance de quê? Para esclarecer sua história? Os pais dela estão mortos, então não podemos obter o consentimento deles. Passarão horas até que o DCFS traga alguém aqui. Precisamos saber o máximo possível sobre o que aconteceu dentro daquela casa. Tanto quanto possível, o mais rápido possível.”

“Pare a entrevista”, disse Donna.

"O que?"

“Pare a entrevista, tenente, ou eu irei.”

“Não vamos impedir nada até sabermos por que essa garota matou sua família. Como sabemos que isso não é um desafio da Internet? Como sabemos que outras crianças não estão planejando a mesma coisa esta noite?” Ele apontou para a janela. “Ela pode nos contar essas coisas, e é isso que o detetive Alvarez vai descobrir.”

Donna respirou fundo enquanto observava Alexandra por mais um momento. Ela sentiu o gelo fino em que havia tropeçado e sabia que pressionar mais seu tenente seria considerado insubordinação. Ela se virou da janela e caminhou para o corredor, pegando o celular e discando enquanto fazia isso. Ela olhou para o relógio – 3h35 da manhã. Ela se perguntou se ele iria atender ou se estava dormindo demais para ouvir o telefone.

"Olá?" veio a voz grogue.

"Garrett!" Donna disse em um sussurro urgente. "Sou eu. Preciso de você na delegacia. Eu sei que é tarde, mas preciso de você imediatamente.”

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 4h05.

Garrett Lancaster estacionou seu carro na sede da polícia de McIntosh pouco depois das quatro da manhã. Ele usava um boné do Washington Wizards para domar o cabelo, que estava rebelde e incontrolável depois que o telefonema de sua esposa o tirou da cama trinta minutos antes. Ele desceu do carro e foi em direção à entrada da frente, apenas para ver Donna descendo as escadas e correndo em sua direção.

"O que está errado?" Garrett perguntou.

“Longa história, e não temos tempo para lhe dar todos os detalhes. Atendi um chamado para tiros disparados contra um endereço residencial. Entrei em casa e encontrei uma família massacrada.”

“Jesus Cristo”, disse Garrett, pegando o cotovelo da esposa. "Você está bem?"

Donna balançou a cabeça. "Estou bem. É a garota que precisa da sua ajuda.”

"Que garota?"

Ele observou sua esposa respirar fundo, organizar seus pensamentos e começar de novo.

“Quando entrei em casa, encontrei dois adultos baleados na cama. Além de uma criança, um adolescente, morto no corredor.

"Pelo amor de Deus."

"Apenas ouça. Também encontrei uma menina sentada ao pé da cama dos pais com uma espingarda no colo. Ela está lá dentro agora sendo entrevistada. Ela precisa da sua ajuda.

"Com o que?" Garrett perguntou. “Você não está fazendo nenhum sentido, Donna. Tem certeza de que está bem?

“Escute-me, Garrett. A garota precisa da sua ajuda antes de dizer algo que a incrimine. Algo que ela não pode retirar.

Donna respirou fundo novamente.

“Não consigo entender agora, no momento. Tudo está girando junto, mas... . . Eu não acho que ela fez isso. Você precisa ir lá como advogado dela e interromper a entrevista.

“Como advogado dela?”

Garrett Lancaster foi um dos principais advogados de defesa da Costa Leste. Lancaster & Jordan era uma poderosa empresa de defesa criminal que Garrett havia fundado duas décadas antes com seu sócio. Eles tinham escritórios em todo o país, com o centro principal localizado em Washington, D.C. Garrett Lancaster tinha uma reputação poderosa por defender os acusados de crimes hediondos. A ironia de ser casado com um policial não passou despercebida nem para ele nem para Donna. Foi um dos motivos pelos quais Donna manteve o nome de solteira. Além disso, era comum que as agentes policiais o fizessem – isso mantinha a privacidade das suas vidas privadas e impedia que os criminosos que prendiam encontrassem informações pessoais sobre elas online. Além de evitar predadores em busca de vingança, seu nome de solteira a protegia de Garrett Lancaster, um proeminente advogado de defesa criminal cujo trabalho era manter os bandidos fora da prisão. O trabalho de Donna era colocá-los atrás das grades.

"Por favor!" Donna disse. “Eu sei que estou colocando você em uma situação ruim, mas por favor, faça isso por mim.”

Garrett tentou pensar na coisa certa a dizer. “E se você estiver errado?”

“Então a verdade será revelada em um ou dois dias, e você entregará o caso a outra pessoa. Mas se eu estiver certo, eles colocaram uma garota de dezessete anos em uma sala de interrogatório no meio da noite. Ela acabou de ver sua família ser massacrada e agora eles a estão interrogando para que ela confesse sem o consentimento de um responsável legal. Eles manterão a pressão sobre ela até que ela lhes diga o que querem ouvir, e então será tarde demais.”

Garrett olhou para o prédio da delegacia, iluminado por holofotes na fachada – um farol de justiça brilhando no meio da noite.

Ele inclinou a cabeça em direção à entrada. "Vamos."

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 4h15.

Garrett seguiu a esposa até a sede da polícia. Donna fez o check-in na recepção e Garrett obteve um crachá de visitante que lhe permitiu entrar no prédio. Normalmente, os advogados de defesa ficavam vagando pelos corredores até encontrarem o caminho para onde quer que precisassem estar. Dentro de uma delegacia de polícia, os advogados de defesa eram o equivalente a ratos correndo pelos rodapés. Esta noite, porém, Donna o levou direto para a sala de interrogatório, onde Garrett viu o tenente de Donna observando pela janela da sala, junto com três policiais uniformizados. Lá dentro, ele viu um detetive de terno conversando com uma garota de olhos fundos e uma camisola enorme.

O instinto comprimiu os músculos de suas costas, separando seus ombros e inflando seu peito. Ele estava frustrado consigo mesmo por não ter tempo para pentear o cabelo ou vestir um terno, tendo que fazer isso agora de jeans e boné dos Wizards.

“Tenente,” Garrett disse com uma voz assertiva.

O homem que assistia à entrevista virou-se, assim como os colegas policiais de Donna. Garrett sentiu seus olhares. Mas mais ainda, ele sentiu Donna ao lado dele. Ela desanimou um pouco. Esses policiais entraram na casa com ela e a protegeram enquanto andavam pela casa procurando enfrentar um atirador ativo. Foi certamente uma experiência traumática e de união para todos, e Garrett sabia que uma pontada de culpa havia tocado o âmago de Donna pelo que ela estava fazendo.

“Sou Garrett Lancaster, estou representando. . .”

Garrett percebeu que nem sabia o nome do seu cliente.

“A garota”, ele finalmente disse, apontando para a sala de interrogatório. “Sou o advogado dela e preciso que você interrompa a entrevista.”

O tenente Marcus Gray olhou por cima do ombro de Garrett e semicerrou os olhos para Donna. “O que está acontecendo, Koppel?”

Donna inclinou a cabeça. “Pergunte a Garrett.”

Ele olhou para Garrett. “O que está acontecendo, conselheiro?”

“Eu preciso que você pare a entrevista, Marcus. Eu sou o advogado dela.

"Você ligou para o seu marido?" O Tenente Gray perguntou a Donna. "Você está tentando passar por cima da minha cabeça ligando para o seu marido?"

“Não estou passando por cima da cabeça de ninguém, senhor. Alguma coisa não está certa. Essa garota merece as mesmas proteções que qualquer outra pessoa.”

“Ela matou a maldita família, Koppel!”

Donna respirou fundo. “Ela merece conhecer os seus direitos e ser protegida pela nossa constituição.”

“Ela leu seus direitos!”

Garrett ergueu a mão. “Como advogado da garota...”

“Alexandra”, disse Donna, interrompendo o marido. “Como advogado de Alexandra.”

“Como advogado de Alexandra, peço que esta entrevista seja interrompida imediatamente.” Garrett olhou para o relógio. “São quatro e vinte da manhã e esta é a segunda vez que pergunto, tenente. Se você não está acompanhando, acredite, eu estou.”

Tecnicamente, Garrett sabia, apenas o seu cliente poderia solicitar a interrupção da entrevista. Foi por isso que ele teve que entrar lá imediatamente.

“Precisamos descobrir o que está acontecendo”, disse Gray com uma voz mais calma. “A única maneira de fazer isso é falar com o atirador.”

Garrett passou pelo tenente Gray e abriu a porta da sala de interrogatório, depois entrou. O detetive olhou por cima do ombro, com confusão no rosto.

"Posso ajudar?"

"Sim. Meu nome é Garrett Lancaster, advogado de Alexandra. A primeira coisa que você pode fazer para ajudar é parar de fazer perguntas aos meus clientes e nos deixar em paz. Por favor."

“Seu cliente?” — disse o detetive, levantando-se da cadeira.

“Entendo que o consentimento dos pais para entrevistar Alexandra não foi obtido.”

“Não foi possível”, rebateu o detetive.

“Você usou os canais adequados para encontrar os parentes mais próximos da minha cliente, que poderiam, em situações de emergência, ser considerados seus tutores legais?” Garrett acenou com a mão. “Tenho certeza que você fez. Mas então, claro, se não conseguisse encontrar qualquer família, teria de passar pelo departamento estadual de Serviços de Protecção da Criança para obter consentimento para uma entrevista formal. Tenho certeza de que você também fez isso, detetive, mas só estou confirmando. Se você fez todas essas coisas antes de iniciar a entrevista com meu cliente, que tem menos de dezoito anos e, portanto, é considerado menor de idade no estado da Virgínia, então você e seu departamento estão em situação regular e só precisarei de um momento a sós com meu cliente. Mas no caso improvável de você conduzir uma entrevista com um menor sem o consentimento dos pais, tutores ou outro consentimento legal, então você provavelmente estará em apuros e terá muito mais com que se preocupar do que eu terminar esta entrevista.

Garrett olhou para o detetive. Ele observou enquanto os olhos do homem, que um momento antes estavam focados como raios laser nos olhos de Garrett, vagaram até a janela unidirecional da sala de interrogatório em busca de seu tenente, mas vendo apenas seu próprio reflexo.

“Dê-me um minuto com meu cliente?” Garrett perguntou com a mesma voz educada que apresentou o tempo todo.

Depois de um segundo, o detetive dirigiu-se para a porta.

“Detetive”, disse Garrett. “Por favor, peça ao seu tenente para desligar a câmera e o microfone enquanto eu falo com Alexandra. Tenho quase certeza de que você já conduziu um interrogatório ilegal ao meu cliente. Gravar minha conversa com ela colocaria você em um mundo de problemas com os quais até agora você apenas flertou.

Garrett ofereceu um sorriso rápido.

"Obrigado."

CAPÍTULO 5

Tribunal Distrital Sexta-feira, 27 de setembro de 2013, 9h12

MESMO QUE SUAS PERNAS FAZEM SUA PARTE PARA TRANSPORTAR ALEXANDRA PARA O DEPENDENTE na manhã de sexta-feira, Garrett percebeu que elas tremiam. Foi a maneira que seu corpo encontrou de protestar contra sua presença no tribunal. Ela provavelmente queria estar em um milhão de lugares além de estar sentada em um tribunal lotado, com câmeras de televisão voltadas para ela e a atenção do país voltada para cada palavra sua. Mas Alexandra não teve escolha. Para ganhar o seu caso contra o estado da Virgínia, o seu testemunho foi fundamental. Sem ele, uma vitória seria improvável. Com isso, Garrett acreditava, era inevitável.

Quando Alexandra sentou-se no banco das testemunhas, ela pegou o copo de água e levou-o à boca. Ela completou dezoito anos desde a noite em que sua família foi morta, mas a transição formal para uma adulta legal não fez nada para impedi-la de parecer uma criança assustada esta manhã. Garrett sentiu imediatamente tristeza e confiança. Ele não queria fazer Alexandra passar por isso, mas sabia que era a única maneira de conseguir um mínimo de justiça pelo que havia acontecido com ela. Parecer uma adolescente assustada tornava seu trabalho mais fácil e o trabalho do advogado adversário quase impossível.

Depois que Alexandra tomou posse, Garrett sorriu para ela.

“Bom dia”, disse ele.

Alexandra assentiu e ajustou os óculos, que eram grossos e pesados. "Oi."

“Você pode, por favor, indicar seu nome para o tribunal?”

“Alexandra Quinlan.”

“Alexandra, vamos abordar alguns tópicos difíceis esta manhã. Coisas sobre as quais será difícil para você falar e coisas que serão difíceis para o tribunal ouvir. Você e eu discutimos esses assuntos nas últimas semanas e você me indicou que está preparado para prestar seu testemunho esta manhã. Você ainda se sente daquele jeito?"

Alexandra pigarreou. "Sim."

"Você está nervoso?"

"Sim."

"Eu também. Sempre fico nervoso quando estou no tribunal, então estou aí com você.”

Isso era mentira, mas Garrett não estava sob juramento. A verdade é que já fazia vários anos que ele não sentia qualquer nervosismo num tribunal.

Alexandra ofereceu um sorriso sutil.

“Se começarmos a conversar sobre qualquer coisa que você não queira discutir, é só me avisar e seguiremos em frente. OK?" ele perguntou.

"OK."

Garrett parou por um momento antes de caminhar até o banco das testemunhas. Isso deu ao júri um momento para se decidir enquanto esperavam notícias de Alexandra Quinlan, uma garota que todos admitiram durante a seleção do júri que viram nos jornais e tablóides. Agora, eles estavam prestes a conhecê-la pessoalmente.

“Durante o interrogatório desta semana, o estado da Virgínia tentou apresentar uma narrativa de que o Departamento de Polícia de McIntosh fez tudo de acordo com as regras ao lidar com os assassinatos da família Quinlan em geral, e de Alexandra Quinlan em particular. Na próxima semana, quando for a vez deles apresentarem seu caso, eles nos contarão mais sobre o mesmo.”

Garrett olhou para a mesa da defesa.

“Além de acusar a pessoa errada em um triplo homicídio, e ainda hoje não conseguir levar o verdadeiro assassino à justiça, talvez esse argumento funcione. Caso contrário, está cheio de alguns buracos.”

“Objeção”, disse Bill Bradley.

"Sustentado."

“Eles querem que você ignore alguns ‘erros’ iniciais que cometeram e se concentre apenas em quão bem eles se saíram depois desse ponto. Mas não foram as coisas que eles fizeram corretamente que nos trouxeram até aqui neste tribunal; são todas as coisas que eles fizeram de terrivelmente errado.”

“Meritíssimo”, disse Bill Bradley em tom irritado.

"Senhor. Lancaster”, disse o juiz, “discutimos isso ontem. Você não está apresentando um argumento final, você está questionando uma testemunha. Você tem uma pergunta para a senhorita Quinlan?

Garrett voltou-se para Alexandra.

“O Departamento de Polícia de McIntosh sente que o tratou corretamente - de acordo com as regras, como eu disse - começando com a viagem de sua casa na noite em que sua família foi morta. Você concorda com esse argumento?

“Não”, Alexandra disse.

“Onde você foi colocado depois de ser preso?”

“Centro de Detenção Juvenil de Alleghany”.

"Quanto tempo você ficou lá?"

"Dois meses."

“Depois de dois meses, o que aconteceu?”

“As acusações contra mim foram retiradas e eu fui libertado.”

“As acusações foram retiradas, mas durante dois meses você foi forçado a se defender sozinho dentro de um centro de detenção juvenil por um crime que não cometeu. Eu entendi isso correto?

"Sim."

“A defesa argumentou que enquanto você estava em Alleghany você foi bem tratado. Você concorda com aquilo?"

"Não."

“Mas ouvimos do seu psicólogo e da sua assistente social, os quais declararam, sob juramento, que você desenvolveu relações estreitas com eles. Isso é verdade?"

"Sim."

“Mas não foram com os profissionais que você teve dificuldade enquanto estava em Alleghany, foi?”

"Não."

“Com quem você teve problemas?”

“As outras crianças.”

“Você pode nos contar sobre esses problemas?”

“Dentro de Alleghany, você precisa fazer amigos para sobreviver. Todo mundo está nesse tipo de panelinha, como esses grupos, e você tem que entrar em uma para se proteger.”

“Você fez amigos?”

"Sim."

“E esses amigos protegeram você?”

“Quando eles pudessem.”

“Mas houve momentos em que eles não conseguiram, certo?”

"Sim."

“Quais foram algumas das coisas com as quais você foi forçado a lidar dentro de Alleghany?”

“Algumas das outras crianças encontraram fotos vazadas da cena do crime e as colaram na porta do meu quarto.”

“Fotos da sua família na noite em que foram mortos?”

"Sim."

“Eles penduraram aquelas fotos na sua porta para atormentar você?”

“Acho que não sei por que eles fizeram isso, eles simplesmente fizeram.”

“A pessoa que vazou as fotos foi identificada?”

"Sim."

“Quem foi?”

“Detetive Alvarez. Foi o que me disseram.”

“O detetive que interrogou você ilegalmente na noite em que sua família foi morta?”

"Sim."

“Eu adoraria chamar o detetive Alvarez para depor para interrogá-lo sobre isso, mas isso se tornou impossível depois que o detetive tirou a própria vida pouco antes do início do julgamento. Parecia que o detetive Alvarez sabia o quanto havia lidado mal com o seu caso, mesmo que seus superiores não tenham admitido isso.

"Objeção."

"Sustentado. Vá em frente, Sr. Lancaster.

“Alexandra, não importa o quão bem o estado da Virgínia ou o Departamento de Polícia de McIntosh se saíram nos dias e semanas depois de terem tirado você de casa algemada enquanto as câmeras de notícias gravavam cada detalhe. Não importa o quão bem eles se saíram depois de acusarem você publicamente de matar sua família. Não importa o quão bem eles se saíram depois de semanas de manchetes rotularem você como a garota de olhos vazios que massacrou sua família. Não importa o quão bem eles se saíram depois que as evidências forenses provaram que não foi você quem puxou o gatilho naquela noite. Afinal, nada do que eles fizeram importa porque o dano já estava feito, não é?

Alexandra engoliu em seco. "Sim."

“Vamos conversar sobre isso. Vamos falar sobre os danos que o Departamento de Polícia de McIntosh causou a você.”

Garrett voltou ao pódio.

“Alexandra, você pode dizer ao tribunal quantos anos você tem?”

"Dezoito."

“E quantos anos você tinha na noite de 15 de janeiro?”

"Dezessete."

“Você fez dezoito anos uma semana depois, correto?”

"Sim. Vinte e dois de janeiro.

“Então, isso fez de você um veterano do ensino médio na época em que tudo isso aconteceu?”

"Sim."

“Depois que você foi libertado da detenção juvenil e todas as acusações contra você foram rejeitadas, você voltou para a escola no semestre da primavera?”

Alexandra balançou a cabeça. "Não, eu não voltei."

"Por que não?"

“Eu tentei, mas havia muitas câmeras de notícias e repórteres esperando por mim na escola todos os dias.”

“Câmeras de notícias e repórteres? Esperando na sua escola todas as manhãs para perguntar sobre a noite em que sua família foi morta?

"Sim."

“Acusando você, na verdade, de escapar impune de assassinato.”

“Alguns deles, sim.”

“E outros alunos da sua escola, como eles trataram você?”

“Perdi todos os meus amigos porque. . . Acho que foi muito difícil ficar comigo. As crianças me chamavam de Olhos Vazios.”

"Olhos vazios. De onde veio esse nome?

“O repórter que estava lá naquela noite. . . na noite em que a polícia me acompanhou para fora de casa. . . ela capturou essa imagem minha e nela meus olhos parecem vazios e... vazios. . . vazio, eu acho. Então ela começou a me chamar de Olhos Vazios durante seus relatórios.”

"Amável. Foi difícil ser rotulado dessa forma?”

"Era."

“Muito difícil, na verdade, para uma adolescente estudante do ensino médio que acabara de perder a família”, disse Garrett, olhando para o júri.

“Então você parou de ir à escola?”

"Sim."

“Mas você completou seu último ano e se formou, correto?”

"Sim. Concluí o semestre da primavera com aulas e aulas particulares em casa.

“Mas você nunca voltou para a escola?”

"Não."

“Você perdeu seu último ano?”

“A última parte, sim.”

“Então não há amigos. Sem socialização. Nenhum dia de vala para idosos. Nada de baile. Sem formatura.”

“Não, eu não fiz nenhuma dessas coisas.”

“E a faculdade? Você se inscreveu e foi aceito em diversas universidades, correto?”

"Sim. Antes de tudo acontecer, eu estava tentando decidir para onde ir. Eu estava trabalhando com meus pais nisso.”

“O primeiro semestre do que deveria ter sido seu primeiro ano de faculdade está em andamento, mas você não está matriculado em nenhuma universidade, correto?”

Alexandra assentiu. "Está correto. Não pensei que seria possível ir para a faculdade com toda a mídia, imprensa, atenção e outras coisas.”

“Porque os repórteres teriam seguido você até o campus que você escolhesse. Era disso que você tinha medo?

"Sim."

“Na verdade, a imprensa descobriu quais universidades te aceitavam, tornou pública essa informação e depois ocorreram protestos nessas escolas. De Virginia Tech a Clemson e à Geórgia. Isso está correto?

Alexandra assentiu. "Sim. Hum, certas organizações em cada uma dessas escolas deixaram claro que eu não era bem-vindo em seu campus.”

Garrett olhou de volta para o júri. “Uma adolescente perde toda a sua família, e por causa do apetite insaciável da nossa sociedade pelos detalhes mórbidos do sofrimento de outras pessoas, e do nosso desejo constante por bodes expiatórios e escândalos - tudo isso alimentado pelo fato de Alexandra ter sido injustamente acusada e processada publicamente - aquela menina não foi autorizado a terminar o ensino médio adequadamente.”

Ele olhou de volta para Alexandra. “Assim, a faculdade tornou-se impossível e todo o seu futuro será prejudicado pela incompetência de um departamento de polícia e pela obsessão da sociedade com o sensacionalismo do crime verdadeiro. Eu tenho isso certo?

“Objeção”, disse Bill Bradley da mesa da defesa. “Meritíssimo, como ela própria admitiu, a Srta. Quinlan concluiu o ensino médio. Foi sua decisão pessoal não frequentar a faculdade. E o Sr. Lancaster não é capaz de prever o futuro. Não sabemos o que a senhorita Quinlan fará no próximo ano ou pelo resto da vida.”

“Sustentado”, disse o juiz. "Senhor. Lancaster, continue com os dias de hoje, por favor.

“Claro, Meritíssimo. Mas, em vez dos dias atuais”, disse Garrett, virando-se para olhar diretamente para Bill Bradley, “talvez devêssemos voltar à noite de 15 de janeiro”.

Garrett voltou-se para Alexandra, a sua voz agora mais suave.

“Alexandra, você se sente confortável em contar ao tribunal o que aconteceu na noite em que seus pais e seu irmão foram mortos?”

“Objeção”, disse Bill Bradley novamente, levantando-se da mesa da defesa e um pouco mais animado desta vez.

Garrett compreendeu a agressividade do homem. A todo custo, o estado da Virgínia não queria que este tribunal ouvisse os detalhes que Alexandra estava prestes a fornecer.

“A senhorita Quinlan não está sendo julgada por assassinato”, disse Bradley. “Acho que seria uma injustiça fazê-la reviver aquela noite.”

“Uma injustiça?” Garrett disse com mais força em suas palavras do que Bill Bradley havia colocado nas suas. “Agora, de repente, o estado da Virgínia está preocupado com a injustiça? Com todo o respeito, Bill, essa é a maior pilha de lixo que já foi despejada num tribunal.”

"Cavalheiros!" — disse o juiz, batendo o martelo para colocar ordem no tribunal. “As discussões vêm para mim, não uma para a outra. Você entende?"

“Minhas desculpas, Meritíssimo”, disse Garrett. "Eu entendo."

“Sua objeção foi rejeitada, Sr. Bradley. Ouvir o testemunho da senhorita Quinlan sobre a noite em que sua família foi morta é fundamental para este caso, e o tribunal permitirá isso.”

Bradley sentou-se e Garrett fez contato visual com Alexandra.

“Tem certeza que pode fazer isso?” ele perguntou como se estivesse falando apenas com ela, mas certificou-se de que o júri pudesse ouvi-lo.

Alexandra assentiu. "Eu sou."

"OK. Vamos conversar sobre o que aconteceu naquela noite.”

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013, 12h26.

Um barulho alto ergueu suas pálpebras. Parecia que algo grande havia caído no chão de madeira do lado de fora de seu quarto, e a mente recém-acordada de Alexandra conjurou a imagem do relógio de pêndulo, que permaneceu durante toda a sua vida no canto do corredor do segundo andar, tombando e caindo. estilhaçando-se contra o chão. Mas algo no barulho era curioso. O som não veio e desapareceu. Permaneceu. Foi então que sua mente ficou totalmente alerta e ela entendeu o que era: o som de uma espingarda.

Ela conhecia bem o som desde as manhãs que passava caçando faisões com o pai. Ele ainda não tinha permitido que ela o acompanhasse na caça ao veado, mas os faisões eram um alimento básico nas manhãs de sábado. O trabalho de Alexandra era monitorar o cachorro deles. Ela usava o apito para chamar Zeke de volta se ele se afastasse muito na frente deles, e observava enquanto ele serpenteava pelos juncos altos, ouvindo o barulho dos caules parar, indicando que Zeke havia encontrado um pássaro. Foi quando ela gritou para o pai: “Isso mesmo, pai! Perfeito."

O bater selvagem de asas viria em seguida quando Zeke expulsasse o faisão de seu esconderijo, e então ela ouviria o som da espingarda de seu pai. Sempre foi apenas uma única rodada. Ela nunca, em todos os anos de caça ao faisão com o pai, o ouviu atirar duas vezes no mesmo pássaro. Ele nunca errou. E foi assim que ela reconheceu o barulho que a acordou. Nos campos de milho, a espingarda de seu pai disparou um único tiro, mas depois permaneceu. O disparo da arma permaneceu por alguns segundos, como se fosse uma coisa viva, antes de se dissipar. Alexandra sentou-se na cama enquanto os restos da explosão desapareciam lentamente. Mas então veio outro e ela percebeu que algo estava terrivelmente errado.

Empurrando as cobertas para o lado, ela pulou da cama e correu para a porta do quarto. Ela encostou a têmpora no batente da porta e olhou para o corredor. Sua visão estava embaçada sem

os óculos, mas ela não ousou voltar à mesa de cabeceira para recuperá-los. Em meio à confusão, ela viu que o relógio de pêndulo não havia caído no chão, como sua mente atordoada imaginara inicialmente. Ficou onde sempre esteve, no canto do corredor. No momento em que ela espiou de seu quarto, sua casa estava calma e silenciosa. A grade espiralada que percorria todo o corredor do segundo andar dava para o saguão escuro abaixo, e tudo parecia normal. Então ela viu Raymond sair do quarto e caminhar pelo corredor, afastando-se de Alexandra e indo em direção ao quarto dos pais dela. Ele também estava embaçado para os olhos míopes dela. E embora ela não soubesse disso na época, Alexandra ficaria grata mais tarde pela cena que estava prestes a testemunhar estar desfocada e distorcida. Quando Raymond chegou ao quarto dos pais, ele parou e abriu a porta. Um terceiro tiro reverberou pela casa. A explosão jogou Raymond de costas, onde ele ficou deitado e não se mexeu.

Alexandra entrou em ação assustada. Seus joelhos tremeram quando ela se afastou da porta e correu até a janela do quarto, abriu-a e mexeu na tela até que ela caiu na noite e caiu na passarela abaixo. Ela pensou em pular, mas estava frio e escuro e havia um longo caminho até onde a tela estava no chão. Então, por alguma razão inexplicável, ela pensou novamente no relógio de pêndulo parado no final do corredor, do lado de fora da porta do seu quarto. Ao relembrar aquela noite, ela nunca conseguiu explicar por que a imagem do relógio lhe surgiu naquele momento, ou por que imaginou que era o relógio que havia caído e feito o barulho original que a acordou. Tudo o que ela sabia era que precisava chegar lá.

Ela correu da janela aberta para o corredor. Instintivamente, ela girou a fechadura da maçaneta interna da porta do quarto antes de fechá-la silenciosamente. Era um truque que ela aprendera desde que completou dezessete anos: trancar a porta do quarto pelo corredor. Foi uma maneira de enganar seus pais, fazendo-os pensar que ela estava estudando em seu quarto, quando na verdade ela havia saído para se encontrar com os amigos.

Com a porta do quarto trancada, Alexandra se virou e correu para o local que sempre frequentava nas brincadeiras de esconde-esconde quando era pequena. Ela se escondeu atrás do relógio de pêndulo, notando que o esconderijo era muito menor do que ela lembrava. A última vez que ela se refugiou lá foi pelo menos três anos antes e seu desejo de se tornar adulta nunca foi tão aparente. Anos antes, ela havia se escondido sem esforço atrás do relógio para se esconder do irmão. Agora, ela tentou se firmar ali para salvar sua vida.

Assim que ela se instalou no esconderijo, ela ouviu passos no chão de madeira. Alexandra não se atreveu a espiar pelo relógio para dar uma olhada no corredor. Ela podia ver os eixos da grade que dava para o saguão do primeiro andar e uma lasca de madeira que corria ao longo dela. Ela viu a sombra do atirador saindo do quarto de seus pais, passando pelas hastes da grade e desaparecendo pela beirada. A sombra fez uma pausa e Alexandra prendeu a respiração para ficar o mais silenciosa possível. Finalmente, ela ouviu passos novamente enquanto o atirador corria em direção ao quarto de Alexandra e ao relógio de pêndulo que ficava a poucos metros da porta de seu quarto. Se ela não tivesse agido rapidamente, Alexandra estaria agora em seu quarto, deitada na cama ou ainda congelada, olhando pela fresta entre a porta e o batente. Ela desejou ter encontrado coragem para pular da janela do quarto. Havia uma fileira de arbustos grossos que poderiam ter amortecido sua queda. Mas se não tivessem feito isso, sua mente estava agitada, então ela teria se machucado e seria incapaz de fugir, presa na passarela dos fundos e olhando para o atirador enquanto o cano da espingarda saía pela janela aberta e apontava para baixo. dela. Pelo menos aqui em seu esconderijo ela tinha uma chance. Pelo menos amontoada atrás do relógio de pêndulo ela poderia sobreviver à noite.

Ela ouviu o barulho da maçaneta da porta do quarto. Então, um barulho estridente quando o atirador chutou a porta. Uma e outra vez até a porta se abrir. Atrás do relógio de pêndulo, tão bem guardado quanto possível no corredor do canto, Alexandra fechou os olhos com força. As batidas dentro de seu peito fizeram

todo o seu corpo tremer. Ela não se atreveu a se mover e tentou não respirar quando ouviu primeiro uma batida e depois o rangido da porta do armário se abrindo. Seguiu-se um momento de silêncio antes que ela ouvisse os passos altos e trovejantes enquanto o atirador corria pelo quarto até a janela aberta. O gemido da janela se abrindo totalmente veio em seguida, seguido por mais passos enquanto o atirador saía correndo do quarto e descia o corredor, para longe do esconderijo de Alexandra. Os passos continuaram descendo as escadas até que ela ouviu a porta da frente se abrir, e então a casa ficou estranhamente silenciosa.

CAPÍTULO 6

Tribunal Distrital Sexta-feira, 27 de setembro de 2013, 10h32

O TRIBUNAL ESTAVA SILENCIOSO E GARRETT PERMITIU QUE PERMANECESSE assim. Desta vez não apenas para causar efeito, mas para permitir que a gravidade do que os jurados estavam ouvindo se instalasse. Uma garota de dezessete anos havia se refugiado em um antigo esconderijo desde a juventude. A decisão de uma fração de segundo salvou sua vida.

"Voce está bem?" Garrett perguntou.

Alexandra assentiu. "Sim."

“Acho que falo por todos neste tribunal ao dizer que é preciso muita coragem para recontar esta história.”

Garrett notou vários jurados concordando com a cabeça.

“O atirador foi ao seu quarto, mas não conseguiu encontrar você. O que aconteceu depois que o atirador saiu correndo do seu quarto?

“Ele correu pelo corredor, para longe de onde eu estava escondido. Então desça as escadas. Fiquei escondido atrás do relógio, mas espiei por cima da grade. Nosso corredor no andar de cima tem vista para o hall de entrada. Vi a porta da frente aberta e o atirador correndo para fora.”

“O atirador saiu correndo de casa?”

"Sim."

“É seguro dizer que a noite inteira foi confusa para todos nós neste tribunal entendermos, mas naquele momento você realmente teve uma impressão clara do que aconteceu. Você sabia por que o atirador saiu correndo de casa, não é?

"Sim. Eu o enganei.

"Como assim?"

“Abri a janela do meu quarto porque estava pensando em pular, mas me acovardei. Estava muito alto. Então corri e me escondi atrás do relógio que fica do lado de fora do meu quarto. Antes disso, porém, tranquei a porta do meu quarto pelo corredor.

“Do corredor fora do seu quarto?”

"Sim. Um dos meus amigos me mostrou como fazer. Você tem que girar a maçaneta primeiro e depois trancar a porta antes de fechá-la. Foi um

truque para fazer meus pais pensarem que eu estava estudando no meu quarto, quando na verdade estava com meus amigos.”

Garret sorriu. “Um truque que salvou sua vida. Mas você não estava tentando enganar seus pais naquela noite, você estava tentando enganar o atirador.”

"Sim. Pensei que, se trancasse a porta, o atirador pensaria que eu estava lá dentro e talvez não me procurasse em outro lugar. Quando o atirador entrou no meu quarto, acho que ele pensou que eu tinha realmente pulado pela janela e fugido. Quando vi o atirador sair correndo pela porta da frente, imaginei que ele estava me perseguindo ou pelo menos correndo para os fundos da minha casa para ver se eu ainda estava lá.”

“Então, naquele momento, você ainda estava escondido em seu esconderijo quando o atirador saiu correndo de casa. Mas daquele lugar dava para ver a porta da frente através da grade do andar de cima. Você notou algo depois que o atirador saiu de sua casa, certo?

"Sim."

“O que você notou?”

“A arma do meu pai.”

“Onde estava a arma?”

“No hall de entrada lá embaixo.”

“O atirador deixou cair antes de sair de casa, correto?”

"Sim."

Garrett voltou para a mesa da promotoria, abriu o estojo da arma que estava no chão e ergueu a espingarda que havia sido usada para matar a família de Alexandra.

“Essa é a arma?”

"Sim."

“E pertencia ao seu pai?”

"Sim."

“Você conhece bem essa arma, não é?”

"Sim."

“E você sabe como usá-lo?”

"Sim."

“Como você aprendeu a atirar com uma espingarda calibre doze?”

“Meu pai me ensinou quando me levou para caçar faisões nas manhãs de sábado.”

“O que você fez depois que percebeu que o atirador havia deixado a arma?”

“Saí de trás do relógio de pêndulo e desci as escadas correndo para recuperar a arma.”

“Você me contou algo que achei extremamente interessante e quero que compartilhe isso com o tribunal agora. Por que foi tão importante para você pegar a arma? Alguns podem achar mais natural correr até o quarto dos seus pais para ver como eles estão.

“Houve apenas três tiros”, disse Alexandra. “A espingarda calibre doze do meu pai contém dois cartuchos. Ouvi os dois primeiros tiros – foram eles que me acordaram. Então” – sua voz falhou momentaneamente. Alexandra engoliu em seco e se endireitou: “Ouvi um terceiro tiro quando meu irmão foi morto. Eu sabia que a arma havia sido recarregada para atirar em meu irmão, o que significava que ainda havia um cartucho ativo na câmara.”

“Então você recuperou a arma para proteção?”

"Sim. Peguei a arma para o caso de o atirador voltar.”

“Sabendo que ainda restava um único tiro.”

"Sim."

“Garota esperta”, disse Garrett. “Depois que você pegou a espingarda no hall de entrada, o que você fez?”

“Corri até o quarto dos meus pais.”

“E o que você fez a seguir?”

“Sentei-me no chão em frente à cama deles e esperei com a espingarda do meu pai no colo. Apenas no caso de."

“Só por precaução”, disse Garrett, caminhando até o banco do júri enquanto ainda segurava a espingarda. “Só para o caso de o atirador voltar?”

"Sim."

Ele olhou para os membros do júri. “O atirador nunca mais voltou. Mas a polícia de McIntosh apareceu. Não tenho certeza do que foi pior.”

"Objeção!" Bill Bradley gritou.

“Retirado, Meritíssimo. Não tenho mais perguntas para Alexandra.

"Senhor. Bradley? o juiz perguntou.

Bill Bradley fechou os olhos e balançou a cabeça.

PARTE II
A fuga

“Nós sabemos onde você está.”

—Laverne Parker

Outono de 2015

Dois anos depois

CAPÍTULO 7

Terça-feira, 29 de setembro de 2015 Paris, França, 13h35.

A ESCAPA FOI IMPECÁVEL. OS FUNDOS FORAM TRANSFERIDOS PARA UM Blind Trust. A Universidade de Cambridge a aceitou com base em excelentes resultados acadêmicos do ensino médio e nunca questionou por que ela tirou um ano sabático. O voo fretado custou uma fortuna, mas ela tinha muito dinheiro desde que ganhou o seu caso de difamação e sabia que era imperativo sair dos Estados Unidos sem que a imprensa soubesse disso. Cada detalhe foi meticulosamente planejado e executado com habilidade. Foi tudo o que aconteceu depois que foi para o inferno.

Enviar Alexandra Quinlan para um país estrangeiro - sozinha e logo após os eventos traumáticos de perder sua família e suportar um julgamento muito público e difícil - pode ter sido necessário e a única maneira de protegê-la, mas foi um plano falho desde o início . Ele continha muitas variáveis e vinha com um conjunto complicado de suposições. A primeira foi que, após dois anos tumultuados e psicologicamente traumáticos, Alexandra Quinlan se alinharia com o resto da sociedade e seguiria o fluxo. A segunda era que Alex realmente frequentaria a faculdade, se destacaria no ambiente do ensino superior e, em geral, se ajustaria à nova vida para a qual havia fugido. Nenhuma dessas expectativas se manteve porque quando a poeira baixou, a culpa também baixou. A culpa de sobreviver à noite em que sua família foi morta. A culpa de se esconder enquanto via seu irmão morrer. A culpa de passar os meses imediatamente após a tragédia se defendendo e não de luto. A culpa de tentar seguir em frente com a vida em vez de procurar respostas para o motivo pelo qual um intruso ainda desconhecido entrou em sua casa em uma noite fria de janeiro e matou sua família.

Embora a mudança para a Inglaterra tenha funcionado no sentido de permitir que Alex escapasse da mídia americana, foi o conceito de escola, aulas e estudo que falhou. A ideia de viver no dormitório com uma colega de quarto era tão desagradável que ela nunca havia pensado nisso. Alex fugiu dos Estados Unidos para fugir de seu passado. Ela fugiu para Cambridge porque era um lugar onde ninguém a conhecia ou o que havia acontecido com ela. Era um lugar onde ninguém faria a ligação com a

notória noite em que ela foi acusada de matar sua família. Se ela tivesse optado por morar no dormitório com uma colega de quarto em vez de sozinha em seu próprio apartamento, isso teria levantado questões investigativas sobre a vida de Alex e sua família. Sobre seus pais e irmão. Sobre como eram as coisas “em casa”.

Para essas perguntas, Alex teria que hesitar e mentir descaradamente, porque ela nunca seria capaz de explicar adequadamente que não tinha uma casa. Não desde aquela noite, mais de dois anos antes, quando a figura do longo sobretudo invadiu o lugar que ela uma vez chamou de lar. Depois desse momento, Alex tinha “lugares”. Primeiro foi Alleghany, o centro de detenção juvenil onde ela passou dois meses depois de ser presa. A seguir foi a casa dos Lancasters em Washington, D.C., onde ela morou secretamente com Garrett e Donna e começou a reunir evidências e a montar uma discussão contra o Departamento de Polícia de McIntosh e o gabinete do promotor distrital. Depois que Alex ganhou seu caso de difamação contra o estado da Virgínia, que terminou com Alex recebendo uma pequena fortuna em indenização, a mídia procurou fervorosamente seu paradeiro. Quando as coisas ficaram muito complicadas, Alex fugiu para a casa de férias dos Lancasters, que ficava no sopé dos Montes Apalaches. Mas era óbvio que os repórteres e fanáticos por crimes verdadeiros não descansariam em nada menos do que encontrar e questionar Olhos Vazios sobre os crimes hediondos que eles ainda, e para sempre, acreditariam que ela cometeu.

Durante seu ano na clandestinidade, rumores frequentemente surgiam em sites de crimes reais de que alguém havia visto Olhos Vazios em um determinado hotel, e os malucos e geeks se aglomeravam lá. Vans de notícias chegavam à entrada do hotel e filmavam manifestantes segurando cartazes e gritando seu ódio contra ela. O favorito deles, e menos inventivo na opinião de Alex, era: “Alex Q, foi você! Alex Q, foi você!

Enquanto a mídia e os fanáticos por crimes verdadeiros procuravam por ela sem fôlego, Garrett e Donna a mantiveram escondida. Quando a pressão chegou ao ponto de explosão, eles traçaram o plano para Alex viajar para o exterior. Frequentar uma universidade americana estava fora de questão. Num país estrangeiro ela teria pelo menos uma chance de permanecer no anonimato. Então era a Inglaterra. A Universidade de Cambridge era onde Alex deveria estudar durante quatro anos. Era onde ela deveria correr, se

esconder e recuperar o fôlego. Era onde um novo começo deveria ser encontrado.

O mito durou um ano, embora a farsa ainda continuasse até hoje. Donna e Garrett acreditavam que a escola estava indo muito bem. Alex voltou para os Estados Unidos e passou o verão após o primeiro ano se escondendo novamente na casa de férias dos Lancasters e mentindo para eles sobre como ela estava indo bem na escola e quantos amigos ela tinha feito. Sobre como Cambridge estava se tornando seu novo lar e como ela mal podia esperar para voltar para o segundo ano. Por que Alex não foi capaz de lhes contar a verdade era algo que ela não conseguia explicar completamente. Ela devia muito a Garrett e Donna pelo que eles fizeram por ela. Ser sincero sobre a escola parecia uma traição. Então, no final do verão, Alex arrumou suas coisas e pegou um avião de volta para a Inglaterra sob o pretexto de começar seu segundo ano.

Voltar para a Europa tornou-se imperativo, mas Alex iria por outras razões que não a educação. Ela estava em busca de respostas para o motivo pelo qual sua família havia sido morta e, ao embarcar no trem na Gare de Lyon, em Paris, para a viagem de quatro horas até Zurique, na Suíça, ela seguia a única pista que encontrara em mais de um século. ano de pesquisa.

CAPÍTULO 8

Terça-feira, 29 de setembro de 2015 Paris, França, 13h45.

ALEX SENTOU-SE NA CABINE DE PRIMEIRA CLASSE DO TREM E ESPALHOU as páginas na mesa à sua frente. Os documentos a iniciaram nesta etapa de sua jornada. Eles foram a primeira pista real que ela encontrou em uma busca iniciada há mais de um ano. Alex voltou a estudar os papéis, tentando compreender os números. Mas não importava o quanto ela se esforçasse para decifrar a informação, faltava-lhe uma informação importante. Alex esperava encontrá-lo na Suíça.

“Boisson?”

Alex ergueu os olhos e viu uma atendente oferecendo um cardápio. "Não, merci."

Quando o garçom saiu para atender o próximo passageiro, Alex descansou a cabeça para trás e fechou os olhos. Depois daquela fatídica noite de janeiro, quando Alex foi levada para fora de casa e para as luzes quentes das câmeras dos noticiários de televisão, e depois nos meses que se seguiram, e especialmente durante o processo histórico que ela moveu contra o estado da Virgínia, o público ficou conhecer Alexandra Quinlan. Eles sabiam o nome dela. Eles conheciam o rosto dela. Eles conheciam os olhos dela. Durante um ano inteiro, sua imagem esteve estampada em jornais, tablóides e noticiários noturnos. O público americano estava tão faminto por detalhes mórbidos sobre a trágica noite em que a família Quinlan foi massacrada que permitiu que um adolescente inocente se tornasse uma caricatura de uma cultura pop obcecada pelo crime verdadeiro. Para o público, Alexandra Quinlan não era uma jovem que perdeu a família. Ela era a vilã de uma saga de crimes reais, e dessa saga eles queriam reviravoltas, surpresas e revelações bombásticas. Eles tinham conseguido muito disso durante a investigação fracassada, e ainda mais durante o processo que ela moveu contra o estado da Virgínia, durante o qual todos os detalhes sujos foram revelados. Toda a provação culminou com uma reviravolta final na história que ninguém previu: o desaparecimento de Alex dos olhos do público.

Durante o julgamento, e ainda hoje, os meios de comunicação americanos estavam desesperados para encontrá-la, e não por quaisquer razões boas ou nobres. A mídia queria caçar Alexandra Quinlan e queimá-la

na fogueira. Apesar de uma montanha de evidências provarem, além de qualquer dúvida razoável, que Alex não havia matado sua família e, de fato, ela mesma escapou por pouco da morte, os abutres da comunidade do crime verdadeiro recusaram-se a acreditar em nada disso. E desde que ganhou um acordo massivo em seu caso de difamação contra o estado da Virgínia, tornando-a muitas vezes milionária, os loucos por crimes reais estavam frenéticos para localizá-la, questioná-la, expor suas mentiras e garantir que o resto de sua vida a vida era um inferno.

Como se cada detalhe de sua vida já não tivesse sido exposto para o mundo ver, a imprensa queria mais. Eles sempre queriam mais, e Alex quase lhes deu isso. A ideia de conceder uma exclusividade a um repórter proeminente foi lançada desde o início como uma forma de colocar tudo de lado. Mas a sugestão foi rapidamente rejeitada. Conceder uma única entrevista seria como jogar água fora. Atrairia milhares de outros repórteres, podcasters e fanáticos por crimes reais que esperavam o mesmo acesso. Sua única opção era levantar-se e desaparecer. Então ela fez.

* * *

Alex abriu os olhos e observou o campo passar enquanto o trem ia da França para a Suíça. Ela passou por pequenas cidades com casas no sopé das colinas e os Alpes cobertos de neve ao longe. Há apenas alguns anos, ela nunca tinha saído dos Estados Unidos. Ela mal tinha saído da Virgínia, exceto por uma viagem escolar pelo Potomac para visitar Washington, D.C., e algumas férias em família na Flórida. E aqui estava ela agora, com vinte anos e sentada num trem que cortava a Europa. Muita coisa mudou em dois anos. Ela percorreu um longo caminho desde aquela adolescente assustada que se escondeu atrás do relógio de pêndulo depois que sua família foi morta a tiros. Hoje ela não estava mais se escondendo. Hoje, ela se tornou a caçadora.

Ela prometeu a si mesma passar todas as horas do dia procurando respostas para a noite em que sua família foi morta. Ela fez disso sua primeira prioridade porque sabia que ninguém mais estava olhando. Somente com relutância e com grande pressão de Garrett Lancaster e seu poderoso escritório de advocacia, a polícia de McIntosh e o promotor distrital do condado de Alleghany retiraram as acusações contra ela. Apesar de tudo - as acusações foram rejeitadas, as revelações sobre a investigação desleixada, as evidências flagrantes que apontavam para um estranho em

sua casa naquela noite, sua vitória no tribunal, a advertência do juiz aos detetives McIntosh e ao promotor público, o multimilionário julgamento - ainda hoje, muitos membros do Departamento de Polícia de McIntosh, bem como todo o gabinete do promotor distrital, acreditam que Alex havia matado sua família.

A posição oficial do Departamento de Polícia de McIntosh e do gabinete do procurador distrital era que o assassinato de Dennis, Helen e Raymond Quinlan foi o resultado de uma invasão domiciliar malsucedida. A alegação era que um intruso havia entrado na casa para roubar joias e outros objetos de valor, mas foi surpreendido pelo Sr. Quinlan. O ladrão matou Dennis Quinlan e, em seguida, atirou apressadamente em sua esposa e filho em uma corrida louca para escapar do local.

A teoria era fraca e ignorou duas evidências importantes encontradas dentro da casa dos Quinlan que apontavam para algo muito mais sinistro do que um roubo que deu errado. Primeiro foram as fotos misteriosas descobertas na cama de seus pais na noite em que foram mortos. As fotos continham imagens de três mulheres não identificadas, e Alex sabia que elas desempenhavam um papel importante na compreensão do motivo pelo qual seus pais foram mortos. Mas as fotos não se enquadravam na narrativa apresentada pela polícia de McIntosh, por isso foram descartadas e nunca reveladas ao público. A outra evidência foi uma única impressão digital retirada da janela do quarto de Alex – a janela que ela abriu antes de abortar sua ideia de pular dois andares para um lugar seguro. A impressão digital pertencia a quem estava em sua casa naquela noite e mostrava claramente um assassino que não se assustou com Dennis Quinlan, mas que tentou ativamente caçar sua filha.

Juntando tudo isso, Alex sabia que confiar nas autoridades para descobrir a verdade seria como colocar um envelope em uma caixa de correio abandonada e esperar que ele chegasse ao endereço rabiscado nele. A polícia não procurava mais o assassino de sua família porque acreditava já tê-la encontrado.

Alex desviou o olhar da janela e fixou o olhar na pasta aberta e nos documentos que estavam sobre a mesa à sua frente. Ela leu as páginas novamente, embora Alex já tivesse memorizado todos os detalhes há muito tempo. Os documentos a enviaram de volta a Londres e agora a toda a Europa. Ela chegaria à Suíça mais tarde naquela noite. Então, logo pela

manhã, ela visitaria o Banco Sparhafen, em Zurique, para encontrar respostas.

Enquanto ela olhava para as páginas, sua mente voltou para a noite em que as encontrou. Foi na noite em que ela entrou furtivamente em sua antiga casa em Montgomery Lane, a primeira vez que ela pisou lá dentro desde que tudo aconteceu. A primeira vez que ela voltou desde que se refugiou atrás do relógio de pêndulo, na noite em que sua família foi morta. O Primeiro e o ultimo. Essa visita, destinada a um propósito completamente diferente, a iniciou em sua jornada atual. Agora, enquanto o trem seguia rumo à Suíça e seus olhos percorriam as páginas, fragmentos da noite quente de agosto, quando ela fez aquela viagem secreta até sua antiga casa, voltaram à sua mente. . .

> Além da ocasional van de notícias estacionada em horários aleatórios na frente, a casa era deixada sozinha — silenciosa, escura e misteriosa. Detetives e equipes forenses há muito pararam de invadir a casa. Eles determinaram que nada mais seria encontrado lá dentro – todas as pistas foram descobertas e todas as evidências foram coletadas. Mais de dois anos depois que a fita amarela da cena do crime foi isolada pela primeira vez da propriedade, pedaços dela ainda restavam. Restos enrolados em alguns troncos de árvores giravam na brisa. Algumas faixas ainda cruzavam as entradas da frente e de trás. A presença da fita da cena do crime não era indicação de uma investigação formal ou em andamento. Alex sabia que a polícia já não se importava com o número 421 da Montgomery Lane. A fita permaneceu porque, como novo dono do imóvel, Alex ainda não havia contratado alguém para limpar o local.
>
> Ela havia usado uma parte do dinheiro do acordo para comprar a casa fora da execução hipotecária. Alex não comprou a casa para morar lá. Isso nunca seria possível depois das coisas que ela testemunhou. Ela a comprou porque não podia ver a casa cair nas mãos de vagabundos criminosos que poderiam transformar o lugar em uma espécie de museu mórbido. Foi por causa daqueles delinquentes que Alex sentiu urgência em entrar agora. Ela precisava coletar algo próximo e caro ao seu coração

antes que os fanáticos que continuavam a invadir a propriedade acabassem encontrando o caminho para o sótão e saqueassem o que estava lá.

A preocupação de Alex enquanto ela andava na ponta dos pés pelas sombras do quintal em direção à porta dos fundos era que havia viciados em crimes verdadeiros na casa, agora tirando selfies no quarto principal. Ela tinha visto muitas dessas fotos espalhadas pela Internet nos últimos meses – idiotas sorridentes e autoproclamados "detetives cidadãos" parados na frente da cama de seus pais tirando fotos de si mesmos com a parede manchada de sangue atrás deles e prometendo "encontrar justiça". Que idiotas, pensou Alex. A desumanização do evento a deixava enojada cada vez que via uma dessas fotos. Como, ela sempre se perguntou, as pessoas podiam ficar tão obcecadas com os acontecimentos daquela noite a ponto de esquecerem — ou não se importarem — que pessoas reais haviam morrido?

Ela girou a maçaneta da porta dos fundos, sabendo por suas tentativas anteriores que a fechadura havia sido arrombada e quebrada pelos lunáticos que invadiram sua casa para dar uma olhada como se fosse um museu abandonado. Em visitas anteriores à casa, ela havia chegado até aqui – até a soleira da porta da cozinha – antes de recuar, incapaz de entrar. Mas ela estava determinada desta vez. De manhã ela estava saindo para o segundo ano na Universidade de Cambridge e não tinha mais tempo para hesitações. Ela não voltaria até o Natal. Era agora ou nunca.

Alex abriu a porta e ouviu enquanto ela rangia noite adentro. Ela não permitiu tempo para que sua mente relembrasse a noite em que sua família foi morta. Não havia tempo para seu cérebro evocar lembranças dos tiros ou do medo. Não há tempo para que essas lembranças a convençam a se virar e correr, correr, correr de volta para a casa de Donna e Garrett. Em vez disso, ela entrou e fechou a porta.

A lanterna do celular era tudo o que lutava contra a escuridão. O cheiro – embora rançoso devido ao mofo e à dormência – lembrou-a de sua antiga vida. Através do odor úmido de madeira

danificada e do calor bolorento do verão que penetrava nas paredes, ela sentiu o cheiro da mãe, do pai e do irmão. Forçando-se a avançar, ela atravessou a cozinha e entrou no hall de entrada. O brilho suave da lua projetava sombras manchadas das grades das janelas no chão. Ela parou no local onde se lembrava da espingarda. Ela olhou para o corredor do segundo andar que dava para o hall de entrada e lembrou-se de ter olhado através dos fusos enquanto se escondia atrás do relógio de pêndulo. Depois de respirar fundo, ela começou a subir os degraus. Em cada uma de suas tentativas anteriores, a imagem da escada foi o que a impediu de entrar em casa, pois sabia que subir as escadas a levaria ao local exato onde tudo havia acontecido.

Ela seguiu em frente e subiu os degraus, um de cada vez, fechando os olhos ao chegar ao topo. Ela teve o cuidado de manter o brilho do celular longe do quarto principal à sua direita. Alex não tinha interesse em chegar perto daquela sala, ou em vislumbrar a madeira manchada de vermelho do lado de fora. Ela se virou rapidamente no patamar e seguiu pelo corredor em direção ao seu antigo quarto, mas parou assim que começou. À sua frente, no final do corredor, estava o relógio de pêndulo que salvou sua vida. Ele brilhava estranhamente sob o feitiço da lanterna de seu celular, refletindo um raio de luz para ela que ia e vinha, ia e vinha, ia e vinha. Foi então que Alex percebeu que o tempo ainda estava correndo. Nesta casa sem eletricidade e sem vida, o relógio de pêndulo estava vivo e bem. Ela se aproximou até ouvir o clique sutil do funcionamento interno do relógio. A única explicação era que os vagabundos que frequentemente invadiam a propriedade tinham dado corda no relógio.

Ela admirou o relógio por mais um ou dois segundos antes de erguer o celular até o teto. Ela encontrou uma corda pendurada acima de sua cabeça, estendeu a mão e puxou-a, destrancando a escada para o sótão. Ela se atrapalhou com a escada deslizante e então apontou o celular para o buraco escuro no teto antes de começar a subir. Assim que ela chegou ao topo da abertura e seu torso estava no sótão, um cheiro diferente a atingiu. Era outro sabor de mofo e mofo, e trouxe de volta todo um outro conjunto

de memórias. Esse cheiro a lembrou do Natal. Todos os anos, seus pais baixavam essa porta no teto e, um por um, os Quinlan subiam até o sótão para pegar caixas e mais caixas de enfeites.

Bem, Alex não estava atrás de enfeites ou bugigangas. Naquela noite ela estava atrás de outra coisa. Ela direcionou a luz para além da decoração e para o canto do sótão. Lá ela encontrou caixas que ela e Raymond haviam escondido anos antes. Durante toda a vida do irmão, ele sonhou em ser jogador da Liga Principal de Beisebol. Era a única maneira pela qual Alex se lembrava dele: com boné de beisebol e uniforme sujo. Alex havia bloqueado essas memórias durante o último ano. Era muito difícil lembrar de Raymond em seu uniforme e no campo de beisebol porque essas lembranças traziam consigo terríveis ataques de culpa e remorso. Algum dia ela esperava poder permitir que as imagens de seu irmão fluíssem livremente em sua mente. Ela sentia muita falta dele, e uma dor profunda aflorava em seu coração toda vez que ela afastava Raymond de seus pensamentos. Mas Raymond foi a razão pela qual ela veio para sua antiga casa.

Desde criança, Raymond colecionava figurinhas de beisebol. De todas as coisas que Alex havia deixado para trás, por algum motivo ela não podia permitir que a coleção de cartões de beisebol de Raymond caísse nas mãos de groupies que eventualmente descobririam o sótão, invadiriam tudo o que ele continha e penhorariam tudo na dark web como relíquias. pertencente à tripulação Quinlan que foi abatido pelo filho mais velho de Quinlan.

Ela encontrou a caixa de figurinhas de beisebol no canto e a tirou das sombras. Foi um ato de equilíbrio arrastar a caixa pelas escadas do sótão. Quando ela conseguiu, ela deslizou a escada de volta ao lugar e fechou a porta do sótão. A casa ficou em silêncio novamente, exceto pelo suave tique-taque do relógio de pêndulo. Antes de ela sair, Alex alcançou o topo do relógio onde a manivela estava guardada. Ela o prendeu no encaixe lateral e girou várias vezes, levantando os pesos até que ficassem o mais alto possível. Não duraria uma vida inteira, mas pelo menos o

tempo estaria correndo quando Alex chegasse a Londres no dia seguinte.

Só mais tarde naquela noite, enquanto esperava as horas passarem, sem conseguir dormir enquanto se preparava para o vôo de volta à Inglaterra, ela descobriu que a caixa que havia tirado do sótão não estava cheia com a coleção de cartões de beisebol de seu irmão, mas sim extratos de bancos estrangeiros. Eles se tornaram a primeira pista para descobrir quem havia matado sua família.

CAPÍTULO 9

Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 Zurique, Suíça 9h35

NA MANHÃ DEPOIS DE O TREM A DEPOSITAR NA SUÍÇA, Alex sentou-se num café de Zurique, tomou um café expresso e observou o banco do outro lado da rua. Ela checou seu telefone. Ela tinha vinte e cinco minutos até a consulta e usou vinte deles para terminar o café e acalmar os nervos. Faltando cinco minutos para a hora, ela reuniu os jornais que havia passado a manhã lendo, organizou-os em uma pasta com capa de couro e guardou-os na mochila antes de atravessar a rua.

Apesar de ela estar vestida com sua melhor roupa – saia longa, blusa de seda e um blazer que não usava desde o julgamento – Alex imediatamente se sentiu deslocada quando entrou no banco. Os olhos de todos os funcionários do banco se concentraram nela quando ela entrou no amplo saguão. Durante o último ano em Cambridge, ela estava acostumada a se misturar e ser invisível. Mas um garoto de 20 anos entrando nesse tipo de banco era incomum. Ela tinha certeza de que o cliente típico era de meia-idade e carregava um título importante por trás do nome.

A mulher atrás do enorme balcão da recepção – um bloco de mármore que brilhava intensamente – hesitou por um momento antes de perguntar: “Posso ajudá-lo?”

“Alex Quinlan. Tenho um encontro marcado com Samuel McEwen.”

A mulher verificou o livro com uma expressão confusa. Certamente houve algum engano, Alex podia sentir os pensamentos íntimos da mulher protestando. Mas depois que a mulher abriu a agenda de consultas e verificou a identidade de Alex, ela deu um sorriso hesitante. "Sente-se. O Sr. McEwen estará com você.

Alex estava sentado em um sofá rígido que parecia pertencer a uma mansão abafada e não ao meio de um banco. Mas este banco era diferente de todos os outros que ela tinha visto, e ela tinha visto muitos ao longo do último ano, quando se reuniu com gestores de dinheiro, consultores financeiros e advogados que lhe disseram como lidar com a fortuna que surgiu em seu caminho depois o julgamento. Mas nenhum desses bancos americanos era como este. Tudo aqui era mármore e granito que brilhava com a luz do sol que chovia através do vidro abobadado de três andares acima. Este era um lugar onde os ricos guardavam o seu tesouro, e Alex

supôs que o sofá, o granito, o mármore e a luz solar deslumbrante foram todos cuidadosamente concebidos para fazer com que os ricos se sentissem ricos.

Seus pais não eram ricos. Pelo menos, não abertamente. Eles moravam em uma casa modesta e Alex e seu irmão estudaram em escola pública. As férias em família nunca foram mais extravagantes do que uma semana na Flórida. Embora seus pais fossem proprietários de empresas, a empresa deles era uma empresa tributária e de contabilidade composta por dois homens - Dennis e Helen Quinlan eram os contadores, os gerentes e os zeladores. Então, como é que, desde aquela noite quente de agosto, apenas um mês antes, Alex se perguntou, ela havia encontrado uma caixa no sótão cheia de extratos de uma conta desse banco de Zurique no valor de US$ 5 milhões? Ela estava convencida de que a resposta a essa pergunta levaria ao assassino de sua família.

Ela esperou cinco minutos até que um jovem de terno e gravata bem amarrada se aproximasse dela. Ele não poderia ser muito mais velho que ela, pensou Alex enquanto o olhava de cima a baixo.

"EM. Quinlan?" — disse o jovem, estendendo a mão. "Drew Estes. Sou assistente do Sr. McEwen. Ele estará com você em um momento. Se você vier comigo, vou lhe mostrar o escritório dele.

Depois de mais de um ano em Cambridge, Alex tornou-se proficiente em romper dialetos e sotaques para entender o inglês subjacente. Mas ela aprendeu durante esta viagem pela Europa que os dialectos ingleses variavam, não apenas de país para país, mas através de diferentes regiões de cada país. Aqui na Suíça, os suíços de língua inglesa carregavam tons pesados de francês ou alemão. O sotaque de Drew Estes era alemão forte com conotações britânicas, o que Alex levou um momento para decifrar.

"Obrigado", disse Alex, levantando-se e apertando sua mão.

Enquanto segurava a mão dela, Alex percebeu que Drew Estes olhou para ela por um segundo a mais antes de semicerrar os olhos e inclinar a cabeça.

"Já nos encontramos antes?" ele perguntou.

"Não", disse Alex.

"Tem certeza? Você parece familiar."

Alex sorriu. "Tenho certeza. Esta é a minha primeira vez na Suíça."

Aconteceu algumas vezes nas ruas de Cambridge e uma ou duas vezes no campus. Alguém que ela conheceu perguntou se a conhecia de algum outro lugar ou época. Nem mesmo um oceano poderia separar totalmente Alex da infâmia. Mas com o passar dos meses e o término de seu primeiro ano, sua notoriedade desapareceu e ninguém olhou duas vezes para ela novamente. Até agora. Até que Drew Estes olhou para Alex com um olhar penetrante que fez sua pele arrepiar.

"Quanto tempo você disse que o Sr. McEwen demoraria?" Alex finalmente perguntou.

“Ah”, disse Drew. "Desculpe. Estou olhando para você como se estivesse com a bunda no chapéu. Não muito. Ele está terminando uma reunião. Vou lhe mostrar o escritório dele.

Um minuto depois, o jovem conduziu Alex a um escritório elaborado.

“Posso pegar alguma coisa para você?” ele perguntou da porta. “Café ou água?”

“Não, obrigado”, disse Alex.

“Obrigado, Drew”, disse um homem ao entrar no escritório. “Eu sou Samuel McEwen. Conversamos por telefone.”

Alex sorriu e apertou sua mão, aliviado por estar longe da atenção de Drew Estes.

“Alex Quinlan.”

McEwen sorriu e balançou a cabeça. "Desculpe. Eu estava esperando alguém mais velho.

"Não. Apenas eu."

"Certo então. Sente-se."

McEwen apontou para uma cadeira em frente à sua mesa.

“Obrigado, Drew. Ligo se precisar de alguma coisa.

Drew Estes sorriu da porta. Alex sentiu seu olhar demorar mais um momento antes de sair. Samuel McEwen sentou-se atrás de sua mesa e digitou no teclado.

“Então você está interessado em fazer uma transferência de fundos de um banco americano para o nosso, correto?”

“Sim”, Alex disse.

McEwen continuou a ler na tela. “Vejo que você já completou a papelada. Teremos apenas mais alguns documentos hoje. E qual é o valor da transferência?”

“Um milhão de dólares”, disse Alex.

McEwen ergueu os olhos do computador, parou por um momento e depois assentiu. Alex percebeu seu desejo de perguntar como uma garota de vinte anos conseguira um milhão de dólares. Ele provavelmente suspeitava que ela era um bebê ranhoso de um fundo fiduciário, e Alex desejava que fosse esse o caso. O escrutínio dos meios de comunicação social na América, que atingiu o seu auge durante o seu julgamento contra o estado da Virgínia, transformou-se num fervoroso fervor quando o julgamento foi concluído com um veredicto que concedeu a Alex 16 milhões de dólares por danos, reduzidos pelo juiz para pouco mais de oito. Além de comprar a casa de sua família sem execução hipotecária e despesas normais de subsistência, Alex não tocou em nada do dinheiro. Hoje seria a primeira vez que ela colocaria alguma coisa em uso. Hoje, ela usaria isso como vantagem.

“Muito bem”, disse McEwen. “Você tem a papelada e as informações da instituição americana?”

Alex tirou a pasta da mochila e entregou as informações. McEwen examinou a página rapidamente.

“Vou precisar verificar isso. Você tem um documento de identificação com foto?

Alex entregou sua carteira de identidade.

"Isto leverá alguns minutos."

“Claro”, disse Alex.

Samuel McEwen saiu do escritório e desapareceu por quinze minutos. Quando ele voltou, ele carregava um sorriso jubiloso. Era engraçado o que o dinheiro podia fazer.

“Está tudo certo”, disse ele. “Devemos conseguir fazer a transferência sem incidentes e ter tudo resolvido esta manhã.”

Alex passou a hora seguinte preenchendo formulários e assinando seu nome no final de uma dúzia de documentos. Quando terminaram, ela era a orgulhosa nova proprietária de uma conta bancária suíça no Sparhafen Bank, em Zurique, onde residia agora um milhão de dólares americanos, transferidos de uma conta de corretagem na América.

Samuel McEwen prometeu manter contato e ajudar Alex com quaisquer necessidades bancárias adicionais.

“Apenas me avise se houver mais alguma coisa que eu possa fazer por você”, disse ele.

— Na verdade, existe — disse Alex, agora que tinha a atenção do homem. Agora que ele a levava a sério.

McEwen ofereceu um sorriso caloroso. "Claro."

Da pasta dela, Alex retirou um pedaço de papel.

“Este é um extrato antigo do seu banco”, disse Alex, entregando a página sobre a mesa. “Encontrei nos pertences do meu pai e queria saber se você poderia me dar alguma informação sobre a conta.”

McEwen pegou a página e a analisou. Depois de um momento de estudo, ele falou enquanto ainda examinava as informações.

“Esta é uma conta numerada. Nenhum nome formal está associado a ele.”

“Sim”, Alex disse. “Eu descobri isso. Mas a firma de contabilidade do meu pai está listada como custodiante. Estou procurando informações sobre o proprietário da conta e por que a empresa dos meus pais foi listada como curadora.”

“Não posso oferecer informações sobre contas privadas, Sra. Quinlan. Talvez você devesse perguntar ao seu pai.

"Ele está morto."

A franqueza pegou McEwen desprevenido. “Ah, sinto muito.”

“O negócio é o seguinte”, disse Alex. “Meus pais faleceram. Tudo o que eles tinham agora pertence a mim, de acordo com a sua vontade.” Alex deslizou o último testamento e testamento de seus pais sobre a mesa.

“Você verá que estou listado como o único beneficiário. Então, quando encontrei esse extrato bancário nos pertences do meu pai, decidi tentar descobrir o que estava acontecendo. Tipo, essa conta ainda existe?

"EM. Quinlan, não posso fornecer informações sobre esta conta sem a documentação adequada que prove que o que você está me dizendo é verdade. E mesmo assim, haveria muitos obstáculos legais a serem superados.”

“Só estou tentando descobrir se a conta ainda existe. E se isso acontecer, quem o abriu. Tenho mais dinheiro para investir e, se você pudesse me fazer esse favor, consideraria o seu banco para meus outros investimentos.”

“Entendo”, disse McEwen. “Estou honrado em atendê-lo de todas as maneiras que puder.” Ele então acrescentou, devolvendo-lhe as páginas:

“Infelizmente, não posso ajudar com isso. Existem leis que me proíbem de fazer o que você está pedindo, e temo que não seria útil para você, ou para qualquer um dos meus outros clientes, se perdesse minha licença.

Alex tirou uma folha de papel diferente da pasta e deslizou-a sobre a mesa. “Tenho mais um milhão de dólares que gostaria de transferir para o seu banco se você pudesse me ajudar com isso. Eu só preciso de um nome.

"EM. Quinlan, sinto muito. Não tenho liberdade para fornecer informações sobre uma conta numerada sem a documentação adequada que comprove que a conta pertence a você. Este será o caso, não importa quanto dinheiro você invista conosco.”

Alex se levantou e sorriu. A antiga versão de si mesma pode ter se revoltado e protestado contra esse obstáculo em seu caminho. O novo Alex simplesmente encontraria outra maneira de contornar isso. Se os últimos dois anos lhe ensinaram alguma coisa, foi que ficar à margem, congelada pela inação, não trouxe nada de bom para sua vida.

“Obrigada pelo seu tempo”, disse ela antes de sair.

CAPÍTULO 10

Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 Zurique, Suíça 11h30

DREW ESTES assistiu de seu cubículo enquanto a garota saía do banco. Ele a reconheceu imediatamente. Foram os olhos que a denunciaram. Ele e a namorada acompanharam de perto a história de Alexandra Quinlan. No ano anterior, eles até passaram pela casa infame na América onde Olhos Vazios matara sua família. De férias nos Estados Unidos, Drew e sua namorada tiraram duas semanas para passear pela cidade de Nova York e Washington, D.C. Eles terminaram a viagem passando uma semana caminhando pela Trilha dos Apalaches. Fanáticos pelo crime verdadeiro, nem Drew nem sua namorada poderiam perder a oportunidade de ver a infame casa em McIntosh, Virgínia, onde Alexandra Quinlan ceifou sua família.

Agora, um ano depois, a própria Empty Eyes entrou no banco na Suíça onde Drew trabalhava como temporário. Uma hora antes, ele havia ajudado o Sr. McEwen a preencher todos os formulários e a executar as verificações necessárias para abrir uma nova conta para Alex Quinlan no valor de um milhão de dólares americanos. A fortuna que os Olhos Vazios haviam conseguido — pelo menos uma pequena fração dela — estava agora depositada em uma conta no banco onde Drew Estes trabalhava. Era quase surreal demais para acreditar. Drew acompanhou o caso Alexandra Quinlan de trás para frente e prestou muita atenção ao processo judicial quando ela processou a polícia e o Ministério Público estadual. Drew sabia que ela havia conseguido muito mais de um milhão de dólares, e o mundo a procurava freneticamente desde então. De alguma forma, milagrosamente, Drew Estes a encontrou.

Depois de ajudar o Sr. McEwen a terminar sua manhã, Drew fez sua pausa para o almoço. Ele saiu e acendeu um cigarro, que ficou pendurado em seus lábios enquanto ele pegava o celular.

“Ei, querido”, ele disse quando sua namorada atendeu. “Você nunca vai acreditar em quem entrou no banco esta manhã.”

A ligação durou cinco minutos. Quando o cigarro queimou até o filtro, Drew Estes já havia traçado seu plano.

CAPÍTULO 11

Quarta-feira, 30 de setembro de 2015 Zurique, Suíça, 21h41.

Alex sentou-se no canto do bar e tomou um gole de água tônica com limão. A barreira do idioma tornou difícil convencer o barman a encher o copo apenas com gelo e água tônica, sem adicionar gim ou vodca. Ela completaria vinte e um anos em poucos meses, o que a tornaria maior de idade para beber nos Estados Unidos. Aqui na Europa, ela era livre para comprar e consumir bebidas alcoólicas desde que pisou no campus pela primeira vez. Mas nem o álcool nem as drogas jamais a atraíram. Provavelmente porque no ensino médio, onde muitas crianças começam a se envolver com essas coisas, seu tempo foi reduzido e os amigos com quem Alex poderia ter se envolvido a abandonaram depois que ela foi enviada para a detenção juvenil. E apesar da aceleração para a independência que os últimos dois anos trouxeram, no fundo ela ainda era a menina cuja mãe a mataria se ela fumasse um baseado ou considerasse engolir qualquer um dos muitos comprimidos que viu seus colegas ingerirem durante seu primeiro ano de ensino superior. .

Havia também outro motivo pelo qual Alex evitava o álcool. Ela podia ver um caminho claro onde os efeitos entorpecentes da bebida poderiam tirar pelo menos um pouco de sua angústia e culpa. Talvez esse caminho fosse mais fácil do que o que ela escolheu. Mas o caminho fácil levava apenas à autopiedade, não às respostas ou à iluminação – um lugar que ela estava determinada a encontrar.

Ela mexeu a bebida e pensou em seu dia. Sua tentativa de descobrir o nome da pessoa por trás da conta numerada que seus pais presidiam falhou. Alex estava convencido de que essa era a chave para desvendar o resto dos mistérios daquela noite. Todas as incógnitas giravam em seus pensamentos agora, com as mesmas duas vindo à tona como sempre: as fotos deixadas na cama dos pais na noite em que foram mortos e a impressão digital descoberta na janela do quarto.

Alex só soube das fotos durante o seu caso de difamação, quando Garrett as apresentou como mais uma prova de quão mal gerida a investigação tinha sido. Na melhor das hipóteses, argumentou Garrett, a polícia de McIntosh rejeitou as fotos como imateriais. O mais provável, porém, é que o promotor público tenha tentado suprimir a presença deles

porque eles não se enquadravam na narrativa de que foi Alex quem matou seus pais.

As imagens sempre foram uma peça desconcertante de um quebra-cabeça já complexo. Mas desde que descobriu os extratos bancários estrangeiros escondidos no sótão, Alex criou uma teoria pouco tangível que ligava as fotos à única impressão digital encontrada na janela do seu quarto. Estar presente dentro de casa na noite em que sua família foi morta forneceu a Alex certas verdades irrefutáveis sobre aquela noite. Uma delas foi que o atirador entrou em seu quarto e abriu totalmente a janela. Não demorou muito para lembrar o som da janela rangendo enquanto ela se escondia atrás do relógio de pêndulo. Portanto, a única impressão digital sequestrada na vidraça pertencia, sem dúvida, ao atirador. Nem o Departamento de Polícia de McIntosh nem Garrett Lancaster, durante sua própria busca para provar a inocência de Alex, conseguiram comparar a impressão digital com a de seu proprietário. Garrett recorreu às suas fontes e fez a impressão digital passar pelo Sistema Integrado de Identificação Automatizada de Impressões Digitais do FBI. Sem acertos. Mas desde que tropeçou nos documentos bancários no sótão, Alex começou a formar a teoria de que talvez a única impressão digital sequestrada na janela do seu quarto pertencesse ao dono da conta. E talvez descobrir a identidade desse homem pudesse esclarecer as mulheres nas fotos.

A sua visita ao Banco Sparhafen, no entanto, fracassou terrivelmente. O beco sem saída foi frustrante por si só, sem considerar o outro problema que criou. O milhão de dólares que ela transferiu certamente soaram o alarme em casa. Antes de entregar os US$ 8 milhões concedidos a ela no veredicto, o juiz impôs restrições. O mais obstrutivo foi que um consultor financeiro certificado teve de cuidar do dinheiro e oferecer orientação até que Alex completasse a idade arbitrária de 27 anos. Então, o dinheiro era dela para investir, gastar ou desperdiçar como quisesse. Até aquele momento, porém, cada centavo que ela tocava deixava um rastro que chegava à mesa de Garrett Lancaster.

Garrett sempre deu bastante espaço a Alex e, apesar de ele ser uma parte importante de sua vida, ela nunca tratou diretamente com ele em questões financeiras. Em vez disso, um consultor financeiro aprovou seus gastos. Mas, apesar deste acordo de intermediário, Alex tinha certeza de que Garrett via cada centavo que ela gastava. Pode demorar um pouco para

perceber a transferência de um milhão de dólares para um banco suíço. Pode ser um dia ou uma semana. Mas, eventualmente, seu financeiro veria a transferência e pegaria o telefone para ligar para Garrett, que então pegaria o telefone para ligar para Alex. Esta, infelizmente, era a vida dela.

Alex retirava uma quantia modesta todos os meses para despesas de subsistência, todas provenientes de juros. Garrett foi inflexível em que Alex nunca tocasse no princípio, mas vivesse apenas dos juros do montante fixo gerado. Como um jovem de 20 anos que não possuía nada — a não ser uma casa unifamiliar vazia em McIntosh, Virgínia — viver de juros não era difícil. Transferir um milhão de dólares para um banco em Zurique certamente levantaria sinais de alerta em seu país.

Ela tinha um plano contingente preparado para quando o telefonema de Garrett chegasse. Alex havia escrito sua resposta e ainda estava guardando cada detalhe na memória. O resultado final era que o dinheiro era dela, não importando o que o juiz lhe dissesse ou quaisquer restrições que estivessem impostas a ele, e ela poderia fazer com ele o que quisesse. Ela queria abrir uma conta em um banco suíço, diria a Garrett, para fins fiscais. Alex não sabia nada sobre leis tributárias internacionais, além do que pesquisou rapidamente on-line enquanto traçava seu plano. Mas esperava que fosse o suficiente para parecer convincente quando Garrett telefonasse. Ela divagava sobre seu raciocínio, explicando tortuosamente seu processo de pensamento, e chegava ao ponto de pedir desculpas por ter tido a ousadia de mexer em seu próprio dinheiro. O que ela não fez, no entanto, foi contar a verdade a Garrett: que ela tinha transferido um milhão de dólares para o banco em Zurique porque esperava que isso a aproximasse da verdade sobre o que aconteceu à sua família. Essa busca era dela, e somente dela.

Ela tomou outro gole de água tônica, abriu o telefone e folheou os horários dos trens do dia seguinte.

* * *

Do outro lado do bar, um casal estava sentado em uma mesa. O foco deles mudou de Alex para o telefone do homem e continuou indo e voltando. Finalmente, Drew Estes ampliou a foto de Alexandra Quinlan. Ele sorriu para a namorada enquanto eles continuavam a olhar do telefone para a garota no bar.

“É ela”, disse Drew. “Não posso acreditar, mas é ela.”

Laverne Parker assentiu. “Porra, é ela. Ela largou os óculos e cortou o cabelo, mas olhe aqueles olhos. Você não pode sentir falta deles. Quanto ela depositou?

“Um milhão de EUA. Eu vi no computador do meu chefe e ajudei a criar a papelada.”

“Um milhão de dólares”, disse Verne, com uma expressão de desprezo enquanto olhava para o outro lado do bar. “Alexandra Quinlan, diante de nossos olhos.”

Verne sorriu revelando dentes tortos enquanto ela começava a cantarolar e sussurrar.

"Nós sabemos quem você é."

Ela colocou o telefone sobre a mesa. A imagem de Alex permaneceu na tela.

“Eles deram a ela uns dez milhões”, disse Verne enquanto continuava a olhar para Alex. “Mate sua família, finja que você é um idiota assustado e desapareça com uma fortuna.”

Verne voltou à voz monótona.

“Você tentou desaparecer, mas sabemos onde você está.”

CAPÍTULO 12

Sexta-feira, 2 de outubro de 2015 Cambridge, Inglaterra, 14h15.

A IDEIA PARA O CONSELHO CHEGOU ALEX DEPOIS de um sonho particularmente lúcido sobre a noite em que sua família foi morta. Seus sonhos se tornaram tão vívidos desde que escapara do circo de sua antiga vida nos Estados Unidos que Alex começou a anotar todos os detalhes que conseguia lembrar sobre eles assim que acordava. Ela comprou um quadro de cortiça em uma loja de artesanato - um metro quadrado por mais de um metro quadrado - e pendurou-o na parede da cozinha para organizar seus pensamentos. Os horários das aulas e as datas dos próximos exames intermediários deveriam estar atrelados a isso. Fotos também de familiares e amigos. Em vez disso, Alex prendeu fichas no quadro contendo todos os detalhes de que ela conseguia se lembrar sobre a noite em que sua família foi morta, além de novos fatos que ela descobriu em sua busca de um ano por respostas. A mais recente adição ao quadro foi uma foto do Banco Sparhafen em Zurique, ao lado da qual estava um dos extratos bancários que ela encontrou no sótão.

No lado esquerdo do quadro havia uma ficha com as palavras Invasão de Casa escritas e marcadas com um X por um marcador vermelho. A teoria da invasão domiciliar, que era a posição atual do Departamento de Polícia de McIntosh, era um subterfúgio. O departamento precisava culpar alguém pelos assassinatos depois que seu principal suspeito foi absolvido, então eles decidiram que o roubo deu errado. Era uma teoria preguiçosa e sem inspiração e já havia sido provada falsa milhares de vezes. Uma invasão domiciliar com o propósito de roubo teve como motivo o roubo. Mas não faltava nada na casa dos Quinlan. Além disso, a explicação dos acontecimentos dada pelo Departamento de Polícia de McIntosh não correspondia ao que Alex sabia. Ela estava assistindo de seu quarto quando seu irmão foi morto e estava escondida atrás do relógio de pêndulo quando o assassino entrou no quarto de Alex em busca do último membro restante da família Quinlan. O assassino não se assustou com o pai de Alex, como sugeriram os detetives incompetentes que tentaram explicar a cena. Para que fosse esse o caso, seu pai teria que tropeçar no assassino. O fato de seu pai ter sido baleado enquanto estava deitado na cama, debaixo das cobertas e provavelmente dormindo profundamente, provou que a linha oficial do

Departamento de Polícia de McIntosh não apenas era impossível, mas também incrivelmente incompetente.

No meio do quadro havia as fotos de três mulheres encontradas na cama de seus pais e uma imagem da impressão digital retirada da janela de seu quarto. No lado direito do quadro havia uma linha do tempo detalhada daquele dia. Incluía todos os detalhes que Alex lembrava de quase todos os minutos daquele final de tarde e noite, começando com o momento em que ela chegou da escola e indo para a cama à noite, até ser acordada pelo tiro. Os detalhes eram meticulosamente específicos, incluindo detalhes como o capítulo exato de física que ela estudou naquela noite como dever de casa — a primeira lei do movimento de Newton, que Alex havia escrito em uma ficha: Um objeto em repouso permanece em repouso a menos que seja influenciado por uma força desequilibrada. . Foi um mantra que percorreu seus pensamentos em momentos estranhos durante os últimos dois anos. A localização do quadro na cozinha, ao lado de onde Alex pendurava a jaqueta todos os dias, garantia que seus pensamentos nunca se afastassem daquela noite fatídica.

* * *

No dia seguinte ao retorno de Alex de Zurique, ela olhou para o quadro antes de pegar o casaco ao sair do apartamento e seguir para o campus. A estratégia começou no meio do primeiro ano, quando Alex voltou aos Estados Unidos para passar as férias de Natal com os Lancasters. A essa altura, Alex sabia que a faculdade na Europa, ou em qualquer outro lugar, não era para ela. No entanto, ela não teve coragem de contar a Donna e Garrett. A mentira continuou durante o segundo semestre de seu primeiro ano e persistiu durante o verão passado. Alex não tinha certeza de quanto tempo ela mentiria sobre a faculdade. Ainda tecnicamente matriculada, ela ainda não havia pisado em uma sala de aula durante seu segundo ano. Em algum momento, ela confessou tudo a Donna e Garrett, pelo menos por outro motivo, pelo menos para iniciar uma discussão. Livre das rédeas da autoridade aos dezoito anos, Alex agora ansiava por alguém que lhe dissesse o que fazer. Ela queria que alguém desobedecesse. Ela ansiava por uma discussão com alguém que queria o melhor para ela. Uma discussão significaria que havia alguém cuidando dela, preocupando-se com o rumo que suas decisões a levariam e com o impacto que elas teriam em sua vida.

Esse desejo de afeto era a única razão pela qual Alex pisava no campus todas as semanas. Donna e Garrett enviavam uma carta por semana, sempre para o endereço da universidade. Talvez essa fosse a maneira de garantir que Alex estivesse pelo menos ocasionalmente no campus. A única razão pela qual ela ainda tinha uma caixa de correio ativa na universidade era porque a mensalidade havia sido paga integralmente. Alex Quinlan existia no livro-razão da Universidade de Cambridge e sua conta estava em situação regular. Ninguém no campus se importaria com ela até o vencimento da próxima mensalidade, ou até que as provas semestrais revelassem não apenas notas baixas, mas também nenhuma nota registrada. Essa destruição iminente era como um asteróide distante. No início, não passava de um pontinho no céu, distante demais para causar muita angústia. Mas agora, um mês depois do segundo ano, Alex caminhava na sombra daquele asteróide que se aproximava. Entretanto, contanto que ela tivesse respostas para procurar e pistas para seguir, ela poderia se convencer a ignorar isso.

Alex caminhou pelo campus, atravessando uma ponte que fazia um arco sobre o riacho que serpenteava pelo terreno, nostálgica de como seria esta época de sua vida se ela tivesse sido capaz de levar uma existência normal. Quando chegou ao cartório, Alex entrou e se dirigiu a uma parede cheia de caixas de correio. Ela inseriu a chave e retirou uma pequena pilha de envelopes, depois os folheou em busca da carta de Donna e Garrett.

“Você não estava na minha aula de criminologia no ano passado?” a garota ao lado dela perguntou.

O sotaque era pesado e misto, e Alex não o reconheceu imediatamente. Estudantes de toda a Europa vinham para Cambridge e havia muitos dialetos e sotaques para acompanhar. Alex levantou os olhos da correspondência. A menina tinha um molho de chaves nas mãos e se preparava para abrir a caixa de correio. Alex estudou a garota e tentou identificar o rosto, mas tinha certeza de que ela nunca a tinha visto antes. Embora Alex tivesse se matriculado em criminologia no primeiro semestre do primeiro ano e ocasionalmente assistido às aulas, era perfeitamente possível que Alex tivesse, de fato, cruzado o caminho dessa garota.

“Uh, sim, acho que sim”, disse Alex.

“Professor Mackity?”

Alex assentiu. Esse poderia ser o nome do professor que dava a aula, mas ela não conseguia se lembrar. "Sim."

A garota sorriu. “Pensei ter reconhecido você. Eu sou Laverne.”

“Alex.”

"Você se saiu bem?"

Alex parou por um momento. "Com o que?"

"Criminologia. Mackity pode ser um verdadeiro pé no saco. Saí com um C e tive sorte de conseguir isso.”

Alex havia passado com um D.

"Eu também. Eu tirei um C.”

“Ah, a nata da colheita, você e eu somos. Você sabe como eles chamam os alunos C depois de quatro anos de escola?

Alex esperou.

“Graduados universitários.”

Alex forçou um sorriso. "Certo."

“Ei”, disse Laverne, “vou encontrar alguns amigos esta noite para tomar uma bebida. Você quer se juntar a nós?

"Oh." Alex sorriu e balançou a cabeça. “Não posso esta noite. Tenho alguns estudos para fazer.

“Em uma sexta à noite? Você é comprometido, não é?

Alex fechou os olhos diante da terrível mentira em que foi pega.

“Ah, que se dane”, disse Alex. "Claro. Posso pegar uma bebida. Onde e quando?"

A garota sorriu. “A velha bilheteria às oito. Seremos apenas eu e algumas amigas. Eu poderia passar por aqui e poderíamos ir juntos. Dessa forma, você não entrará no bar com a bunda enfiada no chapéu.

A expressão despertou alguma vaga memória na mente de Alex. Foi um aviso ou apenas confusão? Seja como for, era fraco demais para causar mais do que uma ondulação quando atingiu seu subconsciente.

"De onde você é?" Laverne perguntou. “Quero dizer, América, obviamente. Mas que parte?

Alex fez uma pausa, lutando contra os pensamentos conflitantes enquanto sua mente trabalhava para descobrir o que a incomodara um momento antes. Ela sempre evitou falar sobre si mesma com outros alunos.

"Você está bem aí, cara?" Laverne perguntou.

“Ah, Chicago.”

"Realmente? A cidade que sopra, não é assim que se chama?

"A cidade dos ventos."

"É isso." Laverne encolheu os ombros. “Não tenho nenhum amigo dos Estados Unidos. Você será meu primeiro.

Alex sorriu. Ela não tinha um amigo há algum tempo.

"Onde você mora?" Laverne perguntou. “Vou parar e buscá-lo no meu caminho. Seremos melhores amigos esta noite.

Como se Alex fosse incapaz de impedir, o endereço dela escapou de seus lábios enquanto Laverne digitava no telefone.

“Cerca de quinze para as oito?” Laverne perguntou.

Alex engoliu em seco e forçou um sorriso. "Parece bom."

CAPÍTULO 13

Sexta-feira, 2 de outubro de 2015 Cambridge, Inglaterra, 19h45.

Houve uma batida em sua porta, exatamente como prometido, às quinze para as oito. Ao longo da tarde, Alex passou por mudanças violentas de humor por causa da aceitação absurda do convite da garota da caixa de correio. Ela estava confusa sobre o motivo de ter oferecido seu endereço de boa vontade, em vez de apenas concordar em se encontrar no bar. A confusão se transformou em arrependimento. O arrependimento se transformou em desespero quando ela percebeu que dar seu endereço a Laverne significava que não havia saída para a situação. Eles nem trocaram números de telefone, o que teria permitido que Alex cancelasse por mensagem de texto. Ela agora tinha duas opções: uma, esconder-se em seu apartamento e recusar-se a atender a porta. Ou, dois, atenda a porta e aja como um estudante universitário normal que sai com os amigos. Se a noite se tornasse entediante, Alex poderia sair silenciosamente e voltar para seu apartamento sem incomodar ninguém. Por uma fração de segundo ela até considerou que conhecer novas pessoas poderia ser divertido, e ter alguém para quem ligar para um amigo seria uma coisa boa, não algo de que fugir.

Ela caminhou até a porta, respirou fundo e a abriu. Laverne estava no corredor. Um cara estava ao lado dela.

"Lá está ela!" Laverne disse com uma voz jovial. "Pensei que você me deixou lá por um segundo."

Alex sorriu e engoliu em seco. "Não não. Eu estava me preparando. Você estava batendo há muito tempo? Não devo ter ouvido você.

Sem convite, Laverne entrou no apartamento. "Não esquenta, parceiro. Este é o Drew. Vocês se conheceram.

Alex levou um segundo para identificá-lo antes que ela se lembrasse da assistente de Samuel McEwen em sua reunião no banco. Drew foi o cara que a cumprimentou no saguão do Banco Sparhafen, em Zurique. A primeira pergunta dela foi que diabos ele estava fazendo em Cambridge. A segunda foi por que ele estava no apartamento dela. A terceira e última pergunta foi como ela pôde ter sido tão estúpida ao dar seu endereço a essa garota.

Drew fechou a porta e sorriu para ela, girando a fechadura no lugar e fazendo o estômago de Alex cair livremente.

“Oi, Alexandra”, disse Drew, seu sorriso se estendendo ainda mais em seu rosto. “Essa seria Alexandra Quinlan, de McIntosh, Virgínia.”

A menção de sua cidade natal iniciou a produção de ácido que queimou o fundo de seu esôfago e iniciou uma rápida marcha pelo esterno. Alex engoliu novamente para dissipar a queimadura.

“Chicago não, cara”, disse Laverne. "A cidade dos ventos? Isso é o melhor que você conseguiu fazer?

Laverne entrou mais fundo no apartamento, olhando em volta como se estivesse fazendo compras em uma loja de departamentos. Ela pegou uma estatueta que estava na mesa ao lado do sofá, examinou-a por um momento antes de colocá-la de volta no lugar. Na sala, ela abriu as cortinas e olhou para a rua.

“Eu reconheci você imediatamente”, disse Drew, ainda parado na frente da porta trancada. “O cabelo me confundiu no início, mas depois vi seus olhos. Ninguém pode sentir falta desses olhos.

“Esses malditos olhos vazios vão denunciar você todas as vezes”, disse Laverne, virando-se da janela da frente e caminhando em direção a ela.

Alex não se mexeu. Ela estava congelada no lugar, rígida de um medo tão poderoso que teve que apertar as coxas para impedir que a bexiga se esvaziasse. Em questão de segundos, ela deixou de se preocupar em passar uma noite fora com garotas que não conhecia e passou a ser trancada dentro de seu apartamento com dois bandidos, um de cada lado dela.

Laverne sorriu, revelando dentes terrivelmente tortos. “Olhos Vazios, que desapareceram no ar. Mas nós encontramos você, não foi?

Drew saiu da porta e estendeu o telefone para Alex ver. Ela olhou para uma foto sua. Foi a imagem mais usada em notícias sobre ela, tirada de uma de suas contas nas redes sociais que ela havia excluído há muito tempo.

“Seu cabelo está mais curto e você não está usando óculos. Mas é você. Não posso acreditar nisso”, disse Drew.

De repente, o sotaque suíço-alemão de Laverne fez sentido. E o mesmo aconteceu com a expressão que fez Alex hesitar quando ela falou com aquela garota na sala de correspondência. Bunda de chapéu. Drew usou o mesmo ditado no banco.

“Você depositou um milhão de dólares no banco em Zurique na quarta-feira”, disse Drew. "Aqui está o acordo. Verne e eu queremos uma parte, ou vamos revelar você para o mundo inteiro. Você acha que está seguro só

porque fugiu para a Inglaterra para frequentar a universidade? Você vai nos dar um pouco do dinheiro que conseguiu, ou vamos postar tudo o que sabemos sobre você em todos os sites de crimes reais que pudermos encontrar. Também avisaremos a mídia. Se você acha que os tablóides americanos são ruins, espere até ver o que podemos fazer aqui."

Um súbito clarão de luz a cegou e Alex ergueu a mão para proteger os olhos. Laverne tirou uma foto com seu telefone.

"Ah Merda!" Laverne disse, rindo enquanto olhava para o telefone. "Parece exatamente com a foto dela saindo de casa na noite em que atirou em sua família."

Drew olhou para a foto e gargalhou. "Santo Cristo, é verdade. Como a porra de um fantasma que voltou dos mortos.

Laverne olhou para Alex. "Eu poderia enviar esta foto agora mesmo e em um dia as redes sociais explodiriam. Os tablóides viriam em seguida, e Olhos Vazios voltaria aos noticiários. Aqui, América, a porra do mundo inteiro."

"Acho que você está presumindo que sou mais popular do que sou", disse Alex.

"Não é popular, cara. Infame. E eu não acho. Eu sei. Eu acompanho essas coisas, e as pessoas ficariam loucas ao saber que Olhos Vazios apareceu em uma pequena cidade universitária na Inglaterra. Dentro de um ou dois dias, os paparazzis se alinhavam na calçada em frente a este apartamento, porque eu postaria seu endereço em todos os lugares que pudesse."

"Quanto?" Alex perguntou.

A pergunta pareceu atordoá-los. Drew e Laverne se entreolharam. Alex sentiu a surpresa deles por terem chegado tão longe tão rapidamente. As negociações provavelmente aconteceriam mais tarde naquela noite, depois que eles a tivessem trabalhado um pouco com mais ameaças ou violência real. Alex não permitiria que a noite durasse mais do que o necessário. Ela queria acabar com isso o mais rápido possível e sabia exatamente como fazer isso. Mas para fazer isso, ela precisava ir para o quarto. Para o armário dela e para a caixa que estava na prateleira de cima.

"Quanto?" Alex perguntou novamente.

Drew e Laverne falaram em alemão rápido. Uma troca rápida que soou como uma discussão.

Agora foi Alex quem riu. “Amadores”, disse ela, aproximando-se deles. “Vocês parecem dois calouros no baile de formatura. Vocês dois me seguiram desde a Suíça e provavelmente planejaram isso por quase dois dias. No entanto, agora que você está aqui na minha frente, você nem tem um número?

Alex entrou mais fundo no apartamento, mais perto do quarto dela.

“Vocês provavelmente não pensaram que chegariam tão longe, e agora que chegaram, não sabem o que fazer consigo mesmos. Eu deveria apenas ligar para a polícia.

Alex tirou o celular do bolso e o abriu. Drew foi em direção a ela, mas a mão de Laverne foi para seu ombro.

“Não”, disse Laverne. "Deixe ela. Vá em frente. Chama a policía."

Houve um longo intervalo de silêncio.

"Prossiga." Laverne apontou para o telefone de Alex. "Chame-os. O que você vai dizer a eles? Que você concordou em tomar uma bebida comigo e que eu vim buscá-la?

“Não, que você me seguiu por todo o continente para me chantagear.”

Laverne mostrou novamente os dentes tortos. “Chantagear você por quê? Isso é o que os policiais perguntariam. E o que você diria a eles?

Houve outro longo e inchado período de silêncio.

“Continue”, disse Laverne. "Pensar sobre isso. O que você diria a eles? Você teria que contar a verdade a eles. Você teria que dizer a eles quem você é. E se você achou que poderíamos descobrir você rapidamente, vá em frente e diga às autoridades quem você é. Seu mundo explodiria em um maldito minuto.”

“Um maldito minuto!” Drew continuou.

Mais silêncio.

Alex colocou o telefone de volta no bolso. "Multar. De volta à minha pergunta original. Quanto?"

“Meio milhão”, disse Laverne.

"Você é Insano. Eu não tenho tanto dinheiro.”

“Besteira”, disse Drew. “Você acabou de estacionar um milhão de dólares no banco. Eu vi com meus próprios olhos. Ajudei McEwen com a papelada.”

“Claro”, disse Alex. “E você quer que eu tire metade disso para pagar a vocês dois idiotas? Como se isso não fosse soar nenhum alarme.”

“Eles lhe deram vinte milhões”, disse Laverne. “Tudo por chorar no banco das testemunhas e fingir que não foi você quem puxou o gatilho. Meio milhão não é nada.”

O valor do acordo de Alex foi muito exagerado na imprensa. Alguns acertaram o número: oito milhões. A maioria entendeu errado ou inflou propositalmente. Quanto mais sombria a saída, mais ridículo é o número. Um tablóide afirmou que Alex havia desaparecido com cem milhões de dólares. Quem sabia o que esses dois psicopatas pensavam que poderiam levá-la. A resposta foi zero, mas Alex ainda não havia contado.

“Ou você nos dá o dinheiro ou vamos direto à imprensa. Diremos ao mundo que a própria Empty Eyes está matriculada na Universidade de Cambridge”, disse Laverne. “Nós vamos doxar você. Publicaremos seu endereço em todos os lugares. A imprensa, os sites, as redes sociais. Faremos uma maldita turnê publicitária com o que sabemos.

“Você não está me ouvindo”, disse Alex. “Não posso simplesmente sacar meio milhão de dólares de um banco alguns dias depois de depositá-lo lá.”

“Deixe o dinheiro que você colocou no meu banco”, disse Drew. “Tire isso de outro lugar. De onde quer que esteja o resto.

“E você pensa, o quê? Posso entregar para você hoje à noite? Você acha que está debaixo do meu colchão? Vocês dois são mais estúpidos do que parecem.

“Não, não esta noite”, disse Drew. "Amanhã. Às cinco horas ou tornaremos pública a sua identidade.

“Para alguém que trabalha com finanças, você não tem muita noção de como funciona o setor bancário. Não consigo produzir meio milhão de dólares em vinte e quatro horas. E tudo em dinheiro? Seus idiotas têm assistido muitos filmes de alcaparras.

“Oh, você vai fazer isso”, disse Laverne. “Confie em mim, companheiro. Você não quer que fiquemos bravos.

Alex respirou fundo como se estivesse avaliando as possibilidades. “Para conseguir tanto dinheiro, preciso de uma semana, pelo menos.”

Laverne e Drew se entreolharam e trocaram outra saraivada de alemão.

“Daremos até segunda-feira”, disse Laverne.

“É sexta à noite, gênio”, disse Alex. “Não poderei entrar em contato com ninguém até segunda-feira de manhã. Preciso de uma semana se você

quiser que eu faça isso da maneira certa.”

"O que isso significa?" Drew perguntou. “O caminho certo.”

“Isso significa que nem você nem eu seremos pegos. Você quer meio milhão de dólares e acha que é tão fácil quanto ir ao caixa eletrônico. Não é. E a última coisa que preciso é que vocês dois sejam parados com uma mala cheia de dinheiro no caminho de volta para a Suíça. Descobrir uma maneira de você cometer o crime perfeito é, na verdade, do meu interesse. Preciso de uma semana e não vou lhe dar meio milhão de dólares. Eu te dou dois e cinquenta.”

“Quinhentos mil”, disse Drew.

“Duas e cinquenta ou você pode ligar para quem quiser e postar minha foto em todos os lugares. Eu realmente não dou a mínima.

“Sim, você tem”, disse Laverne, com um dente torto projetando-se de seu lábio superior. “Ou você não estaria negociando. Quatro.”

“Três”, Alex rebateu.

"Três e cinquenta."

Alex fez uma pausa. "Multar. Mas preciso de uma semana.

“Não temos uma semana”, disse Laverne. “Gastamos tudo o que tínhamos rastreando você até aqui. Precisamos de dinheiro agora.”

Alex revirou os olhos. "Que tal agora. Vou lhe dar algum dinheiro esta noite para mantê-lo, e você me dá uma semana inteira para conseguir o resto.

"Quanto?"

“Tenho cerca de mil libras no meu quarto. Eu poderia ir ao caixa eletrônico e pegar um pouco mais. Isso deve ajudá-lo. Farei minhas tarefas na próxima semana e receberei o horário das três e cinquenta até sexta-feira.

Outra olhada e mais breves comentários em alemão.

“Tudo bem, sim”, disse Drew. “Mas vamos ficar aqui até você terminar.”

“Ficar no meu apartamento?”

“Com certeza”, disse Laverne.

“Onde você acha que estou indo?”

“Você desapareceu uma vez antes. Você poderia fazer isso de novo. Nós vamos ficar. Agora vá buscar o dinheiro para nós antes que Drew fique bravo.

Alex assentiu lentamente como se ela estivesse sem opções. A verdade é que ela tinha bastante; ela estava apenas decidindo o que era melhor.

“Tudo bem”, ela finalmente disse. “Seremos colegas de quarto por uma semana.”

Alex caminhou até o quarto dela, tentando parecer derrotado. Ela diminuiu o ritmo quando tudo que ela queria fazer era correr. Uma vez em seu quarto e fora da vista deles, ela foi direto para o armário. Foi ideia de Garrett que Alex aprendesse a atirar com uma arma antes de ir para a faculdade. Com sua experiência anterior na caça de faisões e sua proficiência com um calibre 12, a curva de aprendizado foi curta. Depois de um mês de instrução e apenas algumas horas no estande, Alex era mais proficiente em atirar em alvos com uma automática 9 milímetros do que jamais havia atirado em faisões com uma espingarda calibre 12. Mas o problema não era aprender a atirar e manusear a arma. Conseguir um no Reino Unido foi. Na verdade, era impossível fazer isso legalmente. Mas Garrett tinha sido inflexível quanto ao fato de Alex possuir uma maneira de se defender, e ele usou sua força considerável para fazer isso acontecer. Uma semana depois de ela chegar à Inglaterra e se instalar em seu apartamento em Cambridge, um homem bateu à sua porta. Baixo e atarracado, com o rosto marcado por cicatrizes de acne, o homem mal havia falado no dia em que apareceu no apartamento de Alex.

“Se você for pego fazendo isso, você irá para a prisão”, foi tudo o que ele disse antes de entregar a caixa de metal pesado a Alex e desaparecer escada abaixo.

Desde aquele dia, a caixa permanecia intocada na prateleira de cima do armário. Alex nunca se sentiu motivado a mover a arma para um local mais acessível. Na gaveta da mesinha de cabeceira, por exemplo, onde estaria disponível instantaneamente caso ela precisasse. A verdade é que, pouco depois de o homem atarracado a entregar, a arma raramente aparecia nos seus pensamentos depois de ela se instalar na sua nova vida em Cambridge. Tão perfeita foi sua fuga da sombra imponente da versão americana de Alexandra Quinlan que, apesar de algumas vezes no campus no início do primeiro ano, quando colegas perguntaram sobre a possibilidade de conhecer Alex de um encontro anterior, ninguém chegou perto de reconhecê-la. O medo, portanto, nunca foi uma emoção com a qual Alex teve de lidar em sua nova vida na Inglaterra. Mas assim que a garota de

dentes tortos entrou sem ser convidada em seu apartamento com Drew Estes, o medo tomou conta dela e a arma disparou em seus pensamentos.

Ela estendeu a mão para a caixa e percebeu que suas mãos tremiam. Alex ficou feliz por ter evitado a precaução adicional de trancar a caixa, já que seria difícil inserir uma chave com suas mãos vibrantes. Ela abriu a trava e levantou a tampa, revelando o Smith and Wesson M&P Shield de 9 milímetros. Continha oito cartuchos e Alex sabia que estava carregado — foi assim que a arma chegou. Assim que tirou a arma do feltro onde estava colocada, sentiu uma mão em seu ombro.

"Dois mil. Nem meio quilo a menos", disse Laverne.

O toque de Laverne a assustou e Alex deu um pulo, virando-se rapidamente e disparando a arma ao mesmo tempo. A explosão foi ensurdecedora e a trouxe de volta à noite em que sua família foi morta. Sua visão se reduziu a um buraco de alfinete e depois desapareceu completamente quando o odor sulfuroso da pólvora fez com que seus sentidos girassem para a noite em que ela se escondeu atrás do relógio de pêndulo enquanto o mesmo cheiro permeava sua casa.

Ela não tinha certeza de há quanto tempo estava cega, mas quando sua visão voltou, Alex viu duas pessoas. A garota chamada Laverne estava deitada no chão na frente dela, e Drew Estes estava na porta do quarto com os olhos arregalados e a boca aberta, as mãos levantadas em sinal de rendição. Alex o avistou por cima do cano da Smith and Wesson, que, durante seu apagão momentâneo, ela apontara diretamente para ele. Ambas as mãos estavam firmemente na arma, o dedo sobre o gatilho e o tremor não foi encontrado em lugar nenhum. Ela ajustou a mira do meio do peito de Drew diretamente sobre o coração. Mais uma correção fez com que a mira dela ficasse logo acima do ombro esquerdo. Ela deu outro tiro que cegou seus sentidos novamente e a mandou de volta para a noite fria de janeiro, quando sua família foi morta.

Embora deva ter passado algum tempo, Alex não sabia disso. A próxima coisa que ouviu, quando o zumbido nos ouvidos diminuiu e sua visão voltou, foram sirenes. As estranhas sereias de desenho animado que ela só conhecia dos filmes. As sirenes de dois tons das autoridades do Reino Unido que eram tão diferentes daquelas gravadas em sua mente após uma vida inteira passada nos Estados Unidos.

Então ela ouviu outra coisa. Algo mais próximo. Do lado de fora do quarto, a porta da frente de seu apartamento se abriu, a fechadura que Drew Estes havia colocado quebrou a madeira que a trancava. Então ela ouviu passos correndo pelo apartamento em direção ao seu quarto.

CAPÍTULO 14

Sábado, 3 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 10h05

QUANDO SEUS MÚSCULOS FINALMENTE LIBERARAM SEU ESTADO TÔNICO, ALEX afundou na cama estranha e adormeceu. Sua mente, no entanto, continuava agitada. O disparo da arma retornou e seu toque persistente ecoou em sua mente. O tempo e o espaço se transformaram durante seu sono agitado e a levaram para a casa de sua família em McIntosh. Desta vez, porém, Alex foi o atirador. Dessa vez, enquanto Alex se escondia atrás do relógio de pêndulo, os tiros que ecoavam pela casa vinham da arma que ela disparava, repetidas vezes. Uma rodada após a outra, enquanto os passos ficavam mais altos e a sombra do sobretudo se arrastava em direção ao relógio de pêndulo. Então, o rosto de Laverne Parker apareceu pela borda do relógio e sorriu para Alex com aqueles dentes tortos. Alex levantou a 9 milímetros e puxou o gatilho – bang, bang, bang.

"Você vai para cima."

Alex abriu os olhos e o rosto de Laverne Parker desapareceu. Em seu lugar estava um homem corpulento cujo rosto exibia cicatrizes de acne em forma de crateras profundas.

“Vamos, vamos embora”, disse o homem com um forte, mas direto sotaque britânico.

Os resquícios de seu sonho desapareceram e Alex sentou-se rapidamente, percebendo que estava dormindo em uma cama king-size em um quarto que não reconheceu.

“Já se passaram doze horas”, disse o homem. “Achei que era tempo suficiente. Temos trabalho a fazer.

Alex piscou para focalizá-lo. Demorou apenas um momento para identificá-lo. O homem atarracado que estava diante dela foi quem entregou a arma em seu apartamento quando ela chegou a Cambridge.

"O que está acontecendo?" Alex perguntou, empurrando as cobertas para o lado. Ela ainda usava as roupas que vestia enquanto se preparava para sair para beber na noite de sexta-feira.

“Só um pouco de emoção, cara. Como um americano típico, você atirou em seu apartamento. Tirei você de lá pouco antes da polícia aparecer. Estamos bem agora.

"Eu não entendo."

“O que há para não entender, cara? Eu tirei você do seu apartamento para que você não acabasse na prisão.

Flashes da noite anterior voltaram para ela. A arma. Laverne no chão. Drew na porta, sua silhueta visível sobre o cano da 9 milímetros. A explosão da descarga, a porta quebrada e os passos pesados correndo em direção ao quarto dela.

"Por que?" Alex perguntou. "Por que você me ajudou?"

“Porque é para isso que sou pago.”

As palavras do homem mal foram registradas. A mente de Alex voltou ao dia em que esse homem apareceu em seu apartamento. "Eu conheço você. Foi você quem me deu o Smith and Wesson quando cheguei em Cambridge.

“Meu nome é Leo.”

Alex fez uma pausa enquanto trabalhava para descobrir as coisas. "Por que você estava no meu apartamento?"

"Eu te disse. Sou pago para ficar de olho em você.

Alex ergueu as sobrancelhas. "Você é pago? Por quem?"

“Garret Lancaster. Ele e eu nos conhecemos há muito tempo. Ele me pediu para cuidar de você. Durante o último ano ou mais, foi isso que fiz. Eu me certifico de que você não tenha muitos problemas, então eu reporto a ele.”

“Você está me espionando?”

“Fui contratado para mantê-lo seguro.”

“Para me manter seguro? Como, exatamente, você fez isso?

“Eu não fiz isso”, disse Leo. “Até ontem à noite você não corria nenhum perigo. Eu apenas fiquei de olho em você. Além de abandonar a universidade, não há muito o que relatar. Mas então você fez sua pequena viagem a Zurique e permitiu que aqueles dois idiotas o seguissem de volta a Cambridge. Ontem à noite foi a primeira vez que tive que levantar um dedo.”

“Você me seguiu até a Suíça? E você contou a Garrett sobre isso?

“É o que ele me paga para fazer, cara.”

"Eu não posso acreditar que ele tem você me seguindo."

“É uma coisa muito boa que ele faz. Notei que os idiotas o seguiam quando você saiu do hotel em Zurique. Eu sabia que algo estava errado

quando eles rastrearam você até Londres e depois até Cambridge. Quando os vi chegar ao seu apartamento, esperei alguns minutos. Quando eu estava prestes a bater na sua porta para ver o que estava acontecendo, ouvi tiros. Tirei você de lá antes que a polícia aparecesse.

"Como? Diga-me o que aconteceu. A noite passada é um grande espaço em branco na minha mente."

Alex tentou se lembrar de como a noite havia caído, mas só conseguia imaginar Laverne no chão do quarto e Drew parado na porta com as mãos levantadas. Ela se lembrou de puxar o gatilho e da explosão ensurdecedora. Sua mente desligou depois disso.

"Eu era policial e ainda tenho contatos lá dentro", disse Leo. "Pessoas a quem agora devo vários favores, devo acrescentar. Consegui fazer as coisas desaparecerem por enquanto, mas isso não durará para sempre."

"O que isso significa?"

"Isso significa que isto não é a América, onde os tiros são uma parte normal das noites de sexta-feira. Você deveria ter sido preso, mas eu consertei as coisas. Não permanentemente, mas coloquei um curativo nas coisas para tirar você daí. Fiz algumas ligações ontem à noite para manter o aquecimento desligado. Por um tempo, pelo menos. Você ficará aqui comigo até termos certeza de que as coisas se acalmaram. Ninguém vai incomodar você aqui. Mas você não é meu problema no momento. Os outros dois são."

"Outros dois?"

"Bonnie e Clyde. Os idiotas que tentaram te abalar. Enquanto você dormia, tive uma longa conversa com eles. Eles me contaram tudo. Agora preciso descobrir o que fazer com eles."

"Eles estão aqui?"

O homem corpulento sorriu. "Eu sempre esqueço que você esteve fora por doze horas. Você perdeu toda a diversão. Vamos, companheiro. Vou te mostrar meu trabalho."

CAPÍTULO 15

Sábado, 3 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 10h15

ALEX SEGUIU LEO PARA FORA DO QUARTO E PELO CORREDOR. Sua boca estava seca e ela precisava desesperadamente de um copo de água.

"Onde estamos?" Alex perguntou, sentindo-se estranhamente à vontade com o estranho homem chamado Leo.

"Meu lugar. Sul de Londres."

Leo parou no corredor e apontou para a porta fechada. Ele girou uma maçaneta e abriu-a, depois foi para o lado para que Alex pudesse olhar além dele. Na sala, Drew e Laverne estavam sentados no chão, ambos algemados a um radiador de metal. Eles pareciam cansados e abatidos. Leo fechou a porta, deixando a imagem de Drew e Laverne gravada na mente de Alex.

"Agora só preciso descobrir o que fazer com eles", disse ele.

Alex tentou ler o grande homem à sua frente. "Você não pode machucá-los. Você sabe disso, certo?

Leo riu. "Diz a garota que tentou colocar uma bala em cada um deles."

"Diz o homem que entregou a arma no meu apartamento."

"Eu estava apenas cumprindo ordens. A pistola deveria fazer você se sentir seguro. Nunca imaginei que você realmente usaria isso. Mas eu deveria saber melhor. Não há problema do qual os americanos não consigam escapar."

"Não me lembro muito da noite passada", disse Alex. "Eu estava morrendo de medo e não tinha ideia do que aqueles dois iriam fazer comigo. Mas estou pensando claramente agora. Ninguém se machuca ou vou ligar para Garrett."

"Desacelerar. Ninguém está se machucando. E precisamos controlar melhor esta situação antes de ligarmos para o Sr. Lancaster. Eu já teria deixado esses dois irem, mas queria falar com você primeiro."

"Sobre o que?"

"Eu posso mexer alguns pauzinhos, e nós dois sabemos que Garrett Lancaster é um homem poderoso. Mas mesmo assim, se Bonnie e Clyde decidirem ir à polícia, você estará em apuros, cara.

"Eles tentaram me extorquir."

"Ele disse ela disse. E você tinha a arma, então perderia aquela. Portanto, antes que esse problema fique fora de controle, precisamos descobrir as coisas."

A enormidade de sua situação começou a surgir nela. "Então qual é o plano?"

Leo balançou a cabeça da bola de boliche para frente e para trás. "Eu tenho algumas ideias. Mas não importa o que façamos, essas duas serão variáveis desconhecidas. Agora administro minha própria empresa de investigação privada, mas trabalhei nas Forças Especiais antes de ser policial. Nossos informantes mais imprevisíveis eram idiotas úteis que me lembravam muito aqueles dois. Eles sempre foram um jogo de dados. Eles tinham a capacidade de nos obter qualquer informação que quiséssemos, mas eram voláteis ao mesmo tempo."

Idiotas úteis.

A mente de Alex estava começando a acordar e a disparar depois de doze horas de sono. Uma ideia lhe ocorreu. Bonnie e Clyde, como Leo os chamava, eram exatamente o que ela precisava.

CAPÍTULO 16

Segunda-feira, 5 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra 11h22

O SACO SOBRE A CABEÇA DE DREW ESTES FOI RETIRADO COM UM RÁPIDO puxão, uma porta foi aberta e ele foi empurrado para o beco. A forte luz do sol cegou seus olhos adaptados ao escuro, que não tinham visto nada além de escuridão nas últimas horas. Agora, ele semicerrou os olhos contra o sol enquanto a porta se fechava atrás dele. Ele olhou em volta para se orientar. Ele estava em um beco entre dois prédios em algum lugar de Londres. Ele saiu para a rua e vagou por um tempo até encontrar o caminho para a estação de trem. Ele correu até o balcão de passagens e comprou um assento em Zurique. O tempo estava passando, o homem corpulento lhe dissera, e Drew tinha um prazo a cumprir.

Duas horas depois, Drew Estes embarcou num trem para Paris, onde se transferiria para outro que o levaria de volta à Suíça. Ele tinha três dias para retornar a Londres e resgatar Laverne. O homem corpulento prometeu não machucá-la desde que Drew conseguisse voltar a tempo, e com a informação que o homem pediu a Drew para obter no seu local de trabalho – o Banco Sparhafen de Zurique.

CAPÍTULO 17

Quinta-feira, 8 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra, 16h20.

“VOCÊ GOSTARIA DE OUTRO REFRIGERANTE?” LEÃO PERGUNTA.

Laverne balançou a cabeça. Eles se sentaram em uma mesa em um pub quase vazio. Leo comeu pretzels em uma tigela e assistiu a uma partida de futebol na televisão atrás do bar. Ele ficou de olho na porta da frente. Quando o garçom entregou a pizza, Leo começou a comer.

“Sirva-se”, disse ele a Laverne.

"Eu não estou com fome."

"Você deveria estar, você mal comeu durante toda a semana."

Dez minutos depois, Drew Estes entrou no pub. Ele correu até a mesa e sentou-se ao lado de Laverne, beijou-a e pegou sua mão.

"Você conseguiu, cara!" Leo disse com uma voz jovial enquanto segurava uma fatia de pizza pela metade. “Bonnie não tinha tanta certeza, mas eu tinha fé em você. Como foi a viagem de volta? ele perguntou antes de dar uma mordida.

Nenhuma resposta.

“Foi tão divertido quanto sua viagem aqui na semana passada? Não foi exatamente a mesma coisa, foi?

Nenhuma resposta. Em vez disso, Drew tirou três páginas dobradas do bolso e colocou-as sobre a mesa. “Isso foi tudo que consegui encontrar. Imprimi-o do computador do meu chefe e provavelmente perderei meu emprego por causa disso.”

“Cuidado, cara”, disse Leo enquanto limpava as mãos em um guardanapo. “Você vai me emocionar com uma história triste como essa.”

Leo pegou as páginas e colocou-as no bolso do paletó esporte. Ele não se preocupou em lê-los, pois não tinha certeza do que os documentos deveriam lhe dizer. Leo não precisava saber dos detalhes; ele tinha certeza de que Drew Estes havia conseguido o que Alex buscava. O estúpido filho varão tremulou como uma folha enquanto segurava a mão da namorada. O amor verdadeiro sempre foi fácil de explorar.

“Podemos ir embora?” Drew perguntou.

“Quase”, disse Leo. Ele enfiou o restante da fatia de pizza na boca e falou enquanto mastigava. Ele olhou para Laverne e apontou para a pizza.

"Tem certeza que você não quer, amor?"

Laverne balançou a cabeça, mas Drew pegou uma fatia. Leo deu um tapa na mão.

“Pizza é para mim e Bonnie.”

“Eu já disse a ele mil vezes que meu nome não é Bonnie”, disse Laverne.

“Não”, disse Leo, limpando a boca com o guardanapo antes de enrolá-lo e colocá-lo na bandeja de pizza. “Seu nome é Laverne Parker. Você mora na Kirchstrasse 27, em Zurique. Você tem uma irmã na universidade e pais que moram a trinta minutos de você.”

Leo enfiou a mão no bolso do paletó esporte. Ele tirou duas fotos e as colocou sobre a mesa. Ele apontou um dedo grosso para cada pessoa da primeira foto.

“Paige, Robert e Demi.”

Leo ergueu os olhos das fotos e olhou para Laverne.

“Seus pais e irmã, certo? Então é assim que isso vai funcionar. Se você disser uma palavra a alguém sobre Alexandra Quinlan, sobre ela estar em Cambridge, cursando a universidade, visitando o banco em Zurique, ou qualquer coisa sobre sua visita ao apartamento dela na outra noite, vou fazer uma visita a essas pessoas.

Leo fez uma pausa para permitir que o momento fosse absorvido.

“Depois de visitar seus pais, irei ver sua irmã mais nova. Ela está no terceiro ano na Universidade de Friburgo, certo? Mora em um apartamento fora do campus com outras duas colegas de quarto?

Laverne permaneceu em silêncio. Leo desviou o olhar para Drew e ergueu a segunda foto.

“Então irei ver seu irmão. Ele mora em um apartamento de dois apartamentos em Wallisellen. Höhenstrasse cinco, não é? E seus pais depois disso.

Leo devolveu as fotos ao bolso e colocou os cotovelos sobre a mesa para que seu rosto ficasse a centímetros de Drew e Laverne.

“Essas visitas não serão agradáveis. Eles serão brutais e rudes e, quando eu terminar, nenhum deles será o mesmo. Você entende?"

Tanto Drew quanto Laverne continuaram em silêncio, incapazes de falar.

“Não estou ameaçando machucar sua família se algum de vocês disser uma palavra sobre Alexandra Quinlan. Estou prometendo. Vou machucá-los gravemente.

Leo se levantou.

“Volte para Zurique e esqueça tudo o que passou em Cambridge. Nós nos entendemos?

Silêncio.

“Vou precisar de uma resposta de cada um de vocês para que eu possa dizer ao meu chefe que você entendeu minhas instruções de despedida.”

Ele se inclinou e olhou para Drew. “Você entende, cara?”

“Sim, eu entendo”, disse Drew.

Leo voltou seu olhar para Laverne.

“Sim,” ela sussurrou.

Leo sorriu, endireitou-se e deixou-os sentados aterrorizados na cabine enquanto saía. Por mais de um ano ele observou a garota americana de Garrett Lancaster. Ele entregou uma arma na porta dela uma semana depois que ela chegou a Cambridge e a monitorou semanalmente. Nada muito intrusivo. Apenas o suficiente para acompanhá-la e reportar ao seu chefe nos Estados Unidos. Ele ganhou um belo salário por seus esforços e conseguiu um bom pagamento por este último trabalho. Ele ficou triste ao ver a garota partir. Manter o controle sobre ela era uma fonte de renda fácil e estável. Mas, eventualmente, todas as coisas boas chegam ao fim.

CAPÍTULO 18

Quinta-feira, 8 de outubro de 2015 Londres, Inglaterra, 17h15.

ALEX ESPEROU NO APARTAMENTO DE LEO. O LUGAR ESTAVA FICANDO claustrofóbico depois de tantos dias sem sair. Mas as instruções de Leo foram claras: Alex não deveria sair de seu apartamento até que a situação com Drew Estes e Laverne Parker fosse resolvida. Leo havia saído algumas horas antes, prometendo que tudo acabaria em breve. Pareceu uma eternidade antes que Alex ouvisse o barulho das chaves na porta.

Ela desligou a televisão. "Você entendeu?" Alex perguntou assim que Leo entrou.

Do bolso da camisa, Leo tirou as três páginas dobradas que Drew Estes trouxera de Zurique. Ele os entregou a Alex, que os leu. As páginas continham tudo o que ela tolamente esperara obter de Samuel McEwen em troca da transferência de um milhão de dólares para o banco dele: a data em que a conta foi aberta, o saldo corrente, as transferências de entrada e saída da conta e, na última página, o nome do homem que abriu a conta numerada que seus pais tinham acompanhado. Ela queria sentar e ler e analisar cada detalhe, abrir seu laptop e começar a investigar esse homem e seguir a trilha que essa informação a levaria.

“Você pode ver isso mais tarde”, disse Leo. “Agora, é hora de ir.”

Alex ergueu os olhos das páginas. "Agora mesmo?"

Leo consultou o relógio. “Agora mesmo, cara.”

Alex enfiou as páginas na mochila e colocou-a sobre os ombros. Ela seguiu Leo pelo corredor e desceu um lance de escadas nos fundos do prédio. Ele abriu a porta do beco e ficou de lado para que Alex pudesse passar por ele.

“Tem sido uma aventura”, disse ele. “Um ano chato ou algo assim, mas a última semana foi incrível.”

“Estou feliz que você pense assim”, disse Alex.

Ela parou na porta.

"Obrigado . . . para tudo."

“Boa sorte para você, mocinha. Você é um sobrevivente. Essa é uma qualidade que o levará longe na vida.”

"Vou ver você de novo?"

Leão sorriu. “A menos que você precise de um investigador particular na Inglaterra, provavelmente não, cara.”

“Adeus, Leo, o Britânico.”

“Até logo, Alex, o pistoleiro.”

Alex ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo na bochecha antes de sair do prédio e entrar no beco. A porta se fechou e Alex ficou sozinho. Um Volkswagen parou na rua à sua direita. Depois de um segundo, sua buzina soou. Alex olhou para o veículo, mas não se moveu até que a janela traseira baixou e ela viu Garrett Lancaster. Alex caminhou pelo beco. Ela considerou por um instante que aquilo poderia ser uma extensão de um dos estranhos sonhos que tivera na última semana desde que dera alta ao Smith and Wesson. Mas enquanto ela caminhava em direção ao carro que a esperava, tudo era muito real. A luz do sol projetando sombras em ângulos perfeitos, as rachaduras no concreto sob seus pés, as rugas no rosto de Garrett enquanto ela se aproximava do carro, a gravidade grave em sua voz quando ele falava.

“Vamos”, disse ele. "Entrem."

Alex deu a volta no Volkswagen, abriu a porta e sentou-se no banco de trás ao lado dele. O carro partiu assim que ela fechou a porta.

"Eu não . . . ”, disse Alex, incapaz de encontrar as palavras. "O que você está fazendo aqui?"

“Vim buscar você”, disse Garrett.

“Para me buscar?”

“É hora de voltar para casa.”

"Mas . . . escola”, disse Alex.

Ela vinha contando a mentira há tanto tempo que estava enraizada nela.

Garrett balançou a cabeça. “Talvez a escola tenha sido uma má ideia. Pelo menos, a escola aqui era uma má ideia. Isso não é mais uma opção.”

“Estou sendo expulso da escola?”

“Você está sendo expulso do país, na verdade. Mas as coisas poderiam ter sido muito piores, e ainda poderiam ser, se você não partisse imediatamente.”

“Quão imediato?” Alex perguntou.

“Você pega tudo o que precisa em seu apartamento e depois vamos embora.”

"Hoje?"

"Hoje."

“E depois?”

“Então”, disse Garrett, “eu lhe faço uma oferta.”

“Que tipo de oferta?”

“Uma oferta de emprego.”

Aquele dia, quando Alex saiu do apartamento de Leo, o Britânico, no sul de Londres, marcou a segunda vez em sua curta vida que Garrett Lancaster a salvou.

PARTE III
O retorno

“Onde está Alexandra Quinlan?”

—Tracy Carr

Montanhas Apalaches do Acampamento Montague

Oito semanas a cada verão. Era assim que seu irmão mais velho sempre passava os meses quentes de junho e julho. Desde que ele tinha treze anos, ela via o ano letivo terminar em um dia e seu irmão fazer as malas para o acampamento no dia seguinte. Era assim que os verões sempre funcionavam. Este ano, porém, foi diferente. Este ano, ela tinha treze anos e finalmente tinha idade suficiente para se juntar a ele. O irmão dela faria dezoito anos em julho, e isso marcava seu quinto verão em Camp Montague — o último e o primeiro dela. A emoção começou em maio, assim que o tempo esquentou. Ela sonhava acordada com um verão repleto de canoagem rio abaixo, fogueiras noturnas, filmes na tela grande sob a noite estrelada e milhares de outros destaques dos quais ouvira seu irmão falar ao longo dos anos.

Ela foi no banco de trás e deixou de lado a conversa de adultos dos pais enquanto se dirigiam para as montanhas. Tudo o que ela pôde fazer foi conter sua excitação. Seu irmão mais velho sentou-se ao lado dela e trabalhou duro com indiferença – ele era um veterano do quinto ano de Montague, afinal de contas – mas ela ainda sentia sua excitação. Era surreal imaginar que ela finalmente experimentaria as gloriosas oito semanas no Camp Montague.

Ela não tinha ideia dos terrores que a esperavam lá. Nenhuma ideia sobre o predador escondido nas sombras e salivando com o influxo de recém-chegados. Mas ela logo o faria.

A fogueira começou a diminuir. Ela havia aprendido nas últimas semanas que, quando os conselheiros do acampamento pararam de colocar lenha na fogueira, isso significava que a noite estava chegando ao fim. E quando o fogo se apagou, era hora de ir para a cabana dela e dormir. As crianças mais velhas – do quinto ano – nem sempre seguiram essa regra. Eles ficavam acordados jogando cartas e às vezes roubavam cerveja da geladeira da cabine principal. Seu irmão lhe contara histórias. Algumas noites, os alunos do quinto ano até escapavam de suas

cabines para aventuras noturnas. Mas essas coisas estavam reservadas para as crianças experientes que passaram a maior parte dos verões da infância em Camp Montague. Para ela, a lenta diminuição da fogueira significou apenas o fim de mais um grande dia no acampamento. Pelo menos foi o que aconteceu nas primeiras duas semanas.

Aqueles primeiros dias foram gloriosos e emocionantes. Eles eram tudo o que ela sonhou que Montague seria. E quando o fogo se apagava todas as noites, ela ficava feliz em se esconder debaixo das cobertas e ler enquanto sua colega de quarto dormia. Durante aquela primeira semana, ela teve que superar as dores do crescimento e a saudade de casa. Seu novo livro, Double Crossing, o primeiro Super Mystery de Nancy Drew e Hardy Boys, ajudou, assim como o fato de seu irmão ser uma presença constante no acampamento. No quinto ano, seu irmão era responsável pela organização das atividades dos alunos do primeiro ano e, embora nunca admitisse isso, ela sabia que ele estava de olho nela. Eles não conversaram muito, mas um aceno sutil aqui e um sorriso ali foram suficientes para aliviar a dor de estar longe de casa.

Mas assim que a saudade começou a diminuir, aconteceu. Foi a noite em que sua vida mudou para sempre. A fogueira havia perdido o brilho trinta minutos antes e as crianças começaram a caminhar lentamente em direção às suas cabanas. Depois de voltar para sua cabine, escovar os dentes e vestir o pijama, ela subiu na cama e cobriu a cabeça com as cobertas, depois acendeu a lanterna para ler. Ela ouviu sua colega de quarto terminar de ir ao banheiro e se acomodar na cama. Dez minutos depois que as luzes se apagaram, ela ouviu a respiração profunda de sua colega de quarto adormecida. Ela passou trinta minutos lendo e estava mergulhada na aventura do livro quando a porta de sua cabine se abriu.

Ela congelou debaixo das cobertas e ouviu por um momento. Então ela ouviu passos pesados entrando na cabana. Ela puxou lentamente as cobertas para ver o Sr. Lolland, um dos conselheiros do acampamento, de pé ao lado de sua cama. Vários

líderes de acampamento supervisionaram tudo o que acontecia em Camp Montague. Lolland estava no comando do time do primeiro ano. E agora, esta noite, uma hora depois de a fogueira ter morrido para marcar o fim de um dia de Montague, ele estava parado ao lado da cama dela.

“Eu estava lendo meu livro”, disse ela, preocupada por ter quebrado a regra de apagar as luzes.

“Vamos,” ele disse em um sussurro. “Você tem que vir comigo.”

Ela engoliu em seco. "Onde?"

“Shh.” Ele levou o dedo aos lábios, acenando para a colega de quarto adormecida. "Você tem que vir agora."

Ainda se livrando dos últimos resquícios de saudade de casa, ela encontrou algo reconfortante na interação de um adulto com ela. Mas naquele cenário estranho, quando o resto do acampamento dormia, também era assustador. Ela queria cobrir a cabeça com as cobertas e se perder novamente na aventura que estava lendo, mas Jerry Lolland não se mexia. Ele continuou a encará-la com os olhos vermelhos, respirando alto pela boca. O impasse durou apenas alguns segundos antes que ela empurrasse as cobertas para o lado e se levantasse da cama.

“Boa menina”, disse o Sr. Lolland, colocando a mão na nuca dela e conduzindo-a para fora da cabana.

Ele fechou silenciosamente a porta atrás deles e conduziu-a pelo acampamento. O acampamento, habitado por mais de cem crianças há apenas uma hora, estava agora deserto. As luzes da varanda brilhavam em cada cabana. Ela olhou para as janelas das cabines enquanto ela e o Sr. Lolland passavam, mas estavam todas escuras. Ao longe, o pavilhão principal ainda tinha atividades acontecendo lá dentro. Ela pensou, por um breve momento, em correr até lá. Certamente os outros conselheiros ainda estavam acordados a esta hora da noite e planejando as atividades do dia seguinte. Haveria adultos lá. Haveria ajuda. Dentro do pavilhão principal estaria alguém que não fosse Jerry Lolland.

Como se lesse sua mente, o Sr. Lolland torceu a mão na nuca dela para afastar seu corpo do alojamento principal. Depois de mais alguns passos, chegaram à sua cabana.

“Preciso te mostrar uma coisa lá dentro”, disse ele.

“Dentro da sua cabana?” ela perguntou.

"Sim. Só levará um minuto.”

"Estou em sarilhos?"

“Ainda não”, disse o Sr. Lolland com voz suave. “Mas você ficará se contar a alguém sobre isso. Esta noite é o nosso segredinho.

Ela engoliu em seco enquanto Jerry Lolland a guiava para sua cabine.

Dias de hoje

CAPÍTULO 19

Manhattan, Nova York, domingo, 15 de janeiro de 2023, 20h45.

TRACY CARR DEU OS RETOQUES FINAIS EM SEU ARTIGO, resistiu à vontade de lê-lo mais uma vez para fazer alterações adicionais, anexou-o ao e-mail e clicou em ENVIAR. Sempre havia um momento de pânico depois de enviar um artigo por e-mail para seu editor e saber que estava fora de seu controle. Saber que seu editor poderia ler seu trabalho e achar que o conteúdo era inútil e a escrita amadora. Essa preocupação surgiu de uma mistura irracional de neurose e TOC – a maldição de quase todos os escritores que ela conhecia – mas não de uma experiência vivida. Nos cinco anos em que trabalhou como repórter investigativa no New York Times, seu editor nunca rejeitou nenhum dos artigos de Tracy.

Tracy tinha algum nível de influência como repórter e tinha certeza de que isso ajudava. Depois de divulgar a história sobre os assassinatos da família Quinlan dez anos antes, quando trabalhava como repórter local na Virgínia, Tracy conquistou essa fama e deixou o Channel 2 News de Richmond em busca de pastos mais verdes. Recrutada primeiro pelo lendário apresentador de revista de televisão Mack Carter, Tracy foi correspondente da American Events por vários anos antes de sua ascensão ao estrelato na televisão estagnar quando uma jovem jornalista chamada Avery Mason entrou em cena e ofuscou tudo o que Tracy já havia conquistado no jornalismo. . Avery Mason assumiu o comando da American Events, um show pelo qual Tracy estava na disputa, e o ambiente cruel dos noticiários da televisão provou ser muito assustador para ela. Em vez disso, Tracy adotou e floresceu na nova era da reportagem: a Internet. Suas histórias eram tão poderosas e seu número de seguidores nas redes sociais era tão grande que o New York Times a contratou para escrever sobre o crime. Tracy ganhou elogios por um artigo investigativo que fez sobre o suborno de um senador dos EUA, que incluía Tracy se disfarçando como proprietária de uma pequena empresa, tentando obter incentivos fiscais favoráveis e licenças de construção para fazer seu negócio decolar, tudo em troca de benefícios saudáveis. doações de campanha. Quando a história foi divulgada, o senador acusado foi forçado a renunciar em desgraça.

Escrever para o Times era o trabalho diário de Tracy. Sua verdadeira paixão, porém, era o verdadeiro crime. Mas o trabalho no jornal deu a Tracy uma credibilidade que faltava a muitos de seus companheiros de crimes reais. E escrever para um dos principais jornais do país somou-se à sua plataforma digital. Suas contas nas redes sociais ostentavam cinco milhões de seguidores, e seus vídeos produzidos por ela mesma cobrindo crimes reais eram eventos imperdíveis quando ela os divulgou. Se uma mãe suburbana fosse assassinada ou novos acontecimentos surgissem sobre uma garota desaparecida anos antes, Tracy Carr imediatamente contava a história e oferecia atualizações para seus milhões de seguidores. A melhor parte era que, desde que ela fizesse seu trabalho para o jornal, seu editor não se importava com o que Tracy fazia em seu tempo livre.

Tracy fechou sua conta de e-mail e abriu o editor de vídeo em sua área de trabalho para assistir novamente à filmagem que lançaria naquela noite. Ela atraiu seus fãs com teasers no mês passado, à medida que se aproximava o aniversário de dez anos do tiroteio da família Quinlan, e até voltou para McIntosh, Virgínia, pela primeira vez em anos para capturar a filmagem perfeita. Ela apertou PLAY e assistiu ao clipe para ver se alguma edição de última hora era necessária.

Tracy ficou na frente da casa de dois andares. O cedro ostentava uma nova camada de tinta, aplicada na primavera anterior. Durante todo o verão, o gramado bem cuidado brilhava em um tom verde exuberante, graças a um sistema de irrigação que funcionava como um relógio. Agora, no auge do inverno, uma empresa de limpeza de neve limpava rotineiramente a entrada e a calçada após cada nevasca. Sem qualquer conhecimento prévio da história da casa, seria impossível saber que uma década antes ela foi palco de um triplo homicídio e está vazia desde então.

Tracy levou o microfone à boca e olhou para a câmera.

“Meu nome é Tracy Carr e atrás de mim está a casa infame onde, há dez anos, ocorreu o assassinato brutal da família Quinlan. Naquela noite fatídica, Dennis, Helen e Raymond Quinlan, de treze anos, foram baleados no meio da noite. Fui o primeiro repórter a chegar naquela noite, divulgando uma história que acabaria por abalar não apenas a cidade de McIntosh, na Virgínia, mas o país inteiro.”

Uma transição desbotada levou os espectadores de volta à noite de 15 de janeiro de 2013, onde Tracy Carr, então com 32 anos, entrevistou o vizinho que ligou pela primeira vez para o 911 para relatar tiros disparados dentro da casa dos Quinlan. A filmagem progrediu até a abertura da porta da frente e uma policial feminina - desconhecida na época, mas agora familiar aos fãs do crime verdadeiro como Donna Koppel, a policial que eventualmente forneceria testemunho importante no caso de Alexandra Quinlan versus o estado da Virgínia - caminhando sob as luzes quentes da câmera de televisão de Tracy e dos holofotes que o Departamento de Polícia de McIntosh havia erguido. O policial Koppel conduziu Alexandra Quinlan, com as mãos algemadas nas costas e os olhos vazios em um olhar de mil metros, para fora da casa. Nos dias que se seguiram, a imagem de Alexandra Quinlan apareceu em todos os noticiários do país.

O vídeo desapareceu. O rosto de Alexandra Quinlan ficou lentamente turvo enquanto a filmagem voltava para Tracy Carr.

"Dez anos se passaram desde que fiquei do lado de fora desta casa, sabendo apenas que tiros haviam sido disparados lá dentro. Na altura em que Alexandra Quinlan foi detida, eu só sabia o que o resto do mundo sabia. Mas então comecei a cavar. Logo, descobri detalhes surpreendentes sobre aquela noite. Os olhos vazios que Alexandra ofereceu à câmera continuaram a assombrar aqueles de nós que buscam a verdade. Teria uma adolescente sobrevivido milagrosamente à noite em que um intruso armado entrou em sua casa e matou o resto de sua família? Ou será que aqueles olhos vazios revelaram que Alexandra Quinlan não escapou dos tiros de espingarda que mataram sua família, mas foi quem puxou o gatilho?

Tracy caminhou pela entrada da casa.

"Durante dez anos, as questões surgiram. Durante uma década, a casa dos Quinlan ficou vazia, mas perfeitamente conservada. Sabemos que a propriedade caiu brevemente em execução hipotecária nos meses seguintes aos assassinatos, mas foi comprada por um fundo anônimo. A casa foi meticulosamente mantida desde então. No entanto, quando procuro quem contratou a empresa de paisagismo que faz a manutenção do terreno durante o verão e remove a neve no inverno, ou a empresa contratada para pintar a casa no ano passado, ou a empresa que instalou o sistema de sprinklers, não encontro nada além de becos-sem-saída. Da mesma forma,

quando abordo as empresas de serviços públicos para ver quem paga as contas de electricidade e gás, fico bloqueado.

"Sabemos que a propriedade saiu da execução hipotecária logo depois que Alexandra Quinlan ganhou seu caso contra o estado da Virgínia, um acordo que lhe concedeu milhões de dólares. Suspeitamos que Alexandra esteja por trás da compra anônima, e muitos de vocês, detetives de poltrona em casa, procuraram provas. Mas protegida por uma pequena fortuna e um exército de advogados, Alexandra Quinlan não só conseguiu manter o anonimato, mas também permaneceu escondida durante quase uma década. Ninguém viu ou ouviu falar de Alexandra desde que ela saiu do tribunal no dia em que o júri a tornou uma mulher muito rica.

"Houve relatos de avistamentos desde a Califórnia até Nova Iorque, e até Londres, Inglaterra. Mas cada uma dessas pistas não resultou em exatamente nada. Alexandra Quinlan desapareceu e desapareceu há anos. Apesar dos meus melhores esforços e da busca ininterrupta de muitos de vocês em casa, Alexandra conseguiu permanecer escondida desde então. No aniversário de dez anos do tiroteio, a minha pergunta é esta. . ."

Tracy olhou diretamente para a câmera.

"O que você está escondendo, Alexandra?"

Tracy se afastou da câmera, foi até a porta da frente da casa dos Quinlan e bateu nela. Ela esperou um momento, como se alguém pudesse responder, depois voltou-se para a câmera.

"Ao assinalarmos o décimo aniversário dos assassinatos da família Quinlan, continuamos à procura de respostas. Continuamos em busca da verdade. Continuamos a procurar Alexandra Quinlan. Se ela é a vítima inocente que alegou ser durante o julgamento que lhe rendeu milhões, por que ela se escondeu depois que o caso foi resolvido? Talvez haja uma explicação simples, e é esta: em vez de uma vítima inocente, Alexandra Quinlan é uma assassina implacável que não só escapou impune de um assassinato, mas também de milhões de dólares."

Tracy saiu da varanda da frente até chegar perto da câmera. Sua respiração era um vapor branco no ar frio de janeiro.

"Sou Tracy Carr e prometo a você que, à medida que o décimo aniversário dos assassinatos da família Quinlan vai e vem, passarei todos os dias continuando em busca de respostas. Com sua ajuda, talvez os

encontremos. Com a sua ajuda, talvez encontremos Olhos Vazios. Sabemos que ela está por aí em algum lugar.

Tracy parou o vídeo. Satisfeita, ela carregou o vídeo em suas contas de mídia social. Antes da meia-noite, já havia acumulado três milhões de visualizações. Duas semanas depois, vinte e dois milhões de pessoas assistiram. O mundo, ou pelo menos um canto seleto dele, ainda estava obcecado por Alexandra Quinlan.

CAPÍTULO 20

Washington, DC Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2023, 23h48.

NOS DEZ ANOS DESDE A NOITE FATÍSTICA QUE MUDOU PARA SEMPRE sua vida, a busca ofegante da mídia por Alexandra Quinlan diminuiu e diminuiu. Por vezes acalmou-se completamente à medida que as lentes dos grandes meios de comunicação se voltavam para outros infortúnios e tragédias. Mas o interesse nunca parecia morrer completamente e, desde o início e o fim do aniversário de dez anos, a atividade nos sites de crimes reais tem aumentado. Tracy Carr estava de volta, e os avistamentos de Alexandra Quinlan começaram a surgir novamente. Até agora, porém, as precauções tomadas anos antes, depois de Alex regressar do desastre em Cambridge – quando dois loucos fanáticos por crimes reais a seguiram por toda a Europa e tentaram extorquir-lhe meio milhão de dólares – tinham sido eficazes na sua protecção. anonimato.

A salvaguarda mais forte foi a mudança de nome. Na Administração da Segurança Social, na Receita Federal, no gabinete do secretário de estado de DC e em todos os outros lugares onde era necessária documentação formal, ela era legalmente Alex Armstrong. Soava bem e, com o passar dos anos, Alex até se sentiu confortável com seu novo nome, mas era apenas um dos muitos firewalls erguidos desde seu retorno de Cambridge. A reforma física foi igualmente importante. A apenas alguns anos de seu trigésimo aniversário, Alex estava muito longe de ser a adolescente com cara de bebê que a maioria das pessoas conhecia como Alexandra Quinlan. Hoje, ela estava irreconhecível pela imagem infame da criança de olhos arregalados que saiu de sua casa e foi para as luzes quentes da câmera do noticiário na noite em que sua família foi morta. Essa imagem circulou tão amplamente por todo o país, e pela maior parte do mundo, que ficou gravada na psique do público. Mencione Alexandra Quinlan e a maioria das pessoas evocará essa mesma imagem em suas mentes.

A evolução natural desde a adolescência – o adelgaçamento do seu rosto à medida que a gordura do bebé desaparecia das suas bochechas, o amadurecimento do seu corpo e o envelhecimento juvenil dos olhos e lábios – impediu que o observador casual a reconhecesse hoje. Mas o mesmo aconteceu com as alterações auto-induzidas em seu corpo. Seu cabelo, antes longo e ondulado, agora estava cortado em um corte curto e espetado. As

mechas ruivas desapareceram, substituídas por loiro amarelo. Seus olhos nunca ficavam sem um anel escuro de delineador, e os piercings eram dramáticos e estavam em toda parte - no nariz, na sobrancelha, no lábio e em rebites arqueados ao longo da cartilagem da orelha esquerda. Os óculos que ela usou durante a adolescência e durante todo o julgamento altamente assistido que definiu sua personalidade foram substituídos por lentes de contato que mudaram a cor de sua íris de marrom escuro para azul vibrante. Ela usava batom preto num dia e laranja brilhante no outro, o espectro selvagem de cores escolhidas todas as manhãs com base no seu humor. O plano paradoxal de se destacar foi o que a ajudou a se misturar. Juntos, tudo isso foi suficiente para Alex viver uma existência tranquila na área de DC sem ser reconhecido ou assediado.

É claro que aceitar um emprego como investigador jurídico na Lancaster & Jordan foi outro passo importante. Trabalhar para o escritório de advocacia de Garrett Lancaster permitia um emprego remunerado sem a necessidade de passar por uma verificação formal de antecedentes. O trabalho surgiu quando Alex estava no limite, não tinha para onde ir e estava prestes a transformar sua vida em uma pirueta irrecuperável. A oferta de emprego de Garrett foi sua última chance de encontrar normalidade e equilíbrio em uma vida que estava no limite dois anos depois que sua família foi morta. Se Alex não tivesse encontrado um propósito na Lancaster & Jordan, ela provavelmente nunca o teria encontrado.

Durante seus primeiros anos na empresa, logo após retornar de Cambridge, Alex trabalhou sob a tutela de Buck Jordan, o principal investigador da empresa e irmão do cofundador e sócio sênior da Lancaster & Jordan. Contratado na fundação da empresa, Buck possuía o mandato mais longo de qualquer funcionário. Ele vinha perseguindo pistas para Lancaster & Jordan há mais de duas décadas. Um terço de sua vida foi gasto seguindo suspeitos, tirando fotos de reconhecimento, registrando horas em vigilância e completando sua cota de pesquisas sobre a oposição. Buck Jordan havia se esquecido mais sobre a lei do que os novatos arrogantes que ingressaram no escritório logo após a faculdade de direito jamais aprenderiam. E tudo o que Buck sabia, ele ensinou a Alex. Ela se tornou sua protegida. Anos antes, Buck Jordan tinha sido fundamental no fornecimento de pesquisas sobre a oposição quando Garrett Lancaster perseguiu o Departamento de Polícia de McIntosh e o gabinete do promotor

público do condado de Alleghany durante o caso de difamação de Alex. Alex estava feliz por estar sob sua tutela. A educação era prática e continua até hoje, e foi por isso que Buck a acompanhou na vigilância daquela noite.

Alex sentou-se ao volante de seu SUV, estacionado em frente a um parquímetro que ela alimentava há horas, e focou a lente de sua Nikon COOLPIX P1000 na entrada principal do prédio do outro lado da rua. Sua perna direita estava começando a ficar dormente quando a meia-noite se aproximava. Mas a espera não a incomodou, o agravamento do seu nervo ciático foi ignorado e Alex considerou a transição formal de hoje para amanhã simplesmente como o início da noite. Com 28 anos e movida pela rebelião, pelo arrependimento e pela Red Bull, foi preciso mais do que uma longa e chata vigilância para desencorajá-la.

O objeto dela apareceu através das lentes da Nikon quando o homem saiu do prédio. Buck sentou-se no banco do passageiro e ergueu os olhos do telefone quando Alex começou a tirar fotos.

“Encontramos nosso homem”, disse Buck. “Você está conseguindo fotos nítidas do rosto dele?”

“Não”, disse Alex. “Só os sapatos dele.”

“Sempre o espertinho.”

Assim que o assunto estava fora de alcance, Alex entregou a câmera a Buck. Sua vigilância havia terminado oficialmente. Agora era hora de começar a trabalhar.

Garrett a colocou no caso Byron Zell para obter informações, e ela não tinha intenção de decepcioná-lo.

CAPÍTULO 21

Washington, DC Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2023, 23h56.

UMA DAS MUITAS RESPONSABILIDADES DOS INVESTIGADORES DA EMPRESA era investigar clientes em potencial para determinar se eles eram inocentes dos crimes de que foram acusados ou tão culpados quanto o pecado. Era prática comum na defesa criminal nunca perguntar aos clientes sobre a sua culpa ou inocência. Se um advogado tivesse que perguntar, isso significava que eles tinham dúvidas. E se tivessem dúvidas, não conseguiriam montar uma defesa viável. Mas na Lancaster & Jordan a pergunta era desnecessária. Cada cliente era inocente até que sua culpa fosse comprovada, e a empresa contava com vários investigadores para verificar isso.

O ex-empregador de Byron Zell o acusou de desviar fundos da empresa, e o Sr. Zell abordou Lancaster & Jordan em busca de representação legal depois que ele foi demitido e acusado. Vice-presidente executivo com quase duas décadas de lealdade à sua empresa, Zell negou veementemente as acusações durante sua consulta inicial com Garrett Lancaster. Alex foi encarregado de investigar o Sr. Zell. O caso era tecnicamente dela, e somente dela, mas como era comum com o mentor e a protegida, ela e Buck trabalhavam rotineiramente nos casos juntos. Oito anos depois, Alex não precisava mais de supervisão, ela apenas preferia a companhia.

Seu objetivo era aprofundar-se o suficiente na vida de Byron Zell para determinar — não de forma inequívoca, mas quase — se ele era um homem inocente lutando por seu sustento ou tão culpado quanto o pecado. O processo pelo qual Alex realizou essa tarefa caiu na nebulosa área moral da investigação legal, cujas especificidades foram deixadas à imaginação de cada investigador. Alex Armstrong tinha uma imaginação ativa.

Alex acreditava que as finanças de Zell eram o melhor lugar para começar a mergulhar na vida do homem. Zell já havia entregado documentos financeiros à Lancaster & Jordan, e Alex passou a semana anterior vasculhando as contas bancárias, os investimentos e os ativos do homem. Até agora, tudo o que Byron Zell apresentou a Lancaster e Jordan estava em alta. Mas Alex não esperava encontrar nada de nefasto nos documentos que Zell forneceu voluntariamente à empresa. Se o homem

estivesse escondendo alguma coisa, estaria em seu computador pessoal, e Alex estava prestes a dar uma olhada.

Assim que Zell desapareceu na esquina do prédio, Alex puxou o boné até os olhos.

“Você praticou na fechadura?” Buck perguntou.

"Sim."

"Quanto tempo?"

“Toda a noite passada.”

“Não, quanto tempo para escolher?”

“Menos de dois minutos.”

Buck assentiu. “É melhor você se apressar.”

Alex abriu a porta e atravessou a rua. A verificação dos clientes foi fundamental para ganhar casos e nenhuma lei poderia ser violada no processo. Garrett foi explícito sobre isso com Alex durante sua entrevista formal com a empresa. A empresa precisava saber a verdade sobre clientes potenciais, mas essa verdade precisava ser obtida legalmente. Garrett deu-lhe um sermão sobre isso uma vez. Ele explicou as regras da empresa e as ramificações da obtenção ilegal de informações durante sua entrevista de admissão, uma reunião que incluiu Jacqueline Jordan – sócia de Garrett e outro membro fundador da empresa – e Buck Jordan. Garrett disse isso a ela para registrar e nunca mais mencionou isso. Em vez disso, ele libertou Alex aos 21 anos para aprender os truques do comércio com o lendário Buck Jordan, um homem que violou mais leis na busca pela justiça do que qualquer um dos clientes que Lancaster & Jordan representava.

Ao longo dos anos, Garrett nunca perguntou sobre os métodos que Alex usava para reunir as informações que ela fornecia. Nos primeiros dias de seu emprego, Alex presumiu que o silêncio de Garrett era um sinal de sua confiança. Anos mais tarde, depois de testemunhar em primeira mão as travessuras dos bastidores de seus colegas investigadores, ela sabia melhor. Garrett não perguntou porque não queria saber.

A situação de Alex na Lancaster & Jordan era complicada. Alex tinha uma necessidade indefinível de impressionar Garrett, e isso a forçou a realizar um delicado ato de equilíbrio que não incomodava nenhum outro investigador da empresa. Ela estava disposta a quebrar regras e leis, mas nunca colocaria Garrett em perigo. O relacionamento deles era complexo e

teve origem no momento em que Garrett invadiu a sala de interrogatório na noite em que sua família foi morta.

Ela tinha apenas dezessete anos quando Garrett e Donna Lancaster entraram em sua vida. Sem seus pais, sem outra família para acolhê-la e com a única casa que ela conheceu isolada com fita adesiva da cena do crime, ela não tinha para onde ir. Garrett e Donna convenceram um juiz a conceder-lhes a custódia temporária (e anônima). Como a sua provação começou quando Alex era menor de idade e ainda continuava quando Alex completou dezoito anos, os termos da sua libertação da detenção juvenil incluíam estipulações sobre orientação e supervisão. Alex concordou em ficar com os Lancasters quando eles se ofereceram para acolhê-la. Seu processo judicial contra o estado da Virgínia começou alguns meses depois, levado às pressas para julgamento pela natureza flagrante do que havia acontecido e pelo poder legal da lei de Garrett Lancaster. empresa. Durante todo o julgamento, ninguém na mídia descobriu que Alex estava hospedado com o advogado que a representava. E muitos anos depois, ninguém percebeu que ela estava trabalhando para o mesmo homem que salvou sua vida.

Enquanto Alex atravessava a rua apressadamente, ela sabia que o acesso ao prédio não seria fácil, mas estava longe de ser impossível. Ela só precisava seguir o plano. Ela havia feito uma revisão no dia anterior e estava confiante de que teria uma navegação tranquila esta noite. Pelo menos chegando até a porta do apartamento de Zell. Lá, ela precisaria confiar nas habilidades aprendidas durante seu aprendizado com Buck Jordan se quisesse progredir. Ela passou pela entrada da frente e dobrou a esquina para entrar no estacionamento. Ela usou um cartão-chave roubado no dia anterior para ter acesso, depois se esgueirou pelos corredores dos carros até chegar ao elevador de serviço, onde digitou o código de quatro dígitos (também roubado) que permitia o acesso. Alex presumiu que seus movimentos estavam sendo registrados pelas câmeras de segurança penduradas em todos os cantos da garagem. Ela estava confiante de que o boné, os óculos escuros e a capa de chuva extragrande da Columbia camuflariam seu tamanho e sexo. Ela também estava confiante de que as câmeras de segurança do trigésimo oitavo andar haviam sido desativadas.

Como a polícia e a imprensa incineraram a sua antiga vida — e todas as amizades do liceu —, os seus únicos amigos hoje vinham dos setenta e um

dias que passara na detenção juvenil. Era um parentesco formado por um grupo de aliados improváveis, forçados a lutar uns pelos outros dentro de Alleghany assim que as luzes se apagassem e os verdadeiros delinquentes vagassem pelos andares. Esses relacionamentos duraram e incluíam uma pequena lista de pessoas que estavam mais do que dispostas a aceitar biscates de Alex quando ela precisava de algo obscuro. Para a missão daquela noite, ela pagou mil dólares a um de seus amigos do reformatório para pintar as câmeras de segurança do trigésimo oitavo andar, onde ficava o apartamento de Byron Zell. Se ele ajudasse ela, e ela sabia que ele faria isso, ele estaria saindo do trigésimo oitavo andar agora mesmo.

Depois de abrir as portas sanfonadas do elevador, ela deu uma rápida olhada na garagem para confirmar que estava sozinha e entrou. Um minuto depois ela saiu no sexto andar, tão alto quanto aquele elevador em particular subia. Ela havia traçado sua rota no dia anterior – primeiro com uma cópia da planta do prédio, que baixou do site do condado, e depois com um passo a passo prático – e agora serpenteava facilmente pelo labirinto de salas de serviço. Perto da meia-noite, a equipe de zeladoria era escassa e Alex não encontrou oposição enquanto corria de sala em sala. Ela finalmente empurrou uma porta e saiu para o corredor principal. Um elevador de passageiros padrão estava logo ali na esquina. Ela apertou o botão de chamada e esperou apenas alguns segundos para que as portas se abrissem. Lá dentro, ela apertou o botão do trigésimo oitavo andar e manteve a cabeça baixa, usando a aba do boné para proteger o rosto da câmera de segurança do elevador. Menos de dez minutos depois de ver Byron Zell sair do prédio, Alex estava parado na frente da porta do apartamento do homem.

Em sua visita de reconhecimento, Alex se vestiu de zelador e se misturou ao grande número de pessoas contratadas para limpar e manter o prédio. Durante uma varredura no trigésimo oitavo andar, Alex tirou uma foto da porta do apartamento de Byron Zell e passou o resto da noite inspecionando a fechadura para ver o que ela estava enfrentando. Agora ela tirou um estojo de couro do bolso de trás. As ferramentas para arrombar fechaduras, originalmente oferecidas a ela por Buck em seu aniversário de um ano na empresa, serviram-lhe muito bem ao longo dos anos. Muitos anos depois, a pequena pasta de couro parecia familiar e confortável em suas mãos.

Ela puxou a chave tensora do aparelho e escolheu a palheta de tamanho adequado, determinada durante sua pesquisa na noite anterior; inseriu a chave inglesa no centro da fechadura da porta; torceu ligeiramente para a esquerda; e manteve uma pressão constante sobre ele. Então ela inseriu a palheta acima da chave inglesa e começou a trabalhar no quebra-cabeça que havia dentro dela. Arrombar uma fechadura era apenas isso: um quebra-cabeça. Em vez de peças de quebra-cabeça espalhadas, o enigma de uma fechadura era descobrir a ordem de ligação dos pinos de travamento e quanta pressão era necessária para ajustá-los. Tentar fazer isso em uma fechadura nunca antes trabalhada era chamado de arrombamento às cegas, e Alex tinha muita experiência com isso.

Esta fechadura em particular tinha cinco pilhas de pinos. Ela fechou os olhos e moveu a picareta para cada pilha, procurando aquela que apresentava maior resistência. Assim que a encontrou, a segunda pilha neste caso, ela dobrou a palheta para cima para colocar a chave superior até ouvi-la encaixar no lugar. Ela voltou para a primeira pilha e começou de novo, desta vez encontrando a nova resistência no quarto pino. Ela o colocou no lugar com um movimento suave do pulso. Repetindo o processo para cada um dos cinco pinos, demorou pouco mais de três minutos até que ela colocasse cada um deles no lugar. Ela girou a chave tensora, agarrou a maçaneta da porta do apartamento de Byron Zell e pressionou o polegar no trinco. A porta se abriu como mágica.

Lá dentro, ela colocou as ferramentas de volta na carteira de couro e as guardou no bolso. O apartamento estava escuro e ela levou um momento para permitir que seus olhos se ajustassem. Então, ela enfiou as mãos em um par de luvas de látex enquanto se arrastava pelo apartamento. Ela estava atrás de uma coisa, e apenas uma coisa: os registros financeiros de Byron Zell. Usando uma pequena lanterna para guiá-la, Alex encontrou o escritório do homem, sentou-se atrás da mesa e ligou o computador. A tela ganhou vida e iluminou a sala com um brilho azul misterioso. Sua primeira sorte foi que o Sr. Zell não protegeu seu computador com senha. Percorrendo seus arquivos, ela estava na pasta de documentos financeiros de Zell alguns minutos depois. Não houve tempo para lê-los, mas esse nunca foi o plano. Copiar os arquivos era muito arriscado, pois ela poderia deixar uma impressão digital no processo. O plano de Alex era muito mais simples e deixava apenas Byron Zell como cúmplice.

Alex rapidamente se conectou à conta de e-mail do homem, que estava sincronizada com senha. Compondo uma nova mensagem, Alex anexou cada documento financeiro ao e-mail, endereçou-o a Garrett Lancaster da Lancaster & Jordan e intitulou o e-mail Documentos Privados para Sua Revisão. No corpo do e-mail, Alex digitou uma única frase:

Sr. Lancaster, em anexo estão os documentos que solicitou.
—Byron Zell

Alex enviou o e-mail e desconectou-se do computador no momento em que seu telefone tocou.

“Sim,” ela sussurrou quando levou o telefone ao ouvido.

“Ele está de volta”, disse Buck. “Você precisa se mover.”

"De volta, o que significa?"

“Ele acabou de entrar no saguão. Ele provavelmente já está no elevador.

“Merda, Buck! Você acabou de vê-lo? Ele apareceu do nada?

“Grite comigo mais tarde. Mas agora, dê o fora daí, Alex!

Alex encerrou a ligação, colocou o telefone no bolso e colocou o computador em hibernação. Ela colocou a cadeira de volta no lugar e correu pelo apartamento. Ela verificou se a fechadura estava travada depois que a porta clicou atrás dela, depois limpou a maçaneta com um pano e correu em direção ao elevador. Quando ela estava prestes a apertar o botão de chamada, o elevador tocou, indicando uma chegada vinda do saguão. Ela se virou e correu pelo corredor, empurrando a porta da escada no momento em que Byron Zell apareceu no corredor. Alex evitou que a porta fechasse totalmente e olhou pela fenda entre a porta e o batente. Ela observou Zell caminhar pelo corredor, afastando-se de onde ela se escondia na escada, inserir a chave na fechadura e entrar em seu apartamento. Assim que ele entrou, ela permitiu que a porta da escada se fechasse antes de descer correndo os degraus até o andar de baixo. Lá, ela entrou no corredor e pegou o elevador para descer até o sexto andar. Ela voltou pelas salas dos zeladores, pegou o elevador de serviço até o estacionamento e um momento depois estava na rua principal. Ela abriu a porta de seu SUV, sentou-se ao volante e olhou para Buck.

“Você fez isso de propósito, não foi?”

"O que você está falando?"

“Você esperou até que Zell estivesse no saguão antes de me ligar.”

“Claro que não”, disse Buck em um tom falso, destinado a transmitir seu choque com a acusação. “Eu me distraí, só isso.”

"Besteira. Buck Jordan não se distrai durante as vigias.”

Buck apenas sorriu de volta. Alex balançou a cabeça e ligou o motor antes de engatar a marcha do SUV.

“Eu poderia ter usado um minuto extra”, disse ela. “Quase esbarrei com ele no elevador.”

"Como você fez o contrário?"

Alex assentiu. “Consegui tudo o que precisávamos.”

“Então eu diria que foi uma noite de sucesso na hora certa.”

CAPÍTULO 22

Manhattan, Nova York, sexta-feira, 3 de março de 2023, 9h20

LAURA MCALLISTER ESTAVA TÃO NERVOSA COMO O INFERNO QUANDO SENTADA NO SET de Wake Up America, o programa matinal número um do país. Ela mal conseguia acreditar que estava sentada em frente a Dante Campbell, a rainha da televisão matinal. No início da manhã, quando Laura chegou aos estúdios da NBC, o apresentador do programa a instalou na sala verde. Em pouco tempo, Dante Campbell passou pela porta para se apresentar e dar as boas-vindas a Laura no set. Agora, as luzes cegavam e sua pele estava quente. Suas axilas estavam pegajosas e a blusa grudava nas costas. Sua boca estava seca como algodão e ela pensou em pegar o copo de água que os produtores haviam colocado na mesa ao lado dela, mas temia que o copo escorregasse de suas mãos úmidas. Em vez disso, ela olhou para a câmera de televisão exatamente como foi treinada para fazer e tentou respirar com calma, esperando que, quando falasse, sua voz não tremesse e suas palavras não ficassem presas em sua garganta.

O produtor gritou instruções de último segundo e Laura ouviu uma contagem regressiva começar. Então, de repente, o set ficou em silêncio, exceto pela voz de Dante Campbell.

“O jornalismo é uma área de especialização popular nos campi americanos”, disse Dante Campbell para a câmera em seu tom perfeito e praticado. “Mais de quinze mil estudantes se formam todos os anos em programas de quatro anos com a esperança de entrar no mundo do jornalismo. Quando as especialidades de comunicação são incluídas no total, o número é ainda maior. Eu mesmo já me formei em jornalismo e estou aqui hoje por causa do caminho que escolhi na faculdade. Mas a face do jornalismo está mudando. As redes sociais estão a permitir que uma maior variedade de vozes sejam ouvidas e alguns jornalistas estão a divulgar histórias de formas que não eram possíveis há apenas alguns anos. Podcasts, substacks e outros meios de comunicação não tradicionais estão permitindo que os jornalistas contem suas histórias e alcancem seu público de maneiras novas e únicas.

“Laura McAllister é um exemplo perfeito. Laura está no último ano da McCormack University, uma pequena escola de artes liberais situada no

coração de Washington, D.C. Apenas mil e quinhentos estudantes frequentam a McCormack University, e é por isso que a história de Laura é tão impressionante. Quando caloura, Laura liderou um pequeno programa de rádio universitário chamado The Scoop, que originalmente pretendia ser um programa casual sobre fofocas e cultura pop que alguns de seus amigos pudessem ouvir. Hoje, Laura está no último ano e o The Scoop é muito mais do que um programa de rádio universitário. Laura conseguiu transformar seu pequeno show em algo ouvido em todo o país, e estamos muito felizes por tê-la conosco esta manhã."

Dante tirou o olhar da câmera e olhou para sua convidada.

"Laura, bem-vinda ao show."

"Obrigado. É ótimo estar aqui."

As palavras saíram com clareza e sem gagueira.

"Você se tornou o epítome de fazer uma voz pequena ser ouvida, e ouvida em voz alta. O Scoop transmite de um pequeno estúdio no campus de uma pequena universidade. Você e a McCormack University tiveram a gentileza de permitir que nossa equipe entrasse no estúdio na semana passada para fazer algumas filmagens. Mas apesar do tamanho pequeno do seu microfone, muitas pessoas estão ouvindo o que você tem a dizer."

"Tive muita sorte de ter esse apoio da escola e de algumas das histórias que cobri serem amplamente distribuídas."

"E é sobre isso que gostaria de falar convosco esta manhã: a distribuição de notícias e informações hoje em comparação com anos atrás, e a forma como as redes sociais estão a mudar o jornalismo. Décadas atrás, a maioria das pessoas recebia as notícias no noticiário noturno ou no jornal local. As notícias a cabo expandiram esse meio na década de noventa. O advento da Internet mudou mais uma vez o panorama das notícias. E agora as mídias sociais estão repavimentando a rodovia da informação."

Dante Campbell olhou para a ficha em seu colo.

"Durante seu segundo ano, você produziu um programa destacando as maneiras pelas quais as faculdades e universidades podem tornar a vida no campus e a experiência universitária como um todo mais segura para as estudantes do sexo feminino. Você conseguiu entrevistas com uma ampla gama de especialistas que não apenas apontaram os perigos inerentes aos campi universitários, mas também ofereceram ideias sobre como resolvê-los. Através do boca a boca, esse episódio se espalhou da Universidade

McCormack para outros campi. Eu ouvi sobre isso e criei um link para ele em minhas próprias contas de mídia social. Hoje, muitas universidades, incluindo a McCormack, adotaram todo ou parte do Projeto Porto Seguro que vocês solicitaram. Uma estratégia importante do Safe Haven consiste em motoristas contratados pela universidade e com experiência comprovada para transportar estudantes de locais fora do campus de volta aos dormitórios – uma ideia que foi adotada por faculdades em todo o país. É uma conquista notável quando você considera que seu episódio, baseado apenas na largura de banda do estúdio, foi planejado para atingir os mil e quinhentos estudantes que frequentam a Universidade McCormack, mas chegou a quase todos os campi do país."

"Sim", disse Laura. "Ainda estou impressionado com o tamanho desse episódio e com a ampla adoção do Projeto Porto Seguro. Estou muito orgulhoso desse episódio e grato por tantos administradores terem podido ouvi-lo. Não apenas ouça, mas ouça o conteúdo e aja. E gostaria de transmitir minha gratidão a você por criar um link para minha história e apresentar o The Scoop a seus seguidores.

Dante sorriu. "Claro. Foi uma história importante e poderosa. Você está no último ano da Universidade McCormack. Onde você se vê após a formatura e que papel você vê as mídias sociais desempenhando em sua carreira?"

"Depois da formatura, me vejo buscando alguma forma de reportagem investigativa. Onde isso acontecerá e de que forma, ainda não tenho certeza. No que diz respeito às mídias sociais, acho que há muitas armadilhas, com certeza. Especialmente para crianças mais novas e meninas, em particular. Mas também acredito que, se usadas corretamente, muitas coisas boas podem advir dessas plataformas. Fiquei perfeitamente feliz em transmitir meu pequeno programa de rádio do campus para qualquer pessoa da Universidade McCormack que quisesse ouvir. Mas estou emocionado por ter encontrado um público maior e entendo que com um número maior de seguidores vem mais responsabilidade de relatar não apenas histórias interessantes, mas também histórias precisas."

"E isso é um pivô para você. Você se descreveu como uma fofoqueira. Acho que o termo que você usou foi 'Pop-goss' para descrever fofocas populares que você frequentemente cobre em seu programa."

“Sou viciado em cultura pop e não acho que isso vá mudar. Uma grande parte do meu público adora a abordagem da série sobre a cultura pop, e não vejo isso mudando. Mas sim, depois que minha plataforma começou a crescer e mais pessoas começaram a ouvir as histórias detalhadas que eu cobria, tive que mudar. Mas foi natural para mim. Nunca quis ser repórter de entretenimento. Sempre planejei cobrir tópicos mais contundentes. A questão da segurança no campus foi apenas a primeira de, esperançosamente, muitas mais.”

“O que é uma ótima transição para minha próxima pergunta. O que podemos esperar de você e do The Scoop durante seu último semestre na McCormack U?”

“Uma coisa boa de ser um estudante jornalista, em vez de um verdadeiro jornalista, é que posso escolher o que vou reportar, e faço isso sem prazos. Tenho algumas coisas planejadas para o The Scoop antes de me formar.”

“Alguma dica?”

Laura sorriu. “Acho que você terá que sintonizar para ver.”

“Falou como um verdadeiro jornalista. Que bom ter você no programa, Laura. Mantenha o bom trabalho. E mal posso esperar para ver qual história de grande sucesso você cobrirá a seguir.”

Mais tarde naquela manhã, as contas de Laura McAllister nas redes sociais ultrapassaram um milhão de seguidores. Ela estava, de fato, se tornando uma força a ser reconhecida.

CAPÍTULO 23

Washington, DC Sábado, 4 de março de 2023, 23h58.

ERA TARDE DA NOITE DE SÁBADO QUANDO A MENINA SE ENCONTROU sozinha num quarto escondido da casa da fraternidade. Não sozinha – ela estava com um cara – mas longe dos amigos com quem ela foi à festa da fraternidade. Ela se lembrou de uma escada escura, de pés arrastados e do cara rindo e incentivando-a. Ela se lembrou de uma mão debaixo do braço, ajudando-a a subir as escadas porque suas pernas estavam fracas e seu equilíbrio estava perdido. Ela não tinha bebido muito, mas, para começar, tinha uma tolerância baixa, então era possível, ela tentou se convencer, que tivesse exagerado. Ela geralmente optava por chás fortes e com gás porque tinham um gosto bom e não eram mais fortes que cerveja. Naquela noite, porém, na festa da fraternidade, ela aceitou um copo vermelho Solo cheio de ponche, servido em um tanque gigante atrás do bar. Agora, seus pensamentos estavam nublados e a sala girava. O rosto do cara que a trouxe aqui estava turvo e ondulado. Sua voz estava distorcida como se ele estivesse falando debaixo d'água.

Ele ergueu o braço dela pressionando suavemente seu cotovelo, levando até sua boca a mão que segurava a xícara Solo. Ele disse a ela para beber. Apesar de sua relutância em beber mais ponche, ela obedeceu. Ela não conseguia lembrar o nome do cara agora. Ela e suas amigas decidiram no último minuto ir à festa da fraternidade fora do expediente, e o cara com quem ela estava agora a encontrou perto da pista de dança. Ele flertou com ela por um tempo e logo ela estava conversando com ele no canto enquanto seus amigos se misturavam. Agora, de alguma forma, inexplicavelmente, ela estava sozinha com ele, apesar de não conseguir se lembrar exatamente como havia chegado ali.

Ela o sentiu beijar seu pescoço. A barba por fazer em seu queixo a assustou. Ela se forçou a rir apesar de estar apavorada e tentou levantar a mão para afastá-lo. Os músculos de seus braços, porém, estavam fracos demais para afastá-lo. Ela tentou novamente, com o mesmo resultado, e sentiu como se estivesse em um sonho do qual não conseguia acordar. Ela engoliu em seco enquanto o cara continuava a beijar seu pescoço e depois seus lábios. Ele enfiou a língua em sua boca e tudo que ela queria era fugir

dele. Então ela o sentiu pressionar seus ombros para trás. Ela tentou resistir quando ele a empurrou para o sofá.

* * *

Ela acordou no chão, o carpete arranhando sua bochecha. Quando ela abriu os olhos, ficou atordoada pela fotofobia e por uma dor de cabeça que emanava de trás dos olhos e doía profundamente em seu cérebro. A primeira coisa que ela notou, quando a sensibilidade à luz diminuiu, foi que ela não estava usando calças. Desorientada e mortificada, ela sentou-se e cobriu-se com as mãos. Seu sutiã ainda estava colocado, mas a blusa estava puxada sobre os seios. Sua calça jeans estava amontoada ao lado dela e sua calcinha enrolada no tornozelo esquerdo.

Ela se abaixou rapidamente para puxá-los para cima, lutando contra uma segunda onda de dor na cabeça antes de perceber a dor aguda entre as pernas. A adrenalina permitiu que ela ignorasse o desconforto enquanto ela pegava a calça jeans e a vestia. Ela olhou em volta e tentou descobrir onde estava. Fragmentos de memória da noite anterior voltaram para ela. A festa. A casa da fraternidade. Seus amigos na pista de dança, bebendo e se divertindo. Mas então sua memória acabou. Não desapareceu nem faltou segmentos; desapareceu completamente. Ela não conseguia se lembrar de nada depois da pista de dança. Não sobre seus amigos, ou sobre como ela veio parar aqui – no chão ao lado de um sofá, no que parecia ser um quarto dentro da casa da fraternidade.

Ficar de pé foi difícil devido à dor de cabeça e à dor entre as pernas. Algo estava errado e ela temia o pior. Ela procurou os sapatos, mas abandonou a busca para atender à urgência que sentia de sair de casa. Ela caminhou até a porta e a abriu para encontrar um corredor que levava a uma escada. Ela subiu as escadas com cautela, colocando uma mão no corrimão e a outra sobre o abdômen enquanto descia. Quando ela abriu a porta no final do patamar, a brilhante luz do sol da manhã assaltou seus olhos com uma agonia lancinante que perfurou sua cabeça. Seus ouvidos zumbiram. Lá fora, ela se orientou, percebendo que havia saído da casa da fraternidade para o estacionamento dos fundos. O apartamento dela ficava a dois quarteirões de distância, e ela foi até lá com cuidado. Quando chegou ao estacionamento de seu complexo de apartamentos, ela tirou as chaves do carro do bolso da calça jeans, segurou o chaveiro acima da cabeça e apertou o botão várias vezes até ouvir a buzina do carro. Apertando os olhos contra

a luz do sol, ela cambaleou até o veículo, abriu a porta e caiu no banco do motorista.

Dez minutos depois, ela entrou na sala de emergência e se aproximou da recepção. Ela ficou feliz ao ver uma mulher atrás do balcão. De repente e inexplicavelmente, ela se preocupou menos com sua aparência desgrenhada – cabelos desgrenhados, maquiagem borrada e sem sapatos – do que se um homem a tivesse cumprimentado.

“Oi”, disse a mulher com preocupação. “Como podemos ajudar você, querido?”

“Sou estudante na Universidade McCormack. . . .” A garota engoliu em seco enquanto lágrimas enchiam seus olhos e escorriam por seu rosto. “Acho que fui estuprada ontem à noite.”

CAPÍTULO 24

Washington, DC Segunda-feira, 6 de março de 2023 9h10

LARRY CHADWICK FOI UNGIDO. EMBORA NÃO ACHAMADO pelo próprio Deus, o honorável Lawrence P. Chadwick, do Tribunal de Apelações dos EUA para o Distrito de Columbia, foi convocado pelo presidente dos Estados Unidos, e isso foi por pouco. Rumores surgiram e desapareceram ao longo dos anos sobre o nome de Larry ser adicionado à pequena lista de possíveis indicados para a Suprema Corte sempre que surgisse a próxima vaga, mas Larry tinha visto muitos de seus colegas depositarem muita esperança em probabilidades tão improváveis. Tanto, aliás, que, ao serem preteridos na nomeação, o arrependimento atrapalhou suas carreiras. O objetivo de Larry nunca vacilou: fazer o trabalho, fazê-lo bem e honestamente. E quando a honestidade não foi possível – e houve muitos casos em que não foi – cubra seus rastros bem o suficiente para que qualquer comitê de supervisão que decidisse dar uma olhada não encontrasse nada.

Ao subir pelos tribunais, Larry tinha consciência de que os olhos da elite e dos poderosos do país observavam cada movimento seu, avaliavam seu caráter e registravam suas decisões em algum banco de dados invisível que pesava os prós e os contras de suas opiniões, posições. e política. Ele desempenhou o papel e agiu despreocupado com aqueles que marcavam o placar. Ele manteve seu plano, acreditando que algum dia, talvez, seu nome apareceria. Esse dia finalmente chegou.

Larry foi selecionado para preencher a vaga mais recente na Suprema Corte, aberta quando Jonathan Miller morreu no mês anterior. A morte do juiz Miller não foi uma surpresa. Oitenta e oito anos e obeso, o homem lutou contra o diabetes durante toda a sua vida adulta. Nem mesmo um diagnóstico de câncer de pâncreas poderia motivar o homem a renunciar. Um teimoso sulista da velha escola, ele lutou durante dois anos de quimioterapia sem perder um dia de trabalho antes de morrer durante o sono.

A saúde debilitada do juiz Miller era há muito tempo um tema de discussão política, e a nova administração assumiu o cargo com uma lista de potenciais candidatos para substituí-lo. Doze indicados compuseram a lista, mas a maioria foi apenas para exibição. Os candidatos eram

diversificados e distintos e ofereciam esperança a quase todos os grupos demográficos votantes. Quando a lista foi resumida, porém, apenas alguns indicados chegaram ao topo. Lawrence P. Chadwick foi um deles.

Larry cancelou sua agenda para a tarde e agora estava do lado de fora de seu escritório em DC, vestindo um terno cinza e gravata azul-marinho. O SUV preto com vidros escuros parou no meio-fio e Annette Packard, a agente especial do FBI designada para vasculhar sua vida, desceu do banco do passageiro.

“Larry,” Annette disse enquanto caminhava em direção a ele com a mão estendida. "Bom te ver de novo."

Larry apertou a mão da mulher. “Você também, Annette.”

Eles compartilharam o mais falso dos relacionamentos falsos. Eles fingiam gostar um do outro, quando na verdade cada um deles tinha interesse em ver o outro fracassar. Annette Packard foi a guardiã de seu lugar na Suprema Corte. Seu trabalho era examinar a vida de Larry e encontrar toda e qualquer transgressão que pudesse torná-lo uma má escolha como candidato presidencial. O trabalho de Larry era garantir que ela não encontrasse nada.

“Vou informá-lo no caminho”, disse Annette, abrindo a porta traseira do SUV do governo para Larry entrar.

Larry sentou-se ao lado de um homem de aparência séria, vestindo um terno Brooks Brothers, compre um e leve outro. O motorista no banco da frente parecia usar um terno idêntico.

“Senhor”, disse o homem com um leve aceno de cabeça enquanto Larry se acomodava.

Larry deu um sorriso estranho quando o SUV parou no meio-fio. Annette se virou para poder falar com Larry no banco da frente.

“O presidente está em reunião com o comitê de inteligência estrangeira. Ele deve terminar às dez e dez. Ele reservou trinta minutos para falar com você.

Esta seria a terceira reunião de Larry com o presidente. Terceiro e último, se os rumores fossem verdadeiros. Se tudo corresse bem durante o próximo mês, a próxima vez que ele se encontrasse com o líder do mundo livre depois de hoje seria durante um encontro público no Rose Garden, na frente de toda a equipe de imprensa. Seria então que o país saberia com

certeza que Lawrence P. Chadwick foi a escolha do presidente para ocupar a vaga no Supremo Tribunal.

Nos últimos três meses, Larry se reuniu com membros do Serviço Secreto e do FBI, sendo Annette Packard a pessoa responsável e supervisionando o processo. Ela vasculhou o passado de Larry - formalmente denominado processo de interrogatório e verificação - em busca de sinais de alerta que pudessem prejudicar suas chances de passar pelo cansativo processo de nomeação. Mais do que isso, Annette procurava coisas que pudessem ser constrangedoras para o presidente. Esse processo de verificação era um exame forense da vida de um candidato, e Larry descobriu, por meio de sua própria pesquisa, que Annette Packard era excelente nisso. Ela examinou senadores, congressistas e deputadas, candidatos à vice-presidência e governadores. Larry Chadwick foi seu primeiro veterinário na Suprema Corte.

Desde os tempos de colégio, Annette Packard percorreu metodicamente a vida de Larry, farejando qualquer coisa que considerasse suspeita e revirando qualquer pedra que acreditasse poder esconder segredos. Annette fez isso desde a adolescência até os dias atuais. Ela estava procurando, Larry sabia, por transgressões, gafes embaraçosas, erros estúpidos, encobrimentos, crimes ou qualquer coisa desagradável que pudesse colocar ele, e portanto o presidente, em uma situação ruim durante as audiências de confirmação.

“Confie em mim”, disse Annette a Larry durante uma reunião inicial. “Se você fez isso, nós encontraremos.”

Eles poderiam procurar, mas Larry estava confiante de que não encontrariam nada. Desde cedo ele colocou sua vida na trajetória correta. Filho de um comandante da Marinha que se tornou um empresário proeminente, Larry cresceu navegando em Connecticut e frequentando uma escola particular. A pior coisa que ele fez no ensino médio foi partir o coração de Renee Beckham quando ele a trocou por uma líder de torcida. Mas mesmo essa pequena transgressão, Larry acreditava, havia sido expiada. Ele se casou com Renee cinco anos depois, quando era estudante de direito no primeiro ano. O fato de o casamento deles ter sobrevivido por vinte e cinco anos e gerado três filhos era uma prova de que Renée o havia perdoado. Desde então, as atividades extracurriculares foram bem

enterradas e Larry estava confiante de que Annette Packard não iria cavar fundo o suficiente para encontrá-las.

Se a experiência de Larry no ensino médio foi benigna, seus tempos de faculdade foram anêmicos. Em Yale, ele nunca caiu no mito das sociedades secretas, rejeitou a atração da vida de fraternidade e passou a maior parte do tempo na biblioteca. Seus três anos de faculdade de direito na Duke foram repletos de livros, trabalho e estágios. Larry Chadwick simplesmente nunca encontrava tempo para se meter em encrencas.

Assim, Annette Packard e sua equipe de agentes do FBI e os capangas do Serviço Secreto que estavam vasculhando sua vida poderiam ter a aparência que quisessem. Não havia nada para encontrar. Pelo menos, nada que encontrassem facilmente.

CAPÍTULO 25

Washington, DC Segunda-feira, 6 de março de 2023, 20h36.

Seu apartamento ficava no último andar de um prédio de cinco andares com vista para o Potomac. Nunca uma garota da cidade até sua época em Cambridge, que nem por um esforço de imaginação poderia ser considerada uma cidade grande, mas ainda contrastava fortemente com a pequena McIntosh, Virgínia, Alex não conseguia mais se imaginar em uma cidade pequena. Ela cresceu em um bairro suburbano tranquilo, onde a cidade mais próxima ficava a duas horas de carro, mas hoje a agitação da vida na cidade cresceu dentro dela. Talvez o apelo fosse a dupla sensação de se sentir invisível sem nunca estar sozinho.

Apesar de a segunda casa de Donna e Garrett - para onde Alex havia fugido durante o julgamento e onde ela permaneceu após sua tentativa fracassada de entrar na faculdade - estar escondida no sopé das Montanhas Apalaches, Alex temia constantemente ser reconhecida quando ela estava lá. Nos meses que se seguiram ao seu regresso de Cambridge, Alex sentiu que ela se destacava na pequena cidade, com as suas ruas vazias e estabelecimentos descontraídos. A preocupação implacável de ser reconhecida como a garota de olhos vazios que uma vez foi acusada de matar sua família foi mais uma cicatriz que cortou sua psique desfigurada, esta causada por Drew Estes e Laverne Parker. Entretanto, já haviam passado anos suficientes para que a inquietação desaparecesse. Ela comprou seu apartamento em Georgetown quando tinha 23 anos e agora se sentia apenas mais um rosto na multidão. Ninguém olhou para ela duas vezes e ela se sentiu em casa nas ruas movimentadas de Washington, D.C.

Alguns considerariam isso como progresso e maturidade – uma jovem abrindo caminho no mundo. Outros considerariam isso como superar um passado difícil que incluiu um trauma terrível e tirar o máximo proveito de uma situação terrível. Mas Alex sabia a verdade. Sua capacidade de lidar com o passado veio da organização organizada de sua vida em três categorias. Seu eu anônimo, Alex Armstrong, o rebelde de cabelo espetado que se movia invisivelmente pelo mundo, trabalhava como investigador para Lancaster & Jordan e vivia uma existência quase normal. Sua antiga pessoa, Alexandra Quinlan, que o mundo conhecia apenas como a garota de olhos vazios cuja família havia sido morta. E seu verdadeiro eu – alguma

combinação dessas outras personas, mas com algum ingrediente adicional misturado. Embora não fosse facilmente definido, esse ingrediente mantinha Alex ávido por respostas para o que havia acontecido com sua família, e confiante de que não importa quanto tempo passasse, ela eventualmente encontraria a verdade.

O círculo de pessoas que conheciam cada uma de suas personalidades era pequeno. Incluía Donna e Garrett Lancaster, bem como alguns advogados da Lancaster & Jordan que trabalharam em seu caso. Depois, havia seus amigos do reformatório, que sabiam de tudo desde que conheceram Alex em Alleghany. E, finalmente, havia seu psiquiatra, que, ao longo dos anos de sessões semanais, extraíra de seu subconsciente todos os detalhes do passado de Alex. A Dra. Moralis provavelmente conhecia Alex melhor do que ela mesma.

Embora ela estivesse hesitante no início, as sessões semanais permitiram que Alex entendesse o que compunha o seu DNA. Anos de terapia forneceram a Alex as ferramentas necessárias para compreender que a sua jornada de uma década tinha sido distorcida desde o início. Ela sabia que havia outros que sofreram perdas semelhantes ou sofreram tragédias comparáveis. Mas provavelmente passaram pelo processo de luto de uma forma mais estruturada e tradicional. A jornada de Alex foi errada desde o início. Ela não teve tempo para lamentar adequadamente a perda de sua família, ou mesmo processar suas mortes. Ela passou do trauma daquela noite para um implacável centro de detenção juvenil, onde o tempo necessário para o luto foi gasto tentando sobreviver e afastar as crianças verdadeiramente vis com quem ela estava presa. Depois que Donna e Garrett garantiram sua libertação, as salvaguardas postas em prática para evitar a mídia ofuscaram o trabalho que Alex precisava fazer para processar o que havia acontecido naquela noite fatídica. Depois veio o caso de difamação contra o estado da Virgínia. A primeira vez que Alex falou sobre a noite em que sua família foi morta foi no banco das testemunhas, com um tribunal lotado olhando para ela enquanto as câmeras de televisão gravavam cada palavra sua. Sua jornada foi, de fato, distorcida, e seu terapeuta continuou a apontar que corrigir sua trajetória ao longo da vida era mais importante do que chegar no final a alguma utopia imaginada.

Portanto, não era irracional, ou mesmo inesperado, que dez anos depois de sua família ter sido morta, as horas de sono de Alex continuassem a

transportá-la de volta ao momento em que o primeiro tiro a acordou. Com o passar dos anos, os sonhos tornaram-se vívidos ao ponto da lucidez. Em raras noites, Alex ficava totalmente consciente enquanto sonhava, ciente de que o que estava acontecendo estava acontecendo dentro de um estado de sonho. Ela ficou corajosa durante aqueles sonhos lúcidos e se esgueirava por trás do relógio de pêndulo e rastejava lentamente em direção ao quarto dos pais. Mas então a realidade e a ficção colidiriam – dois mundos que se sobrepunham, mas nunca se fundiriam totalmente – e a deteriam ao pé do batente da porta dos seus pais. Ocasionalmente, ela tentava enganar a mente durante esses sonhos, dizendo a si mesma que planejava apenas caminhar até a porta da casa dos pais e ouvir. Em vez disso, porém, ela irrompeu pela porta na esperança de ver o que sua mente só conseguia imaginar. Na esperança de ver seu irmão parado no quarto dos pais, vivo e esperando que ela o salvasse. Esperando também ver a pessoa que segurava a espingarda. Para finalmente dar um rosto à figura que ela conhecia apenas como a sombra que vira atrás do relógio de pêndulo. Mas assim que ela atravessava a porta em seus sonhos, ela acordava assustada.

Foi depois de um desses sonhos, no seu pequeno apartamento em Cambridge, que ela iniciou a construção da sua prancha. Quando acordou, ela anotou todos os detalhes que conseguiu lembrar em um cartão e prendeu-o no quadro. Pessoas jovens e motivadas, Alex leu em um livro de autoajuda, criaram coleções semelhantes chamadas vision boards. Essas colagens continham os objetivos de vida das pessoas e coisas que elas esperavam realizar em suas carreiras. Esses painéis incluíam promoções, carros e casas. O quadro de Alex continha evidências. Seu quadro continha tudo o que ela lembrava — imaginário ou real — sobre a noite em que sua família foi morta. Continha todas as evidências que já haviam sido coletadas ou atribuídas ao caso. O que começou como um quadro de avisos pendurado na parede da cozinha de seu apartamento em Cambridge cresceu anos depois para um cavalete de 1,80 x 2,5 metros que ocupava boa parte de sua sala de jantar.

Embora Alex culpasse Drew Estes e Laverne Parker pelo hábito constante de olhar por cima do ombro, eles também foram responsáveis por fornecer a maior pista em seu quadro. Anos antes, com a ajuda de Leo, o Britânico, Drew Estes foi incentivada a fornecer o nome do homem que abriu a conta bancária numerada que seus pais presidiram, declarações que

Alex encontrou escondidas em uma caixa abandonada em seu sótão. Esse homem era Roland Glazer. Ao longo dos anos, Alex pesquisou meticulosamente o homem ao ponto da obsessão. A pesquisa não foi difícil. Roland Glazer estava em todos os noticiários. Empresário americano condenado por tráfico sexual de adolescentes, Glazer morreu na prisão enquanto aguardava julgamento em 2012, alguns meses antes de a família de Alex ser morta.

Conectados aos quem é quem nos mundos dos negócios, do entretenimento, da política e da tecnologia, os artigos noticiosos que Alex lera — muitos dos quais agora estavam afixados em seu quadro — revelavam que Roland Glazer era dono de uma ilha na costa de Miami, onde costumava organizava festas para ricos e famosos. Foi nesta ilha, e nessas festas, que as adolescentes foram repassadas aos ricos empresários, celebridades e magnatas da tecnologia que compareceram. À medida que os federais avançavam e rumores de acusações de tráfico sexual vazavam, três dessas mulheres desapareceram. As mulheres eram funcionárias de longa data de Glazer e residiam em sua ilha particular. Suspeitou-se que as mulheres poderiam ter fornecido detalhes importantes sobre quem compareceu às festas clandestinas e detalhes sobre as meninas que Glazer transportou de e para a ilha. Havia grandes especulações de que Glazer tinha algo a ver com o desaparecimento deles. Imagens das três mulheres foram incluídas nas novas matérias e postadas em sites. Foi então, enquanto pesquisava sobre Roland Glazer, que Alex fez a descoberta mais substancial em sua busca para encontrar respostas para o motivo pelo qual sua família foi morta. As três mulheres ligadas a Glazer eram as mesmas mulheres nas fotos encontradas na cama de seus pais na noite em que foram mortos.

As denúncias e artigos noticiosos que Alex lera sugeriam que Roland Glazer tinha sido uma bomba-relógio que teria feito em pedaços algumas carreiras importantes e descoberto um submundo clandestino se a sua história se tornasse popular e o seu caso fosse a julgamento. Em vez disso, Glazer se enforcou em sua cela na noite anterior ao início do julgamento. O que diabos seus pais tinham a ver com esse homem era a maior incógnita que Alex havia encontrado em seus anos de busca pela verdade.

Uma tachinha vermelha prendeu a foto de Roland Glazer no meio do quadro. Ao redor da imagem de Glazer e das fotos das mulheres encontradas na cama de seus pais havia dezenas de fichas e artigos de

notícias. Uma imagem da única impressão digital sequestrada da janela de seu quarto ocupava sua própria seção no lado direito do quadro, um mistério tão grande hoje quanto foi desde o início. Enquanto Alex examinava o conselho, ela não tinha certeza se estava mais perto de descobrir a verdade agora do que quando criou seu conselho, anos antes. Sua falta de progresso era um diálogo interno que Alex trabalhava constantemente para silenciar.

Talvez o psiquiatra dela estivesse certo. Não é o destino, mas a jornada.

CAPÍTULO 26

Washington, DC Segunda-feira, 6 de março de 2023, 20h36.

O cavalete independente que era seu quadro de evidências residia na área de seu condomínio, onde deveriam estar uma mesa de jantar e cadeiras, e era visível para Alex todos os dias. Quando tinha companhia, o que era raro, ela colocava uma divisória em estilo sanfona na frente do quadro para escondê-lo da vista.

A campainha tocou e desviou a atenção de Alex do quadro. Ela caminhou até o interfone perto da porta da frente e apertou o botão.

"Olá?"

“Ei, Alex, sou eu”, disse Garrett. “Posso subir? Preciso conversar com você sobre alguns assuntos de escritório.

"Claro." Alex apertou o botão para destrancar a porta da frente do prédio.

Ela voltou para o quadro e puxou a divisória sanfonada na frente dele. O elevador tocou no momento em que Alex abriu a porta da frente. Garrett surgiu no final do corredor um momento depois.

“Quer uma cerveja ou algo assim?” Alex perguntou depois que Garrett entrou em seu apartamento.

“Claro”, disse Garrett.

Alex pegou uma garrafa de Sam Adams na geladeira e entregou a ele.

“Então, sobre o que é a visita domiciliar? Algo que não poderia esperar até de manhã?

“Provavelmente poderia ter acontecido”, disse Garrett, tomando um gole de cerveja. “Mas eu não queria ter essa conversa no escritório.”

Garrett foi até a janela e olhou para o Potomac.

“Tive um desenvolvimento interessante com o caso Byron Zell.”

Alex engoliu em seco e fez o possível para parecer indiferente. "Oh sim? Ainda estou trabalhando nesse caso. Ele tem sido um osso duro de roer. Não consegui encontrar muita coisa online. Os registros financeiros que ele entregou pareciam limpos. Isso foi tudo que consegui.”

Garrett ainda estava de frente para a janela e não respondeu imediatamente, deixando as palavras dela pairando no ar como um odor rançoso.

"Então o que está acontecendo?" Alex finalmente perguntou.

“Byron Zell me enviou um e-mail. Continha todos os seus registros financeiros.”

"Realmente? Ele já os forneceu, pensei. Não foi isso que você me deu para investigar?

“Sim”, disse Garrett, virando-se da janela. “Foi por isso que fiquei surpreso quando ele enviou os documentos pela segunda vez.”

“Sim, isso é. . . esquisito." Alex fez uma pausa. “Eles correspondiam ao que ele já nos deu?”

"Palavra por palavra."

“Ah, bem, acho que você tem sua resposta então. Byron Zell parece legítimo. A não ser que tu . . . o que? Não acha que os arquivos que ele enviou são autênticos?”

“Não, eles são reais”, disse Garrett, saindo da janela e indo para a cozinha, onde Alex estava. “Mas um problema diferente surgiu com o e-mail. Havia mais alguma coisa nos documentos que Byron Zell me enviou.”

"Algo mais?" Desta vez o tom de Alex foi sincero. Ela havia anexado apenas documentos financeiros ao e-mail, então a “outra coisa” era novidade para ela.

“Um dos arquivos continha pornografia infantil perturbadora.”

"O que?"

“Coisas horríveis”, disse Garrett, ignorando a surpresa de Alex. “Então eu me encontrei em uma situação difícil. Sou legalmente obrigado a manter a confidencialidade dos documentos financeiros, uma vez que se referem diretamente ao meu cliente e ao caso para o qual ele me contratou. Mesmo que houvesse algo nefasto neles, o privilégio advogado-cliente me impediria de denunciá-los. Mas a pornografia infantil era outra coisa. Não tive escolha a não ser alertar a polícia. Se não o fizesse, poderia ser considerado responsável pelo crime. As autoridades estão agora a analisar a situação. Tenho certeza de que uma equipe de profissionais de informática forense examinará cada detalhe do computador de Zell.

“Merda”, Alex disse para si mesma.

“Bom”, disse Garrett. “Você vê minha preocupação, para que possamos parar a dancinha que estamos fazendo. Preciso fazer uma pergunta e preciso que você me diga a verdade. Sem besteira.

Alex assentiu.

“Existe alguma maneira, Alex, de que o e-mail que veio do computador de Zell possa ser vinculado a Lancaster & Jordan?”

Alex sabia o suficiente para não deixar escapar sua resposta. Ela sabia que Garrett estava fazendo uma pergunta que precisava de reflexão cuidadosa, então ela respondeu. Ela repassou mentalmente a noite em que invadiu o apartamento de Zell. Ela examinou cada detalhe, passo a passo, e não conseguiu pensar em nenhum erro que cometeu.

“Não”, ela finalmente respondeu.

"Tem certeza?"

"Sim."

Alex sabia que Garrett depositara muita confiança nela ao longo dos anos, desde que a contratara como investigadora jurídica. Ela caminhou sobre uma linha tênue entre tentar impressioná-lo com as informações que descobriu para a empresa e ter cuidado para nunca colocá-lo em perigo.

“Eu prometo”, disse Alex. “Não há como nada disso voltar para nós. É por isso que os documentos chegaram até você por e-mail dele. É impossível rastreá-lo, exceto até Zell.

Ela observou Garrett balançar a cabeça e tomar um gole de cerveja.

“E eu não sabia nada sobre pornografia infantil. Eu só estava me certificando de que as informações financeiras que ele forneceu à empresa correspondiam aos seus arquivos particulares.”

Garrett assentiu novamente. "OK. Está com fome? Vou levar você para jantar.

Alex forçou um sorriso. “Morrendo de fome”, disse ela antes de entrar em seu quarto para se trocar. Era assim que ela e Garrett agiam. Nunca houve muitas idas e vindas. Informações foram trocadas, ambos acreditaram que o outro estava falando a verdade, a discussão foi resolvida e eles seguiram em frente.

Alex saiu de seu quarto alguns minutos depois e encontrou Garrett parado na frente de sua prancha. Ele havia movido a divisória sanfonada para o lado e agora analisava as fotos, anotações e artigos de jornal pregados no quadro.

Alex limpou a garganta. "Você está pronto?"

Garrett não saiu do tabuleiro. Ele falou de costas para ela. “Achei que você tivesse desistido disso.”

“Sim, bem, descobri que não poderia. Então voltei ao assunto.”

Garrett finalmente se virou. "Você está bem?"

"Estou bem."

Seguiu-se uma longa pausa.

“Não é bom para você, Alex. Para manter tudo tão fresco em sua mente. Não é saudável, não é isso que o psiquiatra lhe diz?

Garrett sabia das sessões de terapia de Alex. A terapia psiquiátrica não foi ordenada pelo tribunal, mas foi altamente recomendada pelo juiz que concedeu a Alex o veredicto de US$ 8 milhões. Parte da remuneração concedida foi destinada à terapia, e ela foi incentivada a participar dela.

“Dr. Moralis e eu não concordamos em tudo.”

“Às vezes é bom deixar o passado para trás”, disse Garrett. "Não tudo. Não são as coisas boas. Mas um pouco disso.

“Bem, as coisas ruins são apenas parte de mim. Tentei deixar para lá, mas isso não funciona para mim. Procurando, não necessariamente encontrando alguma coisa, mas olhando... me faz sentir que não estou esquecendo deles. E como não quero esquecê-los, nunca vou parar de procurar.”

Houve outra longa pausa.

“Vamos jantar?” Alex perguntou.

Garret assentiu. "Sim. Pizza?"

CAPÍTULO 27

Washington, DC Segunda-feira, 10 de abril de 2023, 19h48.

AOS CINQUENTA E SEIS ANOS, ANNETTE PACKARD MANTEU SUA constituição atlética através de uma combinação de Pilates e natação. Pilates era uma novidade na meia-idade; nadar estava em seu sangue. Quando adolescente, ela sonhava e tinha uma chance legítima de nadar pela equipe olímpica dos EUA. Mas uma ruptura no lábio roubou meio segundo de sua mariposa de 400 metros, e com essa fração terminou sua carreira de nadadora. Apesar de ter se aposentado precocemente da natação competitiva, e como muitos que cresceram no esporte, ela nunca saiu da água. Ajudou o fato de o Edifício J. Edgar Hoover abrigar uma piscina olímpica. Sede da sede do FBI, o edifício Hoover foi considerado o edifício mais feio de Washington, e a piscina homenageou o apelido do edifício. Localizado no nível 2 do subsolo, o centro aquático era uma bagunça dilapidada de azulejos faltando e concreto mal remendado. O espaço volumoso não tinha janelas nem luz natural e era sombreado por lâmpadas fluorescentes que funcionavam mal e precisavam perpétua de substituição. Mas quando Annette estava trabalhando até tarde, como estava esta noite, o acesso 24 horas à piscina era útil. Ela era sócia de uma academia particular no subúrbio, mas o horário da piscina terminava às 19h. e seu projeto atual raramente lhe permitia liberdade àquela hora da noite.

Ela saiu dos chuveiros na área de preparação entre o vestiário feminino e a piscina, feliz por ver apenas uma das seis pistas ocupadas. Um senhor mais velho estava abrindo caminho na água em uma espécie de híbrido de nado peito e remo canino. Seu nome era Len Palmer, um agente especial aposentado de 80 anos que estava se recuperando de uma prótese de quadril. Annette conhecia a história de vida do homem pela conversa que tiveram na semana anterior, quando a piscina estava cheia e ela foi forçada a dividir a raia com ele. Esta noite, ela foi para o lado oposto de onde Len chapinhava.

Annette Packard trabalhava para o FBI há vinte e cinco anos. Ingressando como agente de campo, ela rapidamente deduziu que carregar uma arma e perseguir bandidos não era sua vocação. Depois de um ano, ela foi transferida para a vigilância e, dois anos depois, recebeu a tarefa de fazer pesquisas preliminares sobre um promotor público com aspirações

políticas à mansão do governador. Foi nessa força-tarefa que Annette, uma desiludida agente do FBI de 34 anos, encontrou sua vocação. Às vezes, ela aprendeu, talentos eram descobertos sem serem cultivados e objetivos alcançados sem serem perseguidos — ou mesmo sem saber que existiam.

Lançada para uma força-tarefa aos trinta e poucos anos, Annette Packard cultivou um talento especial para investigar os assuntos pessoais das pessoas. Com o passar dos anos, ela provou ser muito boa nisso. Ruthless poderia descrever melhor sua capacidade de abrir a tampa da vida de alguém e torcer por informações preocupantes. Nos últimos anos, quando uma figura política proeminente passou pelo processo de verificação, foi Annette Packard quem recebeu a chamada para fazer a escavação. A agência ainda exigia que ela carregasse uma arma de fogo o tempo todo, mas em vez de perseguir os bandidos, ela farejou os segredos que os políticos tentavam enterrar e esconder.

Ela enfiou alguns fios restantes de cabelo debaixo da touca de natação e pulou na piscina. Com os braços em volta do peito, ela mergulhou com os pés até o fundo. A água fria foi como o abraço de um velho amigo. Muitos reclamaram da temperatura gelada da piscina, mas Annette preferia o lado mais gelado. A água fria evitou que ela superaquecesse e levou sua mente a um estado agudo de concentração. Ela flexionou os joelhos quando seus pés atingiram o fundo, depois empurrou para cima, liberando o ar de seus pulmões até chegar à superfície. Posicionando-se contra a parede, ela respirou fundo e empurrou com força o ladrilho em ruínas, chutando debaixo d'água por metade do comprimento da piscina antes de começar uma braçada de estilo livre.

Depois de três voltas, ela encontrou o ritmo e manteve um ritmo constante por trinta minutos, mal notando o aumento da frequência cardíaca. Tantas décadas na água, demorou muito para gaseá-la. Ela tinha que se esforçar se quisesse fazer exercícios cardiovasculares, o que às vezes ela fazia. Principalmente, porém, ela preferia uma queima de gordura lenta e constante. Isso manteve o peso livre e seus músculos tonificados. Também ajudou a manter seus pensamentos organizados — algo que sua posição dentro do Federal Bureau of Investigation exigia.

Depois de quarenta minutos, ela decidiu queimar a energia restante em uma corrida de cem metros. Ela virou-se para a parede e deu longos golpes na água, chutando a energia que lhe restava na esteira atrás dela. Ao se

aproximar da curva final, ela sentiu uma presença acima da água: alguém estava parado na beira da piscina, observando-a. Ela abortou o salto no meio da curva subaquática e emergiu à superfície, depois tirou os óculos e os colocou na testa.

“James”, disse ela ao seu assistente e ao segundo agente envolvido na verificação de Lawrence Chadwick. "E aí?"

“Temos um problema”, disse James.

Eles estavam há três meses no veterinário de Chadwick e não encontraram nenhum buraco significativo, uma situação reconfortante, mas preocupante. A ocupação de Annette gerava suspeitas, e não confiança, à medida que ela passava mais tempo sem encontrar sujeira sobre o assunto que estava examinando. Annette sempre encontrava sujeira e, quando isso não acontecia, geralmente significava que eles a estavam escondendo.

“Que tipo de situação?” Annette perguntou com um suspiro pesado de esforço.

“Uma má. Precisamos de você lá em cima imediatamente.

"Que ruim?" Annette limpou a água com cloro dos olhos. “Uma correção de curso ou falha no motor?”

Ao longo dos anos, a equipe de Annette passou a descrever problemas que surgiram durante seus veterinários em termos de viajar pelo oceano em uma linha de cruzeiro. As correções de curso eram comuns e gerenciáveis. Eles queriam dizer que algo menor havia surgido e eles precisavam girar e se reagrupar para contornar isso. Uma falha no motor ocorria com menos frequência, mas geralmente poderia ser resolvida se detectada com antecedência suficiente.

“Uh, eu classificaria isso mais como um iceberg em nosso caminho direto.”

“Merda”, disse Annette, tirando a touca da cabeça. "Quão grande?"

“Titânico grande.”

CAPÍTULO 28

Washington, DC Quinta-feira, 13 de abril de 2023, 22h32.

LAURA MCALLISTER SENTOU-SE SOZINHA NO PEQUENO ESTÚDIO DE GRAVAÇÃO no campus da Universidade McCormack, tirou os fones de ouvido e empurrou o microfone para longe dela. Além do brilho de seu laptop e das poucas luzes brilhando no painel de controle, o estúdio estava escuro. Ela respirou fundo para acalmar os nervos agora que havia terminado a gravação, mas sua mão ainda tremia quando ela puxou o pen drive USB do computador. O cartão de memória continha as edições finais do episódio em que ela vinha trabalhando no mês anterior. Agora, com sua narração concluída e depoimentos polidos, o episódio estava quase pronto para ser lançado. No mês passado, quando ela apareceu no Wake Up America, Dante Campbell perguntou no que ela trabalharia a seguir. Na época, Laura não tinha ideia. Um mês depois, ela acreditava ter uma história que causaria ondas de choque em toda a universidade.

Armazenado no pendrive estava um episódio abrangente que cobria sua investigação de um mês sobre alegações de estupro na Universidade McCormack e o flagrante encobrimento por professores e administradores que esperavam poder enterrar a história bem fundo no chão, onde ela morreria. e decadência antes que alguém soubesse que existia. O episódio foi a reportagem investigativa de maior alcance e legítima que ela já fez. Continha entrevistas com estudantes que conheciam os fatos, professores que foram corajosos o suficiente para falar, cientistas que explicaram como funcionam as drogas para estupro e psiquiatras que esclareceram por que as vítimas de estupro nem sempre ou imediatamente se apresentam para contar suas histórias. O episódio nomeou os infratores e confirmou as acusações com cronogramas e fotos. Laura chegou a ir quase disfarçada a uma festa de fraternidade para provar que seus membros estavam adicionando gama-hidroxibutirato às bebidas, uma droga usada para estupro, comumente chamada de Liquid G.

Laura McAllister estava prestes a provar mais uma vez que pequenos veículos como seu pequeno programa de rádio universitário podiam divulgar grandes histórias. Sua ex-posé estava prestes a causar um grande impacto. Não só abordou a violação no campus da Universidade McCormack, as drogas utilizadas na violação em encontros e os

encobrimentos universitários, mas também examinou de forma pungente o debate sobre o consentimento e mergulhou profundamente nas escolhas que os estudantes fazem em relação ao sexo.

O episódio certamente deixaria a universidade e os responsáveis em conflito. Tinha o poder de arruinar vidas e acabar com carreiras, razão pela qual Laura estava começando a ter reservas em transmiti-lo. A história era tão volátil que Laura se preocupou com as consequências que isso causaria. Ela fez sua lição de casa, confirmou todas as acusações e coletou provas de cada bomba que lançaria, mas alguma parte de sua psique questionava se deveria levar isso em frente. Para um dos acusados, em particular, as coisas iriam dar errado de uma forma que Laura sabia que não poderia prever. Ela imaginou ter que testemunhar perante o Congresso sobre a legitimidade das suas descobertas e preocupou-se com as pessoas poderosas que fariam qualquer coisa para frustrar a história e desacreditá-la como nada mais do que uma estudante universitária com sonhos de ser a próxima Jodi Kantor. Megan Twohey ou Ronan Farrow. Ela se perguntou se o escrutínio valeria a pena.

Então ela pensou nas vítimas. As meninas cujas histórias ela contava já tinham suas vidas arruinadas e, de alguma forma, Laura havia se tornado a voz delas. Laura se tornou a única que iluminaria sua tragédia porque os responsáveis queriam que a história desaparecesse. Laura e seu pequeno programa de rádio haviam se tornado o único meio de divulgar suas histórias, e ela se sentiu obrigada a usar sua plataforma para ajudar. Se as vidas daqueles que perpetraram os crimes e depois tentaram encobri-los foram destruídas no processo, que assim seja. E se pessoas poderosas viessem atrás dela e tentassem manchar sua reputação, ela reagiria. Ela tinha as informações de Dante Campbell armazenadas em seu telefone e uma oferta de um dos jornalistas mais poderosos e conhecidos do país para ajudar caso Laura precisasse de conselhos.

Seu celular tocou e tirou Laura de seus pensamentos. Quando ela olhou para o identificador de chamadas, viu o nome de Duncan Chadwick. Seu pai tinha estado em todos os noticiários ultimamente como o provável candidato do presidente para preencher a vaga na Suprema Corte. Enquanto Laura olhava para o telefone, duas coisas lhe ocorreram. A primeira foi que, apesar dos seus esforços para manter o segredo, a sua história tinha vazado. A segunda era que ela estava agora numa corrida contra o tempo.

CAPÍTULO 29

Washington, DC Sexta-feira, 14 de abril de 2023, 18h45.

ANNETTE PACKARD sentou-se na traseira do SUV e leu suas anotações. Durante sua carreira, ela supervisionou a avaliação de dezenas de juízes, dezenas de senadores e incontáveis candidatos ao Congresso. Quase um terço dos governadores em exercício da América tiveram as suas vidas destruídas por Annette Packard antes de iniciarem as suas campanhas e concorrerem. Nunca se esperava uma navegação tranquila ao examinar os assuntos privados de candidatos políticos. No entanto, até recentemente, Annette tinha descoberto exatamente isso nos últimos três meses em que vasculhava a vida de Larry Chadwick: céu limpo e ventos calmos. O homem era um menino de coro. Foi uma mudança revigorante, mas agora o outro sapato caiu. Geralmente acontecia. Desta vez, foi o filho de Chadwick quem ameaçou atrapalhar o processo.

Enquanto o SUV estacionava em frente à residência de Chadwick, Annette contemplou que, até este último acontecimento, o pior que encontrou durante a revisão forense da vida e da carreira do juiz foram alguns favores cobrados para tirar o filho delinquente de problemas. Não eram nada que a maioria dos pais não teria feito se tivessem o poder e a influência para fazê-lo. Pelo menos foi assim que ela e sua equipe apresentaram a informação ao presidente. Não havia como negar que Larry Chadwick poderia ser acusado de abusar de sua posição para salvar seu filho de problemas, mas no grande esquema das coisas as transgressões eram menores. O maior deles foi Larry contornando o filho por causa de uma acusação de dirigir alcoolizado quando Duncan Chadwick tinha dezessete anos. Incompleto, mas não ruim o suficiente para afundar a indicação de Larry. No máximo, o incidente levaria a algumas perguntas incômodas e acusações de privilégio por parte de senadores particularmente desagradáveis, em busca de sangue. E isso só aconteceria se os eventos fossem descobertos. O DUI, em particular, tinha sido tão bem escondido que Annette e sua equipe mal conseguiram descobri-lo, e ela tinha o poder de todo o Departamento de Justiça atrás dela.

No caso de um senador ansioso conseguir descobrir o DUI e outros incidentes menores, Larry poderia lidar com as perguntas. Eles o treinariam sobre como responder. Ir atrás do filho de um indicado era perigoso. Se a

tática fosse classificada como um ataque barato ao filho do candidato, o tiro sairia pela culatra. Resumindo, atacar Larry Chadwick pelas ofensas não violentas do seu filho seria uma abordagem imprudente por parte da oposição. Ir atrás de Larry Chadwick pelo papel de seu filho em uma série de estupros no campus da Universidade McCormack, entretanto, não seria apenas um jogo justo, mas letal para as chances de Larry.

Quando o motorista parou no meio-fio, Annette saiu do SUV e se dirigiu para a casa de arenito dos Chadwicks. Tempestades escuras se formavam no horizonte, ameaçando arruinar meses de céu azul e navegação limpa.

CAPÍTULO 30

Washington DC.Sexta-feira, 14 de abril de 2023, 19h00

A PRESENÇA DO FBI EM SUAS CÂMARAS NÃO O SURPREENDIA MAIS. Foi quando eles apareceram sem avisar em sua casa que Larry Chadwick ficou desconfortável. Annette Packard e sua equipe demoliram seu passado, derrubando tudo o que era questionável e vasculhando os escombros em busca de restos suspeitos ou nefastos. Ele se resignou ao fato de que, para conseguir um cargo vitalício no mais alto tribunal do país, sua vida seria desmantelada antecipadamente para garantir que não houvesse nada apodrecendo atrás dos muros. A demolição, no entanto, parecia nunca ter fim.

Quando Larry parou em seu prédio em DC, ele viu o SUV preto do governo estacionado na frente, com os perigos piscando e um agente ao volante. As visitas domiciliares sempre significavam que surgia um "desenvolvimento", sobre o qual Annette precisava da atenção imediata de Larry. Eles estavam chegando ao fim do período de verificação. Larry havia repassado a história de sua vida com Annette em diversas ocasiões e não conseguia pensar em mais nada que pudesse oferecer sobre si mesmo. Nas últimas semanas, Annette se afastou dos anos acadêmicos e começou a se concentrar na vida adulta e na carreira. Mas suas finanças estavam em ordem, sem manchas de subornos ou corrupção. Larry estava confiante em suas escolhas profissionais ao longo de sua carreira. Ele ofereceu as opiniões e decisões corretas do tribunal, e todas elas foram baseadas em análises jurídicas lógicas. Suas contratações e nomeações foram diversas e sem controvérsia. Tudo até este ponto foi considerado completamente limpo. Então ele se perguntou que novidade teria levado o FBI à sua casa às sete da noite.

Larry empurrou a porta da frente, pendurou o casaco no armário e foi até a cozinha para encontrar Annette Packard sentada à mesa em frente à esposa.

"Annette", disse Larry. "Eu não esperava ver você esta noite."

"Desculpe por entrar sem avisar", disse Annette. "Aconteceu alguma coisa."

Ela usava calça escura e blazer e parecia profissional como sempre. A mulher era a própria definição de não ser bobagem.

Larry se aproximou e deu um beijo em sua esposa. "Ei, querido, está tudo bem?"

“Sim”, disse Renée Chadwick. “Annette e eu estávamos conversando até você chegar em casa. Ela tem algo que precisa discutir com nós dois.

“Tudo bem”, disse Larry em tom casual. “Estou tomando uma bebida. Posso pegar algo para você?

“Não”, disse Annette. "Vou bem obrigado."

"Copo de vinho?" Larry perguntou à esposa.

“Talvez em um momento. Estou ansioso para ouvir o que Annette tem a nos dizer.”

Larry foi até o balcão da cozinha e colocou gelo em um copo de vidro. “O que é tão urgente? Isso não poderia esperar até de manhã?

“Receio que não”, disse Annette. “Temos um problema, Larry.”

Sentia uma dor leve em algum lugar de seu estômago, medo de que talvez um de seus casos tivesse sido descoberto. "E agora? Meus impostos estão limpos. Você não acabou com eles?

"Sim. Os impostos estão bem. Receio que isso tenha a ver com o seu filho.

“Duncan?” Larry saiu do bar, segurando seu uísque. “Foi um DUI, Annette. E o exame de sangue foi ambíguo. Eles rejeitaram isso mais por falta de provas do que por qualquer influência que eu pudesse exercer.”

“Não é o DUI.”

Larry viu que a expressão de Annette era séria e estóica.

"O que é?" Larry perguntou.

“Você já ouviu falar de um programa de rádio da Universidade McCormack chamado The Scoop?”

Larry sentou-se ao lado de Renée. "Não. Eu devo?"

“É produzido por uma estudante chamada Laura McAllister. O programa é transmitido pelo estúdio de gravação da escola de jornalismo no campus e é bastante popular. Parece que toda a universidade sintoniza para ouvir todas as semanas. A garota ganhou notoriedade nacional por colher histórias de última hora e recentemente apareceu no Wake Up America com Dante Campbell.”

“Tudo bem”, disse Larry.

“O que começou como um pequeno programa universitário se transformou em uma sensação da cultura pop. Laura McAllister está sendo

apelidada de versão feminina de Joe Rogan. Ele é um podcaster popular que atrai um público jovem."

"Eu sei quem ele é."

"Para uma estudante do último ano da faculdade, Laura McAllister conseguiu atrair convidados legítimos da lista A para seu programa, e nenhum assunto está fora dos limites. Através das redes sociais, mais de um milhão de pessoas – a maioria estudantes universitários de todo o país – ouvem o seu programa todas as semanas quando ela carrega os episódios nas suas contas sociais. O programa dela está crescendo exponencialmente."

"Tudo bem", Larry disse novamente. "E isso me afeta como?"

Annette cruzou as mãos e colocou-as sobre a mesa. "Temos fontes que nos dizem que este estudante jornalista está investigando alegações de estupro no campus da Universidade McCormack e se preparando para transmitir um programa revelando todos os detalhes."

Larry exalou um suspiro exausto. "Eu quero perguntar?"

"Provavelmente não, mas você precisa saber. Laura McAllister está se preparando para fazer acusações contra a fraternidade Delta Chi - a fraternidade de seu filho - alegando que os membros estavam envolvidos com bebidas em festas administradas pela fraternidade com a droga hidroxibutirato gama, conhecida como Liquid G. É uma droga insípida e inodora comumente usada como um produto químico para estupro. Há acusações de várias meninas, mas uma delas, uma garota chamada Kristi Penny, afirma que foi estuprada no início do semestre na fraternidade Delta Chi e apresentou um boletim de ocorrência formal à polícia.

"Pelo amor de Deus", disse Larry. Ele tomou um grande gole de uísque. "Por que não ouvi nada sobre isso da escola?"

"Eles estão investigando internamente, pelo que minhas fontes me disseram. Você não ouviu falar sobre isso porque a universidade está desesperada para controlar a crise. McCormack tem uma doação significativa e forte apoio financeiro de ex-alunos. A universidade está bem posicionada como uma instituição acadêmica de elite que rivaliza com as Ivy Leagues. Um escândalo de violação seria mau para os negócios, devastador para a imagem da universidade e fecharia a torneira das doações de ex-alunos. Isso colocaria o reitor e o reitor da universidade numa situação difícil, da qual é improvável que algum deles sobrevivesse. Sem

falar que um escândalo de estupro dificultaria o recrutamento. Esses casos de agressão sexual já ocorrem há algum tempo, dizem minhas fontes. A universidade tem trabalhado muito para manter as histórias em segredo, mas agora que a última vítima apresentou um boletim de ocorrência formal, não será possível manter o controle sobre as coisas por muito mais tempo. E se Laura McAllister exibir seu programa, dependendo do que exatamente ela descobriu, o escândalo estará em todos os noticiários.

“Duncan está envolvido?” Renée perguntou.

“É isso que precisamos descobrir. Mas mesmo que Duncan não estivesse envolvido, isso poderia não importar no que diz respeito à sua nomeação. O escândalo por si só pode ser suficiente para acabar com você.”

"Droga!" Larry disse.

“Antes de reagirmos exageradamente”, disse Annette, “precisamos conversar com Duncan. Tudo o que ouvimos até agora é de segunda fonte. Poderemos ser capazes de sair disso se soubermos os detalhes. Se Duncan puder nos fornecer detalhes internos. Se ele não estava envolvido, então poderemos fazer uma declaração antes que a história seja divulgada, o que esperamos acalmar as coisas.”

“Que tipo de declaração?” Larry perguntou.

“Você, Renee e Duncan fazem uma declaração pública por meio de entrevista coletiva, denunciando qualquer irregularidade da fraternidade e se manifestando definitivamente contra a agressão sexual. Você faz uma declaração forte sobre o consentimento. É claro que Duncan também terá que falar e se distanciar da fraternidade. Você não tem filhas, então isso vai funcionar contra você, porque você não poderá mencionar o quão empático você é com as vítimas. As pessoas vão te criticar se você tentar. De qualquer forma, há um caminho em torno disso. É estreito, traiçoeiro e precisa ser navegado com muito cuidado. Mas existe. A primeira coisa que precisamos fazer é conversar com Duncan.”

Larry assentiu. Ele terminou seu uísque num só gole gigante. “Qual você disse que era o nome dessa garota? O estudante jornalista?

“Laura MacAllister. Por que, você a conhece?

Larry balançou a cabeça. “Não, só estou tentando entender essa coisa.”

CAPÍTULO 31

Washington, DC Segunda-feira, 17 de abril de 2023, 12h20.

SITUADA ÀS MARGENS DO RIO POTOMAC, a Universidade MCCORMACK era linda, prestigiada e a poucos passos da casa de arenito dos Chadwicks. O fato de Duncan Chadwick ter ido parar em uma escola tão perto de casa não foi por acaso. Larry conhecia os perigos de libertar seu filho delinquente em uma faculdade distante, onde a capacidade de Larry de salvá-lo de problemas seria limitada. Larry insistiu para que Duncan permanecesse na Costa Leste para manter sua influência política disponível. Washington, DC foi ainda melhor. Agora, seu filho precisava mais do que nunca dos amplos poderes políticos de Larry. Mas desta vez ele não estava lutando para manter um DUI fora do registro de um menor. Desta vez, Larry estava lutando pelo futuro de Duncan e pelo seu próprio.

A coletiva de imprensa ao ar livre foi apenas para pessoas em pé. Cinquenta cadeiras dobráveis foram instaladas em frente ao pódio que ficava do lado de fora dos portões em arco da Universidade McCormack. Todos os assentos estavam ocupados e a imprensa lotada formava uma coroa em forma de balão atrás deles. As câmeras de notícias esperaram preparadas e, exatamente às 12h20, Larry conduziu Renee e Duncan ao pódio. Tanto ele quanto Duncan usavam ternos cor de carvão com gravata azul, transmitindo uma mensagem não tão sutil de que Duncan era a cara de seu pai, um funcionário público muito respeitado.

Larry assumiu sua posição atrás do pódio e ajustou o microfone enquanto permitia que as câmeras do noticiário se concentrassem nele e em sua família perfeita.

“Boa tarde”, disse ele. “Fui informado de que algo terrível aconteceu na Universidade McCormack, onde meu filho, Duncan, está matriculado. Uma rapariga, cujo nome não mencionarei num esforço para honrar a sua privacidade, foi violada. A informação que tenho diz-me que este incidente aconteceu não apenas no campus da Universidade McCormack, mas na fraternidade da qual Duncan é atualmente membro. Em primeiro lugar, meus pensamentos e orações vão para esta jovem.”

Larry fez uma pausa e olhou para suas anotações. Os obturadores das câmeras clicaram em rápida sucessão na galeria.

“Esta notícia foi um choque para Renee e para mim, e foi uma revelação impressionante para Duncan. Como frente unida, queremos nos manifestar contra toda e qualquer forma de agressão sexual. Renee e eu tivemos discussões longas e às vezes estranhas com Duncan sobre consentimento e sobre o que constitui agressão. Estamos orgulhosos dos valores que incutimos em nosso filho e Duncan está ansioso para falar sobre este incidente hoje.”

Larry olhou.

"Filho?"

Duncan assentiu e substituiu o pai no pódio. Os obturadores da câmera clicaram com nova intensidade quando o filho de Larry Chadwick ficou atrás do microfone. Ele engoliu em seco e limpou a garganta antes de falar, com um tremor audível em sua voz.

“Como meu pai disse, fiquei chocado ao saber que uma colega de classe havia sido estuprada. E ainda mais surpreso ao saber que o estupro ocorreu na minha fraternidade. Os detalhes ainda estão sendo divulgados, mas estou aqui hoje com meus pais para dizer que acredito na vítima, que, como meu pai disse, não revelaremos o nome porque ela quer permanecer anônima. Mas eu acredito nela e estou ao lado dela. Também quero dizer que, apesar das fortes amizades que fiz através da fraternidade Delta Chi, com efeito imediato, revogarei a minha adesão e trabalharei em qualquer capacidade possível para ajudar a vítima a encontrar justiça. Obrigado."

Duncan recuou do pódio enquanto os repórteres começavam a gritar perguntas. Larry retomou seu lugar e ergueu as mãos para acalmar a multidão.

“Juiz Chadwick!” um repórter agressivo gritou. “Isso afetará sua nomeação para a Suprema Corte?”

“Não responderemos a perguntas esta tarde”, disse Larry. “No entanto, antes de encerrarmos esta conferência de imprensa, quero prometer à vítima e aos seus pais que farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar a levar o seu agressor à justiça. Encorajo a vítima e a sua família a contactar-me se acharem que posso ajudar de alguma forma. Também gostaria de mencionar que imediatamente após esta conferência de imprensa, Duncan falará com a polícia para ajudar as autoridades de todas as formas possíveis.”

“Juiz Chadwick, você ainda é o candidato do presidente para a vaga na Suprema Corte?”

“Obrigado pelo seu tempo esta tarde”, disse Larry. "Deus abençoe. E Deus abençoe a vítima deste crime horrível.”

Os repórteres continuaram a gritar perguntas enquanto Larry reunia sua família e saía solenemente do pódio e entrava em um carro que o esperava.

CAPÍTULO 32

Washington, DC Sexta-feira, 21 de abril de 2023, 23h35.

TODO O INFERNO ESTÁ SOLTO.

Sua história vazou. Laura sabia que quanto mais investigasse e mais pessoas com quem falasse certos detalhes sobre sua história começariam a circular pelo campus. Ela sempre imaginou que seria capaz de ficar à frente das fofocas, mas de alguma forma sua história vazou. Não apenas alguns teasers, mas quase todos os detalhes de seu episódio estavam circulando pela Universidade McCormack de alguma forma. O telefonema de Duncan Chadwick a alertou; a conferência de imprensa dos Chadwicks confirmou isso. Laura não atendeu a ligação de Duncan e manteve-se discreta durante a semana passada para evitar topar com ele ou outros membros da fraternidade Delta Chi.

A coletiva de imprensa causou ondas de choque pelo campus e era tudo o que se falava. Surgiu do nada e Laura sabia que estava explicitamente programado para antecipar seu episódio e dar um toque especial à sua história. A coletiva de imprensa acelerou as coisas de uma forma que Laura não havia previsto, e agora ela tinha uma decisão a tomar: abandonar o episódio e revelar tudo o que havia descoberto no último mês, ou sentar-se e permitir que a polícia descobrisse tudo por conta própria. ter. Mas a universidade sabia do estupro há semanas e nada fez a respeito. Ela temia que as autoridades seguissem o mesmo caminho de culpabilização das vítimas até que a história desaparecesse, mantendo a reputação da universidade imaculada. Embora nervosa com a posição que o episódio a colocaria – no centro de uma enorme controvérsia envolvendo uma figura política proeminente e seu filho – Laura não teve escolha a não ser seguir em frente.

Ela girou o cartão de memória entre os dedos enquanto estava sentada no estúdio de gravação da Escola de Jornalismo. Laura completou suas entrevistas, terminou o trabalho investigativo, aperfeiçoou seu trabalho de narração e armazenou o episódio completo no pen drive e como um arquivo baixado em seu telefone. Claro, o episódio inteiro também foi armazenado no disco rígido do computador do estúdio de gravação, mas transmitir o episódio do estúdio não era mais uma opção. As coisas mudaram drasticamente desde que ela entrou no estúdio, uma semana antes. Naquela

época, ela acreditava que tinha tempo para decidir quando e como abandonar o episódio. Mas agora que a história dela vazou, os nomes dos envolvidos começaram a se espalhar pelo campus e os Chadwicks estavam na ofensiva. Chegou até ela a notícia de que a universidade estava pensando em encerrar seu programa. Laura precisava agir, e agir agora.

Seu plano era ousado. Ela evitaria o uso da largura de banda e da plataforma de transmissão da Universidade McCormack, que sempre foi o primeiro método de Laura para distribuir suas histórias antes de enviá-las para suas contas de mídia social. Em vez disso, ela iria sozinha e apenas postaria o episódio online para seus mais de um milhão de seguidores. Então, ela se esconderia por alguns dias. Talvez ela se escondesse em um hotel e visse como as coisas se desenrolavam. Ela pensou em voltar para casa, mas não queria chamar a atenção dos pais, caso a imprensa ou a polícia — ou o governo federal, pelo amor de Deus — viessem procurá-la.

“Puta merda”, ela sussurrou no estúdio escuro, tentando entender como essa história tinha ficado tão grande.

Ela colocou o pen drive na mochila e fechou o zíper. Depois de puxar as alças sobre os ombros, ela trancou o estúdio de gravação e atravessou o campus. Ela tinha algumas reflexões sérias a fazer e até considerou entrar em contato com Dante Campbell pela manhã para discutir a história e pedir a ajuda de Dante para espalhar a notícia. Mas ela sabia que isso poderia demorar muito porque Dante e a NBC precisariam vasculhar cada detalhe de sua história para confirmar sua veracidade. Laura já havia penteado e sabia que sua história estava correta.

Ao sair do campus, ela atravessou Horace Grove, uma área arborizada que contornava o campus. Era um atalho que reduzia em cinco minutos o trajeto até o apartamento dela e era frequentado por estudantes quase todas as horas do dia e da noite. Embora nesta noite estivesse estranhamente abandonado. Ela protegeu seus AirPods e clicou no download do episódio para ouvi-lo pela última vez. Se ela não encontrasse erros, a decisão estava tomada. Ela largaria tudo esta noite e deixaria os pedaços caírem onde pudessem. A introdução de The Scoop soou nos fones de ouvido enquanto ela começava a percorrer o caminho pela floresta.

Foi a última vez que alguém viu Laura McAllister viva.

PARTE IV
Um caso de pessoas desaparecidas

“Estou dentro de um prazo.”

—Annette Packard

Montanhas Apalaches do Acampamento Montague

Eles esperaram até tarde para sair. A fogueira havia terminado há mais de uma hora, e eles passaram o tempo jogando Texas Hold'em em sua cabana até terem certeza de que o acampamento estava dormindo profundamente e os conselheiros não estavam mais em sua ronda noturna para pegar as crianças depois do toque de recolher. Depois de cinco verões em Montague, ele e seus amigos conheciam o local. Sua primeira vez no acampamento foi no verão depois da oitava série, quando ele tinha treze anos – o primeiro período em que Montague permitia que as crianças se matriculassem. Agora ele tinha acabado de terminar o último ano do ensino médio e logo iria para a faculdade. Este foi seu último verão em Montague. A finalidade das coisas permitiu que ele e o resto dos quintos anos corressem mais riscos. Não poderia haver penalidade real por quebrar as regras. O curso normal de ação a cada verão era que os conselheiros somassem os méritos de cada campista, subtraíssem quaisquer acertos e depois ajustassem sua classificação para o verão seguinte. Como nem ele nem seus amigos voltariam para Camp Montague, este foi o primeiro verão em que ganhar méritos e acumular greves não fazia sentido. Todos os alunos do quinto ano estavam cientes da lacuna, e isso explicava por que a cada verão esse seleto grupo de campistas funcionava de acordo com suas próprias regras.

Ele abriu a porta da cabine e deu uma olhada cautelosa ao redor. Ao ver que o acampamento estava silencioso, ele acenou com a cabeça, e o grupo de quatro saiu correndo da cabana e desapareceu na floresta, acendendo as lanternas para encontrar o caminho. Depois de quinze minutos, o som das quedas atravessou fracamente as árvores e eles aceleraram o passo. Quando chegaram à clareira, o luar refletiu na cachoeira e coloriu o lago com um tom tranquilo de prata.

"Ei", veio um sussurro do outro lado do lago.

Ele sorriu e acenou quando viu as meninas. Ele e seus amigos se aproximaram. Eram oito: quatro rapazes e quatro raparigas. Um deles roubou uma caixa de cerveja do acampamento. Eles

preferiam bebidas com gás frutadas, mas pegavam tudo o que conseguiam roubar do pavilhão principal. Esta noite foi a Budweiser, que caiu feio. Ninguém reclamou. Eram um bando de jovens de dezoito anos em sua última excursão de verão a Montague, um lugar que havia definido sua experiência adolescente. Ninguém se via fora do acampamento todo verão. Eles moravam em cidades e estados diferentes. Mas neste verão eles governaram Montague e aproveitariam cada grama de aventura de seu último verão aqui.

Depois que todos tomaram algumas cervejas, os rapazes jogaram as camisas nas pedras e mergulharam no lago. As meninas tiraram os shorts para revelar os maiôs por baixo e seguiram os rapazes. Juntos nadaram em direção às cataratas e durante vinte minutos enfrentaram a água que descia da montanha. Quando chegou a hora de voltar, eles entraram na mata e encontraram a trilha. Quando voltaram ao acampamento e se separaram em direções diferentes, tentaram permanecer nas sombras.

Ele contornou o lado leste do acampamento e estava prestes a sair da floresta quando ouviu a porta da cabine de um dos conselheiros do acampamento se abrir com um rangido. Ele deu um passo rápido para trás de uma árvore, certificou-se de que estava banhado pela escuridão e observou. Ele viu o Sr. Lolland – um dos principais conselheiros de Montague – sair de sua cabana. Com ele estava uma garota. O Sr. Lolland colocou a mão no pescoço dela como se a estivesse consolando.

Ele se esgueirou pela floresta e os seguiu pelo acampamento, usando a folhagem como cobertura enquanto observava o Sr. Lolland levar a garota de volta para sua cabana e conduzi-la para dentro. Um momento depois, ele viu Jerry Lolland voltar para sua cabana. Uma sensação doentia tomou conta dele. Ele sabia o que tinha acontecido. Durante o seu primeiro verão em Montague, ele também foi uma das vítimas do Sr. Lolland.

A fogueira estava morrendo. Ele permaneceu escondido no local que havia vigiado depois do jantar – uma pequena clareira

na floresta atrás do tronco de um carvalho robusto. A localização proporcionava uma vista perfeita da cabana do Sr. Lolland. Ao longe, ele viu o acampamento começar a diminuir enquanto seus companheiros concluíam a noite com o Compromisso de Montague e se dirigiam para suas cabanas. Quarenta minutos depois, depois que as luzes da cabine se apagaram, ele viu a porta do Sr. Lolland aberta.

Apertou-se contra o tronco do carvalho e esperou até que o Sr. Lolland estivesse bem adiantado no acampamento antes de sair da sombra do carvalho e iniciar sua marcha silenciosa pela floresta enquanto o seguia. Ele observou através da folhagem enquanto o Sr. Lolland passava pela área do acampamento reservada aos campistas do segundo ano. Atravessando um riacho, ele se aproximou da borda da floresta para ter uma visão melhor enquanto o Sr. Lolland entrava na área onde os recrutas do primeiro ano estavam alojados e se aproximava de uma cabana.

Um minuto depois, o Sr. Lolland saiu da cabana com uma garota ao seu lado. Ele refez seus passos enquanto os seguia pelo acampamento, eventualmente retornando à pequena clareira atrás do robusto carvalho. Foi lá que sua vida mudou. Foi lá que ele viu Jerry Lolland levar a garota para sua cabana. Foi aí que ele hesitou. Ele deveria ter feito tantas coisas. Ele deveria ter fugido da floresta e impedido o Sr. Lolland de levar a garota para sua cabana. Ele deveria ter corrido para a tenda principal e encontrar os outros conselheiros e contar-lhes o que estava acontecendo. Mas fazer isso significaria admitir que a mesma coisa tinha acontecido com ele, e a vergonha que ele nutria pelo tempo que passou na cabana de Jerry Lolland era maior do que a culpa que sentia por permitir que isso acontecesse com outra pessoa.

Ele não impediu o Sr. Lolland naquela noite. Mas enquanto estava nas sombras escuras da floresta, ele elaborou um plano para garantir que Jerry Lolland nunca mais machucasse ninguém.

CAPÍTULO 33

Washington, DC Sábado, 22 de abril de 2023, 23h45.

BYRON ZELL sentou-se em sua mesa e bateu em seu novo computador – um pequeno MacBook que ele comprou para substituir seu desktop depois que as autoridades o confiscaram. Em apenas algumas semanas, sua vida foi para o inferno. Além dos crimes financeiros dos quais sua empresa o acusou, ele agora tinha que lidar com o problema maior de várias acusações criminais de posse de pornografia infantil. Garrett Lancaster cortara todos os laços com ele e, embora Byron ainda não pudesse provar isso, tinha certeza de que alguém estivera em seu apartamento ou, mais provavelmente, invadiu seu computador. Foi a única explicação de como seus documentos financeiros privados, nos quais ele guardava seu estoque de pornografia da dark web, foram enviados para Lancaster & Jordan.

Ele procurou três firmas de defesa criminal diferentes até finalmente encontrar um comprador. Mas a empresa estava muito longe da potência que era Lancaster & Jordan. Ainda assim, a sua melhor abordagem foi atacar o método pelo qual as autoridades obtiveram as suas informações pessoais, que foi através de um e-mail fraudulento enviado a Garrett Lancaster. Byron possuía um recibo da loja de conveniência onde comprou dois Red Bulls e um saco de batatas fritas. No recibo constava a data e hora da compra, que coincidia com a hora do envio do e-mail. O novo advogado de Byron estava retirando imagens de vigilância da loja de conveniência para provar o paradeiro de Byron. Se Byron pudesse provar que estava longe de seu apartamento e de seu computador no momento em que o e-mail foi enviado, então as evidências – dois gigas de pornografia infantil da dark web – não seriam admissíveis e as acusações contra ele seriam ser descartado.

Deveria ser suficiente, mas mesmo assim haveria consequências. Ele provavelmente ainda teria que se registrar como agressor sexual e nunca mais teria um emprego significativo. E uma vez superado esse último desastre, Byron recomeçaria sua luta contra as acusações de peculato. Era, ele pensou enquanto bicava seu novo laptop, uma vida de merda que ele estava levando.

Ele tentou não pensar no que aconteceria se seu advogado não conseguisse que as acusações de pornografia infantil fossem rejeitadas. Se

fosse condenado pelos crimes financeiros de que foi acusado, eles o mandariam para uma prisão de clube de campo por alguns meses. Ele tinha amigos que cumpriram pena em tais estabelecimentos e sobreviveram ilesos. Mas sua paixão pelas crianças era outra história. Isso acarretava uma pena mais severa, e ir para uma prisão de verdade seria uma sentença de morte, especialmente se os animais enjaulados descobrissem por que ele estava lá.

Ainda assim, com todo o pavor e preocupação em sua mente, ele sentiu um desejo familiar borbulhar dentro dele enquanto se sentava em frente ao computador. Era um desejo que ele nunca foi capaz de reprimir. Alguns minutos na dark web não fariam mal a ninguém. Desta vez, ele resistiria à tentação de baixar as imagens que mais o excitavam. Ele tocou no teclado e ativou o recurso de navegação privada para que seu histórico de pesquisa não fosse registrado. Em seguida, ele passou por uma série de páginas da web e logins. Este canto raramente explorado da Internet era um lugar familiar, um lugar que ele visitava para se libertar das normas sociais que restringiam a sua vida e os seus impulsos. Ele planejava passar apenas alguns minutos lá naquela noite. Meia hora, no máximo. Neste canto sombrio da Internet não havia julgamento nem vergonha. Ele foi autorizado a gostar do que quisesse. E não importa o que seja, pode ser encontrado nos limites obscuros da humanidade. Para Byron Zell, seu vício eram os filhos.

Ele passou um pouco mais de tempo do que o pretendido navegando nos sites. Ele se convenceu de que, se de alguma forma conseguisse escapar da tempestade de merda em que se encontrava, esta noite seria sua última vez na dark web. Essa análise final dos filhos menores seria uma forma de tirar isso do seu sistema, de uma vez por todas. Alguma parte de sua psique acreditou nisso. No fundo, porém, ele sabia que era mentira. Ele sofria de um vício que nunca poderia ser curado.

Depois de uma hora, ele fechou o computador, apagou a luminária da mesa e saiu do escritório. As luzes da cidade eram visíveis através das janelas da sala do apartamento alto. A noite estava clara e a lua era uma lua crescente que iluminava o piso de madeira apenas o suficiente para que Byron fosse até a cozinha, onde abriu a geladeira e pegou a caixa de leite.

O brilho da geladeira aberta projetava sua sombra sobre a ilha da cozinha. Pelo canto do olho ele captou a imagem de outra sombra que não lhe pertencia. Byron se virou e a caixa de leite caiu de sua mão quando viu

a figura vestida de preto parada do outro lado da cozinha, o cano de uma arma refletindo a luz da geladeira.

Instintivamente, ele ergueu as mãos. "Eu tenho dinheiro."

A figura de preto exibia fotos de pornografia infantil. Byron tentou protestar, negar, mas as palavras ficaram presas na garganta e ele não conseguiu respirar. Dois silvos reprimidos vieram da arma em rápida sucessão. O barulho foi registrado, mas isso foi tudo. Ele esperou pela dor, mas ela não veio. Ele estava ciente do que estava ao seu redor em um momento e morto no seguinte.

Byron Zell caiu no chão da cozinha. Ele não caiu para frente e não foi impelido para trás pelas balas que atingiram seu corpo – uma no rosto, outra no peito; ele simplesmente desmaiou. Seus joelhos dobraram e suas pernas dobraram-se embaixo dele como um brinquedo inflável que foi esvaziado.

O atirador foi até a pilha, jogou as fotos de pornografia infantil em seu cadáver e saiu correndo do apartamento.

CAPÍTULO 34

Manhattan, NY Terça-feira, 25 de abril de 2023 8h02

O CORPO DE TRACY CARR PINGOU ÁGUA QUANDO ELA SAIU DO chuveiro e pegou a toalha do rack. Ela se secou antes de se inclinar para frente e capturar o cabelo encharcado na toalha e girar ambos no topo da cabeça. Ela entrou no quarto, ligou a televisão e deixou o noticiário da manhã passar ao fundo enquanto vestia a calcinha e o sutiã.

Seu telefone vibrou na mesinha de cabeceira e Tracy viu que era seu editor ligando. Ela passou o telefone para ativar a chamada.

“Ei, Gary”, ela disse.

“Você está assistindo ao noticiário?”

Tracy voltou sua atenção para a televisão, onde um âncora da CNN falava enquanto uma faixa vermelha de alerta de notícias piscava na parte inferior da tela – uma estratégia que há muito havia perdido seu valor de choque. Um cachorro perdido era notícia de última hora na maioria dos programas de TV a cabo 24 horas por dia.

“Acabei de sair do chuveiro”, disse Tracy. "O que está acontecendo?"

“Lembra da coletiva de imprensa de Larry Chadwick na semana passada?”

"Como eu poderia esquecer? Era basicamente um comercial de campanha para mostrar o quanto ele e seu filho eram atenciosos com as vítimas de agressão sexual. Teatro político.”

“Sim, bem, aquela coletiva de imprensa está começando a parecer menos com teatro e mais com uma tentativa de desviar a culpa. Uma garota da Universidade McCormack chamada Laura McAllister está desaparecida. O que se diz na rua é que ela era a estudante jornalista que estava investigando o estupro que Larry Chadwick e seu filho mencionaram durante a entrevista coletiva. Os detalhes são escassos, mas tenho certeza de que há uma história maior aí. Eu quero você nisso.

Tracy leu a faixa brilhante na parte inferior da transmissão da CNN: ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DESAPARECIDO EM WASHINGTON, DC.

"Quando?"

"Agora. O mais breve possível. Vá até DC e veja o que você pode descobrir. Quero um artigo de abertura para a edição de amanhã. Tanto

quanto você puder conseguir. Então, mais detalhes à medida que você os descobre. Você estará na história até vermos como isso termina e se há alguma ligação com Larry Chadwick."

"Eu estou trabalhando nisso. Ligo para você quando estiver aí.

Tracy encerrou a ligação. Ela assistiu ao resto do segmento da CNN. Um estudante universitário desaparecido logo após uma coletiva de imprensa estranhamente cronometrada sobre a provável escolha do presidente para preencher a vaga na Suprema Corte. Poderia haver uma conexão aí? Tracy planejava descobrir e não poderia ter pedido que uma história melhor caísse do céu. Foi um blockbuster em potencial. Os fatos concretos ainda eram desconhecidos, o que significava que a especulação seria selvagem - perfeita para atrair espectadores para seus canais sociais. Isso significava que a verdade ainda estava esperando para ser descoberta, e seu público faminto consumiria qualquer pedacinho de informação que conseguisse encontrar. Tracy era uma mestre na manipulação da triste mas real aflição da sociedade: um apetite voraz pelos detalhes sangrentos do crime verdadeiro. Era assim que Tracy ganhava a vida. Adicione uma quase celebridade – como Lawrence Chadwick se tornou no último mês, quando foi cortejado pelo presidente – ao desaparecimento de uma universitária jovem e atraente, e Tracy Carr teria classificação ouro à sua frente.

Além de sua atuação como repórter policial do New York Times, Tracy Carr dirigia um canal de sucesso no YouTube que cobria crimes reais. Ela tinha seis milhões de assinantes e o canal era totalmente monetizado, ganhando seis dígitos apenas com a receita publicitária. Ela contratou três pessoas para administrar o canal: sua antiga colega de faculdade organizou a publicidade e otimizou o posicionamento do canal no YouTube e na Internet. Um editor de produção coletou as imagens brutas que Tracy gravou e as reduziu a vídeos curtos e assistíveis. E havia Jimmy, seu cinegrafista. As filmagens eram normalmente estruturadas e programadas, mas o rápido desenvolvimento da história que ela acabara de receber exigia ação rápida. Ela pegou o telefone.

"Jimmy", disse Tracy. "Algo aconteceu. Preciso que você faça uma mala e todo o seu equipamento. Estamos indo para DC.

"Quando?" Jimmy perguntou.

"Agora mesmo. Uma universitária desapareceu. Mas isso é apenas o começo. Vou buscá-lo em uma hora.

CAPÍTULO 35

Washington, DC Terça-feira, 25 de abril de 2023 9h15

OS ESCRITÓRIOS DA LANCASTER & JORDAN ESTÃO LOCALIZADOS NO DÉCIMO andar do edifício One Franklin Square em Washington, D.C. A sala de conferências foi preparada para a reunião desta manhã. Garrett havia liberado sua agenda, assim como Jacqueline Jordan, a outra sócia fundadora da empresa. Jacqueline seria, de fato, a advogada principal caso Lancaster & Jordan aceitassem Matthew Claymore como cliente.

Garrett e Jacqueline se levantaram quando Matthew e seus pais entraram na grande sala de conferências, que era dominada por uma longa mesa de mogno que brilhava com a luz do sol da manhã que entrava pelas janelas que davam para o Franklin Park. A cúpula do Capitólio ficava ao longe.

“Matthew,” Garrett disse enquanto estendia a mão. “Garrett Lancaster, prazer em conhecê-lo. Esta é minha parceira, Jacqueline Jordan.”

“Estes são meus pais”, disse Matthew. “Patrick e Sheila.”

Apertos de mão foram trocados.

“Obrigado por participar da reunião tão rapidamente”, disse Patrick Claymore.

A pesquisa de Garrett e Jacqueline revelou-lhes que Patrick e Sheila Claymore eram donos de uma série de mercearias na Costa Leste e eram terrivelmente ricos. O filho deles, Matthew, formou-se em administração de empresas na Universidade McCormack. A escola foi notícia na semana passada, após a entrevista coletiva de Larry Chadwick. Quando os Claymores solicitaram uma reunião para perguntar sobre Lancaster e Jordan representando Matthew em um possível caso de pessoa desaparecida envolvendo um estudante da Universidade McCormack, Garrett e Jacqueline rapidamente marcaram um encontro.

“Claro”, disse Jacqueline. "Sente-se. Espero que possamos ajudar. Café, antes de começarmos?

Os Claymores recusaram.

Matthew sentou-se na cabeceira da mesa de conferência, já que seria ele quem falaria a maior parte do tempo. Seus pais sentaram-se à sua esquerda,

com Garrett e Jacqueline à sua direita. Jacqueline abriu uma pasta de couro e virou algumas páginas em um bloco amarelo.

“Matthew”, disse ela, “seus pais nos deram algumas informações preliminares por telefone, mas Garrett e eu precisaremos que você nos mantenha totalmente atualizados”.

“Ok,” Matthew começou. “Estou no último ano da Universidade McCormack. No fim de semana, minha namorada. . . Não sei, ela parou de responder minhas mensagens e ficou quieta nas redes sociais. Ela já fez isso antes, quando estava ocupada com seu show.”

“O show dela?” Jacqueline perguntou.

“Sim, ela é uma estudante de jornalismo com, hum, um programa de rádio no campus muito popular.”

“Popular é ser modesto”, disse Patrick Claymore. “O programa de rádio de Laura, na verdade um podcast, é ouvido por centenas de milhares de pessoas todas as semanas, com base em downloads.”

Jacqueline fez algumas anotações. “Qual é o nome da sua namorada?”

“Laura MacAllister.”

Jacqueline assentiu enquanto continuava a escrever em seu bloco de notas. "Prossiga."

“O Scoop começou como um programa de rádio que Laura fazia semanalmente no estúdio de transmissão do campus. No começo era apenas cultura pop e fofoca. Laura fez um segmento chamado Camp-sip – como nas fofocas do campus, onde ela encontrava as histórias mais loucas de faculdades de todo o país e falava sobre elas. Qualquer coisa, desde encontros entre alunos e professores até um formal que deu errado. Durante meu primeiro ano, todos começaram a ouvir todas as quintas-feiras à noite. Foi tipo uma coisa do McCormack U, e o programa da Laura se tornou muito popular.

“Então, no segundo ano, ela fez um programa mais sério sobre como os campi universitários podem parecer, e podem realmente ser, inseguros para as estudantes do sexo feminino. Ela entrevistou meninas de todo o país, não apenas de McCormack, e o consenso foi que as meninas se sentiam mais assustadas e vulneráveis quando saíam sozinhas do campus. Então Laura encontrou soluções para resolver o problema: a universidade contrataria motoristas particulares para transportar os alunos de e para o campus à noite e nos fins de semana. Ela chamou o programa de ‘Uber U’. E pegou. Não

apenas McCormack adotou o programa Uber U, mas também faculdades em todo o país. Laura foi convidada para o Wake Up America e entrevistada por Dante Campbell. Desde então, a popularidade do programa de Laura disparou. Ela tem mais de um milhão de seguidores em suas plataformas de mídia social."

Matthew balançou a cabeça para voltar ao caminho certo.

"De qualquer forma, nas últimas semanas Laura me contou que estava investigando uma história sobre estupro no campus."

"Campus da Universidade McCormack?" Jacqueline perguntou.

"Sim. Não sei todos os detalhes porque Laura ficou bem quieta sobre isso. Ela não queria que a história vazasse. Mas então, na semana passada, o campus explodiu após a conferência de imprensa dos Chadwicks. Era totalmente sobre a história que Laura estava se preparando para contar. Então, como eu disse, Laura parou de retornar minhas ligações e mensagens de texto no fim de semana e ficou em silêncio nas redes sociais. Os pais dela me ligaram no domingo para perguntar se eu tinha notícias dela. Eu disse a eles que não, e os pais de Laura relataram seu desaparecimento no domingo. Então, ontem, dois policiais apareceram no meu apartamento para fazer um monte de perguntas."

"Sobre Laura?" Jacqueline perguntou.

"Sim, sobre Laura e sobre se tivemos uma briga recentemente e sobre um monte de outras coisas."

"Você respondeu às perguntas deles?"

"Sim, mas depois de um tempo comecei a ficar com medo, então disse a eles que queria ligar para meus pais."

O Sr. Claymore inclinou-se sobre a mesa de conferência. "A polícia perguntou a Matthew se ele poderia ir à delegacia para responder mais perguntas durante uma entrevista formal e fornecer amostras de DNA. Eu o instruí a não fazer tal coisa até obtermos aconselhamento jurídico. Rezo para que Laura esteja segura e isso acabe sendo um grande susto ou mal-entendido. Mas já ouvi histórias de terror suficientes para saber que, se algo aconteceu com essa pobre garota, a primeira pessoa que as autoridades vão olhar será o namorado dela."

Jaqueline assentiu. "Você teve algum contato com a polícia desde que o interrogaram ontem?"

“Não”, disse Matthew. “Um detetive deixou uma mensagem de voz esta manhã me pedindo para ligar de volta.”

“Mas você não fez isso?”

"Não."

“Tudo bem”, disse Jacqueline. “E até onde você sabe, ninguém ainda ouviu falar de Laura?”

"Não." Mateus encolheu os ombros. “Eu mandei mensagens para ela várias vezes e conversei com seus amigos. Ninguém ouviu falar dela e ninguém a viu.

Jacqueline bateu a caneta no bloco enquanto pensava.

"Primeiras coisas primeiro. Não fale com a polícia sem que Garrett ou eu estejamos presentes. Se eles vierem ao seu apartamento, diga que deseja ligar para o seu advogado e entrar em contato comigo imediatamente. Vou te dar meu número de celular. Enquanto isso, um de nossos investigadores entrará em contato com você para analisar mais detalhadamente os detalhes de seu relacionamento com Laura, bem como algumas outras informações de que precisaremos. Então, e só então, marcarei uma entrevista formal com a polícia. Mas faremos isso de acordo com nossas regras. E estarei presente com você quando isso acontecer.

Apertos de mão de despedida foram trocados e, assim mesmo, Lancaster e Jordan tiveram um caso novo e de alto perfil em mãos.

CAPÍTULO 36

Washington, DC Terça-feira, 25 de abril de 2023, 10h00

EM IDADE FORMATIVA, ALEX RECONHECEU OS PERIGOS QUE O ÁLCOOL representava e tomou a decisão de nunca tocar na substância. Se ela tivesse vivido uma adolescência normal, poderia ter sido diferente. Ela pode ter experimentado álcool durante os tempos de colégio, como a maioria das crianças faz, e saiu ilesa. Mas após uma tragédia sofrida quando ela era jovem e impressionável, que a fez saltar entre continentes, fugir da imprensa e ser encurralada por psicopatas que tentavam extorquir-la, Alex sabia que a atração do álcool trazia armadilhas. Agora, aos 28 anos e já na próxima fase da vida, ela estava num ponto em que talvez o álcool pudesse ser apreciado como uma ferramenta social e não como uma muleta. Mas ela não era muito sociável e sua ocupação nunca a colocava em situações em que a existência comunitária fosse necessária – exceto por uma festa anual de Natal da Lancaster & Jordan, à qual ela geralmente faltava. E assim, em algum momento entre se libertar da angústia da adolescência e chegar aos vinte e tantos anos, a janela de oportunidade se fechou e ela não encontrou mais curiosidade sobre o que o álcool poderia fazer por ela ou para ela. O café, porém, era outra história.

Seu último fascínio foi o sifão a vácuo, um dispositivo de câmara dupla que permitia que a pressão do vapor forçasse a mistura da água quente com o pó de café. Alex experimentou o tempo e descobriu que seis minutos e meio produziam a mistura mais suave. Ela provou a bebida da manhã e, satisfeita, levou a caneca para o sofá e pegou o laptop. Ela começava todas as manhãs da mesma maneira. Café e notícias, seguidos de uma hora trabalhando no painel de evidências antes de ir para o escritório. Depois de trinta minutos examinando as manchetes dos noticiários mundiais, ela estreitou seus interesses para a área de DC e chegou a uma história que a fez parar de pensar. Foi no Washington Times.

Empresário local baleado em invasão de casa

Byron Zell, ex-diretor financeiro da Schuster Industries, foi encontrado morto em seu apartamento em DC na manhã de segunda-feira. A polícia ofereceu poucos detalhes sobre o

homicídio, exceto que Zell morreu devido a ferimentos à bala e foi encontrado por um membro da família.

Zell estava envolvido em uma ação judicial com a Schuster Industries por suposto desvio de fundos da empresa. Mas os problemas jurídicos de Zell não terminaram aí. Ele também havia sido recentemente acusado de posse de pornografia infantil, e esse caso ainda estava sob investigação no momento de sua morte.

Nenhuma outra informação foi divulgada. Esta é uma história em desenvolvimento.

Alex passou o dedo na tela e começou a procurar outros artigos quando seu telefone tocou. Era Garrett.

"Olá?"

“Preciso de você no escritório imediatamente. Temos uma situação em desenvolvimento.”

"E aí?"

“Tenho uma pasta no escritório que cobre os detalhes e irá mantê-los atualizados. Novo cliente, um caso de pessoa desaparecida e uma possível conexão com a confusão que está acontecendo com Larry Chadwick e a Universidade McCormack. Ainda não sei todos os detalhes. Queremos você no caso, mas precisamos ser rápidos nisso. O potencial de cobertura da mídia é alto e em pouco tempo a Universidade McCormack estará repleta de repórteres intrometidos. Queremos saber com o que estamos lidando antes de irmos muito fundo. Jacqueline está assumindo a liderança e irá informá-lo no escritório.”

“Estarei aí em trinta minutos.”

"Vejo você então."

“Ei, Garret? Você viu as notícias sobre Byron Zell?

"Eu fiz."

“O que você acha disso?”

“Falaremos sobre Byron Zell mais tarde. Em algum lugar no fundo da minha mente, estou preocupado com sua pequena aventura, agora que o apartamento dele é uma cena de crime. Mas estou tentando administrar um escritório de advocacia e temos preocupações maiores no momento. Tenho certeza de que a polícia vai querer falar comigo sobre Byron Zell e o ângulo

da pornografia infantil. Não pretendo mencionar que você foi o investigador designado para o caso dele, a menos que eu seja pressionado. Por favor, me ajude a ajudá-lo, Alex. Fique longe da história de Byron Zell."

Uma pausa caiu na conversa.

"Alex?"

"Sim."

"Você entende o que estou dizendo?"

"Sim. Entendi."

"Vejo você em trinta?"

"Sim", disse Alex, olhando para o artigo de Byron Zell. "Vejo você em breve."

Ela encerrou a ligação e correu mais uma vez através de sua invasão furtiva até o apartamento do homem. Quando terminou o café, Alex quase se convenceu de que não havia deixado nada para trás que pudesse indicar sua presença, mesmo que uma unidade da cena do crime tirasse o pó de todas as superfícies.

CAPÍTULO 37

Washington DC.Quarta-feira, 26 de abril de 2023, 10h32

NO DIA SEGUINTE, ALEX ESTACIONOU O CARRO DE um complexo de apartamentos localizado nos arredores do campus da Universidade McCormack. A frente do prédio de três andares ostentava escadas em zigue-zague que davam acesso a cada nível. Alex saiu do carro, subiu as escadas até o segundo andar e bateu no apartamento número 211. Um momento depois, um jovem atendeu a porta.

“Matthew Claymore?”

"Sim?"

“Alex Armstrong. Trabalho para Lancaster e Jordan. Jacqueline Jordan pediu que eu trabalhasse com você em algumas coisas antes de você e Jacqueline se encontrarem com a polícia no final desta semana.

“Sim, entre”, disse Matthew.

Alex entrou no pequeno apartamento em estilo universitário, composto por dois quartos, uma área de estar e uma cozinha. Ela colocou a pasta que carregava sobre a mesa da cozinha e sentou-se.

"Você quer algo para beber?" — perguntou Mateus. “O café ainda está quente.”

Alex olhou para a cafeteira, uma cafeteira padrão Mr. Coffee cujo bule de vidro estava manchado de um marrom imundo.

"Estou bem, obrigado."

Matthew sentou-se à sua frente.

“Uma garota chamada Laura McAllister está desaparecida”, disse Alex. “A polícia quer saber se você está envolvido.”

Matthew assentiu. "Sim."

“Você e Laura estavam namorando?”

"Sim."

"Primeiras coisas primeiro. Você teve alguma coisa a ver com o desaparecimento de Laura?

"Não."

“Vamos nos aprofundar em alguns detalhes específicos sobre o fim de semana. Se você estiver mentindo, isso prejudicará a capacidade de Lancaster e Jordan de defendê-lo.

"Eu não estou mentindo."

“Tudo bem”, Alex disse. “Meu trabalho é provar isso.”

"Como você faz isso?"

“Muitas maneiras. A primeira coisa que temos que fazer é produzir um álibi sólido e depois confirmar esse álibi com provas.”

Alex abriu o documento que Jacqueline Jordan lhe entregara. Continha os detalhes do “Caso Matthew Claymore”, como era agora referido nos escritórios da Lancaster & Jordan.

“Primeiro, você vai me contar sobre Laura. Aqui está o que eu sei”, disse Alex. “Laura McAllister foi dada como desaparecida por seus pais na tarde de domingo. Segundo nossas fontes, a última vez que alguém a viu foi na noite de sexta-feira. Essa pessoa era colega de quarto de Laura, que disse à polícia que Laura estava a caminho do estúdio de gravação da universidade para terminar um projeto em que estava trabalhando. Ninguém a viu desde então. Isso corresponde ao que você sabe?

Matthew assentiu. "Sim."

“Laura tinha inimigos? É razoável pensar que algo aconteceu com ela, ou é mais provável que ela tenha se levantado e ido embora por algum motivo?

Matthew balançou a cabeça para frente e para trás. “Quero dizer, acho que qualquer uma das duas coisas é possível. Laura estava se preparando para lançar um episódio de seu programa e houve muita polêmica em torno disso. A Sra. Jordan lhe contou sobre isso?

“O furo. Sim, está no briefing.

Alex sabia tudo sobre Laura McAllister, seu programa de rádio e sua plataforma de mídia social que contava com mais de um milhão de seguidores. Jacqueline a informou sobre a situação e Alex passou uma hora examinando os detalhes do arquivo preliminar que seu chefe havia elaborado.

“Ok,” Matthew continuou. “Então, embora Laura estivesse tentando esconder a história de estupro em que estava trabalhando, rumores começaram a circular pelo campus. E então, você sabe, depois da coletiva de imprensa do pai de Duncan Chadwick, as coisas ficaram muito malucas na escola durante a última semana ou mais.

“Louco como?”

“Louco com rumores sobre o que Laura estava prestes a revelar. Rumores sobre quem eram as meninas estupradas e quais membros da

fraternidade estavam envolvidos. As pessoas estavam pirando. Além disso, Laura me disse que a escola estava pressionando ela."

"A escola?" Alex perguntou.

"A Universidade McCormack é. . . bem, a escola é prestigiada. É uma espécie de alternativa às Ivy Leagues e atrai estudantes cujos pais são ricos e poderosos. Laura, pelo pouco que me contou sobre sua investigação, confirmou que uma fraternidade havia usado uma droga para estupro em uma de suas festas. Há um registro policial de uma das meninas que foi estuprada. A história de Laura não só iria destacar esta incidência de abuso sexual, mas também apontar para questões passadas que a universidade varreu para debaixo do tapete. Laura disse que a McCormack estava mais interessada em manter sua reputação imaculada e em manter seus ex-alunos felizes e orgulhosos, de modo que o fluxo constante de doações continuava a chegar a cada ano. A escola tem uma doação que rivaliza com a de Harvard, e Laura acusaria McCormack de tomar todas e quaisquer medidas para protegê-la, incluindo manter em sigilo uma história sobre estupro em seu campus.

Alex fez algumas anotações.

"Então, voltando à sua pergunta original", disse Matthew. "Laura fez alguns inimigos e tinha bons motivos para ir a algum lugar e se esconder até que todos os rumores se acalmassem."

"Quem eram os caras que Laura iria nomear?" Alex perguntou. "Quais são os nomes deles?"

Matthew balançou a cabeça. "Ela nunca me contou. Como eu disse, ela era bastante reservada sobre a história em que estava trabalhando."

"Então como vazou tanto?"

"Nenhuma idéia. As pessoas sabiam que Laura estava bisbilhotando a história do estupro, mas havia apenas alguns rumores circulando até a entrevista coletiva de Duncan Chadwick. Então, tudo explodiu."

"Quão perto Laura estava de terminar sua história?"

"Fechar. Acho que ela realmente terminou com isso, só teve que fazer um trabalho de dublagem no estúdio de gravação."

"Por que ela não abandonou o episódio? Se ela terminou, por que não foi ao ar na quinta à noite? Não é quando o The Scoop vai ao ar?"

"É, mas Laura hesitou em abandonar a história. A universidade disse a Laura, por meio de carta escrita, que qualquer trabalho de gravação que ela

fizesse dentro do estúdio da universidade pertencia a eles e não poderia ser divulgado sem a sua aprovação.”

Alex fez mais anotações.

"OK. Vamos passar para você e Laura. Quando foi a ultima vez que você viu ela?"

"Sexta-feira de manhã. Ela ficou no meu apartamento na quinta à noite e saiu cedo na sexta para uma aula.

"Qual classe?" Alex perguntou. “Vamos entrar em detalhes e preciso de todos os detalhes.”

“Foi, hum, lei e ética da mídia, eu acho. Sim”, disse Matthew, balançando a cabeça, “essa era a aula dela de manhã cedo, às segundas, quartas e sextas.”

"Bom. Os detalhes ajudarão.

"Ajuda com o que?"

“Sua credibilidade. Quanto mais tempo Laura permanecer desaparecida, mais suspeitas você terá. Precisamos de todos os detalhes do seu fim de semana mapeados. A que horas ela saiu na sexta-feira?

“Era uma aula das nove horas, então, tipo...”

“Não gosto, Matthew. A que horas exatamente Laura saiu do seu apartamento?

“Oito e vinte. Ela queria voltar para sua casa para tomar banho antes da aula.”

"E você não a viu de novo?"

"Não, não a vi desde então."

“Você se comunicou com ela depois que ela saiu do seu apartamento na sexta de manhã? Telefonema ou mensagem de texto? Alguma coisa nas redes sociais?

"Não."

“Quando a polícia veio ver você pela primeira vez por causa de Laura?”

“Segunda-feira à tarde. Tipo... quero dizer, em. . . passava pouco da uma da tarde.”

"OK. Temos dois suportes para livros no momento: você estava em seu apartamento às oito e vinte da manhã de sexta-feira e a polícia chegou ao seu apartamento à uma da tarde de segunda-feira. Você e eu vamos sentar aqui e prestar contas de cada hora intermediária. E você não vai apenas me dizer onde estava, nós vamos provar isso.”

"Toda hora?"

"Sim."

“Como vamos provar cada passo que dei durante um fim de semana inteiro?”

“Muitas maneiras. Você vai me acompanhar durante o fim de semana e me contar todos os detalhes de cada hora que você puder lembrar. Eu tenho uma longa lista de perguntas que ajudarão a refrescar sua memória. Então, de forma independente, confirmarei o que você me disse. E, Matthew, se você mentir para mim, eu vou descobrir porque vou conversar com todas as pessoas que você se lembra de ter visto, de amigos a colegas de classe e professores. Vou examinar seu telefone e destacar cada ligação que você fez, cada mensagem de texto que você enviou e cada presença que você fez nas redes sociais. Vou puxar os registros da torre de celular para confirmar os pings que seu telefone registrou e rastrear seu movimento, e vou confirmar tudo usando o localizador GPS do seu celular para mapear cada passo que você deu. Vou extrair vídeos de vigilância de todos os estabelecimentos em que você esteve e compará-los com os recibos. Cartões de crédito, cartões de débito e transações de pagamento digital confirmarão seu paradeiro.”

“Puta merda.”

Alex fez beicinho com o lábio inferior. “É difícil navegar por este mundo sem deixar rastros. E vou usar essa invasão completa de nossa privacidade para provar que você não teve nada a ver com o desaparecimento de Laura McAllister. Então, você está pronto para me provar que a última vez que viu Laura foi na manhã de sexta-feira, ou gostaria de alterar essa afirmação antes de começarmos?

“Sem alterações. A última vez que a vi foi na manhã de sexta-feira. Vamos começar."

CAPÍTULO 38

Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 8h15

O DEN ESTAVA LOCALIZADO NO NONO ANDAR DO ONE FRANKLIN Square, um andar abaixo dos escritórios principais da Lancaster & Jordan. A sala era reservada aos investigadores, aos paralegais e aos recém-formados em direito que passavam dez horas por dia com o nariz enterrado em livros de direito ou pressionados contra monitores de computador, percorrendo milhares de registros arquivados fazendo pesquisas para os verdadeiros advogados no andar de cima. Os sócios da Lancaster & Jordan ditavam o protocolo no décimo andar, mas os investigadores cuidavam das coisas no nono. O perímetro do escritório continha escritórios modestos que empalideciam em comparação com as enormes unidades de canto no andar de cima, mas ainda tinham quatro paredes e uma porta e tinham influência. Os investigadores mais antigos os reivindicaram e, com oito anos de experiência, Alex era um deles.

Ela sentou-se à sua mesa enquanto a impressora a laser funcionava. Ela teve dois dias ocupados e produtivos desde que se sentou com Matthew Claymore. Agora ela estava publicando seus esforços para o encontro com Jacqueline Jordan. Alex já havia trabalhado em casos suficientes para que Jacqueline soubesse exatamente o que a mulher queria e exatamente como ela queria. E ela sabia que sua pesquisa nesse caso específico precisava ser perfeita. Muitas vezes parecia que Jacqueline tinha um preconceito familiar ao designar investigadores para os casos que ela cuidava, na maioria das vezes nomeando seu irmão para os casos de destaque. Mas a verdadeira razão pela qual Jacqueline nomeou Buck para casos importantes foi porque Buck era o melhor investigador contratado por Lancaster & Jordan - um ponto que Alex nunca discutiria. Mas o fato de Jacqueline ter escolhido Alex para o caso Matthew Claymore — um caso que tinha potencial para se tornar digno de nota — era uma prova de que, embora Buck Jordan ocupasse o primeiro lugar entre os investigadores da empresa, Alex estava em segundo lugar.

Ela ouviu uma batida na porta e olhou para cima para ver Buck enfiando a cabeça em seu escritório.

“Ei, garoto”, disse Buck. “Aqui antes das nove. Deve significar que você está trabalhando em um caso para a chefe.

Alex sorriu. “Tenho que trabalhar no horário de Jacqueline quando você estiver cuidando de um dos casos dela.”

“Só me fazendo de bobo. Todos sabemos que você roubou o caso Claymore. Bom para você. Alguma coisa suculenta?

O sorriso de Buck empurrou sua papada caída para cima, fazendo com que seus olhos se estreitassem quase fechados. Com quase sessenta anos, Buck Jordan exibia os anos de sua profissão no rosto. Longas vigilâncias com fumantes inveterados e noites inteiras movidas a álcool cobraram seu preço. Alex conhecia Buck bem e, ao longo dos anos, até tentou controlar seu hábito de beber com incentivos sutis destinados a salientar que alcoólatras funcionais ainda são alcoólatras.

“Trabalhando nisso”, disse Alex.

"Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa."

“Obrigado, Buck.”

Quando a impressora finalmente se acalmou, Alex reuniu sua pesquisa, passou as páginas por uma máquina furadora, encadernou tudo em uma pasta L&J e subiu para o décimo andar. Ela caminhou até o escritório do canto, ergueu a pasta para a assistente de Jacqueline ver – uma senha tácita que significava que o chefe estava esperando por algo importante – e recebeu um aceno para prosseguir. Alex bateu na porta de Jacqueline ao mesmo tempo que ela abriu.

“Ei, Jacqueline, tenho as primeiras pesquisas sobre Matthew Claymore.”

Emblemática de uma advogada de cidade grande, Jacqueline Jordan sempre se vestia impecavelmente. Naquela manhã, ela usava um traje de negócios elegante, composto por uma blusa de seda branca sob um blazer cinza que combinava com sua saia na altura dos joelhos. A mulher parecia perpetuamente fresca e afiada. Famosa no escritório por ser a primeira advogada em seu escritório, geralmente chegando antes das 7h, ela raramente saía antes das 19h. E não havia nada de errado na agenda da mulher. Ela foi sócia fundadora de uma das maiores empresas de defesa criminal da Costa Leste e seus serviços eram muito procurados. Casada com um anestesista proeminente, Jacqueline Jordan fazia parte de um casal poderoso de DC e, Alex sabia pelas conversas com Garrett, a mulher tinha dinheiro para gastar. Ela trabalhava muitas horas não por qualquer necessidade de ganho monetário, mas porque estava em seu sangue.

Ela estava em algum lugar na casa dos cinquenta, e a única evidência da meia-idade eram os trapaceiros que equilibravam na ponta do seu nariz quando ela trabalhava. Ao contrário do seu irmão mais velho, cuja carreira obstinada nos becos da investigação legal tinha marcado o rosto de Buck com sulcos profundos, Jacqueline Jordan não tinha rugas – o resultado, presumiu Alex, de sessões mensais de Botox. Jacqueline ergueu os olhos do resumo que estava lendo e olhou para Alex por cima dos óculos.

"E? Como estamos?

“Na primeira passagem, o garoto parece limpo”, disse Alex, sentando-se em uma das cadeiras em frente à mesa de Jacqueline. Alex entregou a pasta que continha seu trabalho.

“Posso colocá-lo definitivamente com Laura McAllister na manhã de sexta-feira em seu apartamento, confirmado pelo colega de quarto de Matthew, que viu Laura sair, e pelo GPS de seu celular. Dois professores confirmam ter visto Laura em suas salas de aula nas sextas-feiras de manhã e à tarde, então temos provas de que Laura estava viva e bem depois da última vez que Matthew a viu. Laura foi vista pela última vez por sua colega de quarto na noite de sexta-feira, supostamente a caminho do estúdio de gravação da escola de jornalismo. Ninguém a viu desde então. Ela foi dada como desaparecida na tarde de domingo por seus pais, e a polícia bateu na porta de Matthew à uma e meia da tarde de segunda-feira, confirmado por um relatório policial que obtive.

“Consegui criar um cronograma detalhado dos movimentos de Matthew desde o momento em que Laura saiu de seu apartamento na sexta-feira de manhã até quando a polícia falou com ele na tarde de segunda-feira, tudo confirmado com uso de cartão de crédito, câmera do caixa eletrônico, postagens em mídias sociais, pings de telefone celular e o Rastreador GPS em seu telefone. Tudo. É bem apertado, exceto pelas horas de sono de Matthew, que tecnicamente não podem ser garantidas. Um promotor ansioso ou um detetive desonesto poderia usar essas horas de anonimato para afirmar que sim, quando Matthew estava à espreita.

“Alguma maneira em torno daquelas horas em que Matthew estava dormindo?”

"Na verdade. Falei com seu colega de quarto e ele confirmou que acredita que Matthew estava dormindo em seu quarto. Nenhuma prova de

testemunha ocular, no entanto. Infelizmente, essas são horas em branco na linha do tempo de Matthew que não podemos contabilizar."

"Que tal um Fitbit ou relógio inteligente?"

Alex balançou a cabeça. "Já perguntei. Ele não usa um. Seu celular o coloca em seu apartamento durante esse horário, mas pode-se argumentar que ele deixou o telefone em seu apartamento para fazer o trabalho sujo."

"Tudo bem, teremos que lidar com os mortos horas depois, se o assunto surgir. Alguma bandeira vermelha?

"Ele estava namorando Laura, então será um suspeito imediato, não importa o que façamos. E ele era membro da fraternidade Delta Chi, que era a casa que Laura McAllister estava prestes a acusar de usar drogas de estupro para aumentar as bebidas em suas festas. Ainda não tenho muitas informações sobre esse ângulo, mas estou trabalhando nisso."

"Tudo bem", disse Jacqueline enquanto folheava o trabalho de Alex. "Até agora, eu diria que o bem supera o mal. Qual é a sua opinião sobre a criança? Pessoalmente."

"Eu acredito nele. Já trabalhei com mentirosos antes. Matthew Claymore não está mentindo. Ele está morrendo de medo, mas não está mentindo."

Jaqueline assentiu. "Aqui está o plano, então. Preciso de munição para o caso de Laura McAllister não aparecer ou, Deus me livre, alguma coisa acontecer com ela. Precisamos proteger Matthew das acusações que a polícia possa fazer contra ele. Isso exigirá que não apenas tenhamos certeza de que ele é tão inocente quanto afirma, mas também que apresentemos teorias alternativas sobre o que pode ter acontecido com Laura McAllister. Precisamos saber detalhes. Quem, como e por quê. Você conhece a rotina.

"Já estou trabalhando nisso", disse Alex. "A questão óbvia é se o desaparecimento de Laura McAllister teve alguma coisa a ver com a história de estupro que ela estava prestes a divulgar."

"Exatamente. Preciso que você descubra tudo o que puder sobre essa garota e a história em que ela estava trabalhando. Quem estava envolvido, quem seria identificado, quem poderia querer evitar que sua história chegasse ao mainstream. Precisamos ter certeza de que Matthew não fez parte da história de Laura, mas também precisamos dos nomes daqueles que fizeram. Rezo para que essa garota se materialize logo e nunca tenhamos que usar nada disso, mas ela está desaparecida há quase uma semana e

precisamos nos preparar para o pior cenário. Esta linha do tempo dos movimentos de Matthew é um bom começo, mas precisaremos de mais se isso ficar feio."

"Entendido", disse Alex enquanto se levantava. "Terei uma imagem melhor na próxima semana."

"Obrigado, Alex. Estou feliz que você esteja neste caso comigo.

Alex assentiu. Ela saiu do prédio e voltou para a Universidade McCormack para continuar sua investigação sobre o que poderia ter acontecido com Laura McAllister. Desta vez, incluiria alguns métodos não tradicionais de recolha de informações.

CAPÍTULO 39

Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 9h00

“ELE ESTÁ PREOCUPADO”, DISSE ANNETTE PACKARD.

Sentado na mesa em frente a ela, Larry Chadwick girava sua caneca de café enquanto o vapor subia em espiral. Ela o havia tirado de seus aposentos quinze minutos antes para falar em particular.

“O que mais ele quer que eu faça? Duncan mudou sua vida por causa disso. Ele está cooperando com a polícia. Não há nada que o ligue a essa garota além de sua fraternidade, da qual ele denunciou publicamente e da qual renunciou.”

“Parece mau, Larry, e o presidente está preocupado que os seus oponentes no Senado utilizem esta crise em seu benefício. Se ele nomear você e você não obtiver os votos, isso fará com que ele pareça fraco em um ano eleitoral.”

“Temos os votos”, disse Larry. “Não é isso que dizem as pesquisas internas?”

"Disse. Essa pesquisa foi realizada há duas semanas, antes da história ser divulgada. Estamos analisando os números novamente, e muitos votos que estavam solidamente a seu favor estão agora indecisos.”

“Uma universitária rebelde que espera ser o próximo Bob Woodward foge por alguns dias e devemos agir como se fosse o crime do século. Pior, devemos jogar contra nossos oponentes e negar constantemente que meu filho esteja envolvido. Apenas mencionar Duncan e o nome dessa garota na mesma frase já começa a ligá-lo a ela. Você entende isso, não é, Annette? Por favor, diga-me que você entende como funciona uma campanha de difamação.”

“Eu entendo, Larry. E parece estar funcionando.”

“Duncan não teve nada a ver com o desaparecimento daquela garota, fim da história.”

“Receio que seja apenas o começo da história.”

Larry respirou fundo. “Achei que as crianças estavam fora dos limites na política.”

“Não em uma investigação de pessoas desaparecidas.”

“Um que não tem nada a ver com meu filho. A associação mais próxima dessa garota é que meu filho frequenta a mesma faculdade? É nisso que o

outro lado está agindo?

“Eles estão gastando mais do que isso, Larry. Embora não seja mais, Duncan era membro de uma fraternidade que agora está sob grande escrutínio por supostamente usar uma droga de estupro para aumentar as bebidas em suas festas.

“Se isso é verdade ou não – e não sabemos se é verdade; no momento não passa de um boato: Duncan não estava envolvido.”

“Quer você acredite que esta é uma campanha difamatória ou uma história legítima envolvendo seu filho, espero que você veja o problema de qualquer maneira.”

Ele mexeu o café sem responder. Ele finalmente olhou para ela.

“Você está recomendando que ele deixe de me indicar?”

"Não. Ainda não, de qualquer maneira. Você é a primeira escolha do presidente. Ele quer você, e agora ele quer apenas você. Meu trabalho é garantir que, se ele indicar você, você passará pela audiência de confirmação. Do contrário, não será ruim apenas para ele, será ruim para mim. Estou acertando mil, Larry. Cada pessoa que examinei e atestei chegou à Terra Prometida. Se eu liberar você para o presidente, e essa confusão acabar prejudicando sua confirmação, minha carreira estará em risco tanto quanto a do presidente. Posso não ter um mundo livre para administrar, mas tenho contas e uma hipoteca para pagar.”

“Isso é uma bagunça”, disse Larry. “O trabalho da minha vida está indo pelo ralo.”

Não deveria ter sido surpresa para Annette que as ambições políticas de Larry Chadwick o cegassem para o fato de que uma garota estava desaparecida. Ou que ele considerava o potencial descarrilamento da sua nomeação para o Supremo Tribunal mais uma tragédia do que o desaparecimento de um estudante universitário de 22 anos. Afinal, ele era um político.

“Você poderia, por favor, dizer ao presidente para dar algum tempo a isso? Peça a ele para esperar apenas mais uma semana. Permita que a polícia pelo menos inicie uma investigação antes de descartarmos minha indicação.”

Annette pensou por um momento antes de concordar lentamente.

"OK. Vou pedir a ele uma semana”, disse ela.

Uma semana deu-lhe tempo para encontrar respostas a perguntas que o presidente certamente gostaria que fossem respondidas. Isso deu a Annette tempo para descobrir se deveria dizer ao seu chefe para apoiar Larry Chadwick com confiança ou reduzir suas perdas e evitar um tsunami político.

CAPÍTULO 40

Washington, DC, sexta-feira, 28 de abril de 2023, 13h35.

NA TARDE DE SEXTA-FEIRA, ALGUMAS HORAS DEPOIS DE DEIXAR O escritório de JACQUELINE Jordan, Alex estava sentado na mesa dos fundos de uma lanchonete em Georgetown. Ela mexeu o café, uma bebida filtrada servida em um bule redondo de vidro que provavelmente continha várias bebidas anteriores naquele dia. Seu primeiro gole foi tão horrível quanto ela esperava. Ela teve que tomar apenas mais alguns goles antes de Matthew Claymore passar pela porta da frente. Ele sentou-se na mesa em frente a ela.

“Como foi seu encontro com a polícia?” Alex perguntou.

A primeira reunião formal de Matthew com a polícia ocorreu naquela manhã.

"Bem eu acho. A Sra. Jordan falou muito e ela tinha. . . Acho que você deu a ela todo o trabalho que fizemos juntos, porque toda vez que um dos detetives me perguntava onde eu estive no fim de semana, ela oferecia provas. Obrigado por fazer tudo isso por mim.

“É para isso que você nos paga. Mas caso algo tenha acontecido com Laura, precisaremos de muito mais do que um cronograma.”

"Como o que?"

“Preciso saber mais sobre a história em que Laura estava trabalhando. Quanto mais tempo Laura ficar desaparecida, mais a polícia buscará respostas. E quanto mais procuram, maior é a probabilidade de encontrarem o que procuram, exista ou não.”

"O que isso significa?"

"Apenas confie em mim. Faço isso há muito tempo e tive minha própria experiência desagradável com uma investigação policial. Você já está no radar deles. Você está à frente do jogo porque garantiu uma boa – realmente boa – representação legal. Mas a polícia tem uma teoria sobre o que aconteceu com Laura, e é seguro dizer que você faz parte dessa teoria. Não podemos sentar e esperar que eles criem uma narrativa. Precisamos partir para o ataque oferecendo nossa própria teoria sobre o que pode ter acontecido com Laura.”

“Mesmo que eu tenha contado a eles e mostrado onde estive durante todo o fim de semana?”

“Não importa, Matheus. Isso é o que estou tentando lhe dizer. Não importa que você seja inocente. Há horas vazias no seu fim de semana. As horas em que você estava dormindo. E como você ficou sozinho durante essas horas, a polícia e os detetives irão usá-los para adequar sua narrativa. Dirão que você passou aquele tempo, aquelas horas em que ninguém consegue explicar seus movimentos, sequestrando Laura e escondendo seu corpo.

"Jesus! Nem sabemos se alguma coisa aconteceu com ela.”

“Só estou explicando como a polícia e os detetives trabalham. Meu trabalho é mantê-lo à frente da tempestade que pode estar chegando. Para fazer isso, preciso da sua ajuda.”

Uma garçonete se aproximou e derramou café na caneca de Alex.

"Posso pegar alguma coisa para você, querido?"

“Uma Coca-Cola, por favor”, disse Matthew.

Depois que a garçonete saiu, Matthew olhou para Alex. “Meus pais me disseram para fazer tudo o que a Sra. Jordan dissesse, então eu farei. Eu lhe darei tudo o que você precisar. Se eu puder."

"Bom. Vamos começar com algumas perguntas. Você e Laura eram exclusivos?

“Tipo, estávamos saindo com outras pessoas?”

"Sim."

"Não. Estávamos falando sério.”

"Há quanto tempo vocês estão juntos?"

“Desde meados do primeiro ano. Quase um ano e meio.”

“Você conhece alguém que possa estar interessado romanticamente em Laura?”

“Não que eu consiga pensar.”

“Laura tinha um ex-namorado?”

“Provavelmente, mas ela nunca mencionou ninguém. Ela nunca teve namorado na escola durante o primeiro ou segundo ano. Então, talvez do ensino médio.”

A garçonete entregou o refrigerante para Matthew.

“Vocês dois vão pedir alguma comida?”

“Não, obrigado”, disse Alex.

A garçonete colocou a conta na mesa.

“As recargas são gratuitas, basta me sinalizar”, disse ela antes de ir para a próxima mesa.

“Tudo bem”, Alex disse. “Conte-me sobre a história em que Laura estava trabalhando.”

Mateus encolheu os ombros. “Eu não sei muito sobre isso. Laura foi muito reservada sobre isso. Tudo o que ela me disse foi que havia sido avisada sobre um estupro ocorrido no campus. Depois que ela começou a investigar as coisas, ela veio até mim para me contar que o estupro havia acontecido na casa da minha fraternidade. Ou, você sabe, supostamente aconteceu.

“Você sabia disso?”

"Não. Quero dizer, havia rumores, mas era isso.”

“Que tipo de boatos?”

“Que talvez alguns dos caras tenham pegado o Liquid G e aumentado o ponche.”

"Quem? Quais eram os nomes deles?

"Não sei. Foi apenas um boato. Eu não fazia parte disso, então não sabia se era verdade ou não. Mas então, algumas semanas atrás, soubemos que uma garota tinha ido à polícia e feito uma denúncia de que havia sido estuprada na casa da fraternidade. Estávamos todos assustados. Imaginamos que a polícia apareceria e começaria a fazer perguntas, ou o reitor nos chamaria, ou o estatuto da fraternidade seria encerrado. Mas nada aconteceu. É por isso que achei que não era verdade.”

“O que Laura lhe contou?”

"Nada. Como eu disse, ela estava preocupada que sua história vazasse antes de ser divulgada, então teve o cuidado de não me contar nada.

“Você estava preocupado com a história de Laura?”

“Eu não sei, eu acho. Eu não sabia o que era verdade e o que era inventado. Eu não queria que nenhum dos meus amigos se metesse em problemas, especialmente se nada disso fosse verdade. E, você sabe, só para ser totalmente honesto com você, Laura e eu brigamos por causa disso na noite anterior a ela. . . você sabe, antes de ela desaparecer.

“Que tipo de luta?”

“Apenas uma discussão. Eu queria saber que tipo de prova ela tinha e ela não quis me contar nada sobre isso. Ela estava estressada porque muitos rumores circulavam pelo campus sobre sua história. Fiquei estressado

porque tinha a ver com a minha fraternidade. Então tudo explodiu em uma grande discussão.”

“Você contou à polícia sobre essa discussão?”

"Não. Eles nunca perguntaram. E a Sra. Jordan me disse para não oferecer quaisquer detalhes, a menos que me perguntassem sobre eles.

Alex fez uma pausa longa o suficiente para tomar um gole de café.

“Como Laura entrou na história em primeiro lugar? Como ela soube disso?

“Através de sua linha de denúncias. Ela criou uma conta de e-mail no ano passado, quando o The Scoop começou a se tornar popular. As pessoas mandavam para ela por e-mail todo tipo de histórias malucas e Laura verificava as interessantes e depois começava a investigá-las para ver se eram legítimas.”

“Quem a avisou sobre o estupro no campus da Universidade McCormack?”

Matthew balançou a cabeça. "Não sei."

Alex tomou um último gole de café. "OK. Vou fazer algumas investigações. Eu posso ter perguntas. Se eu ligar, atenda seu telefone. Entendi?"

"Sim. Você precisa de ajuda? Eu posso ajudar."

A última coisa que Alex precisava era de um cúmplice instável ajudando-a e encorajando-a enquanto ela violava ou violava leis em seu esforço para protegê-lo.

“Basta manter o telefone ligado”, disse ela enquanto se levantava da cabine. “Vou ligar se precisar de alguma coisa.”

CAPÍTULO 41

Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 14h45.

ALEX SENTOU-SE NO CARRO E OLHAVA PARA O COMPLEXO DE APARTAMENTOS. Sua pesquisa lhe dissera que Laura McAllister morava na unidade 7 e que sua colega de quarto se chamava Liz Chamberlain, uma colega do último ano que estava cursando quinze créditos neste semestre e deveria estar prestes a sair para sua aula às 15h. aula de ciências políticas. Alex esperou e observou. Às 14h48 a porta da unidade 7 se abriu e Liz Chamberlain apareceu. A garota trancou a porta atrás dela e saiu em direção ao campus da Universidade McCormack. Alex deu uma última olhada no estacionamento, não viu ninguém e saiu do carro. Ela puxou seu conjunto de arromba com capa de couro enquanto se aproximava da porta do apartamento de Laura. A fechadura revelou-se um mecanismo menos complicado do que o de Byron Zell algumas semanas antes, e Alex entrou lá em menos de sessenta segundos.

Ela fechou a porta atrás dela e colocou as mãos em luvas de látex. O apartamento da faculdade tinha uma planta semelhante à de Matthew Claymore: cozinha, área de estar comum e dois quartos. Alex foi até o primeiro quarto, viu uma foto de Laura McAllister e de seus pais sobre a mesa e entrou no quarto. A cama de Laura estava feita e organizada. A mesa estava cuidadosamente organizada e uma rápida olhada no armário revelou um guarda-roupa perfeitamente pendurado em cabides combinando. As prateleiras acima das roupas penduradas continham jeans, leggings e moletons dobrados em lojas de departamentos. Não havia nada fora do lugar que sugerisse que algo nefasto tivesse acontecido naquela sala, ou que Laura estivesse com pressa de sair.

Alex sabia que os detetives já haviam estado ou estariam em breve nesta sala em busca de evidências. Ela teria o cuidado de não deixar sinais de sua presença. Ela nutria uma profunda desconfiança em relação aos detetives; o desprezo estava enraizado na investigação mal administrada do assassinato de sua família e muitas vezes era atenuado pelas lembranças de seu tempo no Centro de Detenção Juvenil de Alleghany. Todos os casos em que ela trabalhou para Lancaster & Jordan foram feitos com a memória de seu interrogatório ilegal fresca em sua mente e com todas as táticas desonestas que foram usadas para tentar retratá-la como uma assassina. Em uma

conversa franca com Garrett anos antes, Alex prometeu usar suas habilidades como investigadora para evitar que o que havia acontecido com ela acontecesse com qualquer outra pessoa. Atualmente, esse “qualquer um” era Matthew Claymore, e ela não sentia remorso pelas estratégias que empregou para protegê-lo. Isso incluía invadir o apartamento de uma garota desaparecida e vasculhar suas coisas.

Alex sentou-se à mesa e sacudiu o mouse que estava no teclado da Apple. O iMac de Laura ganhou vida e um protetor de tela com flores da primavera a cumprimentou. Ela clicou no ícone de e-mail no canto superior direito da tela inicial. O computador foi sincronizado com senha e levou Alex diretamente para a caixa de entrada de Laura McAllister. Ela escolheu o e-mail intitulado “The Scoop Tip Line” e começou a percorrer as mensagens. Alex passou quinze minutos lendo os assuntos de qualquer coisa que chamasse sua atenção. Finalmente, um conseguiu. A data era de 13 de março, há mais de um mês, e o assunto dizia: “Estupro na Universidade McCormack”. Alex abriu. Houve uma conversa que consistia em dois e-mails. Alex rolou até o início.

> Querida Laura,
>
> Estou escrevendo para contar sobre minha experiência recente no campus. Você já ouviu falar em gama hidroxibutirato? Chama-se Liquid G e está sendo usado para que meninas possam ser estupradas. Neste campus. Eu tenho provas.
>
> —Ashley Holms

Mais adiante no tópico, Alex leu a resposta de Laura.

> Ashley, você despertou meu interesse. Vamos conversar.
>
> —Laura

Alex saiu do e-mail e colocou o computador em hibernação. Ela certificou-se de que nada estava fora do lugar e saiu do apartamento em busca de Ashley Holms.

CAPÍTULO 42

Washington DC.Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 15h30.

DURANTE SUA CARREIRA DE OITO ANOS COMO INVESTIGADORA DA LANCASTER & Jordan, Alex foi incumbida de rastrear uma série de almas desagradáveis, incluindo membros de gangues aleatórios nas ruas de Washington, D.C., com nada mais do que o primeiro nome. Encontrar Ashley Holms, que morava no campus da Universidade McCormack, levou trinta minutos. Havia apenas um dormitório do segundo ano, Wakington Hall, que abrigava 156 alunos do segundo ano. Uma mentira confiante para o garoto atrás da recepção do dormitório, explicando que Alex estava lá para surpreender sua prima, Ashley, mas não sabia o número do seu quarto no dormitório, foi o suficiente para Alex bater no número 455.

“Ashley?” Alex perguntou quando a porta se abriu.

"Sim?"

Alex reconheceu a confusão no rosto de Ashley Holms. Estudantes de famílias abastadas compunham a matrícula na Universidade McCormack, e Alex tinha certeza de que havia regras que proibiam tatuagens e piercings desonestos. O braço direito de Alex estava coberto de tinta, os restos de outra tatuagem subiam por seu pescoço e apareciam por baixo do colarinho, e um piercing no nariz perfurou sua narina esquerda provavelmente o suficiente para expulsá-la do campus. Foi pelo menos o suficiente para Ashley Holms lhe dar uma segunda olhada. O cabelo loiro espetado e o tom de batom de hoje – magenta brilhante – provavelmente aumentaram a confusão da garota sobre o motivo pelo qual aquela criatura estranha estava batendo em sua porta.

“Eu sou Alex Armstrong. Estou fazendo um trabalho jurídico envolvendo algumas coisas que estão acontecendo na Universidade McCormack. Você tem um minuto para conversar?

“Hum, eu acho”, disse Ashley. “Isso é sobre Laura McAllister?”

“Perifericamente. Posso entrar?"

Ashley passou pela porta, saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si.

“Podemos apenas conversar aqui?” ela perguntou.

“Claro, tudo bem.”

“Para quem você disse que trabalha?”

"Um escritório de advocacia. Lancaster e Jordan.”

Foi uma resposta vaga e a garota pareceu aceitá-la. Mesmo que ela quisesse fazer mais perguntas, Alex não lhe deu chance.

“Quando foi a última vez que você viu Laura McAllister?”

"Semana passada. A polícia já me perguntou sobre isso.

“Você se lembra exatamente do dia?”

"Quinta-feira. Estávamos trabalhando em algo para o The Scoop. Esse é o show dela. Ela faz um programa de rádio para o corpo discente.

“Sim, é sobre isso que quero conversar com você. Estou tentando descobrir o quão séria era a história de Laura.”

“Como você conseguiu meu nome?” Ashley perguntou.

Pelas discussões com Matthew, Alex conhecia a vibração no campus, já que a coletiva de imprensa dos Chadwicks incluía uma sensação de mau presságio. E desde que a notícia do desaparecimento de Laura chegou às manchetes, a Universidade McCormack estava repleta de repórteres e meios de comunicação. Alex teria que ser honesto sobre o que ela precisava se quisesse obter a cooperação daquela garota.

“Minha empresa representa Matthew Claymore. Você conhece ele?"

“Sim, ele é o namorado da Laura.”

“No trabalho que estou fazendo para Matthew, comecei a investigar os detalhes da história de Laura. Sei que foi você quem avisou Laura e preciso saber se Matthew fazia parte da história em que Laura estava trabalhando. Se ele teve algum envolvimento nas acusações de estupro no campus de McCormack.”

"Mateus? Não, o nome dele nunca apareceu.”

Uma sensação de alívio passou por ela e formigou as pontas dos dedos. Alex já havia trabalhado em casos em que a inocência de seu cliente era menos certa. Era sempre mais fácil comprometer-se totalmente com um caso quando ela tinha certeza de que estava trabalhando pela liberdade de uma pessoa inocente.

“Quando você viu Laura na semana passada, onde estava?”

“No estúdio de gravação.”

“Por algo com a história dela?”

"Sim. Eu estava terminando a entrevista que Laura estava fazendo comigo. Ela precisava de alguns esclarecimentos e então disse que faria

algumas edições de narração.”

“Qual foi o seu papel na história de Laura? Você a avisou sobre o que poderia estar acontecendo na fraternidade Delta Chi. Quanto você sabia?

"Bastante."

“Você sabe quem estava envolvido?”

“Eu conheço um deles, sim.”

"Quem?"

Ashley fez uma pausa. Alex percebeu que a garota estava tendo problemas para determinar o quanto revelar.

“Escute, Ashley, eu sei que sou apenas uma mulher estranha que bateu na sua porta. Mas acredite em mim quando digo que, embora minha empresa represente Matthew Claymore, tenho em mente o melhor interesse de Laura. Preciso saber o máximo que puder sobre a história de Laura. Qualquer coisa que me ajude a descobrir o que aconteceu com Laura também me ajudará a garantir que Matthew não seja falsamente acusado de algo do qual ele não participou.

Houve outro intervalo de silêncio.

“Preciso da sua ajuda aqui, Ashley.”

“Contei a Laura tudo o que sabia. Ela fez o resto do trabalho para confirmar.”

“Diga-me o que você disse a Laura.”

Ashley engoliu em seco e olhou para o teto e finalmente para Alex.

“Uma menina foi estuprada há cerca de um mês. Ela é minha amiga e não quer que seu nome seja mencionado. Aconteceu quando estávamos na casa de Delta Chi. Ouvi dizer que ela tinha saído com um cara e pensei, você sabe, que eles estavam namorando. Eu não estava preocupado nem nada, isso nem me incomodou. Mas no dia seguinte ela me contou o que aconteceu. Ela desmaiou e não conseguia se lembrar de nada. Quando ela acordou na casa da fraternidade na manhã seguinte, ela sabia. . . ela sabia que havia sido estuprada. Ela foi ao hospital e quando seu exame de sangue voltou, mostrou que ela tinha Liquid G em seu sistema.”

“A polícia encontrou o cara que a estuprou?”

"Não. Eles nem olharam. Eles disseram que porque minha amiga tinha drogas e álcool em seu organismo e porque ela não tinha nenhuma lembrança real do estupro, eles não podiam fazer nada a respeito.”

“Ela sabe quem era o cara?”

Ashley balançou a cabeça. "Essa e a coisa. Tudo o que ela consegue lembrar daquela noite são pedaços. É isso que Liquid G faz. É uma droga de estupro que faz com que você não consiga se defender e depois apaga sua memória. Mas . . .”

"Mas o que?"

“Mas nós sabemos. . . meus amigos e eu sabemos quem era o cara. Temos fotos deles no início da noite. Estávamos todos juntos na festa e tiramos um monte de selfies. Ela estava com o mesmo cara em todas as fotos, e outro amigo nosso os viu subindo as escadas tarde da noite.”

“Quem foi? Quem era o cara?

Ashley passou as mãos pelos cabelos. “Não sei se devo dizer mais alguma coisa. É por isso que Laura estava tão preocupada. Muitos rumores estavam começando a se espalhar e ela queria divulgar sua história antes que fosse tarde demais.”

“Talvez já seja tarde demais, Ashley. Escute, ninguém sabe o que aconteceu com Laura, mas a polícia decidiu que Matthew Claymore está envolvido.

"Mateus? Eu te disse, ele não teve nada a ver com a história de Laura.

“Ajude-me a defender esse caso. A polícia está com Matthew na mira e fui contratada para ajudá-lo. Diga-me quem estuprou sua amiga e prometo levar essa informação à polícia e fazê-la agir de acordo.

Ashley fez uma pausa por outro momento. “Era Duncan Chadwick. Foi por isso que ele e o pai deram aquela conferência de imprensa, porque Duncan sabia que Laura estava prestes a ligá-lo à violação.

As pontas dos dedos de Alex formigaram novamente, como se uma descarga elétrica tivesse percorrido seu corpo. Jacqueline Jordan a enviou para encontrar teorias alternativas sobre o que poderia ter acontecido com Laura McAllister. No momento, Duncan Chadwick era um deles.

“Laura terminou a história?”

"Sim. Ela estava apenas encerrando as coisas e polindo minha entrevista, mas estava preocupada que a escola a fechasse. Era . . . As acusações de estupro lançaram uma rede ampla e muitas pessoas foram implicadas nisso, não apenas Duncan Chadwick e sua fraternidade. A escola estava tentando manter a história em segredo. Como Laura gravou tudo no estúdio de gravação e como o estúdio de gravação pertence e é operado pela universidade, Laura disse que a escola controla tecnicamente

tudo o que é gravado lá. É por isso que ela estava pensando em simplesmente deixar o episódio em suas contas de mídia social e ignorar o estúdio.”

“Então ela deve ter guardado o episódio em algum lugar?”

"Sim. Em um pen drive. Não sei como tudo funcionou, apenas coloquei os fones de ouvido e falei no microfone. Laura fez o resto. Mas eu a vi conectar um pen drive no computador quando terminamos de gravar. Laura disse que tudo o que é gravado no estúdio também fica armazenado no disco rígido e, tecnicamente, pertence à universidade.”

“Um disco rígido no estúdio de gravação?” Alex perguntou.

"Sim. Mas está bloqueado. Passei por lá outro dia. Ninguém pode entrar lá por enquanto. Costumávamos usar nossas carteiras escolares para destrancar a porta, mas quando tentei, minha carteira não funcionou.”

“Que pena”, disse Alex. “Acho que é um beco sem saída. Obrigado, no entanto. Você tem sido de grande ajuda.

Alex se virou e seguiu pelo corredor antes que Ashley Holms pudesse responder ou fazer qualquer pergunta. Ela empurrou as portas da frente do dormitório e atravessou o campus.

CAPÍTULO 43

Washington, DC Sexta-feira, 28 de abril de 2023, 16h05.

ALEX ATRAVÉS DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE MCCORMACK, em direção à escola de jornalismo. Ela notou duas vans de notícias estacionadas em frente à entrada principal, com equipes puxando as cordas e se preparando para filmar reportagens ao vivo para o noticiário noturno. A conferência de imprensa de Larry Chadwick na semana anterior convocou a imprensa de DC para a Universidade McCormack, mas o desaparecimento de Laura McAllister abriu as comportas para a mídia nacional. A Universidade McCormack e os arredores estavam repletos de repórteres, e a situação certamente pioraria quanto mais tempo a menina ficasse desaparecida.

Enquanto Alex caminhava e observava a ação, as equipes, os repórteres, as vans e as câmeras traziam imagens daquela noite fatídica, uma década antes, quando Donna a conduziu para fora de casa, sob as luzes quentes de equipes de notícias semelhantes. Um gosto amargo de bile subiu em sua garganta. A única coisa que poderia ser considerada mais interessante para a imprensa do que o desaparecimento de uma jovem seria descobrir que uma mulher anteriormente acusada de matar a sua família estava investigando o caso.

Alex sentiu uma necessidade repentina de ficar o mais longe possível das câmeras e das equipes de notícias. Enquanto olhava para a comoção fora dos portões da Universidade McCormack, onde os repórteres lutavam para encontrar o melhor local para entregar suas reportagens, ela colidiu com alguém na calçada.

“Oh, Deus, sinto muito”, disse Alex, recuperando-se e percebendo que havia tropeçado em uma mulher que segurava um microfone e entregava seu próprio relatório. O cinegrafista baixou a câmera do ombro e acenou com a mão, enojado.

“Corta”, disse ele. “Vou ter que fazer tudo de novo.”

Alex olhou para o cinegrafista. O fato de o repórter ter que refazer o segmento significava, pelo menos, que eles não estavam no ar ao vivo. Alex olhou de volta para o repórter.

"Estou realmente-"

Ela tentou terminar seu pedido de desculpas, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Era como se sua traqueia tivesse se estreitado e, por mais que ela tentasse falar, nenhuma palavra saía. Demorou apenas um momento para Alex entender por que seu corpo estava desligando: ela estava olhando para Tracy Carr, a repórter que enfiou o microfone em seu rosto dez anos antes, quando Alex saiu de sua casa na noite em que sua família foi morta.

Ela estava cara a cara com o repórter que a perseguiu durante uma década e que conquistou muitos seguidores ao oferecer atualizações de aniversário sobre o paradeiro de Alexandra Quinlan. Essa era a mulher, Alex sabia, que cunhou o apelido de “Olhos Vazios”. E aqui estava ela, olhando diretamente para ela.

“Desculpe,” Alex finalmente conseguiu dizer. “Eu não estava prestando atenção.”

Alex desviou o olhar, quebrando o contato visual com medo de que, apesar dos anos desde o último encontro e da transformação física de Alex, Tracy Carr a tivesse reconhecido. Alex não deu tempo para a mulher juntar as peças, afastando-se rapidamente com a triste percepção de que todo o encontro, por mais breve que fosse, havia sido capturado pela câmera do noticiário. E se Tracy Carr suspeitasse de quem havia arruinado seu relatório, a mulher teria a prova digital para revisá-lo e confirmá-lo. Enquanto Alex se afastava apressadamente, ela deu uma olhada por cima do ombro quando estava prestes a virar a esquina do prédio do jornalismo. Tracy Carr continuou a observá-la e eles se olharam por um momento antes de Alex desaparecer atrás dos tijolos.

* * *

Alex passou um tempo vagando pelos corredores da escola de jornalismo da Universidade McCormack em busca do estúdio de gravação e tentando acalmar os nervos. Enquanto seu coração disparava e sua cabeça girava de tontura, ela avistou um banheiro e empurrou a porta. Depois de cambalear até a pia, ela jogou água fria no rosto. Quando ela olhou para cima e para o espelho, por exemplo, viu Alexandra Quinlan olhando de volta. Aquela adolescente ainda existia em sua mente, mas vê-la no espelho era algo novo e surpreendente. A imagem de Alex Armstrong — com cabelos loiros espetados, piercings, tatuagens e tons selvagens de batom — suplantou durante anos a imagem de seu antigo eu. A tal ponto, pelo menos,

que quando se olhava no espelho nunca pensava na garota que costumava ser. Até agora. Até momentos depois de ficar cara a cara com o repórter que destruiu sua vida.

Alex piscou algumas vezes até Alexandra Quinlan desaparecer. Ela percebeu, porém, que não importava quão facilmente sua mente deslocasse a antiga imagem de si mesma, seria necessário algo muito maior para impedir Tracy Carr de juntar as peças. Para um observador casual, sem ou com pouca memória de Alexandra Quinlan, olhar para Alex hoje nada mais era do que olhar para um estranho. Mas para a mulher que era obcecada por Olhos Vazios há uma década, olhar nos olhos de Alex certamente provocaria reconhecimento.

Ela passou mais alguns minutos acalmando os nervos e finalmente saiu do banheiro para vagar pelos corredores vazios até encontrar o estúdio de gravação. Estava localizado no segundo andar do prédio da Escola de Jornalismo Westcott e, como Ashley Holms prometeu, a porta estava trancada quando Alex tentou a maçaneta. Uma janela estava gravada na parede e o estúdio de gravação estava escuro por dentro. Alex esperou no corredor para avaliar o nível de tráfego de pedestres. Depois de cinco minutos, nenhum aluno ou professor se materializou. Alex retirou o conjunto de palhetas e abriu rapidamente a fechadura da porta do estúdio, apesar de suas mãos ainda apresentarem um leve tremor por causa do encontro com Tracy Carr.

Lá dentro, ela refletiu se deveria acender as luzes ou trabalhar no escuro, mas decidiu que ser vista no estúdio com as luzes apagadas seria mais suspeito do que sentar-se no painel com o estúdio totalmente iluminado. As lâmpadas fluorescentes no alto deram vida ao estúdio, e Alex imediatamente reconheceu o espaço da noite anterior em que assistiu à aparição de Laura McAllister no Wake Up America. Era difícil acreditar que histórias produzidas em um estúdio tão pequeno alcançassem tantos ouvintes. Dez minutos depois de acender as luzes, ela ainda não tinha visto ninguém passar pelo estúdio. Ela foi trabalhar no computador do estúdio de gravação, dedicando alguns minutos para contornar firewalls rudimentares até chegar aos documentos salvos no disco rígido. Os arquivos foram intitulados pelos nomes e números de identificação dos alunos. Alex procurou até localizar o último documento salvo de Laura McAllister, datado de 21 de abril – sexta-feira anterior, o que representava a última vez

que alguém a tinha visto ou ouvido falar dela. O documento era um arquivo de áudio MPEG-4.

Alex deu uma rápida olhada pela janela. O corredor estava silencioso e imóvel. Ela tirou um pen drive da mochila, inseriu-o no pen drive e copiou o arquivo. O arquivo grande levou quinze minutos para ser transferido. Alex passou o tempo sentado à mesa do estúdio agindo de maneira casual para quem passava pela janela. Ninguém fez isso. Quando a transferência foi concluída, ela removeu o pen drive, trancou o estúdio de gravação ao sair e foi extremamente cautelosa ao sair do prédio. Não vendo repórteres ou equipes de notícias, ela voltou para casa para ouvir o episódio de Laura McAllister.

CAPÍTULO 44

Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 7h15

NO CEDO DA MANHÃ DE SÁBADO, POUCO MAIS DE UMA SEMANA DESDE QUE LAURA MCALLISTER foi vista pela última vez, e enquanto o campus ainda dormia, o professor Martin Crosby terminou as anotações da aula da semana seguinte, respondeu alguns e-mails e depois se trocou no banheiro dos professores. Ele apareceu com shorts de corrida e tênis de ginástica. A sua resolução de Ano Novo era entrar em forma, e quatro meses do seu ritual de dedicar uma hora de trabalho todos os sábados de manhã antes de enfrentar uma corrida de cinco quilómetros impediram-no de perder os ganhos que tinha obtido durante a semana. Ele conseguiu perder sete quilos desde o Ano Novo e conseguiu manter isso. Ele até começou a gostar de correr. Ele saiu do prédio da Faculdade Reiner para o pátio, acertou o cronômetro do relógio e atravessou o campus.

Trinta minutos depois, ele estava respirando pesadamente enquanto terminava o terceiro quilômetro correndo pela trilha arborizada que cortava Horace Grove. Ele estava se sentindo bem e decidiu se esforçar mais. Acabou sendo uma má ideia. Ao fazer uma curva no meio do quarto quilômetro, ele sentiu uma torção no tendão da coxa e diminuiu o ritmo. Havia uma pequena clareira logo à frente e ele mancou cautelosamente até ela e se abaixou para se espreguiçar. Tocando o chão com as mãos, ele percebeu algo brilhando entre as folhas da área florestal próxima à pista de corrida. Um olhar mais atento revelou um anel de prata com uma gema verde que parecia estar empoleirada no topo das folhas. Ele se inclinou mais e tentou arrancar o anel das folhas. Sua primeira tentativa falhou quando seus dedos escaparam da pedra – esmeralda ou peridoto. Preparando-se para uma segunda tentativa, ele afastou as folhas antes de perceber que o anel ainda estava colocado em um dedo, a mão coberta por folhas.

Ele tropeçou para trás até que sua perspectiva foi capaz de perceber o fato de que a mão, branca como alvejante e estofada demais, levava a um pulso e a um antebraço. Ele lutou para tirar o telefone do bolso.

* * *

Uma hora depois, viaturas policiais bloquearam a pista de corrida, com as luzes piscando. A van do legista havia dado ré na clareira e estava estacionada em ângulo com as portas traseiras abertas. A fita amarela da

cena do crime isolou a área enquanto um fotógrafo da cena do crime tirava fotos do corpo. Um detetive estava esperando no fundo. O legista esperou ao lado dela. Depois que tudo foi documentado, o detetive se aproximou do corpo e deu sua primeira olhada. A vítima estava coberta de folhas, como se o assassino tivesse tentado esconder seu corpo ao acaso. A pele do rosto da garota era branca como osso e contrastava fortemente com os fios escuros de cabelo que cobriam sua bochecha.

"Vítima feminina", disse o detetive ao legista, agachando-se ao lado do corpo e afastando o cabelo da garota morta para o lado. "Feridas de ligadura no pescoço."

O legista também se agachou. Ele tocou o pescoço da garota morta com as mãos enluvadas.

"Parece que foi feito com um pedaço fino de corda, talvez três oitavos de polegada", disse ele. "Farei as medições quando levar o corpo de volta ao necrotério. Provavelmente recuperarei fibras para ajudar a identificar que tipo de corda foi usada."

O detetive limpou as folhas do resto do corpo da menina. "Merda", disse ela ao ver que a vítima estava nua da cintura para baixo. "Ela provavelmente foi estuprada."

"Tenho que assumir", disse o legista. "Mas saberemos com certeza assim que eu começar meu exame. Vamos precisar que os pais venham fazer uma identificação."

Nem o detetive nem o legista mencionaram o nome da vítima. Eles não precisavam. Era óbvio para ambos que estavam olhando para Laura McAllister.

CAPÍTULO 45

Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 9h20

ALEX pressionou por um café, mas foi rejeitado. E como ela estava solicitando a reunião e procurando detalhes, ela não tinha espaço para negociar o local. Depois de sua visita ao estúdio de gravação da escola de jornalismo, Alex passou a noite anterior ouvindo e tomando notas abundantes sobre o episódio explosivo de Laura McAllister. Ela encontrou muitas informações e ainda tinha mais trabalho a fazer. Mas, apesar das exigências do caso Matthew Claymore, ela não conseguia tirar Byron Zell da cabeça desde que lera sobre a morte dele. Ela estava preocupada e, apesar do aviso de Garrett para ficar longe da situação, Alex não conseguiu evitar.

O Benjamin's Tavern era um bar policial escondido no subsolo de um prédio em Truxton Circle e frequentado por policiais de todos os tipos, de policiais de ronda a seguranças do campus, policiais de trânsito a detetives e tudo mais. Para acomodar os horários dos melhores de Washington, D.C., Benjamin mantinha horários estranhos. Como um bar de aeroporto que servia bebidas fortes para clientes com jet lag às 8h, o Benjamin's viu um fluxo constante de clientes durante toda a noite e pela manhã, enquanto policiais cansados terminavam seus turnos e procuravam um lugar para relaxar.

Hank Donovan era um detetive divorciado de cinquenta e poucos anos que bebia demais. Deixando de lado a bebida, porém, ele era uma fonte útil de informação. Alex tinha uma relação de trabalho com Hank que, ao longo dos anos, produziu muitas trocas. Como detetive de Washington, D.C., Hank Donovan teve acesso a informações que ocasionalmente eram úteis para Alex, dependendo do caso Lancaster & Jordan em que ela estava trabalhando. E Alex – como um investigador informal que trabalhou no ponto fraco da investigação legal por quase uma década e ainda tinha perto de uma dúzia de amigos duvidosos de Alleghany, muitos dos quais haviam passado de delitos juvenis para formas mais sofisticadas. do crime - tinha seu quinhão de conexões nas ruas que às vezes eram úteis para as investigações de Hank.

Alex conheceu Hank anos atrás através de Buck Jordan, e como os dois homens andavam na linha tênue de alcoólatras funcionais, Alex não ficou

surpreso ao ver Buck e Hank de barriga para baixo no bar quando ela entrou no Benjamin's. Parecia que eles já estavam lá há algum tempo. A primeira lei de Newton surgiu na mente de Alex quando ela olhou para os dois homens: um objeto em repouso permanece em repouso a menos que seja influenciado por uma força desequilibrada. A lei da inércia ficou gravada para sempre em sua psique desde que ela estudou para uma prova de física na noite em que sua família foi morta. De tempos em tempos, e do nada, as leis de Newton tornaram-se aplicáveis. Esta manhã, ela sabia que seria necessária uma força bastante desequilibrada para tirar os dois do bar.

"Meninos", Alex disse quando ela se aproximou. "Eu estou atrasado?"

Buck olhou para ela com os olhos vermelhos e vidrados por causa do excesso de bourbon.

"De jeito nenhum", disse ele. "Hank e eu estávamos nos atualizando. Faz um tempo que não nos vemos."

"É bom ver você, Hank", disse Alex.

O detetive ergueu o copo para ela. "Alex, já faz um tempo."

"O que posso trazer para você?" o barman perguntou.

Alex olhou ao redor do bar um tanto lotado, surpreso com o fato de tantas pessoas estarem bebendo àquela hora da manhã.

"Por acaso você não serve Americanos servidos lentamente, não é?"

O barman balançou a cabeça e sorriu. "Só cerveja e licor. Vinte quatro sete."

"Vou tomar uma água, obrigado."

"Vou querer outro Jameson." Hank empurrou o copo para o fundo do bar. "Você está no vagão de novo, Alex?"

"Nunca estava de folga, Hank. E ainda não são nove e meia da manhã."

"Acabei de terminar uma noite."

"Talvez um jantar para café da manhã e café pudesse ter sido uma ideia melhor."

"Eu ficaria acordado o resto do dia se começasse a tomar café no final do meu turno. Preciso de alguns Jamesons para me fazer dormir e me preparar para esta noite.

"É justo, apenas responda algumas perguntas para nós antes de cochilar."

"Manda brasa."

"Byron Zell", disse Buck. "Diga-nos o que você sabe."

“Não muito”, disse Hank.

“Mas mais do que nada”, disse Alex, “que é o que sabemos”.

“Por que vocês dois estão tão curiosos sobre um pedófilo que foi nocauteado?”

Alex estava curioso por vários motivos, entre eles o fato de ela ter estado recentemente no apartamento do homem. Um apartamento que agora era uma cena de crime, cada centímetro do qual estava sendo espanado em busca de impressões digitais e penteado em busca de fibras. Ela foi cuidadosa durante sua operação desonesta, mas apenas até certo ponto. Seu barômetro estava enganando um rico empresário que queria descobrir como alguém havia entrado em seu computador para enviar um e-mail errado. O padrão que ela estabeleceu era baixo e não incluía equipes de CSI mais espertas, especialistas em impressões digitais ou cientistas forenses. Sua preocupação, desde que leu as notícias sobre Byron Zell, era ter deixado uma impressão digital de maneira desleixada. Embora Alex Armstrong não aparecesse em nenhum banco de dados, Alexandra Quinlan apareceria. Em algum lugar, nos cantos empoeirados do banco de dados nacional de impressões digitais, estavam as impressões digitais que Alex fornecera quando era uma garota de dezessete anos, quando foi presa pelo assassinato de sua família. Que dia agitado a imprensa teria se as impressões digitais de Alexandra Quinlan fossem encontradas no apartamento de um homem morto a tiros. Meu Deus, a bagunça que isso causaria.

“Byron Zell era cliente da Lancaster e da Jordan”, disse Alex. “Buck e eu fomos designados para o caso dele por um breve período.”

“Lancaster e Jordan o representavam nas acusações de pedofilia?”

"De jeito nenhum!" Buck disse com uma força que acentuou a calúnia de suas palavras. “Não defendemos pervertidos.”

Alex olhou para Buck. Ela estava elegantemente atrasada para a reunião das 9h, mas tinha certeza de que Buck já estava lá muito antes disso. Hank Donovan tinha uma desculpa para beber tão cedo: ele tinha acabado de terminar o turno da noite. Buck não tinha esse pretexto.

“Não aceitamos clientes assim”, disse Alex. “Como Buck declarou tão eloquentemente.”

“Pervertidos”, disse Buck novamente.

“Ele entende, Buck. Lancaster e Jordan não representam pedófilos.” Alex colocou a mão no ombro de Buck e baixou a voz. "Você está bem?"

Buck assentiu e voltou para o seu bourbon. Com o passar dos anos, Alex se acostumou aos vales escuros onde Buck Jordan ocasionalmente descia. Certos assuntos pareciam arrastá-lo para um abismo de raiva e depressão. Os episódios sempre foram movidos a álcool. Ela sabia que Buck estava preocupado por ela ter estado no apartamento de Byron Zell e que ele estava à beira de um colapso porque considerava Alex sua responsabilidade - pelo menos no que dizia respeito ao trabalho dela na Lancaster & Jordan.

Alex olhou para Hank.

“Zell veio em busca de representação contra acusações de peculato. Eu estava investigando suas finanças.

“Um predador infantil e um ladrão. Lancaster e Jordan estão atraindo bastante clientela atualmente.

“Não sabíamos sobre a questão da pedofilia quando concordamos em representá-lo, Hank. E cortamos relações assim que soubemos disso.”

“Imediatamente”, acrescentou Buck.

“Se você olhar com atenção”, disse Alex, “verá que foi Garrett Lancaster quem originalmente levou a pornografia infantil à polícia”.

"Realmente? Como isso aconteceu?

“Uh,” Alex disse, levantando o copo e tomando um gole de água. Ela e Buck trocaram olhares. “Zell acidentalmente enviou as fotos sujas para Garrett Lancaster.”

"Acidentalmente?"

“As fotos foram incluídas em um lote de documentos financeiros que ele enviou a Lancaster e à Jordânia. Aparentemente, o cara escondeu sua pornografia nos arquivos financeiros de seu computador.”

“E Lancaster o denunciou?”

“Garrett entregou os arquivos ilegais à polícia. Isso é tudo que sei sobre isso.

“Então temos um ladrão, uma criança predadora e um idiota.”

“Bem”, disse Alex, “pelo que vale, parece que ele não estava desviando fundos de sua empresa”.

“Puxa, vamos fazer um desfile para o cara.”

“Conte-nos o que você sabe sobre o homicídio, Hank”, disse Buck.

“Não há muito o que contar. Nossos rapazes foram chamados ao local por um dos parentes de Zell – uma sobrinha, eu acho. Ela não conseguiu

contatá-lo por alguns dias, então convenceu o zelador a deixá-la entrar no apartamento de Zell para ver como ele estava. Encontrei-o morto na cozinha. Dois ferimentos de bala. Um no rosto, outro no peito. Os uniformes chegaram e isolaram o lugar. O pessoal da cena do crime documentou tudo e então meus rapazes chegaram lá."

"E?"

"E o quê, Buck? Você quer um golpe por golpe?

"Apenas uma visão geral", disse Buck. "Precisamos saber o que você encontrou no apartamento do cara."

"ME disse que o cara morreu rapidamente. O tiro no rosto foi o primeiro e o teria matado sozinho, mas o segundo no coração garantiu isso. A arma era uma Smith and Wesson calibre quarenta. A perícia está tentando rastreá-lo, mas ainda não há resultados. Isso é tudo até agora.

Buck olhou para Alex e assentiu antes de tomar um gole de uísque.

"Oh, havia algo interessante. Os caras do CSI encontraram pornografia infantil perto do cara, então estamos rastreando isso por enquanto. Tentando identificar as crianças nas fotos para ver se talvez fosse o pai zangado de uma das crianças."

Alex olhou para Hank, as pálpebras semicerradas e a cabeça inclinada em uma postura curiosa. "Havia fotos ao redor do corpo?" ela perguntou.

Hank assentiu. "O ângulo inicial é que quem puxou o gatilho colocou as fotos ao redor do corpo como uma espécie de explicação para o assassinato. As fotos foram impressas no computador de Zell. Os peritos encontraram as imagens no disco rígido dele. Os geeks estão procurando agora. Computador novo, aliás. O antigo dele foi confiscado, então parece que ele estava fazendo isso de novo."

O coração de Alex começou a bater forte enquanto gotas de suor brotavam em sua testa. Ela pensou em seu quadro de evidências, no qual havia trabalhado inutilmente ao longo dos anos, fixando qualquer detalhe marginal no quadro, acreditando que algum dia os detalhes fariam sentido e levariam ao assassino de sua família. Já se passaram anos desde que ela encontrou algo significativo. Anos desde que ela fez seu último progresso. Mas agora, dez anos depois de sua família ter sido morta, ela tropeçou em Byron Zell, cujo assassinato parecia vagamente com o de seus pais. Ocorriam milhares de homicídios a tiros todos os anos nos Estados Unidos, então Alex não podia contar isso como uma semelhança. Mas as fotos

definitivamente eram. O assassino da sua família também colocou fotos em volta dos corpos dos seus pais – fotos de três mulheres consideradas vítimas de abuso sexual e tráfico.

"Você está bem?" Hank perguntou. “Você está branco como um fantasma.”

“Meu Deus, garoto”, disse Buck. “Não desmaie comigo. Tome um gole de água. Agora foi Buck quem baixou a voz. “Você não tem nada com que se preocupar. Se eles fossem encontrar alguma coisa que ligasse você àquele apartamento, já teriam encontrado.

Alex fechou os olhos e trabalhou para recuperar a compostura. A presença dela dentro do apartamento de Byron Zell era a coisa mais distante de sua mente.

"Vocês dois querem me contar o que está acontecendo?" Hank perguntou.

Alex balançou a cabeça. “Alguma sorte em rastrear as crianças nas fotos?”

“Não, e não haverá. A maioria dessas crianças está no sistema e não pode ser rastreada. O mundo do tráfico sexual é triste, mas é de onde vêm noventa e nove por cento dessas coisas. Não levará a lugar nenhum, mas meus rapazes irão persegui-lo de qualquer maneira. Eles farão uma busca no Centro para Crianças Desaparecidas e Exploradas, mas não encontrarão nenhum resultado.”

Hank continuou a inspecionar desconfiadamente a reação de Alex antes de tomar um gole de uísque.

“Então isso é tudo que tenho para vocês. O apartamento estava limpo. Nenhuma impressão útil. Um monte de Zells e alguns animais de rua, mas nenhum que corresponda a alguém em nosso banco de dados.

Buck olhou e piscou para ela. Alex deveria ter afundado um pouco os ombros, aliviada ao saber que ela não havia deixado nenhuma marca, mas a tensão permaneceu em seu corpo. As fotos deixadas pelo corpo de Byron Zell chegaram muito perto de casa.

“Você está me assustando, garoto”, disse Hank. “Tem certeza que não quer uma bebida de verdade? Algo com algum impacto por trás disso?

Alex piscou, afastando-se da hipótese que passava por sua mente: a ideia de que a cena do crime de Byron Zell era assustadoramente semelhante à de sua família.

“Ela está simplesmente assustada com a situação”, disse Buck. “Estávamos investigando esse cara e agora ele está morto. Um pedófilo morto não é uma coisa ruim, é apenas a conexão com Lancaster e Jordan que nos deixou curiosos. Mantenha-nos atualizados se surgir alguma coisa ou se você receber alguma pista, certo? Sei que Garrett Lancaster também estará interessado.”

“Pode apostar”, disse Hank. “Agora, nenhum de vocês se esqueça de atender o telefone na próxima vez que eu ligar pedindo um favor.”

“Vou servir”, disse Buck.

Alex assentiu e deu um sorriso fraco enquanto Buck colocava dinheiro no balcão.

“Vou levar Alex para casa. Obrigado pela informação, Hank.”

Alex se virou para sair, sua mente a puxando de volta para a noite em que sua família foi morta. Era um lugar que ela havia administrado bem nos últimos dez anos, permitindo que as lembranças entrassem em sua consciência apenas quando ela as queria ali. Mas enquanto Buck a acompanhava para fora do bar, ela foi inundada com pensamentos e imagens incontroláveis daquela noite, e com uma noção selvagem de que estava mais perto da verdade do que imaginava.

CAPÍTULO 46

Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 9h50

ANNETTE PACKARD SENTOU-SE NO FINAL DO BAR DA BENJAMIN’S TAVERN. Embora não frequentasse mais o local, ela sabia que ele existia. O lugar não era apenas para policiais. O Benjamin's era popular entre os agentes de campo, e Annette frequentava a taverna anos atrás. Foi sua tentativa de se encaixar antes de perceber que perseguir bandidos para o FBI não era sua vocação e que era mais adequado investigar a vida dos políticos, embora às vezes os dois parecessem a mesma coisa.

Ela esperou alguns minutos depois de ver a mulher sair antes de levantar a mão e falar.

“Hank Donovan?”

Ela viu seu velho amigo virar a cabeça ao ouvir seu nome. Ela desceu do banquinho e se aproximou, oferecendo um enorme sorriso como se o encontro fosse devido ao acaso e não à pura sorte que a mulher que Annette vinha seguindo desde a manhã anterior tivesse acabado sentada em um bar ao lado de um velho policial amigo de dela.

“Anete? Saia daqui!" Hank disse, levantando-se para abraçá-la em um abraço de urso. "O que você está fazendo aqui? Achei que você estava indo para pastos mais verdes.

“Não, estou de volta a DC há alguns anos. Eu simplesmente viajo o tempo todo, então parece que nunca estou aqui.”

Annette e Hank foram policiais espancados em Washington, D.C. há muito tempo.

“O que você tem feito todos esses anos?” Annette perguntou. “Você está de terno e gravata. Não me diga que eles nomearam você detetive.

Hank sorriu. “Chefe de homicídios.”

“Uau, Hank. Bom trabalho."

"Obrigado. E você? Você ainda está na agência?

“Vinte anos em junho.”

“Um perpétuo, hein?”

Annette sorriu. “É assim.”

“Eles ainda têm você fazendo trabalho de vigilância?”

"Tipo de. Eles me fizeram examinar os políticos, se você pode acreditar nisso."

"Eu posso", disse Hank. "Na verdade, ouvi dizer que você está fazendo um ótimo trabalho e que seus serviços estão em alta demanda."

"Eles me mantêm ocupado e continuam me pagando, então devo estar fazendo algo certo."

Hank olhou para o relógio. "Eles não têm você trabalhando no terceiro turno, não é?"

"Não", disse Annette. "Eu estava me encontrando com um contato. Ele escolheu o lugar, eu agradeci.

Hank bateu no relógio e Annette reconheceu o constrangimento em seu rosto. "Eles me deixaram passar a noite, então meu dia está acabando. Essa é a única razão pela qual estou bebendo uísque a esta hora."

"Entendi, Hank. Eu sei que as horas podem ser brutais. Ei, só por curiosidade, quem era a mulher com quem você estava conversando?

Hank apontou para o banco vazio ao lado dele, o copo vazio de Alex ainda apoiado em uma base quadrada no bar. "Oh, aquele era um investigador legal com quem às vezes trabalho. Ajudamos uns aos outros nos casos em que podemos. O nome dela é Alex Armstrong. Trabalha para Lancaster e Jordan, uma grande empresa aqui em DC. Estávamos apenas trocando informações sobre um caso. E, a propósito, sou divorciado, caso você esteja preocupado por ter me pego em um caso ilícito.

"Você ficou paranóico na velhice."

"Provavelmente sim." Hank sorriu novamente. "Anette Packard. Cara, já se passaram anos. Eu sei que é cedo, então não vou perguntar se posso pagar uma bebida para você, mas você quer tomar café da manhã?

"Eu gostaria de poder, Hank, mas estou no meio de um caso agora e estou até o pescoço. Posso fazer uma verificação de chuva?

"Claro. Obrigado por me sinalizar. Foi bom ver você.

"Você também, Hank."

Hank consultou novamente o relógio. "É melhor eu pegar a estrada sozinho. Mas deixe-me pegar seu número para que eu possa garantir a verificação.

Eles trocaram informações de contato e ambos se viraram para sair, Annette permitindo que Hank caminhasse na frente dela. Com um movimento rápido, ela foi até o bar e pegou o copo vazio de Alex

Armstrong, depois colocou-o na bolsa antes que alguém notasse. Se ela fosse pedir à mulher informações sobre Larry Chadwick e seu filho, Annette precisava fazer uma verificação de antecedentes da mulher para ter certeza de que não havia sinais de alerta - protocolo típico antes de recrutar alguém como fonte em um de seus veterinários.

CAPÍTULO 47

Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 10h30

A MENTE DE ALEX ESTAVA GIRANDO QUANDO ELA ENTROU EM SEU CONDOMÍNIO. A IDEIA de que o assassino de Byron Zell havia espalhado fotos de pornografia infantil em torno de seu corpo evocou as imagens do quarto dos pais dela em McIntosh. Embora Garrett nunca tivesse compartilhado as fotos da cena do crime com Alex – apesar de ele ter tido acesso a elas quando lutava pela liberdade dela nas semanas após ela ter sido presa – Alex ainda conseguiu vê-las. Eles foram vazados pelo Departamento de Polícia de McIntosh em uma tentativa equivocada de ganhar o favor do público, como se ver o horror que aconteceu dentro do quarto de seus pais provasse ao público em geral que Alex era um assassino.

Ela viu as fotos pela primeira vez quando um grupo de crianças da Alleghany as imprimiu da Internet e as prendeu nas paredes do quarto de Alex enquanto ela estava em uma sessão de terapia em grupo. As imagens continuaram a aparecer durante todo o seu tempo na detenção juvenil – no seu quarto, na cabine do banheiro, na área de recreação, em envelopes enfiados em sua caixa de correio. Alex não teve escolha então. Ela foi forçada pelas crianças vis que compunham a população de Alleghany a ver as imagens da noite em que sua família foi morta. Foi depois de sua libertação que vê-los tornou-se voluntário.

Ela dedicou horas e horas de terapia para organizar e compartimentar essas imagens e os pensamentos que elas traziam consigo, tentando descobrir o que fazia sentido e o que era fruto de sua imaginação. Houve um período durante os dias sombrios em que Alex se permitiu acreditar no que todos ao seu redor - desde os detetives que a interrogaram, aos repórteres que escreveram sobre ela, aos fanáticos por crimes reais que a perseguiam - estavam sugerindo. : que ela puxou o gatilho naquela noite e que sua mente de alguma forma apagou isso da memória e substituiu a verdade por uma fantasia de que ela escapava da noite se escondendo atrás do relógio de pêndulo no corredor. Alex havia viajado tão longe naquela toca do coelho que alguma parte distante de sua mente ainda considerava isso uma possibilidade.

Embora ela não tivesse conseguido admitir completamente seu fracasso, o fato de ter procurado por uma década sem encontrar uma teoria alternativa adicionado ao canto cheio de fumaça de sua mente onde residia aquela teoria nebulosa. Mas agora ela tinha alguma coisa. Agora ela tinha uma ligação com outro homicídio. Não era muita coisa — as fotos deixadas ao redor do corpo de Byron Zell —, mas era mais do que ela tivera no dia anterior. Foi a primeira pista que ela encontrou desde que voltou de Cambridge, anos atrás. E foi apenas o suficiente para fechar um pouco mais a porta daquela parte nebulosa de sua mente.

Alex sempre soube que as fotos das meninas deixadas na cama dos pais eram a chave para descobrir a verdade sobre aquela noite. As fotos eram de três mulheres que haviam trabalhado para Roland Glazer, o magnata dos negócios que havia sido preso sob acusação de tráfico sexual de crianças e que se enforcou em sua cela na noite anterior ao início do julgamento. O conhecimento de que quem matou Byron Zell também havia deixado cair fotos junto ao corpo fez a mente de Alex girar em um ciclo redundante do qual ela não conseguia escapar. Poderia o massacre de sua família estar ligado de alguma forma a Byron Zell?

Ela correu para a sala de jantar, onde empurrou a divisória sanfonada para o lado e ficou na frente do quadro de evidências. Ela olhou as fotos das três mulheres que ainda estavam desaparecidas até hoje. Era amplamente suspeito, Alex descobriu em seu mergulho profundo no caso Roland Glazer, que Glazer havia matado as mulheres para proteger seus segredos. Alex desviou o olhar das mulheres para as fotos de seus pais. Depois olhou para a fotografia do Banco Sparhafen, em Zurique, e para o extrato da conta numerada que encontrou escondida no seu sótão. Uma conta aberta por Roland Glazer. Havia uma conexão ali que ela ainda não conseguia entender.

Alex saiu da prancha e correu para a cozinha. Ela pegou o artigo do Washington Times que cobria a morte de Byron Zell. Deixando de lado a tesoura, ela rasgou o artigo do jornal, prendeu-o no quadro e permitiu que seu olhar saltasse dos pais para Roland Glazer, do extrato bancário para as três mulheres e, finalmente, para Byron Zell. Ela ficou olhando por vinte minutos, buscando uma compreensão que não viria. Só quando a campainha tocou é que Alex finalmente desistiu.

Ela se afastou do quadro e foi até a cozinha, onde ativou o interfone.

"Olá?"

“Alex, é Jacqueline. Nós temos um problema."

Alex estava acostumado com Garrett fazendo visitas domiciliares. O relacionamento deles era tal que não era incomum Garrett aparecer sem avisar. Às vezes era relacionado ao trabalho, mas muitas vezes era com Donna e com nenhum outro propósito senão uma visita. Para Jacqueline Jordan aparecer, significava que algo estava acontecendo no caso Matthew Claymore. Alex ligou para ela e esperou com a porta aberta até o elevador chegar. Quando isso aconteceu, Jacqueline apareceu.

“Desculpe por entrar no sábado”, disse Jacqueline ao sair do elevador e caminhar pelo corredor.

“Não se preocupe”, disse Alex. "O que está acontecendo?"

“Eles encontraram o corpo de Laura McAllister esta manhã.”

"Oh Deus. Isso é horrível."

Jacqueline entrou no apartamento de Alex.

“Só estou recebendo os primeiros detalhes. Seu corpo foi encontrado por um professor em uma pista de corrida perto do campus. Minha fonte no departamento de polícia disse que os primeiros indícios são de que ela foi estuprada e estrangulada.”

Alex levou as mãos ao rosto, mas não falou.

“Os pais de Matthew Claymore acabaram de me ligar. A polícia levou Matthew para interrogatório.”

“Com base em que?”

“Os detetives descobriram uma mochila perto do corpo de Laura que ligaram a Matthew.”

“Vinculado como?”

“Eles estão dizendo que é a mochila dele.”

Alex engoliu em seco. "O que agora?"

“Se for verdade, e os primeiros indícios dizem que é, então a mochila amarra Matthew à cena do crime e temos um grande problema.”

“Jacqueline, eu não acredito. Passei muito tempo com Matthew na semana passada. Ele não é um assassino.

“Matthew forneceu amostras de DNA quando tivemos nossa entrevista ontem, então saberemos em breve.”

“Havia DNA no corpo de Laura?”

“Minha fonte não sabia, mas disse que era uma cena de crime confusa. Se o DNA de Matthew estiver ausente da cena, isso deve tirar dele a suspeita - com mochila ou não. Se o DNA dele aparecer no corpo dela, teremos algumas decisões a tomar. Mas a mochila encontrada no local é minha prioridade. Estou a caminho da delegacia para me encontrar com ele agora, mas antes queria ver se você descobriu alguma coisa desde ontem de manhã.

“Sim, muito”, disse Alex, apontando para o sofá. “Eu sei quase tudo sobre a história de Laura. Sente-se e eu lhe direi. Posso pegar algo para você beber?

Jacqueline sentou-se no sofá. “Água gelada, por favor.”

Alex foi até a cozinha e preparou um copo de água gelada. Ela entregou a Jacqueline enquanto se sentava em frente ao chefe. Ao fazer isso, Alex ficou estranhamente consciente de que seu quadro de evidências estava à vista. Ela havia esquecido de fechar a divisória sanfonada, e agora o cavalete de cortiça, cheio de fotos de seus pais, artigos de jornal e post-its, estava em exibição para Jacqueline ver.

Alex se levantou e fechou a divisória.

“Desculpe, apenas um projeto meu”, disse Alex.

“Eu vi uma foto dos seus pais”, disse Jacqueline.

Alex sorriu. “Tenho certeza de que Garrett mencionou isso para você.”

Apesar da crise que se desenrolava com o mais novo cliente da Lancaster & Jordan, Alex viu os olhos de Jacqueline assumirem uma atitude mais suave. Embora Jacqueline tivesse desempenhado apenas um papel coadjuvante anos atrás, durante o caso de difamação de Alex contra o estado da Virgínia, ela foi o braço direito de Garrett em sua luta para convencer um juiz a retirar as acusações contra Alex e libertá-la de Alleghany. O passado de Alex, e o caso que Garrett e Jacqueline ganharam para ela, foi um evento nunca mencionado na Lancaster & Jordan, mas permaneceria um momento na história em que os três se tornaram inextricavelmente ligados um ao outro.

Jacqueline balançou a cabeça. “Ele não fez isso.”

O silêncio de Garrett sobre o conselho era mais uma prova de que ele era o homem mais honrado que Alex conhecia. Se havia alguém com quem Garrett compartilharia os detalhes da obsessão de Alex, essa pessoa seria Jacqueline.

"É apenas . . . isso que eu faço", disse Alex. "Sempre que encontro novos detalhes sobre o caso da minha família, eu os coloco no quadro." Alex encolheu os ombros. "Eu sei que parece estúpido."

Jacqueline semicerrou os olhos. "De jeito nenhum. E não deixe ninguém lhe dizer que é. Se é importante para você, é importante. Período."

Alex sorriu. "Obrigado, Jaqueline."

Jacqueline apontou para onde a prancha de Alex estava agora escondida pela divisória. "Não quero bisbilhotar, mas vi a foto de Byron Zell?"

Alex balançou a cabeça. "Você fez. Mas não sei, foi apenas uma coisa estranha que encontrei."

"Quer me contar sobre isso?"

Alex sorriu. "Na verdade."

Jacqueline retribuiu o sorriso. "Vamos ao trabalho?"

"Sim."

Alex respirou fundo.

"Ok, então a história de Laura McAllister cobriria supostos estupros cometidos por membros da fraternidade Delta Chi. Embora apenas um caso de agressão sexual tenha sido relatado à polícia, Laura descobriu várias outras vítimas que estavam dispostas a falar sobre a sua provação. Em nenhum lugar da história de Laura Matthew Claymore foi mencionado. Mas o que mais lhe interessará é que Laura descobriu fortes evidências de que a garota que apresentou o boletim de ocorrência acreditava que Duncan Chadwick a estuprou.

"Filho de Larry Chadwick?"

"Sim. É por isso que criaram um espectáculo tão grande com a conferência de imprensa que essencialmente quebrou o escândalo."

"Em vez de permitir que Laura abandonasse sua história, eles tentaram acalmar as coisas saindo na frente dela."

"Exatamente. E nem é preciso dizer que o juiz Chadwick tinha muito a perder se uma história sobre estupro envolvendo seu filho se tornasse popular. Portanto, temos um ângulo aí, e foi isso que você me disse para descobrir. Temos alguém com motivos para manter a história de Laura em sigilo.

"Acusar um juiz em exercício prestes a ser nomeado para a Suprema Corte é arriscado."

"Não o juiz Chadwick, mas seu filho."

“Conte-me sua teoria”, disse Jacqueline.

“Minha informação vem de colocar as mãos na história de Laura. Eu ouvi o episódio que ela iria lançar. Aqui está o que eu sei. Uma garota foi estuprada em uma festa da Delta Chi depois de beber ponche enriquecido com a droga para estupro chamada Liquid G. Ela tomou todas as medidas corretas - foi ao hospital, fez um kit de estupro e apresentou um boletim de ocorrência à polícia. Há provas de que ela estava na festa da fraternidade naquela noite com Duncan Chadwick: uma amiga dela tem fotos dos dois juntos. Laura McAllister foi avisada sobre o estupro por e-mail e começou a investigar. Ela encontrou testemunhas que disseram ter visto Duncan e a garota juntos naquela noite. A amiga, uma garota chamada Ashley Holms, foi a outra festa da Delta Chi duas semanas depois do estupro e pegou uma bebida no bar, que ela contrabandeou para fora da festa. Ela e Laura testaram para confirmar a presença do Liquid G. Laura começou a compilar todas essas evidências para sua história, incluindo a forma como a universidade estava trabalhando para manter os detalhes em segredo. Mas então pedaços da história começaram a vazar. Duncan soube que estava prestes a ser citado no escândalo. No dia seguinte, os Chadwicks deram uma conferência de imprensa onde Duncan Chadwick desempenhou o papel de um colega de classe preocupado e indignado, rescindiu a sua adesão ao Delta Chi e prometeu trabalhar com a polícia de todas as formas possíveis.

Jacqueline assentiu com a cabeça. “Muito bom trabalho de investigação, Alex. Bom trabalho." Jacqueline levantou-se. “Você pode reunir todos os detalhes em um resumo para mim, com nomes de fontes?”

“Vou resolver isso imediatamente.”

“Estou indo ver Matthew agora. Ele sabe o suficiente para não dizer uma palavra até que eu esteja lá. E se não tiverem algo mais substancial do que uma mochila, não conseguirão mantê-lo detido.”

“Tenho uma fonte dentro do escritório de detetives de Washington, D.C. Posso entrar em contato para ver o quão confiável é o ângulo da mochila.”

"Perfeito. Faça isso”, disse Jacqueline. “E vou mantê-lo informado se eu aprender algo novo da minha parte. A polícia está calada no momento, mas não terá escolha a não ser me contar tudo se quiser manter Matthew sob custódia. Nos falamos em breve."

Com um aceno de mão, Jacqueline passou pela porta e foi embora. Alex estava sozinho em seu condomínio. Junto com o silêncio veio uma sensação

de desesperança. Apesar das questões urgentes do caso Matthew Claymore, Alex entrou na sala de jantar, puxou a divisória para o lado e ficou na frente da mesa. As palavras de Jacqueline foram gentis, mas Alex viu a tristeza nos olhos de seu chefe quando Jacqueline percebeu que, dez anos após o assassinato de sua família, Alex ainda estava procurando respostas que provavelmente nunca viriam.

Seus esforços pareceram subitamente inúteis, e Alex se perguntou quanto tempo ela poderia levar antes de admitir para si mesma que havia chegado a um beco sem saída anos atrás. E que, por mais habilidosa que fosse como investigadora jurídica, seu talento estava muito aquém de ser capaz de descobrir qualquer pista que pudesse levar ao assassino de sua família.

CAPÍTULO 48

Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 11h35

A CLAUSTROFOBIA DESCEU NO CONDOMÍNIO DE ALEX APÓS SEU encontro com Jacqueline, então ela foi até uma cafeteria na esquina, The Perfect Cup. Ela não concordaria que os Americanos deles fossem perfeitos, mas a cafeteria era a melhor que ela encontrou na região. Bebidas xaroposas, apenas perifericamente relacionadas ao café, estavam escritas em letras de marshmallow em um quadro-negro na parede atrás do bar. Alex pediu um Americano servido lentamente, encontrou um lugar em uma mesa alta para dois e pegou o telefone. Ela começou a escrever uma mensagem para Hank Donovan. Já fazia algumas horas desde que ela deixara o detetive de barriga para baixo no bar do Benjamin's, e uma de duas coisas provavelmente acontecera desde então: Hank continuara a pedir bebidas e ainda estava no bar e bêbado como um louco. gambá ou ele estava dormindo em casa. Ambas as situações significavam que era improvável que ela tivesse notícias dele tão cedo. E o facto de o corpo de Laura McAllister ter sido descoberto naquela manhã significava que Hank estaria alheio aos detalhes. Seu turno já havia terminado, e ele se consideraria sortudo por a ligação ter ido para outro detetive. Ainda assim, Hank era seu único contato dentro da polícia de Washington e, mesmo que não estivesse trabalhando no caso Laura McAllister, teria acesso a ele. Pelo menos valeu a pena uma mensagem de texto para descobrir.

Ela apertou ENVIAR no momento em que alguém se sentou à sua frente. Alex ergueu os olhos do telefone.

“Oi”, disse a mulher.

Alex falou com uma sobrancelha enrugada. "Posso ajudar?"

"Talvez. Meu nome é Annette Packard. Eu trabalho para o FBI.

Alex observou a mulher enfiar a mão no blazer e retirar sua identificação. Quando ela o fez, Alex notou a alça, o coldre e a arma enfiados sob sua axila esquerda. A mulher colocou suas credenciais sobre a mesa.

“Acho que você e eu estamos atrás da mesma coisa. Pelo menos foi o que imaginei depois de ver você correr por todo o campus ontem.”

Alex semicerrou os olhos. “O FBI?”

“Desculpe”, disse Annette. “Isso sempre parece intimidante quando digo sem contexto. Trabalho para um departamento de vigilância do FBI e meu último cliente é Lawrence P. Chadwick, pai de Duncan Chadwick.

Alex escolheu as palavras com cuidado. “Por que o FBI está interessado em Lawrence Chadwick?”

“Não estou tão interessado quanto forçado a ser curioso. Quando alguém se candidata a um cargo público ou, digamos, está prestes a ser escolhido para um cargo vitalício no Supremo Tribunal, tem de passar por verificações de antecedentes do tipo credenciação de segurança. Isto é o que eu faço."

Alex ergueu o queixo, olhando para a protuberância sob o braço esquerdo da mulher. “E você precisa de uma arma para fazer isso?”

“Definitivamente não”, disse Annette, fechando o blazer para esconder o coldre e a arma que ele segurava. “Eu odeio isso, mas a agência exige que os agentes carreguem armas de fogo o tempo todo, então estou preso a isso. E devo esclarecer o que quero dizer quando digo verificações de antecedentes. Eu examino os políticos para ter certeza de que eles não têm esqueletos escondidos em seus armários, e estou envolvido com a família Chadwick há várias semanas. Tenho certeza de que você já ouviu falar que o nome de Larry Chadwick foi apontado como o próximo candidato do presidente à Suprema Corte. Recebi a tarefa de garantir que o juiz não tenha segredos a esconder. Tudo estava funcionando esplendidamente. Na verdade, eu estava prestes a colocar meu selo de aprovação nele. Eu estava perto de informar ao presidente que Larry Chadwick e sua família estavam limpos como um apito. Mas então comecei a ouvir rumores sobre o filho de Larry, Duncan, e o envolvimento de sua fraternidade em estupro no campus da Universidade McCormack. Uma história como essa poderia ser prejudicial se tivesse uma ligação confiável com o juiz. E se os rumores forem verdadeiros de que Duncan Chadwick esteve diretamente envolvido em agressão sexual. . . bem, isso seria uma virada de jogo. Então, comecei minha devida diligência. Arregacei as mangas e comecei a procurar respostas. Assim que comecei a cavar, Laura McAllister desapareceu. Você pode imaginar a posição que me colocou, principalmente porque meu chefe precisa nomear um candidato logo. Há muita pressão para iniciar e encerrar o processo de confirmação antes que o ciclo eleitoral do próximo ano aqueça. Então, estou com uma grande bagunça nas mãos.”

Alex ergueu as sobrancelhas. “A bagunça é maior do que você pensa”, disse ela. “O corpo de Laura McAllister foi encontrado esta manhã. Alguém a estrangulou e a jogou na floresta.”

Annette recostou-se na cadeira. “Bem, merda. Isso definitivamente complica as coisas.”

Alex percebeu uma surpresa genuína na voz da mulher.

“Então por que você está falando comigo?” Alex perguntou.

Annette fez uma pausa antes de falar.

“Eu vi você invadir o apartamento de Laura McAllister,” Annette finalmente disse. “Você fez um trabalho impressionante com aquela fechadura.”

A respiração de Alex ficou presa na garganta, impedindo-a de responder, mesmo que tivesse sido esperta o suficiente para pensar em algo para dizer.

Annette balançou a cabeça. “Não se preocupe, meus dias de prender bandidos terminaram há décadas, quando deixei o departamento de polícia. Hoje em dia eu persigo informações, não criminosos. E as informações que tenho me dizem que você é investigador de um escritório de advocacia chamado Lancaster and Jordan, e que está bisbilhotando a Universidade McCormack porque seu escritório representa Matthew Claymore, que estava namorando Laura McAllister. Matthew é provavelmente uma pessoa interessante, namorados desaparecidos e agora mortos, as meninas geralmente são.

“Então você quer algo de mim? É isso que é?

"Sim. Preciso saber o que você descobriu sobre a história de Laura McAllister e se Duncan Chadwick estava envolvido de alguma forma.

"E o que? Ou eu ajudo você ou você me denuncia por invadir o apartamento de Laura? Isto é como um pequeno plano de extorsão?

"Não. Acho que você não está entendendo por que mencionei o fato de que você invadiu o apartamento de uma garota morta para obter informações. Eu não desprezo isso, eu admiro. Eu gostaria de poder quebrar as regras quando procuro informações, mas tenho o governo federal constantemente respirando no meu pescoço. Tenho que manter minha bisbilhotice estritamente de acordo com as regras. Não posso ser tão descarado quanto você. Sou forçado a ser mais sutil. Deixe-me lhe dar um exemplo. Depois que vi você ir ao apartamento de Laura McAllister,

percebi que você estava trabalhando em um caso que está diretamente ligado à minha investigação de Larry Chadwick. Então eu te segui. Eu estava na Benjamin's Tavern quando você se encontrou com Hank Donovan, que por acaso é um antigo colega meu. Ele me disse que você era investigador de uma grande empresa. Foi então que percebi que talvez precisasse saber o que você sabe e que poderia usá-lo como fonte. Veja, há uma lacuna aí. Eu, pessoalmente, não posso infringir nenhuma lei para obter informações, mas posso fornecer essas informações a outras pessoas que sejam mais liberadas em suas habilidades de coleta de informações. Se você concordar em me ajudar, você se tornará uma fonte de informação. E quando recruto uma fonte de informação, preciso colocar os pontos nos meus i e cruzar os meus t para ter certeza de que não vou para a cama com um criminoso, ou com uma alma de outra forma desagradável, que mais tarde poderia ser considerada não confiável. Então tirei seu copo do bar e verifiquei as impressões digitais.

Alex recostou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre a mesa. Foi uma tentativa fraca de esconder sua angústia, e ela tinha certeza de que Annette Packard sabia que Alex estava suando.

“Para minha surpresa, essas impressões não pertenciam a Alex Armstrong de Lancaster e Jordan, mas a uma mulher chamada Alexandra Quinlan. Não há muito por aí na Ethernet sobre Alex Armstrong, mas cara, digite o nome ‘Alexandra Quinlan’ em um mecanismo de busca e seu computador quase explode.

Alex calmamente enfiou a mão na bolsa e tirou um tubo de batom laranja brilhante. Ela o aplicou nos lábios e franziu a testa quando terminou. Tudo o que ela pôde fazer foi impedir que suas mãos tremessem.

“Não pretendo intimidar você”, disse Annette.

"Realmente? Você me embosca em uma cafeteria, coloca um distintivo do FBI na mesa, certifica-se de que vejo que você está carregando uma arma e depois me diz que verificou secretamente minhas impressões digitais. Acho que essa é a própria definição de intimidação.”

“Estou apenas mostrando como eu opero. E pensei que poderia usar as informações que descobri sobre você para ganhar sua confiança. Eu não me importo com quem você era, eu só me importo com o que você sabe. Você está bisbilhotando a Universidade McCormack há alguns dias e estou interessado no que você aprendeu. Tenho grande interesse em saber se

Duncan Chadwick fez parte da história que Laura McAllister iria contar. Meu trabalho depende de eu acertar. Minha equipe está trabalhando nisso, mas pode demorar um pouco para que eles me forneçam os detalhes. Detalhes que você, com sua capacidade de tomar liberdades na forma como investiga, já pode ter. Então estou aqui para fazer uma oferta."

Alex devolveu o batom à bolsa. Ela olhou para Annette e assentiu.

"Estou ouvindo."

"Tenho todo o Departamento de Justiça ao meu alcance. Se você me ajudar neste caso e me contar o que descobriu sobre a história em que Laura McAllister estava trabalhando, considere-me em dívida com você. Se você precisar de ajuda com um caso – talvez precise de algo que impressione seu chefe naquela grande empresa onde você trabalha – usarei minhas credenciais e meus contatos para resolver isso. Uma troca direta. Você me ajuda agora e eu te ajudarei mais tarde, quando você precisar. Sem perguntas.

"E os detalhes da história de Laura McAllister? Se eu os der a você, o que você faria com eles?

"Meu único objetivo é determinar se algo sobre Laura McAllister e a história em que ela estava trabalhando prejudicará as chances de Larry Chadwick de passar por uma audiência de confirmação no Senado."

Alex fez uma pausa. Ela sentiu que o pêndulo da conversa finalmente havia voltado para lhe dar alguma vantagem. Ela assentiu.

"Vai", disse Alex.

Annette inclinou a cabeça. "Ah, progresso. Cuidado ao elaborar?"

"Ainda não. Preciso fazer minha própria verificação de antecedentes. E não tenho certeza do que posso compartilhar com você até falar com meu chefe em Lancaster e Jordan."

"Parece justo para mim."

Annette empurrou um cartão de visita sobre a mesa.

"Me ligue quando estiver pronto para conversar. E, por cortesia, se você decidir que tem algo a me contar sobre o filho de Larry Chadwick, quanto mais cedo melhor para mim. Estou dentro de um prazo."

A mulher levantou-se e saiu do café antes que Alex tivesse oportunidade de recuperar o fôlego ou responder. Alex olhou para o cartão: ANNETTE PACKARD, AGENTE ESPECIAL, ESCRITÓRIO FEDERAL DE INVESTIGAÇÃO.

CAPÍTULO 49

Washington, DC Sábado, 29 de abril de 2023, 14h30.

TRACY CARR SENTOU-SE DE PERNAS CRUZADAS NA CAMA DE SEU HOTEL COM SEU laptop na frente dela. Confortavelmente no modo de trabalho, com fones de ouvido cobrindo as orelhas, uma caneta entre os dentes e o cabelo preso em um coque, ela estava equilibrando os dois shows. Com um prazo difícil para entregar um artigo de mil palavras destinado a atualizar os leitores do New York Times sobre os últimos desenvolvimentos no caso Laura McAllister, ela também estava divulgando conteúdo em seus canais sociais para saciar o apetite dos verdadeiros criminosos. fanáticos que a seguiram. Muitos de seus seguidores nunca pegaram um jornal na vida e adquiriram notícias (ou fofocas) em vídeos divulgados nas redes sociais.

Tracy havia feito duas filmagens nos últimos dois dias. O caso Laura McAllister estava se transformando em uma verdadeira bonança de história e ganhando atenção nacional devido à conexão tangencial com Lawrence Chadwick, cuja nomeação potencial para preencher a vaga no SCO-TUS parecia estar se desfazendo na velocidade da luz. O fato de o filho de Chadwick ter sido considerado potencialmente ligado a Laura McAllister era um crime verdadeiro que não podia ser ignorado. Agora que a menina apareceu morta, a história explodiu na Internet.

Ainda assim, apesar da demanda de seus canais sociais e do prazo para o Times (seu artigo deveria ser entregue ao editor em duas horas e estava escrito apenas pela metade), Tracy não conseguiu se livrar do encontro que teve na sexta-feira. No meio de sua reportagem, uma mulher tropeçou na filmagem e colidiu com ela. Isto, por si só, não era incomum. Para um repórter de reportagem, lidar com um público inepto fazia parte do trabalho. Mas não foi a interrupção que deixou sua mente agitada; era a própria mulher. Tracy atualizou a filmagem em seu computador e assistiu novamente ao desenrolar do incidente. Na tela, ela se viu entregando seu relatório, e então, do lado direito da tela, apareceu a mulher de cabelos loiros e curtos. Ela estava olhando para a esquerda, para onde outros repórteres estavam gravando suas filmagens, e não viu que Tracy estava na sua frente até que colidiram.

Tracy diminuiu a velocidade da filmagem enquanto a mulher entrava no quadro. Ela pausou o vídeo logo após a colisão, quando a mulher se virou confusa e olhou diretamente para a câmera. Tracy estudou a mulher. Cabelo loiro curto espetado com produto. Piercings na orelha esquerda, sobrancelhas, nariz e lábio inferior. Tracy ampliou a imagem estática, concentrando-se apenas nos olhos da mulher. Eram de um azul brilhante, mas artificialmente, provavelmente produzidos dessa forma por meio de lentes de contato coloridas. Tracy conhecia aqueles olhos como castanhos e, quando superou as distrações, percebeu.

“Puta merda”, ela sussurrou para si mesma. Ela levantou o laptop da cama e o aproximou do rosto. “São Olhos Vazios em carne e osso.”

CAPÍTULO 50

Washington, DC Segunda-feira, 1º de maio de 2023, 13h55.

“LIGUE SUA TELEVISÃO”, ALEX OUVIU JACQUELINE DIZER assim que Alex atendeu o telefone.

"O que aconteceu?"

“Basta ligar uma das estações locais.”

Alex e Jacqueline trabalhavam sem parar desde que Matthew Claymore foi levado para interrogatório na manhã de sábado. Como prometido, Jacqueline cedeu poder suficiente para evitar uma prisão formal até que o teste de DNA voltasse. Uma mochila por si só, ela argumentou, não era prova de assassinato. A polícia havia prometido uma rápida visita ao laboratório forense e deu ordens estritas a Matthew para não sair do Distrito de Columbia, ou mesmo da casa de seus pais.

"Você está assistindo?" Jacqueline perguntou ao telefone.

Alex pegou o controle remoto e ligou a televisão. A estação NBC local tinha um alerta de notícias de última hora com uma manchete que dizia: PRISÃO FEITA NA INVESTIGAÇÃO DE ASSASSINATO DE LAURA MCALLISTER.

Alex aumentou o volume e observou o âncora do noticiário dentro do estúdio entregar as coisas a uma repórter que estava do lado de fora dos portões da Universidade McCormack.

“Estamos fora da Universidade McCormack, onde houve uma interrupção na investigação de Laura McAllister, a estudante jornalista cujo corpo foi encontrado na manhã de sábado. O namorado de Laura, Matthew Claymore, foi interrogado na manhã de sábado por várias horas antes de ser libertado. Agora, há poucos momentos, a polícia prendeu um homem diferente. O chefe de polícia de Washington, D.C. fez uma declaração indicando que a prisão ocorreu depois que evidências de DNA ligaram o suspeito à cena do crime.”

A reportagem cortou para a filmagem de um homem - branco, de meia-idade, com cabelos oleosos, óculos grossos e barba grisalha - sendo conduzido para fora de seu trailer duplo. Ele usava uma camiseta suja e suas mãos estavam algemadas atrás das costas enquanto a polícia o levava até uma viatura e o depositava no banco de trás.

“O homem foi identificado como Reece Rankin, um mecânico de automóveis de 48 anos de Maryland. A polícia prendeu Rankin no parque de trailers onde ele mora. Mais uma vez, a polícia indicou que as provas de ADN ligaram Rankin à cena do crime, mas não dizem mais nada neste momento, a não ser que estão confiantes de que têm o seu homem. Esperamos aprender mais durante uma coletiva de imprensa agendada para o final da tarde.”

A filmagem voltou para o âncora do estúdio e Alex desligou a televisão.

"Quem é ele?" Alex perguntou.

“Apenas um acaso”, disse Jacqueline. “Eu não sei mais do que acabei de assistir com você. Os pais de Matthew me ligaram quando souberam. Nenhuma palavra da polícia. Nenhum pedido de desculpas, nenhuma declaração de que Matthew havia sido acusado injustamente. Tão típico. Estou indo vê-lo agora.

“Tudo bem”, Alex disse em um tom hesitante. “Você está comprando?”

“Comprando o quê?”

“Que um mecânico de automóveis aleatório de Maryland acabou na Universidade McCormack e simplesmente estuprou e estrangulou uma estudante jornalista que estava prestes a divulgar uma história explosiva sobre a universidade e o sistema grego que ela apoia?”

O silêncio do outro lado da linha era uma prova de que Jacqueline também duvidava da conclusão repentina da saga de Laura McAllister.

“Concordo que este desenvolvimento é surpreendente, mas as evidências não mentem, Alex. O DNA de Reece Rankin estava em toda parte. Mas Reece Rankin não é minha preocupação no momento. Mateus é. E até que ele esteja totalmente fora de perigo neste caso, e não esteja mais no radar do departamento de polícia, ele continuará sendo nossa principal prioridade.”

Agora foi a vez de Alex fazer uma pausa.

“Matthew Claymore é nosso cliente e nossa única preocupação”, disse Jacqueline.

“Entendi”, disse Alex finalmente. “Espero que este pesadelo acabe para Matthew.”

“Eu também”, disse Jacqueline. “Entrarei em contato quando souber mais.”

A ligação terminou e Alex continuou assistindo a televisão sem som, sabendo que ou Matthew Claymore tinha tido muita sorte ou algo não estava acertando.

CAPÍTULO 51

Washington, DC Segunda-feira, 15 de maio de 2023, 10h00

Duas semanas se passaram desde que Reece Rankin, o vagabundo aleatório de um estacionamento de trailers em Maryland, foi preso e acusado do assassinato de Laura McAllister. Embora não houvesse outro motivo para o crime além de um homem perturbado perseguindo uma estudante universitária enquanto ela caminhava por uma trilha florestal perto do campus, as evidências de sua culpa eram esmagadoras. O homem deixou seu DNA por todo o corpo de Laura McAllister - incluía células epiteliais de onde a corda que ele usou para estrangulá-la desfiou a pele de suas mãos, pelos pubianos e esperma. Além disso, as fibras recuperadas do cabelo de Laura correspondiam a um tapete que forrava o porta-malas do Toyota de Rankin, e as pegadas sequestradas perto do corpo de Laura correspondiam idênticas às botas de trabalho do homem. Era uma certeza, além de qualquer dúvida razoável, que esse homem havia estrangulado e estuprado Laura McAllister por um motivo que parecia não ser mais complicado do que luxúria, falta de autocontrole e total desrespeito pela vida.

A cobertura da imprensa acalmou-se desde a prisão de Reece Rankin. É claro que houve um mergulho ofegante, mas breve, na história do homem - quem ele era, onde trabalhava, o que seus vizinhos pensavam dele - mas o interesse em Reece Rankin foi passageiro, e a mídia estava agora voltada para outras coisas sensacionais. histórias. A imprensa voltaria a procurar Laura McAllister para breves atualizações quando Reece Rankin compareceu ao tribunal e quando foi condenado. Eles exibiam fotos da garota bonita em noticiários e tablóides. Mas a mídia e o público logo esqueceriam Laura McAllister. Uma garota desaparecida era mais interessante do que uma garota morta. E uma garota morta só seria interessante enquanto seu assassino estivesse solto. Era a triste realidade da sociedade americana. Crimes sangrentos captaram o interesse do público, especialmente se envolvessem mulheres jovens e atraentes. Mas essa curiosidade durou apenas enquanto houvesse mistério em torno do sangue e da garota. Depois de dispostas as peças e montado o quebra-cabeça, a sede do público foi saciada. Isto é, até que outra menina desapareceu ou outra família foi ceifada no meio da noite. Então a sociedade se transformou em

um nômade sedento vagando pelo deserto e sem água durante dias. O público engoliria insaciavelmente qualquer fio que pingasse da torneira da mídia. O verdadeiro crime tornou-se cultura pop – um prazer culposo, feio e tortuoso ao qual a maioria das pessoas estava tão acostumada que nem sequer se envergonhava dele.

Apesar do caso aberto e fechado em torno de Laura McAllister, ninguém foi capaz de explicar como a mochila de Matthew Claymore foi parar na cena do crime. Foi um desconhecido que manteve Lancaster & Jordan ativos no caso e interessados em quaisquer novos desenvolvimentos relativos ao seu cliente. Durante as perguntas de acompanhamento, que ocorreram sob o olhar atento de Jacqueline Jordan, Matthew explicou aos detetives que havia perdido a mochila uma semana antes. Durante o interrogatório, ele supôs que talvez Laura o tivesse pegado acidentalmente na manhã em que saiu do apartamento dele – a última vez que a viu. A polícia não ficou nada satisfeita com a explicação, mas sem nenhuma outra evidência forense que ligasse Matthew ao crime, eles não tiveram escolha a não ser descartá-lo como suspeito.

O trabalho de Alex no caso estava concluído e ela já havia sido designada para outro. Matthew Claymore estava no espelho retrovisor, mas o caso a levara a uma encruzilhada interessante. Durante sua investigação, ela conseguiu colocar as mãos no episódio não transmitido de Laura McAllister, narrando acusações de estupro na Universidade McCormack, e essa informação produziu uma oportunidade.

Ela entrou no The Perfect Cup, pediu dois Americanos servidos lentamente e sentou-se na mesma mesa onde Annette Packard, do Federal Bureau of Investigation, a havia emboscado algumas semanas antes. Hoje, porém, foi Alex quem marcou a reunião e faria as negociações. Ela estava na metade de seu Americano quando Annette entrou e sentou-se à sua frente.

“Obrigada por ligar”, disse Annette. “Fiquei feliz que você tenha entrado em contato.”

"Eu trouxe um café para você."

Annette envolveu a mão na xícara. "Obrigado."

“Pensei na sua oferta.”

"E?"

“E acho que podemos ajudar uns aos outros.”

"Estou ouvindo."

“Consegui colocar as mãos na história não transmitida de Laura McAllister. Só porque Laura foi morta não significa que sua história morreu. Está vivo e bem, e estou na estranha posição de ser a única pessoa com acesso a ele. Bem, isso não é verdade. Fiz uma cópia de um disco rígido no estúdio de gravação da Universidade McCormack, então a universidade também tem a história. Mas a administração de McCormack irá enterrar a história de Laura e esperar que ela decaia rapidamente. Sinto que devo isso a essa garota que nunca conheci para garantir que isso não aconteça. E acredite em mim, você vai querer saber os detalhes da história de Laura antes de ir ao ar. Isso terá um impacto direto em Larry Chadwick.”

“Duncan Chadwick estava envolvido?”

Alex assentiu. “Laura tinha provas - bem, ela não era detetive, então 'prova' pode ser um exagero - mas ela tinha uma confirmação contundente de que Duncan Chadwick foi quem comprou uma droga para estupro chamada Liquid G, aumentou as bebidas em seu festa da fraternidade e estuprou a menina que fez o boletim de ocorrência. Laura fez muito trabalho braçal. Sua história é grande e imponente, e sua sombra cobre muitas pessoas, incluindo chefes de escola que fizeram o possível para manter a história em segredo. Mas no que diz respeito à história de Laura, o filho de Larry Chadwick não só vai se sair mal, mas provavelmente será questionado em relação às alegações feitas na história de Laura, e possivelmente acusado de estupro. Se conseguirem rastrear a compra do gama-hidroxibutirato até Duncan, e Laura conseguir localizar o traficante que o vendeu para ele, as coisas serão ainda piores para ele.

Annette ficou quieta por um momento e Alex percebeu que ela estava considerando suas opções.

“Se a história de Laura for divulgada”, disse Annette finalmente, “e Duncan estiver ligado ao escândalo, isso diminuiria as chances de seu pai ser confirmado na Suprema Corte. Se eu tivesse acesso a esta informação antes que ela chegasse à grande mídia, não teria escolha a não ser aconselhar o presidente a não nomear Larry Chadwick.”

“Vamos, Agente Especial Packard. Você seria um herói se descobrisse essa história antes que ela chegasse ao mainstream. Você seria creditado por ajudar o presidente a evitar uma nomeação potencialmente embaraçosa que mancharia sua reputação e daria munição a seus adversários antes das

eleições do próximo ano. Posso ver os comerciais de sucesso político agora. Como pode o público americano confiar num presidente que depositou a sua fé em Larry Chadwick, um juiz cuja moral é tão distorcida que criou um filho para ser um violador?”

Alex observou Annette com atenção e sabia que ela havia plantado um cenário realista.

“Vou precisar de provas”, disse Annette. “Sobre Duncan e a droga do estupro e sua ligação com a garota que foi estuprada. Não posso simplesmente ir ao presidente com acusações.”

“A história de Laura tem provas. Ou, como eu disse, confirmações fortes.”

"Quão forte?"

“Forte o suficiente para que, assim que a história de Laura for divulgada, as autoridades se envolvam. A menina já registrou boletim de ocorrência. Depois que a história de Laura se tornar popular, Duncan será apontado como seu estuprador. A polícia investigará e tenho certeza de que, com as outras informações que Laura descobriu, Duncan será acusado. Há um kit de estupro e eles vão colher uma amostra do DNA de Duncan para ver se é compatível.

“E a prova, o que Laura descobriu, você vai me dar?”

"Sim. Criei uma série de resumos para meu chefe em Lancaster e Jordan. Posso lhe dar isso, bem como deixar você ouvir o episódio que Laura estava prestes a lançar antes de torná-lo público. Mesmo no caso extraordinário de a família Chadwick conseguir exercer a sua força política para se esquivar desta bala e evitar que Duncan seja preso ou acusado, o seu nome estará para sempre ligado a Laura McAllister e à violação na Universidade McCormack.”

Annette assentiu. "OK. Você não precisa vendê-lo mais do que você tem. Preciso dessa informação e preciso dela em breve. Então, acho que chegamos à parte do quid pro quo desta conversa. O que você está pedindo em troca?

Alex respirou fundo. “Você verificou minhas impressões digitais, o que significa que conhece minha história. É com isso que preciso de ajuda.”

“Sua história? Quer dizer, o que aconteceu quando você era adolescente?

“Significando o que aconteceu com minha família.”

Alex passou os últimos dias organizando esse acordo em sua mente. A verdade é que a busca pelo assassino da sua família chegou a um beco sem saída anos atrás, quando Garrett a resgatou de Cambridge e a trouxe para casa. Desde então – desde a descoberta de extratos bancários misteriosos escondidos no seu sótão, a sua visita ao Banco Sparhafen em Zurique e a descoberta de uma ligação entre os seus pais e um empresário de tráfico sexual chamado Roland Glazer – Alex não tinha feito nenhum progresso real na sua vida. a busca pelo assassino de seus pais. Mas a vaga semelhança entre a cena do crime de seus pais e a de Byron Zell – na qual o assassino deixou fotos das vítimas – agitou as brasas que ainda ardiam dentro dela. A excitação foi suficiente para reacender o desejo de continuar sua busca.

Alex sabia que essa tentativa ousada seria provavelmente seu último suspiro. Ela entendeu que mexer as últimas cinzas restantes poderia finalmente extingui-las para sempre. Mas ela também sabia que, com alguém como Annette Packard segurando o ferro do fogo e cutucando as brasas moribundas, elas poderiam finalmente entrar em combustão de uma forma que Alex nunca conseguiria fazer sozinha.

“Alex”, disse Annette. "Eu te disse antes. Analisei suas impressões porque planejava contar com você como fonte e precisava ter certeza de que não tinha antecedentes ou outros sinais de alerta que o tornariam pouco confiável.

“Ser acusado de matar minha família pode me tornar pouco confiável aos olhos de alguns.”

“Você é legalmente Alex Armstrong agora. Seu passado não importa para mim.

“De qualquer forma, você não receberá de mim a história de Laura. Tecnicamente, você será, mas poderá afirmar de forma plausível que veio de uma fonte confiável.”

“Eu não sigo você.”

“Eu lhe darei os detalhes assim que tiver tudo resolvido. Antes de fazer isso, porém, quero saber se você pode me ajudar.

“Ajudar você com o quê, exatamente?”

“Descobrir quem matou minha família.”

Alex viu a apreensão nos olhos dela.

“Como posso ajudar com isso?”

“Você me disse que tem todo o sistema judiciário ao seu alcance.”

“Tenho acesso e liberdades pertinentes à minha especialidade. Sua família e o que aconteceu com eles não é nisso que me especializo.

"Não. Você é especialista em cavar, investigar e descobrir a verdade. Você encontra as pessoas certas que podem conseguir o que você precisa. Assim como faço no meu trabalho. Mas usei todas as habilidades que aprendi e todos os instintos que desenvolvi para tentar entender por que minha família foi morta. Não fiz nenhum progresso. Eu preciso de ajuda. E você é a única pessoa que apareceu na última década que pode realmente ser capaz de fornecer essa ajuda.”

“Escute, Alex, investiguei seu histórico e me lembro do caso de sua família. Acho que o que aconteceu com você foi terrível. Adoraria dizer que posso ajudar, mas não sei no que estaria me metendo ou o que concordaria em fazer. Preciso das informações que você tem sobre Duncan Chadwick, e preciso muito delas. Mas não quero pegar essa informação e prometer algo em troca que não posso cumprir.”

Alex estendeu a mão por cima da mesa, pegou o Americano de Annette e jogou-o, junto com o seu, na lata de lixo ao lado da mesa.

“O café aqui é horrível”, disse Alex. “Volte para minha casa. Vou preparar um café de verdade para você e também mostrarei exatamente no que você está se metendo.

CAPÍTULO 52

Washington, DC Segunda-feira, 15 de maio de 2023, 10h50

DE VOLTA AO SEU CONDOMÍNIO, ALEX FICOU AO LADO DE ANNETTE PACKARD E puxou a divisória sanfonada para o lado, revelando seu quadro de evidências e a jornada de uma década que ela havia percorrido. Alex olhou para Annette, que permaneceu em silêncio enquanto examinava o quadro.

"O que é isso?" Annette perguntou.

“Isso é tudo que aprendi sobre a noite em que minha família foi morta. Tudo o que me lembro daquela noite. Tudo o que sempre sonhei naquela noite. Todas as evidências que encontrei por conta própria ou na investigação policial formal.

Annette continuou a examinar o quadro.

“Ao longo dos anos”, disse Alex, “fiquei muito próximo disso. Estou muito envolvido nos detalhes para poder ver um padrão, se houver algum para ver. Preciso de novos olhos para ver o que encontrei. Preciso de alguém que olhe para este fórum com uma nova perspectiva e sem minhas ideias preconcebidas e preconceitos sobre aquela noite.”

Annette semicerrou os olhos e ergueu o queixo em direção ao tabuleiro. “Esse é Roland Glazer?”

“É”, disse Alex. “E ele é apenas uma das muitas peças estranhas deste quebra-cabeça impossível.”

Annette caminhou lentamente em direção ao tabuleiro. Alex viu que ela havia chamado a atenção da mulher.

“Que tal aquele café que você prometeu?” Annette disse sem tirar os olhos do quadro.

Alex assentiu. “Vou resolver isso imediatamente.”

Uma hora depois, cada um deles bebericou um segundo Americano sugado a vácuo enquanto estavam sentados no sofá, com o quadro de evidências à sua frente.

“Então”, disse Alex. "Pode me ajudar?"

“Eu, pessoalmente?” disse Annette. "Não. Como eu disse, isso” — ela apontou para o quadro de evidências de Alex — “não é o que eu faço. Isso me intriga, mas não é esse o tipo de investigação que faço. No entanto” – Annette olhou para Alex – “conheço alguém que pode ajudar.”

"Quem?"

“Um velho amigo meu do FBI chamado Lane Phillips. Ele é um psicólogo forense que costumava ser um dos principais criadores de perfis da agência. Ele se aposentou há alguns anos e agora dirige uma empresa que rastreia, acredite, assassinos em série. E isso” – Annette apontou novamente para o quadro – “é exatamente o que ele faz. Posso ligar para ele e ver se ele está interessado em ajudar.”

Annette tomou um gole de café.

“Então o acordo é o seguinte: se eu conseguir convencer um dos melhores criadores de perfis criminais do FBI a dar uma olhada no caso da sua família, você compartilhará tudo o que Laura McAllister descobriu sobre Duncan Chadwick antes de tornar pública a história dela?”

“Sim”, Alex disse. "Este é o acordo."

Annette levantou-se. "OK. Vou fazer uma ligação e retorno para você.”

Annette caminhou em direção à porta da frente. Alex abriu para ela e Annette saiu para o corredor e depois se virou.

“Só estou curiosa sobre uma coisa”, disse Annette. “Você disse que a informação não virá diretamente de você, mas de uma fonte confiável. Quer explicar isso?

“Ainda não, mas conheço alguém que pode estar interessado em contar a história de Laura em um palco maior do que eu jamais poderia proporcionar sozinho. Detalhes por vir.”

Era outra parte de seu plano que funcionaria perfeitamente ou sairia pela culatra horrivelmente.

CAPÍTULO 53

Washington, DC Segunda-feira, 15 de maio de 2023, 20h30.

ANNETTE PACKARD DERRAMOU UMA MARCA DE FABRICANTE E SENTOU-SE NO SOFÁ. Seu apartamento em Columbia Heights era pequeno, mas confortável, e a janela da sala tinha uma vista parcial das luzes da cidade e uma sensação do Potomac ao longe. Agora, com cinquenta e poucos anos, ela vinha se perguntando nos últimos anos sobre seu poder aquisitivo caso saísse do cobertor confortável, mas fino, fornecido pelo governo dos EUA. Em três anos ela poderia se aposentar do FBI em boa situação, com uma boa pensão, anos de energia pela frente e opções.

Ela recebeu ofertas ao longo dos anos. Muitos eram atraentes. O dinheiro por si só sempre a fez ouvir. Ela ganhou US$ 72 mil como agente especial do FBI. Seu papel como principal necrófaga na vida de qualquer candidato político de alto nível a fez subir na hierarquia e a encheu de poder e influência, mas pouco fez para ajudá-la nos resultados financeiros. O governo dos EUA e todas as suas subsidiárias, incluindo o Federal Bureau of Investigation, eram famosos por pendurar prémios e títulos ao pescoço dos funcionários que mais trabalhavam, sem os recompensar monetariamente. A promessa de uma pensão vitalícia, porém, era a recompensa por um trabalho bem executado e uma carreira muito trabalhada. Antes de completar sessenta anos, Annette ganharia US$ 70 mil por ano simplesmente por sair da cama. E a alegria continuaria pelo resto de sua vida, independentemente de ela conseguir um emprego em outro lugar.

Algumas das ofertas lucrativas que ela recebeu ao longo dos anos vieram de grandes corporações que tentaram atrair Annette Packard e suas habilidades únicas de espionagem para suas divisões de segurança privada e crimes cibernéticos. Seu conjunto de habilidades poderia ser bem utilizado na América corporativa ou em Wall Street, não apenas na contratação de CEOs e outros executivos poderosos, mas também em pesquisas da oposição sobre empresas rivais e negociações potencialmente nefastas que corriam desenfreadas nos setores comercial, financeiro e financeiro. indústrias de tecnologia.

A oferta mais interessante, porém, veio de Lane Phillips, um ex-colega de escritório que, de fato, resistiu ao sistema para agir por conta própria. O

grande sucesso que Lane encontrou no sector privado foi a inveja de todos os agentes que sonhavam em capitalizar as suas competências e conhecimentos para transformar a sua experiência governamental num lucrativo dia de pagamento. Em seu apogeu, Lane Phillips foi o principal psicólogo forense e criador de perfis criminais do FBI. Os jovens pistoleiros de hoje aprenderam os truques do ofício com a dissertação de doutorado de Lane, uma longa tese que dissecou forensemente a mente de um assassino e foi apropriadamente intitulada “Alguns escolhem a escuridão”. Foi tão amplamente lido pela Unidade de Ciência Comportamental do FBI que a agência transformou a dissertação de Lane no principal manual de treinamento e modelo para ajudar jovens psiquiatras e psicólogos a compreender o processo de pensamento dos assassinos em série.

Lane mais tarde transformou suas façanhas nas mentes dos assassinos, baseadas em suas entrevistas pessoais com mais de cem serial killers, em um livro de memórias de crimes reais best-seller. O livro vendeu milhões de cópias. Ele seguiu seu livro best-seller com um mergulho profundo e único no estudo dos serial killers atuais e ainda ativos. Lane fez isso analisando, catalogando e arquivando meticulosamente assassinatos agrupados nos Estados Unidos. Usando sua mente feroz e implacável, ele desenvolveu um programa de computador e um algoritmo progressivo para fazer essa análise para ele. Ele transformou a ideia em uma empresa privada chamada Murder Accountability Project, ou MAP, como era chamada na indústria. O algoritmo provou ser tão eficiente no reconhecimento de padrões entre homicídios anteriormente não relacionados que Lane Phillips recebeu o crédito pela identificação e prisão de dezenas de serial killers – formalmente definidos como indivíduos responsáveis pela morte de três ou mais vítimas.

O programa do Dr. Phillips tornou-se tão bem sucedido que os seus serviços, e o algoritmo informático de Inteligência Artificial, foram licenciados por centenas de departamentos de polícia e agências de detetives em todo o país, bem como implementados na própria base de dados do FBI das divisões de crimes. O livro mais vendido de Lane o tornou confortavelmente rico. O licenciamento de seu programa de computador, que rastreava e identificava semelhanças entre homicídios de outra forma desvinculados, fez dele um milionário muitas vezes.

A oferta de Lane para que Annette trabalhasse para ele e para o Murder Accountability Project foi muito atraente. Ela teria a chance, Lane lhe dissera, de usar melhor suas habilidades de bisbilhoteira do que descobrir que um empresário que decidiu se candidatar a um cargo público durante uma crise de meia-idade havia sonegado seus impostos e atualmente mantinha uma amante com metade de sua idade. . Seu trabalho no MAP teria impacto no mundo real, Lane tentou convencê-la e ele precisava muito de suas habilidades. Mas, ainda assim, sair mais cedo da agência iria prejudicar a sua pensão, por isso Annette recusou educadamente a oferta de Lane. Ela, no entanto, concordou em reconsiderar as coisas quando completasse cinquenta e sete anos e estivesse livre para se aposentar do FBI em dia.

Ela manteve contato regular com o especialista em criação de perfis e pegou o telefone para ligar para ele.

“Você decidiu vir trabalhar para mim”, ela ouviu Lane dizer como uma saudação.

“Ainda não”, disse Annette. “Primeiro tenho que garantir minha pensão, lembra?”

“Pagarei a você várias vezes o que o governo está pagando.”

“Vou exigir que você cumpra essa promessa.”

“Por favor, faça isso”, disse Lane. “Mas se você não está ligando para falar de trabalho, o que acontece?”

“Talvez nada. Mas acho que tenho um caso interessante... Bem, na verdade não é nem um caso, nem nada em que esteja formalmente trabalhando. Mas é a sua escolha e preciso que você pense nisso.

"Diga."

“Você se lembra do tiroteio na família Quinlan anos atrás?”

"Não. Diga me sobre eles."

“Uma mãe, um pai e seu filho adolescente foram mortos no meio da noite. Abatido com uma espingarda. Cena de crime sangrenta, a imprensa enlouqueceu com isso. A filha de dezessete anos foi encontrada segurando a espingarda e a polícia a prendeu pelos assassinatos até que a investigação desmoronou. Um péssimo trabalho de detetive e um promotor excessivamente agressivo estragaram o caso. Isso foi em McIntosh, Virgínia.”

“Claro, eu me lembro disso agora. A imprensa chamou a garota de Olhos Vazios. Qual era o nome dela?"

“Alexandra Quinlan.”

"É isso. Então ela processou o departamento de polícia.”

“O estado da Virgínia, na verdade. Grande caso de difamação que terminou com um veredicto enorme que concedeu milhões à menina.”

"Yeah, yeah. Eu me lembro agora. O que está acontecendo?"

“Para encurtar a história, essa coisa atual em que estou trabalhando – examinar um juiz renomado – cruzou meu caminho com o dela.”

“Com Alexandra Quinlan?”

“Sim, mas ela não usa mais esse nome. Você não precisa dos detalhes e não tenho liberdade para fornecê-los. O que eu esperava era que você desse uma olhada no tiroteio da família Quinlan, junto com algumas outras pistas que a garota encontrou ao longo dos anos, para ver se consegue descobrir alguma coisa útil.

“Útil como?”

“Os assassinatos ainda não foram resolvidos. Eles foram atribuídos à garota e, quando essa teoria explodiu, o caso esfriou. Suspeito que ninguém examinou o caso com muita atenção depois do desastre com Alexandra Quinlan. Mas o problema é que ela nunca parou de se procurar.”

“A garota Quinlan?”

"Sim. Dez anos depois, ela ainda está trabalhando duro tentando descobrir quem matou sua família. Ela é a única que está olhando, e é tão injusto hoje que ninguém a esteja ajudando quanto era há uma década, quando ela foi falsamente acusada. Ela poderia usar sua ajuda, Lane, e tenho a sensação de que você estará interessado em alguns dos detalhes que ela conseguiu descobrir.

“Você está começando a me excitar”, disse Lane. “Você acha que há uma conexão de assassinato em série com a família Quinlan?”

"Eu não faço ideia. Essa é a sua especialidade. Mas apenas o Dr. Lane Phillips poderia admitir que estavam entusiasmados com a perspectiva de um serial killer. Olha, não é minha área de especialização, mas a julgar por algumas das pesquisas que Alex fez e alguns dos nomes que ela conseguiu vincular perifericamente aos pais, acho que vale a pena dar uma olhada. Ela reuniu todas as suas pesquisas e montou um quadro com os destaques. Tirei uma foto e quero enviar para você. Será o suficiente para você começar. Se

você encontrar algo interessante, tenho certeza de que poderei colocar as mãos em todas as outras pesquisas dela.

“Envie”, disse Lane. “Vou dar uma olhada e retorno para você.”

“Obrigado, Lane.”

“Como, exatamente, você foi envolvido nisso?”

“A garota pode me ajudar com um caso urgente em que estou trabalhando. Concordamos em trocar favores. Seria uma grande ajuda se você me ajudasse nisso.

“Fico feliz em dar uma olhada. Vou considerar isso um trabalho pro bono”, disse Lane. “Mas se eu descobrir alguma coisa, você vem trabalhar para mim.”

“Se você conseguir descobrir isso, vou dedicar minhas duas semanas naquele mesmo dia.”

“Cuidado com o que você promete”, disse Lane.

PARTE V
Revelações

“Este assassino está nisso há muito mais de dez anos.”

—Lane Phillips

Montanhas Apalaches do Acampamento Montague

O dia seguinte ao qual ele se escondeu atrás da cabana de Jerry Lolland e elaborou seu plano foi o início da Trek Week, o período de todo verão em que todo o acampamento fazia uma viagem de ida e volta de três dias e oitenta quilômetros pelo rio Muscogee. Todas as noites, as crianças de Montague montavam acampamento à beira do rio com os suprimentos que traziam consigo. Os conselheiros estavam presentes, mas os quintos anos estavam no comando. Eles eram responsáveis por colocar os campistas em canoas, por conduzi-los rio abaixo, por montar acampamento todas as noites e por fornecer o jantar. Foi uma maioridade para aqueles que estavam no Camp Montague há mais tempo e uma chance para os quintos anos mostrarem seus anos de experiência.

Apenas dois conselheiros acompanharam os campistas na jornada de três dias, e eles ficaram em segundo plano. A presença deles era quase indetectável, pois o objetivo da expedição era construir a unidade entre as crianças e permitir que os líderes chegassem ao topo. Ele e os outros quintos anos haviam passado a semana anterior fazendo planos e agora estavam executando a saída do acampamento. Eles colocaram todos os alunos em grupos e todos estavam em suas canoas – três por barco, num total de trinta canoas. Ele se certificou de que ela estava em seu grupo.

Passava pouco das 15h. na segunda-feira, quando chegaram ao primeiro acampamento base. Demorou uma hora para que todos tivessem suas canoas fixadas em terra firme, suas tendas montadas e uma fogueira acesa. Churrasqueiras estavam presentes em cada um dos acampamentos-base e os quintos anos se ocupavam acendendo o carvão e preparando o jantar. Às 20h00 todos foram alimentados e começaram seu ritual noturno ao redor da fogueira, como se estivessem de volta ao acampamento principal. Ele se sentou ao lado dela e sorriu.

"Como vai você?"

Foi a primeira vez que eles se falaram durante todo o verão.

“Bom”, ela disse.

“Bolhas?”

Ela olhou para as próprias mãos. “Sim, alguns pequenos.”

“Temos luvas. Vou te dar um pouco pela manhã. E um pouco de bálsamo. Você deveria colocá-lo hoje à noite, antes de dormir.

"Obrigado."

“Ei”, disse ele, olhando para o fogo. “Eu, uh, vi você ontem à noite.”

Ela olhou para ele.

“Eu vi você com o Sr. Lolland. Eu o vi levar você para a cabana dele.

Ela dirigiu seu olhar de volta para o fogo.

"Ele tocou em você?"

Nenhuma resposta.

“Está tudo bem”, disse ele. "Você pode me dizer."

Ela balançou a cabeça. “Ele me disse para não contar a ninguém ou ele me machucaria.”

"Isso não é verdade. Ele não vai mais te machucar.

Ele olhou para ela e tentou fazer contato visual.

"Você acredita em mim?" Ele perguntou a ela. "Que ele não vai mais te machucar?"

"Você não pode contar ao Sr. McGuire."

“Não vamos contar ao Sr. McGuire”, disse ele. “Não vamos contar a ninguém.”

Três dias depois, Camp Montague voltou ao normal – normal após a Trek Week. Demorou toda a quinta-feira para os campistas puxarem as canoas do rio e armazená-las no hangar gigante que armazenava todas as coisas de Montague. Coletes salva-vidas, capacetes, remos e barracas foram limpos, secos e guardados para a jornada do próximo ano. A limpeza durou dois dias, mas no meio da tarde de sexta-feira o acampamento voltou ao normal, e houve alguns raros períodos de inatividade no acampamento Montague, onde nenhuma atividade foi planejada e as crianças tiveram uma tarde e uma noite abertas.

Passaram a tarde sem chamar a atenção para si. Eles passaram a segunda e a terceira noite da Trek Week planejando e debatendo ideias até chegarem ao plano perfeito. Às 15h00 eles se encontraram atrás do galpão de artesanato - uma longa cabana de madeira onde aconteciam projetos de artesanato em madeira.

“Tudo o que precisamos deve estar no armário dos fundos”, disse ele.

"O que nós precisamos?" ela perguntou.

“Provavelmente apenas um alicate, mas vou pegar algumas outras ferramentas, só para garantir.”

O armário de suprimentos era um labirinto organizado de ferramentas. Martelos e chaves de fenda pendurados em fileiras organizadas no painel perfurado. Vários armários vermelhos de ferramentas Craftsman alinhavam-se na parede do fundo, com gavetas cheias de parafusos e pregos. Eles foram até a parede e pegaram um alicate, um martelo e uma chave de fenda.

“Isso deve bastar.” Ele olhou para ela. "OK. Fique longe de sua cabine. Encontro você na clareira às dez.”

Ela assentiu.

CAPÍTULO 54

Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023 10h45

JACQUELINE JORDAN COLOCOU SUA BOLSA DE OMBRO NA esteira transportadora e observou enquanto ela passava pela máquina de raios X. Um segurança olhou para um monitor do outro lado do detector de metais e inspecionou o conteúdo da bolsa, em busca de armas e contrabando. Jacqueline já havia passado por esse processo antes. Foi o mesmo em quase todas as prisões que ela visitou, e ela visitou o Centro de Detenção Central em DC muitas vezes durante seus anos em Lancaster & Jordan.

Ela passou pelo detector de metais sem incidentes e esticou os braços ao lado do corpo para que o guarda passasse uma varinha para cima e para baixo em seu corpo.

“Obrigado, senhora”, disse o jovem guarda da prisão com um sorriso.

Jacqueline pegou sua bolsa, pendurou-a no ombro e seguiu outro guarda através de um conjunto de portas trancadas até ser conduzida à seção de visitantes da prisão. Ela havia solicitado, e lhe foi concedido, uma sala privada para a reunião daquela manhã. Afinal, ela alegou que aquele era o primeiro encontro com seu novo cliente. Eles precisariam de tanta privacidade quanto possível.

O guarda abriu a porta da sala de reuniões e mostrou-lhe o interior. Ela se sentou em uma das duas cadeiras e tirou a pasta da bolsa, colocando-a na mesa à sua frente. Dez minutos depois, um preso vestindo um macacão laranja entrou na sala. Jacqueline reconheceu a confusão no rosto dele enquanto ele olhava para ela – ela era uma completa estranha para ele. O guarda prendeu os pulsos algemados do homem a um olhal na beirada da mesa.

“Você tem trinta minutos”, disse o guarda. “Se precisar de algo mais cedo, aperte a campainha.”

“Obrigada”, disse Jacqueline e sorriu enquanto o guarda os deixava sozinhos.

"Quem é você?" Reece Rankin perguntou.

“Sou sua advogada”, mentiu Jacqueline.

"Você não é a senhora com quem me encontrei antes."

“Ela era defensora pública, designada para você pelo tribunal.”

“Isso é porque não tenho dinheiro para um advogado de verdade. Você é um advogado de verdade?

"Eu sou."

Rankin sorriu, exibindo dentes amarelados e muito cariados. “Como você acha que vou pagar se não tenho dinheiro?”

“Minha empresa aceita um número limitado de casos pro bono. Isso significa que trabalhamos em seu nome, mas não pedimos compensação em troca. Portanto, não se preocupe com dinheiro, concentre-se apenas em responder algumas perguntas para mim. Depois, avisarei você se puder ajudá-lo.”

“Pro bono?”

“Isso mesmo”, disse Jacqueline. “Você estaria disposto a responder algumas perguntas para mim?”

Rankin assentiu e Jacqueline ficou satisfeita em saber que havia escalado seu primeiro obstáculo. Assim como Alex, ela também suspeitava do desenvolvimento de Reece Rankin. Seria algo muito maior do que coincidência que um pervertido aleatório de Maryland estuprasse e matasse uma garota que estava prestes a desencadear uma história explosiva que abalaria a vida de mais do que algumas pessoas poderosas.

“A polícia afirma que você confessou ter matado Laura McAllister. Isso é verdade?"

“Sim, eu até assinei os papéis. Mas isso foi só porque eles disseram que acreditaram em mim quando eu lhes contei que alguém me pagou para matá-la. Eles disseram que se eu assinasse uma confissão, isso os ajudaria no resto da investigação e eu cumpriria menos tempo.”

"Mas você a matou?"

"Acabei de dizer isso."

“Mas não foi ideia sua?”

“Merda, não. Nem sabia quem era a vadia.

Jacqueline parou diante da grosseria do homem, mas decidiu ignorá-la e seguiu em frente. Ela precisava mantê-lo no caminho certo.

“Então por que você fez isso? Por que você matou Laura?

“Porque eles me deram muito dinheiro e prometeram que eu receberia mais depois de fazer isso.”

“Alguém lhe pagou dinheiro para matar Laura McAllister?”

“Você tem algum problema de audição, senhora? Por que você continua repetindo o que eu digo?

“Você contou isso para a polícia? Que alguém pagou você?

"Sim. Eles disseram que se eu matasse a garota, eu sairia mais fácil porque era pago.

“Eles perguntaram quem pagou você?”

“Não, não entramos nisso ainda. Disseram que primeiro eu tinha que assinar os papéis, a confissão, depois entraríamos nos detalhes. Mas assinei esses papéis há muito tempo e nunca mais vi um policial. Achei que talvez fosse por isso que você apareceu do nada.

“Você sabe o nome do homem que pagou para você matar Laura McAllister?”

“Não. Acabei de ver um monte de dinheiro e eles me disseram o que precisavam. Eu não fiz perguntas.

"Eles? Havia mais de um homem?

"Sim. Foi um garoto quem mais falou, mas havia outro cara com ele. Ele nunca falou, no entanto. Ele meio que ficou em segundo plano.”

Jacqueline abriu sua pasta e retirou uma fotografia de Matthew Claymore. Ela deslizou-o sobre a mesa.

“Este é o garoto com quem você falou?”

O homem olhou para a foto por um momento e balançou a cabeça. "Não. Não é ele.

Jacqueline recuperou outra foto. Este era de Duncan Chadwick. Ela deslizou-o na frente do homem e esperou.

“Sim”, disse o homem, balançando a cabeça e sorrindo com os dentes amarelados. "Esse é ele. Um verdadeiro idiota arrogante.

"Você tem certeza?"

“Com certeza.”

Jacqueline puxou lentamente a foto de Duncan Chadwick e a recolocou em sua pasta, junto com a foto de Matthew Claymore, depois colocou a pasta de volta em sua bolsa.

“A outra pessoa”, disse Jacqueline, “era alguém da idade dele? Outro aluno?

"Não. Cara mais velho. Sorta teve a impressão de que o cara mais velho estava no comando, mas o garoto era quem falava.

Jacqueline pegou o telefone e entrou no mecanismo de busca. Ela rolou a tela por alguns minutos até encontrar uma boa foto, ampliou-a e estendeu o telefone para Reece Rankin ver.

“Este é o outro homem que pagou para você matar Laura McAllister?”

O homem semicerrou os olhos e sorriu. “É ele, sem dúvida.”

Jacqueline puxou o telefone e olhou para a imagem de Larry Chadwick por apenas um momento antes de fechar o navegador e colocar o telefone na bolsa.

“Foram eles que me deram aquela mochila também”, disse Rankin. “Eu deveria deixá-lo perto do corpo da garota porque isso iria despistar a polícia. Foi o que eles disseram.

Jacqueline ofereceu um sorriso. “Sim, mas você deixou mais do que a mochila. Você deixou seu DNA por todo o corpo de Laura McAllister. Células da pele, pelos pubianos. . . seu maldito sêmen. Então, veja você, largar a mochila de uma criança inocente depois do fato não iria enganar ninguém.”

Jacqueline se levantou e caminhou em direção à porta.

"Então você vai me ajudar agora que eu te contei tudo isso?"

Jacqueline se virou antes de apertar a campainha.

“Talvez”, ela disse. “Mais uma coisa, no entanto. Esses homens que pagaram para você matar Laura McAllister também lhe disseram para estuprá-la?

“Sim”, ele disse com um encolher de ombros. “Deveria parecer um crime passional. Foi o que o garoto disse. Eu não queria fazer isso, mas, você sabe. . . dinheiro fala mais alto. Estou apenas sendo honesto com você. Se você vai ser meu advogado, tenho que ser honesto, certo?

“Certo”, Jacqueline disse enquanto apertava a campainha.

“Você vai me ajudar agora? Ser meu advogado?

A porta se abriu e um guarda esperou Jacqueline sair da sala. Antes disso, ela se voltou para Reece Rankin.

“Você precisa muito mais de um padre do que de um advogado.”

CAPÍTULO 55

Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023, 12h30.

ANNETTE PACKARD PASSOU PELO TRÁFEGO DO TERMINAL DO aeroporto Dulles, em WASHINGTON, avistou Lane Phillips e parou no meio-fio. Lane colocou sua pequena mala no banco de trás e sentou-se no banco do passageiro.

“Obrigado pela carona, Agente Especial Packard.”

“Lane, que bom ver você”, disse Annette enquanto verificava o espelho lateral e voltava para o trânsito. “Eu não esperava que você fizesse uma viagem de Chicago apenas por meu pedido.”

“Eu não fiz. Amanhã farei uma apresentação para os novos recrutas da BSU. Achei que poderíamos nos encontrar e jantar enquanto estou na cidade. Encontrei alguns ângulos interessantes no caso da garota Quinlan. Você conseguiu contatá-la para ver se ela está disponível?

"Eu era. Ela era um pouco tímida com armas. A cobertura da imprensa sobre o caso dela diminuiu ao longo dos anos, mas não é completamente sem vida. Ela ainda é cuidadosa com sua identidade e com quem ela permite em seu círculo íntimo.”

"Como é que entraste?"

“Eu não fiz isso, realmente. Ela está me ajudando e eu a ajudando – essa é a extensão do nosso relacionamento. Mas, sim, Alex concordou em encontrá-lo esta noite. Ela não queria fazer isso em um restaurante, então vamos nos encontrar na minha casa. Isso funciona?"

“Claro”, disse Lane. “Vou organizar minhas pesquisas no hotel, tomar um banho rápido. Então, vejo você esta noite. Que horas?"

"Oito."

CAPÍTULO 56

Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023, 19h45.

ELA ENCONTROU O EDIFÍCIO DE ANNETTE PACKARD NO bairro de COLUMBIA HEIGHTS, esforçou-se para controlar os nervos e depois subiu os degraus até a porta da frente do prédio. Ela respirou fundo pela última vez e apertou a campainha.

“Você conseguiu,” Annette disse quando abriu a porta. “Entre.”

Alex a seguiu até a cozinha, onde Annette jantou no forno – uma costela de cordeiro que encheu a casa com um aroma saboroso.

“Posso pegar uma bebida para você? Cerveja ou vinho? Annette perguntou.

“Eu quero uma água, se você tiver uma.”

Annette pegou uma garrafa de Pellegrino na geladeira.

“Então, me diga quem é esse cara de novo”, disse Alex.

“Dr. Lane Phillips. Ele já foi, e ainda é hoje, considerado o criador de perfis mais famoso do FBI. Sua dissertação de doutorado centrou-se na compreensão de por que os assassinos matam e provou sua capacidade inata de entrar na mente de um assassino de uma forma que ninguém mais consegue.”

“Mas como um criador de perfil vai me ajudar com o assassinato da minha família?”

"Eu não tenho certeza. Eu só sabia que sozinho não conseguiria, então procurei Lane. Ele não é apenas um excelente criador de perfis criminais, ele é o criador do Murder Accountability Project, um programa usado por inúmeros departamentos de polícia e unidades de homicídios em todo o país que ajuda a resolver casos arquivados de homicídios. Basicamente, Lane e sua empresa analisam homicídios aleatórios para ver se e como eles estão ligados entre si. Mostrei a ele a foto do seu quadro de evidências e ele ficou bastante interessado. Então, com sua permissão, enviei-lhe os detalhes das coisas que você descobriu ao longo dos anos.”

Uma semana antes, Alex havia repassado os detalhes de sua jornada de uma década para compreender a noite em que sua família foi morta. Ela deu a Annette tudo o que aprendeu naquela noite, na esperança de que um psicólogo forense chamado Lane Phillips pudesse de alguma forma entender tudo.

“Depois de analisar todo o seu trabalho”, disse Annette, “Lane acredita que encontrou um padrão. Ele queria conversar, então aqui estamos.”

Alex sentiu uma pulsação repentina nas costelas e tentou controlar suas emoções.

“Ele veio de Chicago só para me contar sobre esse padrão?”

“Ele tem negócios em DC, então o momento deu certo.”

A campainha tocou.

“Lá está ele”, disse Annette.

Alex fechou os olhos e respirou fundo enquanto Annette se dirigia para a porta da frente. A ansiedade dela não vinha da ideia de ouvir o que Lane Phillips tinha a dizer, mas da ideia de que suas percepções poderiam realmente levar a respostas. Ela procurou por tanto tempo uma solução para o assassinato de sua família que olhar se tornou sua identidade. As respostas eram uma coisa mítica que estava muito longe da proverbial estrada com a qual ela estava viajando para se preocupar. Sua personalidade foi construída a partir da caça. Mas aqui estava ela, potencialmente chegando ao lugar distante onde seu trabalho e pesquisa colidiram com as respostas.

“Lane”, disse Annette. “Este é Alex Armstrong. Alex, este é o Dr. Lane Phillips.

Alex se livrou do medo e sorriu. “Dr. Phillips, obrigado por vir de Chicago.”

O homem não era o que ela esperava. Em sua mente, Alex havia evocado a imagem de um homem mais velho, de aparência acadêmica, cabelos brancos, óculos e uma personalidade resignada, cultivada a partir de uma exposição ao longo da vida aos assassinos mais cruéis que a sociedade já conheceu. Mas, em vez disso, Lane Phillips era um homem de cinquenta e poucos anos, de aparência vibrante, com cabelos fartos e espessos, que poderia passar por alguém muito mais jovem. Ele usava jeans e uma jaqueta esportiva cinza-clara sobre uma camisa de botão e sorria agradavelmente quando olhava para ela — aparentemente nada afetado pela obsessão de sua vida por assassinos.

“Me chame de Lane, por favor. Somente meus alunos usam tais formalidades.”

“O jantar estará pronto em cerca de trinta minutos”, disse Annette. “Vamos sentar à mesa da cozinha para conversar. Lane, algo para beber?

"Claro. Você tem cerveja?

“Eu tenho uma variedade.”

"Algo leve. A coisa nebulosa chega ao meu estômago.

Um minuto depois, todos estavam sentados em volta da mesa de jantar. Na frente de Lane havia uma pasta com capa de couro. Ele abriu e retirou três pacotes.

“Vou começar imediatamente, se estiver tudo bem”, disse ele.

Alex assentiu.

“E me dê licença antes do tempo. Entendo o quão emocionante e traumático pode ser discutir os detalhes do caso de sua família, mesmo depois de tantos anos. Portanto, peço desculpas antecipadamente pela minha franqueza. É uma aflição que eu passe de uma conversa cordial diretamente para o modo de diagnóstico clínico.”

“Entendido”, disse Alex. "Você fez . . . encontrou alguma coisa?

"Eu penso que sim. Sempre há lacunas nessas hipóteses, então não posso ter certeza. Mas quanto mais olhos olharem para minhas descobertas, maior será a probabilidade de alguém ver o que eu não consigo.”

Lane entregou a Alex e Annette um pacote, cada um com várias páginas de espessura e preso por um clipe de papel.

“Peguei o trabalho e a pesquisa do seu conselho, além de tudo que você forneceu para Annette, e extrapolei a partir daí. Muito bom trabalho, aliás. Você tem olho para os detalhes.

Alex assentiu. "Obrigado."

“Aqui está o que eu sei. Sua família foi morta em quinze de janeiro de vinte e treze. A sua pesquisa diligente provou que não houve ligações com assassinatos semelhantes que envolveram outras famílias, especificamente nas proximidades da Costa Leste dos Estados Unidos. Mas, para esclarecer o assassino da sua família, temos que descobrir se esse assassino desconhecido matou antes ou depois. Claro, é meu viés de confirmação presumir que estamos lidando com um serial killer.

“Agora, se o caso da sua família foi um ato aleatório de violência, ou o trabalho de um assassino consumado, então a probabilidade de eu poder ajudá-lo não é boa. Minha especialidade é identificar semelhanças entre homicídios aleatórios e determinar se existe uma ligação que os una. Quando me reuni com suas informações, meu objetivo era determinar se o assassinato de sua família fazia parte de uma série de assassinatos cometidos pela mesma pessoa.

“E você fez isso?” Alex perguntou.

"Talvez." Lane apontou para o pacote. “Está tudo aí, então vamos examinar isso. Seguir algumas das pistas que você conseguiu encontrar, especificamente que seus pais estavam associados a um homem chamado Roland Glazer, foi a chave.

“Segui essa liderança por muito tempo”, disse Alex, “mas desisti do ângulo Glazer. Eu nunca consegui entender isso.

“Isso porque sozinho faz muito pouco sentido”, disse Lane. “Juntamente com muitos outros fatores, isso reúne um quebra-cabeça complicado. Ou pelo menos nos leva a mais peças.”

Lane ergueu sua cópia do pacote, virou uma página e começou a ler.

“Roland Glazer se enforcou na prisão na noite anterior ao seu julgamento. Mas ele estava, como seu trabalho diligente mostrou, vinculado à firma de contabilidade de seus pais. Foi aqui que meu algoritmo deu uma guinada interessante. E lembre-se, a IA ligada ao meu programa de computador não é perfeita. Ele seleciona links que, de outra forma, poderíamos perder. Muitas vezes, esses links não levam necessariamente a lugar nenhum. Mas, neste caso, o que o algoritmo detectou foi uma conexão com o seu escritório de advocacia.”

Alex ergueu os olhos do pacote. "Meu . . . escritório de advocacia?"

"Sim. Seus pais tinham uma ligação com Lancaster e Jordan. Depois que acusações de agressão sexual e tráfico sexual foram feitas contra Roland Glazer, chocando as celebridades, empresários e membros da realeza que se associavam a ele, muitos de seus associados procuraram representação legal. Seus pais, como contadores que cuidavam de algumas finanças de Glazer, fizeram o mesmo.”

"Meus pais . . . ”, disse Alex, “eram clientes de Lancaster e Jordan?”

"Sim. Minha pesquisa mostrou que, em vinte e doze anos, Dennis e Helen Quinlan firmaram um contrato de representação legal com Lancaster e Jordan e pagaram uma taxa de adiantamento de quinze mil dólares. Pelo que pude perceber, o relacionamento equivalia a um simples aconselhamento jurídico, já que nenhuma acusação foi apresentada contra seus pais e nenhuma representação legal formal foi exigida. Uma ocorrência comum, como tenho certeza que você sabe. O que é interessante, porém, é que o Sr. Glazer também celebrou um acordo legal com a sua empresa. Meu algoritmo considerou isso um sucesso, o que significa apenas que o

software de IA encontrou uma maneira de conectar seus pais e Glazer - fora o fato de Glazer ser cliente da empresa de contabilidade de seus pais - o ponto em comum é que ambos eram associados a Lancaster e Jordan, mesmo que brevemente."

Alex voltou o olhar para a página, lendo e relendo a conexão que a Dra. Phillips havia descoberto entre seus pais e Glazer, lutando para entender o que isso significava.

"Novamente, esta conexão com Lancaster e Jordan pode não significar nada", disse Lane. "Meu algoritmo simplesmente identifica ligações entre homicídios. Meus analistas assumem o controle a partir daí para ver se esses links levam a algum lugar adiante. Como Annette me pediu recentemente para investigar este caso, meus analistas não tiveram tempo de concluir a pesquisa. Mas aqui está o que descobrimos até agora."

Lane virou uma página do pacote.

"Desde os vinte e treze anos, consegui identificar quatro clientes de Lancaster e Jordan que foram vítimas de homicídio, todos na Costa Leste."

Alex sentiu a sala girar quando uma onda de tontura tomou conta dela. Ela olhou brevemente, mas nem Lane nem Annette notaram sua luta. Lane estava lendo seu pacote e Annette acompanhava, viciada em cada palavra. Alex respirou fundo e voltou a prestar atenção nas descobertas de Lane.

"Aos vinte e dezesseis anos, um homem chamado Karl Clément morreu ferido por arma de fogo após uma invasão de casa. A polícia nunca teve nenhuma pista e o caso ainda não foi resolvido até hoje. Em janeiro daquele ano, Clément era conselheiro universitário em uma escola secundária local e foi acusado de agredir sexualmente uma de suas alunas. Ele procurou aconselhamento jurídico de Lancaster e Jordan. Em vinte e dezessete anos, um homem chamado Robert Klein foi preso por agressão agravada e abuso sexual da filha de doze anos de seu vizinho. Ele também procurou representação legal de Lancaster e Jordan. Ele foi morto em sua casa seis meses depois."

Lane ergueu os olhos do pacote.

"Algum palpite de como Klein foi morto?"

"Ferimento de bala", disse Annette. "Durante uma suspeita de invasão domiciliar."

"Bingo. A polícia atribuiu isso a um roubo que deu errado.

Lane virou a página.

“Ok, fique comigo. Mais dois. Em vinte e dezenove anos, um cara chamado Nathan Coleman foi preso por solicitar sexo a um menor. Ele procurou representação de Lancaster e Jordan, mas as acusações foram retiradas devido a um detalhe técnico. Dois meses depois, ele foi encontrado morto em sua sala de estar. Linha oficial? Baleado e morto durante uma invasão de casa.”

Lane virou a página do pacote.

“Finalmente, temos um cara chamado Byron Zell.”

O som do nome de Byron Zell fez o estômago de Alex afundar e sua testa ficar cheia de suor.

“Espere um minuto”, disse Annette. “Eu ouvi esse nome.”

— Alex também — disse Lane. “Byron Zell estava em seu quadro de evidências.”

A visão de Alex ficou turva quando ela se lembrou do encontro com Hank Donovan, o detetive que lhe deu os detalhes sobre a cena do crime de Zell: fotos das vítimas de Zell foram deixadas ao redor de seu corpo. Alex estabeleceu uma leve conexão com a cena do crime de seus pais, mas ficou sem imóveis a partir daí. Mas agora, o mais renomado criador de perfis criminais do FBI também havia ligado o assassinato de seus pais a Byron Zell, mas por meio de um vínculo diferente: todos eram clientes da Lancaster & Jordan.

Lane olhou para Annette. “O nome provavelmente me lembra porque o homicídio aconteceu aqui mesmo em DC, há cerca de um mês. Foi necessário um sofisticado algoritmo de computador constantemente atualizado com novas tecnologias de inteligência artificial para que eu chegasse onde Alex chegou por conta própria.”

“Agressão sexual”, Alex conseguiu dizer.

"O que é isso?" Annette perguntou.

“Todos os casos têm a ver com agressão sexual.”

“Exatamente”, disse Lane. “Agressão sexual contra menores, mais especificamente.”

A tontura a consumiu por um momento e Alex balançou na cadeira antes de agarrar a mesa para se endireitar.

"Você está bem?" Annette perguntou.

Alex recuperou o controle, engoliu em seco e depois olhou para Annette. “Eles tinham fotos ao seu redor.”

“Eles tinham o quê?” Annette perguntou.

A boca de Alex estava seca como algodão e ela engoliu sua garrafa de água antes de continuar.

"Meus pais. Quem os matou deixou cair fotos das vítimas de Roland Glazer perto dos seus corpos. Três jovens que trabalhavam para Glazer. Eles desapareceram logo depois que Glazer foi indiciado por tráfico sexual. Muitos acreditam que Glazer os matou para mantê-los calados sobre o que estava acontecendo em sua ilha particular. Quem matou Byron Zell fez a mesma coisa: depositou fotos de suas vítimas ao redor de seu corpo.”

Annette virou lentamente a cabeça para olhar para Lane. “Alguma ideia se essas outras vítimas que você identificou tinham fotos deixadas perto de seus corpos?”

Lane assentiu. "Todos eles." Ele ergueu o pacote. “Então o que temos é um grupo de vítimas que estavam todas ligadas de alguma forma à agressão sexual de menores. Todos eram clientes de Lancaster e Jordan. E todos foram mortos a tiros e com o mesmo cartão de visitas anexado: fotos de suas vítimas deixadas para trás.”

Lane virou uma página de seu pacote.

“Isso nos leva ao ponto da conversa em que fazemos a transição do algoritmo de computador para a análise humana. Ou minha especialidade: perfis criminais. Eu criei um perfil detalhado de como esse assassino pode ser.”

Alex e Annette rapidamente viraram as páginas de seus pacotes para acompanhar.

“O algoritmo encontrou uma conexão comum com quatro homicídios. Mas lembre-se, essa foi uma busca que começou depois que sua família foi morta, em vinte e treze anos. Portanto, temos cinco casos de homicídio começando em vinte e treze, se incluirmos a sua família.

“Isso é uma coincidência bizarra”, disse Annette, “ou é muito perigoso procurar aconselhamento jurídico de Lancaster e Jordan”.

Alex ficou quieto. Sua mente estava correndo rápido demais para organizar seus pensamentos em questões coerentes.

“Não há coincidência”, disse Lane. “Apenas a ilusão de coincidência. E para chegar ao fundo dessa ilusão, construí um perfil do tipo de pessoa que pode estar por trás de uma série de homicídios como os que o algoritmo detectou.”

Lane fez uma pausa para tomar um gole de cerveja.

“Vamos começar com idade e sexo. Considerando que estamos falando de alguém que cometeu os assassinatos da família Quinlan aos vinte e treze anos, o assassino já estaria na casa dos trinta. Mas considerando a sofisticação dos crimes, suspeito que o assassino seja mais velho. Dos quarenta aos cinquenta.

"Sofisticação?" Annette perguntou.

“Todos os homicídios ocorreram nas casas das vítimas. Para que isso fosse possível, o assassino teve que ter acesso à casa, matar a vítima e fugir. Isso exige astúcia, paciência e planejamento. Este não é um garoto correndo por aí atirando nas pessoas.”

Lane voltou ao seu pacote.

“Portanto, temos alguém entre quarenta e cinco e cinquenta e cinco anos, astuto e inteligente, e que provavelmente ocupa um cargo de alguma importância. O colarinho branco é muito mais provável do que o colarinho azul. E, o mais importante, esta pessoa tem uma vingança contra aqueles que cometem crimes de predação sexual contra menores. Mas não é apenas uma vingança, é uma vingança pessoal. É muito provável que o assassino tenha sido abusado sexualmente quando criança.”

“E agora ele está se vingando de seu próprio abuso sexual contra predadores hoje”, disse Annette.

"Correto."

“Então temos um cara de meia-idade que foi abusado quando criança e que agora está encontrando predadores sexuais e matando-os”, disse Annette. “Esses predadores tiveram gargalos como clientes em Lancaster e na Jordânia.”

Ela olhou brevemente para Alex antes de voltar para Lane.

“Você acha que é alguém da Lancaster e Jordan? É essa a ideia?

“Talvez”, disse Lane. “Mas até agora só nos concentramos nos homicídios desde vinte e treze. Para traçar um quadro completo desse assassino, olhei para os anos anteriores à morte da família de Alex e me deparei com um incidente interessante que ocorreu em 1981, em um acampamento de verão nas Montanhas Apalaches.

“Um acampamento de verão?” Alex perguntou.

"Sim. Acampamento Montague. O que descobri indica que esse assassino está nisso há muito mais de dez anos.”

PARTE VI
O perfil de um assassino

“Um objeto em repouso.”

—Alex Armstrong

Montanhas Apalaches do Acampamento Montague

Esconderam-se na escuridão da clareira atrás da cabana de Jerry Lolland. As cigarras zumbiam em tons rítmicos e se misturavam à noite. Nenhum dos dois falou enquanto se aconchegavam perto do tronco do grande carvalho e tentavam ignorar os mosquitos. As onze horas se aproximaram e Camp Montague finalmente se acomodou para passar a noite enquanto as cabanas, uma por uma, iam escurecendo. A cabine do Sr. Lolland, entretanto, permaneceu bem iluminada e logo sua porta de tela se abriu com um rangido. Eles observaram na escuridão enquanto ele estava na varanda da frente e inspecionava o acampamento, certamente, pensaram, decidindo se era seguro embarcar em sua perseguição. Seria a cabana dela que ele foi esta noite? Ela esperava que sim, mas sabia que havia outros que ele atacava. Ela sabia disso porque Jerry havia usado uma câmera Polaroid para tirar fotos dela enquanto ela estava em vários estágios de nudez. O som de clique que a câmera fez quando ele apontou para ela e tirou as fotos, bem como o som do filme sendo ejetado da câmera, a deixaram enojada quando ela pensou nisso.

“Ah, boa menina”, disse Jerry na primeira vez que a fotografou. “Olha como você é bonita.”

Ela mal conseguiu ver a primeira foto que ele lhe mostrou. Ela se viu nua no espelho do banheiro, mas essa imagem existia apenas em sua mente e desapareceu quando ela saiu do banheiro. A foto que o Sr. Lolland segurava a deixou envergonhada e envergonhada, sabendo que nunca desapareceria como seu reflexo. Quando o Sr. Lolland abriu a gaveta da cômoda para colocar a fotografia dentro, ela viu as fotos de suas outras vítimas. Havia muitos para contar durante sua rápida olhada na gaveta – talvez dez, talvez quinze. As crianças nas fotos também estavam nuas, como ela. Ela se lembrava deles agora, enquanto se escondia na floresta e sabia que esta noite não era apenas uma retribuição pelo que o Sr. Lolland tinha feito com ela; foi uma represália a todas as suas vítimas – passadas, presentes e futuras.

Eles o observaram caminhar pela varanda da frente. Ele se dirigiu para o meio do acampamento, onde ficava a cabana dela. Ele ficaria surpreso ao encontrar a cama dela vazia, e eles contavam com a raiva dele para distraí-lo quando ele voltasse. Eles saíram correndo da clareira e correram para a lateral da cabana. A cabine de cada conselheiro era equipada com uma fonte de gás natural para abastecer as churrasqueiras que ficavam do lado de fora das varandas teladas. Eles correram para a grelha e se agacharam.

“Observe-o”, disse ele enquanto tirava as ferramentas do bolso.

Ela foi até a beira da cabana e olhou para longe, semicerrando os olhos enquanto observava o Sr. Lolland desaparecer na escuridão do acampamento Montague. Eles calcularam que tinham cinco minutos. Mas isso se ele simplesmente se virasse e voltasse assim que encontrasse a cabine dela vazia. Eles contavam que o Sr. Lolland dedicasse alguns minutos extras para procurá-la, verificando o banheiro externo e depois o alojamento principal.

Ela voltou para a churrasqueira e sentou-se ao lado dele.

“Ele se foi”, disse ela.

Ela o observou estender a mão para trás da churrasqueira até encontrar o cano de gás que saía da cabana. Ele usou o alicate que eles pegaram no armário de utilidades para torcer o parafuso que prendia a linha de gás à churrasqueira. Foram necessários alguns segundos de esforço forçado até que o ferrolho se soltasse e então girasse facilmente. Ele girou a conexão até que a linha se soltasse da grelha, então se levantou e puxou a folga da linha até que ela ficasse esticada em todo o seu comprimento. Foi o tempo suficiente para alcançar a janela.

“Está trancado”, disse ela quando tentou abrir a janela que dava para o quarto do Sr. Lolland. “Vou entrar e desbloqueá-lo.”

“E se ele voltar?”

“Não vou demorar muito”, disse ela, engolindo em seco antes de falar novamente. “Já estive lá antes.”

Numa corrida louca, ela passou por ele e dobrou a esquina, depois subiu os degraus da frente da cabana - escadas que ela subiu pela primeira vez semanas atrás com o aperto firme do Sr. Lolland em sua nuca. A porta de tela rangeu quando ela a abriu e deslizou para dentro. Ela correu para o único quarto e tentou ignorar as imagens e lembranças que encheram sua mente quando ela entrou no quarto: Jerry Lolland sem camisa, expondo sua barriga inchada e peluda; a sensação de suas mãos calejadas quando ele a tocava; o som da câmera Polaroid cuspindo fotos dela. Ela atravessou a sala rapidamente e abriu a fechadura da janela. Demorou menos de trinta segundos. Ela já estava do lado de fora e virando a esquina da cabana quando avistaram o Sr. Lolland à distância, caminhando de volta para sua cabana.

"Pressa!" ela disse, colocando a mão no vidro e empurrando para cima até que a janela se abrisse.

Ele entregou-lhe o cano de gás e ela o enfiou por cima do parapeito e entrou na cabana antes de fechar a janela novamente no momento em que ouviram o Sr. Lolland subir os degraus da varanda da frente. Era muito perigoso correr de volta para a clareira, então eles se agacharam abaixo da janela e tentaram ficar o mais pequenos possível.

A luz do quarto acendeu e o brilho caiu no chão na frente deles e se espalhou pela floresta. Eles esperaram, quase sem respirar, por trinta minutos até que a luz do quarto se apagasse. Eles esperaram mais trinta antes de pensarem em se mudar. E mais trinta depois disso, até terem certeza de que ele estava dormindo.

Ele acenou para ela e ela alcançou a válvula vermelha na base da parede externa da cabana. Ela girou a alavanca até ficar paralela à linha, permitindo que o gás fluísse para dentro da cabine de Jerry Lolland. Eles esperaram mais um momento e então saíram da cabana e voltaram para o acampamento. Ela estava com muito medo de dormir em sua cabana, com medo de que Jerry de alguma forma escapasse da armadilha e viesse atrás dela. Além disso, ela ainda tinha trabalho a fazer e, para esta última parte do plano, não precisava de cúmplice.

Enquanto o resto do acampamento dormia, ela se acomodou em uma das cadeiras que circundavam a fogueira. Brasas alaranjadas brilhavam no fogo da noite, e ela se forçou a olhar para as brasas para se manter acordada. As horas passavam, mas lentamente, como se cada minuto fosse uma perversão do tempo, composta por algum valor superior a sessenta segundos. Quando, finalmente, um brilho nebuloso e distante surgiu no horizonte, ela voltou para a floresta e seguiu até a clareira. A cabana do Sr. Lolland estava silenciosa, calma e escura. Lentamente, ela emergiu da floresta e se aproximou da parte de trás da cabana, depois se agachou abaixo da janela antes de se levantar para espiar por cima do parapeito. Estava escuro lá dentro, exceto pelo brilho do despertador na mesa de cabeceira, que oferecia luz suficiente para ver o Sr. Lolland deitado na cama. Ele estava sem vida e imóvel, mas simplesmente matar Jerry Lolland não era suficiente. O mundo precisava conhecer seus pecados e julgá-lo de acordo.

Ela correu até a frente da cabana e subiu silenciosamente os três degraus da varanda da frente. A porta de tela rangeu, incutindo nela o medo da morte de que, se o Sr. Lolland ainda estivesse vivo, ele estaria esperando por ela. Depois de um momento de silêncio, porém, ela sabia que ele estava morto. Ela entrou na cabana e andou na ponta dos pés pelo corredor. O odor de gás era forte e impregnava o quarto. Quando ela abriu a porta do quarto, ela o viu deitado de costas com um braço pendurado na borda do colchão. Os lençóis o cobriam da cintura para baixo, e o brilho do amanhecer se derramava pela janela para iluminar sua barriga peluda, fazendo com que a dela se agitasse de náusea. Ainda assim, ela se forçou a olhar para o torso do homem, o que fez por um minuto inteiro para ter certeza de que ele não estava respirando.

Quando teve certeza, foi até a cômoda e abriu a gaveta de cima. Lá ela encontrou fotos suas e de outras vítimas. Seus rostos ficaram borrados e ela mal conseguia olhar as fotos enquanto as pegava na gaveta, sentindo-se tão envergonhada pelas outras

vítimas de Jerry quanto por si mesma. Mas um rosto nas fotos se destacou dos demais. Ela levantou a foto perto dos olhos, pedindo ao amanhecer que provasse que ela estava errada. Mas não havia como confundir seu irmão. Ele era mais jovem na foto, e ela percebeu que provavelmente foi tirada quando ele também era recruta do primeiro ano no Camp Montague. Ele nunca contou a ela.

Ela pegou a foto do irmão e colocou no bolso. Seu segredo ficaria seguro com ela. Da mesma forma que nunca discutiria com outra alma o que Jerry Lolland lhe fizera, também nunca forçaria o irmão a fazê-lo. Ela protegeria seu segredo enquanto ele quisesse mantê-lo. Mas as outras vítimas de Jerry não permaneceriam anônimas. Não havia outra maneira. Ela caminhou até a cama, ficou de pé sobre o corpo sem vida de Jerry Lolland e colocou as fotos, uma por uma, no peito e no rosto dele. O homem merecia morrer, mas ela não permitiria que a morte escondesse seus pecados.

Quando ela terminou, ela olhou para o homem que havia abusado dela. Uma sensação de satisfação tomou conta dela. Isso a encheu de uma sensação de paz e valor, sabendo que a angústia que ela havia suportado nas mãos deste predador agora tinha um propósito. Ela precisava passar pela dor do abuso daquele homem porque deveria impedir Jerry Lolland de machucar outras pessoas. A dor dela foi o combustível que ela usou para puni-lo pelo que ele fez a ela, aos outros nas fotos e ao irmão dela. Jerry Lolland a iniciaria em uma busca ao longo da vida para erradicar aqueles que abusavam de outras pessoas e fazer-lhes justiça que uma sociedade moral não poderia.

Duas horas depois, pouco depois das 7h, ela estava dormindo na cama quando os ouviu. O som arrastou não só ela, mas todos os moradores, da cama. Junto com outras crianças confusas, ela saiu de sua cabana e se reuniu perto da área da fogueira enquanto o Acampamento Montague ganhava vida da maneira mais incomum naquela manhã. Não através dos assobios dos conselheiros ou da voz do Sr. McGuire no alto-falante, como eles

estavam acostumados a acordar todas as manhãs, mas sim através da sirene de uma ambulância.

CAPÍTULO 57

Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023, 21h32.

“CAMP MONTAGUE ERA UM ACAMPAMENTO DE VERÃO PARA MENORES DE TREZE A DEZOITO ANOS”, disse Lane. “Ele fechou em mil novecentos e oitenta e um depois que um dos conselheiros se matou.”

“E o lugar tem algo a ver com o assassinato da minha família?” Alex perguntou.

"Talvez. O que aconteceu em Camp Montague contribui para o perfil que construí deste assassino e me permite conectar o passado ao presente.”

Alex olhou rapidamente para Annette, depois voltou a olhar para o pacote enquanto Lane continuava.

“Um conselheiro do Camp Montague chamado Jerry Lolland morreu no meio do verão de mil novecentos e oitenta e um. Eles o encontraram em sua cabana. O relatório da autópsia que consegui obter lista a causa da morte como asfixia devido ao envenenamento por monóxido de carbono.”

"Ele se matou?" disse Annette.

“Essa é a linha oficial.”

“Como o suicídio de um conselheiro do acampamento em mil novecentos e oitenta e um tem algo a ver com minha família?” Alex perguntou.

“Bem, esse é o chute. Isso aconteceu há mais de quarenta anos, então tive dificuldade em localizar alguém que estivesse diretamente envolvido no caso. Depois que encontrei a conexão, confiei principalmente em registros públicos. Mas consegui acessar minhas fontes e falar com um dos detetives que cuidaram do caso, um cara chamado Martin Crew. Ele está com quase setenta anos e está aposentado há anos. Mesmo assim, ele se lembrou do caso como se fosse ontem.”

“O que foi tão memorável?” Alex perguntou.

“O fato de Jerry Lolland ser um pedófilo.”

Annette semicerrou os olhos. “Como um pedófilo poderia conseguir um emprego como conselheiro de acampamento?”

“Ninguém sabia que o cara era um predador até que o encontraram morto em sua cabana. E só então porque encontraram fotos de suas vítimas espalhadas pelo corpo.”

O pacote caiu das mãos de Alex.

“Eu sei”, disse Lane. “É chocante. Se o meu perfil estiver correto, quem matou a sua família também matou Jerry Lolland. E isso significa que o assassino foi uma das vítimas de Jerry Lolland.”

“Você tem os nomes?” Alex perguntou.

“Das vítimas de Lolland? Não, eles foram selados e não foram divulgados naquela época. Não tive tempo de cavar fundo o suficiente para encontrá-los sozinho.”

Alex levantou-se. Suas mãos tremiam quando ela as passou pelos cabelos. “Você tem informações de contato do detetive com quem falou?”

Lane abriu a última página do pacote e mostrou-a para Alex ver. Apontou para o nome e o número de telefone do detetive que dirigiu a investigação de Jerry Lolland.

“Achei que você pediria por isso.”

CAPÍTULO 58

Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023, 21h45.

ELA DEIXOU A CASA DE ANNETTE EM COLUMBIA HEIGHTS E FOI direto para Lancaster & Jordan. O estacionamento estava vazio àquela hora da noite. Até os obstinados que viviam na sala desistiram por volta das 21h. Seu telefone estava pressionado contra seu ouvido enquanto ela pegava o elevador até o nono andar, passava correndo pelo escritório e entrava em seu escritório, acendendo as luzes enquanto caminhava.

“Espere aí”, disse Alex ao telefone. “Ainda não cheguei lá.”

A caminho do escritório, ela ligou para Kyle Lynburg, um velho amigo de Alleghany, cujos conhecimentos de informática provavelmente o salvaram de uma vida de crimes violentos. Ele desembarcou em Alleghany por assalto à mão armada: aos dezesseis anos ele assaltou um 7-Eleven. Dentro de Alleghany, Alex lhe dissera como era estúpido usar uma arma para conseguir o que queria. Ela estava particularmente sensível a esse assunto, e suas palavras ressoaram em Kyle Lynburg. Após sua libertação, ele nunca mais pegou uma arma. Em vez disso, ele aprimorou seus conhecimentos de informática e os utilizou bem. Atualmente, ele ganhava a vida distribuindo seus talentos de sábio para aqueles que precisavam de hackers de alta tecnologia. Alex estava feliz por tê-lo na discagem rápida.

Ela disse a ele o que precisava que ele fizesse: escalar o firewall que protegia arquivos confidenciais e arquivados na Lancaster & Jordan. O acordo de privilégio advogado-cliente do escritório exigia que os arquivos inativos ou retirados fossem arquivados e lacrados. Esses arquivos eram acessíveis apenas ao advogado que cuidou do caso. Os casos ativos não estavam tão protegidos. Muitos funcionários, incluindo Alex, poderiam usar suas senhas para obter acesso a esses arquivos. Mas assim que o caso era concluído, os arquivos eram guardados em um cofre digital, acessível apenas ao advogado que trabalhou no caso.

Em sua mesa, ela colocou o pacote de Lane Phillips ao lado do teclado e balançou o mouse para dar vida ao monitor.

“Tudo bem”, disse Alex, colocando o telefone no viva-voz. “Estou no meu computador.”

“Digite sua senha”, disse Kyle, “para me levar à placa-mãe de Lancaster & Jordan. Eu farei o resto a partir daí.”

Alex digitou sua senha e clicou em ENTER.

"Estou dentro."

“Tudo bem”, disse Kyle. “Estou assumindo o controle do seu computador.”

Alex ouviu uma violenta agitação de teclas enquanto Kyle começava a trabalhar. A tela do computador ficou preta e uma série de códigos sem sentido apareceu em fonte branca. Por dez minutos, a tela continuou a encher-se de bobagens até que o monitor escureceu completamente por um instante antes de voltar à vida.

“Entre”, disse Kyle. “Seu cara de TI quase sabe o que está fazendo. Tive que fazer o back-end de alguns firewalls e deixei algumas pegadas digitais no processo. Se um bom geek de TI olhar, verá que nós o hackeamos. Ainda tenho tempo de me virar e apagar tudo, mas só se decidirmos não ir mais longe.”

“Não vai acontecer”, disse Alex. “Posso entrar nos arquivos agora?”

"Sim. Use ‘morsecode4’ sempre que um arquivo estiver protegido por senha e você tiver acesso. Essa senha desaparece em doze horas e então será inútil. Até então, você terá acesso livre a qualquer arquivo de seu interesse.”

“Obrigado, Kyle. Eu te ligo de volta se eu encontrar algum beco sem saída.

“Você não vai. Quer me dizer por que você está invadindo seu próprio sistema de computador?

"Na verdade."

“Bill está no correio”, disse ele.

“Você levou dez minutos.”

“Tenho que comer, garota”, disse ele antes que a linha ficasse muda.

Alex se concentrou em seu computador e começou a extrair arquivos que continham duas décadas de clientes da Lancaster & Jordan. Ela percorreu até encontrar o ano de 2012. Listados em ordem alfabética estavam todos os clientes que Lancaster & Jordan representavam naquele ano. Alex foi até as perguntas e encontrou os nomes dos pais dela: Dennis e Helen Quinlan. Lágrimas se acumularam em suas pálpebras inferiores enquanto ela olhava para os nomes dos pais e tentava entender tudo. Ela digitou a senha temporária e verificou o arquivo dos pais.

Ela enxugou os olhos e pegou o pacote de pesquisa do Dr. Phillips. Ela levou mais quinze minutos para confirmar que todos os nomes de todas as vítimas do pacote também estavam listados nos arquivos de Lancaster & Jordan: Karl Clément, Robert Klein e Nathan Coleman. Ela não precisou confirmar Byron Zell. Ela imprimiu uma única página de cada arquivo – a página de perfil do cliente – e colocou-as sobre a mesa. Ela precisava vê-los todos juntos em um só espaço, em vez de ficar alternando entre os arquivos. Impresso no final de cada página estava o nome da advogada da Lancaster & Jordan que cuidou do caso: Jacqueline Jordan.

Alex balançou a cabeça, tentando determinar se o que ela estava pensando era possível. Ela pegou os arquivos e os colocou ao lado da mesa antes de voltar para o computador. Ela fechou o banco de dados Lancaster & Jordan e acessou a Internet. Ela digitou Camp Montague no mecanismo de busca e depois restringiu sua busca adicionando o nome do conselheiro do acampamento. Quando ela digitou Camp Montague e Jerry Lolland no mecanismo de busca, encontrou vários artigos de notícias narrando a morte por suicídio e o escândalo que se seguiu.

“Alex?” alguém disse, assustando-a.

Quando ergueu os olhos, Jacqueline Jordan estava parada na porta de seu escritório.

CAPÍTULO 59

Washington, DC Terça-feira, 30 de maio de 2023, 23h05.

JACQUELINE JORDAN ENTROU NO ESTACIONAMENTO DA LANCASTER & Jordan e viu um carro solitário estacionado ali. Era normal ver veículos esporádicos parados no escuro, mas mesmo os policiais que mais trabalhavam empacotavam as coisas por volta das 22h. Jacqueline pegou o elevador até o décimo andar e olhou ao redor do escritório. Além das luzes de emergência que brilhavam 24 horas por dia, o lugar estava escuro e silencioso.

Ela deu um passeio pelos corredores, passando pelo escritório de Garrett e depois indo para o seu. Ela passou alguns minutos escrevendo o que descobriu em sua visita a Reece Rankin na prisão. A polícia estava em sua maioria satisfeita por ter seu homem, mas a mochila de Matthew Claymore ainda era uma evidência explosiva que poderia exigir desativação no futuro, especialmente se o argumento de Rankin de que ele era um bandido contratado viesse à tona e ganhasse força. Mas era improvável que alguém sério ouvisse a história de Rankin. Ainda assim, ela precisava estar preparada caso isso se tornasse algo do qual ela precisasse proteger Matthew.

Jacqueline terminou seu briefing e apagou a luz do escritório. No elevador, ela apertou o botão do nono andar, em vez do saguão, e depois saiu para o escritório, como era chamado pelos associados, paralegais e investigadores que passavam o tempo lá. Um escritório brilhava com luz e se destacava no espaço escuro. Ela foi em direção a ele.

“Alex,” ela disse. "O que você está fazendo aqui tão tarde?"

Jacqueline notou o medo de Alex, uma expressão em seus olhos como se a garota estivesse olhando para um demônio.

"Desculpe, eu não queria assustar você."

"Não, você não fez isso." Alex disse, levantando-se rapidamente e reunindo os papéis que estavam espalhados em sua mesa. "Eu estou apenas . . . Eu não sabia que alguém estava aqui.

“Tem certeza de que está bem?”

"Yeah, yeah. Eu só estava tentando fazer algum trabalho. Eu terminei agora.”

Jacqueline observou Alex se atrapalhar com os papéis até reuni-los todos em um pacote aleatório.

"O que você está fazendo aqui tão tarde?" Alex perguntou.

Jacqueline estreitou os olhos enquanto observava o comportamento frenético de Alex.

“Eu estava trabalhando no caso Matthew Claymore”, disse Jacqueline.

"Realmente? Achei que isso estava acabado.

“É, principalmente. Estou apenas amarrando algumas pontas soltas.”

“Alguma coisa interessante ou algo em que você precise da minha ajuda?”

“Não”, ela disse. “Matthew está limpo agora. Apenas me certificando de que nada possa voltar atrás e machucá-lo se Reece Rankin decidir retratar sua confissão.”

Alex assentiu. "Bem, me avise se precisar de alguma coisa."

Jacqueline foi para o lado quando Alex passou por ela e entrou no corredor. Ela sentiu que Alex desejava que ela o seguisse. Quando Jacqueline não o fez, Alex forçou a questão passando por ela para fechar a porta do escritório.

“Eu estava de saída”, disse Alex. “Você está indo ou vindo? Indo, provavelmente, a esta hora da noite.

Jacqueline demorou um pouco antes de responder, destacando a fala rápida e o comportamento nervoso de Alex.

“Indo,” Jacqueline finalmente disse.

"Eu vou com você."

Poucos minutos depois, ambos saíram pelas portas da frente da Lancaster & Jordan e seguiram para seus respectivos veículos. Jacqueline ligou o carro e olhou pelo retrovisor. Os faróis de Alex se acenderam e Jacqueline a observou sair do estacionamento. Jacqueline esperou um minuto, desligou o motor e saiu do carro. Ela passou pelo saguão e entrou no elevador um minuto depois.

Quando as portas do nono andar se abriram, Jacqueline entrou na sala e foi direto para o escritório de Alex. Ela acendeu as luzes e foi para trás da mesa de Alex. A superfície estava cheia de papéis quando Jacqueline a surpreendeu alguns minutos antes, mas agora a mesa estava vazia. Ela se sentou e sacudiu o mouse. O monitor de Alex piscou e Jacqueline começou a analisar a tela. Demorou apenas um momento para reconhecer que ela

estava olhando os registros arquivados da Lancaster & Jordan – uma lista alfabética de clientes organizados de acordo com o ano.

Jacqueline clicou no menu na parte superior da tela para ver as últimas pesquisas feitas, cada nome aparecendo em um menu suspenso:

Nathan Coleman, 2019 Robert Klein, 2017 Karl Clément, 2016 Dennis e Helen Quinlan, 2012

Jacqueline respirava calmamente enquanto olhava os nomes. Ela se lembrou do comportamento nervoso de Alex alguns momentos antes. Finalmente, ela arrastou o mouse até o canto da tela e fechou a janela que continha os arquivos arquivados de Lancaster & Jordan. Quando o fez, ela se deparou com uma imagem que a levou de volta ao passado. Como um portal no tempo, a imagem de Camp Montague transportou-a através dos anos e transformou-a brevemente na menina de treze anos que foi durante o seu primeiro e único verão em Camp Montague. Na tela do computador de Alex havia um artigo do Washington Post sobre um conselheiro do acampamento chamado Jerry Lolland, que se suicidara no verão de 1981.

Demorou dez longos anos, mas agora Jacqueline sabia que sua visita à casa dos Quinlan em McIntosh, Virgínia, finalmente a alcançara.

CAPÍTULO 60

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 19h32.

O GPS estimou que a viagem até WYTHEVILLE, VIRGÍNIA, levaria cinco horas. Alex não se apressou, dirigiu na faixa do meio e deixou sua mente vagar. Ela escapou do escritório mais cedo e estava na rodovia e na estrada aberta às 14h30. Ela deveria estar frenética. Ela deveria ter dirigido como uma lunática. Ela deveria estar desesperada para chegar a Wytheville, Virgínia, onde morava o detetive que trabalhou no caso Jerry Lolland. O detetive Martin Crew concordou em se encontrar com Alex e discutir tudo o que lembrava sobre o caso Camp Montague de 1981. Com possíveis respostas esperando, Alex deveria estar cheio de urgência e ansiedade. Em vez disso, ela dirigiu até o limite e permitiu que outros carros passassem ao seu redor.

Dez anos de tormento e busca estavam chegando ao fim. Alex havia sonhado com esse momento. Durante as horas de sono, ela muitas vezes imaginava uma cena semelhante, onde o mistério da morte de sua família estava do outro lado da proverbial porta que ela encontraria durante seus sonhos. Tudo o que ela precisava fazer era abrir aquela porta para que as respostas se espalhassem. Mas durante esses sonhos alguma coisa sempre a impediu. A porta não tinha maçaneta ou estava trancada com a única fechadura que ela encontrou e que não conseguia abrir. Mas agora, aqui estava ela, dirigindo para encontrar um detetive que poderia ter a chave daquela porta. Ela deveria estar acelerando. Ela deveria estar inquieta. Em vez disso, Alex estava cheia de tristeza pelo que temia poder encontrar.

Wytheville estava situada no sopé dos Montes Apalaches, tinha uma população de oito mil habitantes e um currículo de hotel correspondente. Alex chegou à cidade pouco depois das 19h30. O detetive Crew concordou em se encontrar em cima da hora, mas não poderia fazê-lo antes das oito horas. Alex sabia que não conseguiria fazer a longa viagem de volta a DC depois da reunião, então encontrou um motel na periferia da cidade, pagou por uma única noite e parou o carro na frente do quarto 109. Ela saiu do carro, trancou a porta e entrou. Pequeno, mas limpo, o quarto oferecia uma cama completa, mesa de cabeceira e cômoda com televisão. Ela colocou a bolsa na cama, escovou os dentes e aplicou um batom escuro para combinar

com seu humor. Ela trancou a porta ao sair e dirigiu até a cidade. O Sly Fox, cujo nome era exibido em néon vermelho junto com placas brilhantes da Budweiser e Pabst Blue Ribbon, estava localizado em uma esquina no meio da rua principal.

Lá dentro, Alex viu um homem mais velho sentado no bar e, como o estabelecimento estava vazio, deduziu que devia ser Martin Crew. Música country tocava em alto-falantes invisíveis e uma televisão atrás do bar exibia um jogo de beisebol. Ela caminhou até o homem.

“Equipe de Detetives?”

“Alex Armstrong?” o homem perguntou, olhando de soslaio para os piercings e tatuagens de Alex.

Alex assentiu. “Sim, obrigado por nos encontrarmos em tão pouco tempo.”

“Quando soube que você estava disposto a dirigir até DC para conversar, sabia que era algo urgente.”

“A viagem não foi ruim, cerca de cinco horas.”

“Não é a extensão da viagem que me deixou curioso, é o fato de você ser a segunda pessoa em duas semanas que me localizou sobre um conselheiro de campo de pedofilia que se matou há mais de quarenta anos. Naquela época, era um caso espinhoso e nunca fiquei satisfeito com sua conclusão. O fato de que de alguma forma está ressuscitando tantos anos depois chama minha atenção. Estou tão curioso para saber por que você está interessado neste caso quanto para ouvir o que tenho a dizer.

"Vamos conversar."

Alex sentou-se ao lado do detetive.

"O que você está bebendo?" — perguntou o detetive Crew.

“Refrigerante e limão.”

O detetive acenou para o barman.

“Então”, disse Crew. “Sua pergunta está relacionada ao contato do Dr. Lane Phillips comigo há cerca de uma semana?”

“É”, disse Alex. “Bem, tecnicamente, a investigação dele estava relacionada à minha. De qualquer forma, espero que você possa fornecer as respostas que procuro.”

"Manda brasa. Espero conseguir alguns para mim.

“Sou investigador jurídico de uma grande empresa em DC. Houve alguns desenvolvimentos interessantes com alguns clientes da firma,

trazidos à minha atenção pelo Dr. Phillips.

“Que tipo de desenvolvimento, quão interessante e o que isso tem a ver com Jerry Lolland?”

“Talvez nada, mas é isso que estou aqui para descobrir. Alguns clientes da empresa morreram em circunstâncias suspeitas, e o Dr. Phillips conseguiu vincular as mortes, possivelmente, ao suicídio de Jerry Lolland. Você pode me dizer o que lembra do caso?

“Agora estou mais curioso do que nunca. O caso Lolland foi há algum tempo, mas depois que recebi um telefonema do Dr. Phillips, voltei ao Gabinete do Xerife do Condado de Wythe. Trabalhei lá por vinte anos antes de fazer trabalho de detetive para o estado, então ainda tinha algumas pessoas com quem poderia entrar em contato.”

“Você era detetive do estado da Virgínia?”

“Sim, foi assim que me envolvi no caso Jerry Lolland.”

“Era típico chamar investigadores estaduais para um suicídio?”

“Não, de jeito nenhum. Fomos chamados por causa da pornografia infantil encontrada perto do corpo de Lolland.

"Certo, você pode me contar sobre isso?"

“Camp Montague era um acampamento de verão de prestígio na região, a apenas dezesseis quilômetros de Wytheville. Pessoas enviaram seus filhos para lá de todo o estado e até de mais longe. Foi um acampamento de verão de oito semanas que ensinou independência aos adolescentes e os ajudou a fazer a transição para a faculdade. Você sabe, mantra típico do acampamento. Pelo menos foi assim que o local foi cobrado. Montague fechou após o suicídio de Jerry Lolland e o escândalo que se seguiu. Lolland foi um dos conselheiros de longa data. Ele basicamente administrava o local e também era responsável pelo recrutamento. Se um pai estivesse interessado em enviar seu filho para Montague, ele se reunia com Jerry Lolland para ouvir a proposta do acampamento, tudo o que Montague tinha a oferecer e quão seguros seus filhos estariam. Foi arrepiante saber que este homem atacava as mesmas crianças que recrutou.”

“Conte-me como você descobriu Jerry Lolland e seu abuso contra crianças.”

“Foi no verão de mil novecentos e oitenta e um. Recebi uma ligação para investigar uma morte em Camp Montague. Foi uma suspeita de suicídio, mas com uma reviravolta. Várias fotos foram encontradas ao redor

do corpo — fotos de crianças nuas, todas identificadas como crianças matriculadas no Camp Montague. As crianças eram recrutas do primeiro ano, todas entre treze e quatorze anos. As fotos foram tiradas com uma velha câmera Polaroid – o que havia de mais moderno na época –, do tipo que tira uma foto assim que você a tira. Coisas bastante perturbadoras. Falei com as crianças identificadas nas fotos e todas contaram histórias semelhantes: Jerry Lolland chegou à cabana deles tarde da noite e os atraiu de volta para sua própria cabana."

"Os atraiu como?"

"Disse-lhes que precisava falar com eles em particular sobre algo urgente e que eles teriam problemas se não fossem com ele. Lembre-se, essas crianças eram jovens e impressionáveis, e provavelmente estavam assustadas e com saudades de casa na primeira vez que foram para o acampamento de verão."

"Verdadeiramente vil", disse Alex.

"Sim, um predador no verdadeiro sentido da palavra. De qualquer forma, Lolland levou as crianças de volta para sua cabana e abusou sexualmente delas. Parte de sua rotina era tirar fotos deles."

"As fotos podem ser o link para o caso em que estou trabalhando. Eles foram encontrados perto do corpo de Lolland? Tipo, ele estava olhando as fotos quando se matou?

O detetive Crew tomou um gole de sua bebida. "A teoria em vigor na época era esta: Lolland sucumbiu à culpa e à vergonha, canalizou o gás da churrasqueira para seu quarto, lacrou as janelas e deitou-se na cama para morrer. Retirou todas as fotos de suas vítimas ao longo dos anos e as apresentou como uma espécie de confissão dele.

"Mas agora você acredita que algo mais aconteceu?"

"Sempre acreditei que algo mais aconteceu. Eu simplesmente não consegui provar isso. Nunca poderia sequer prosseguir devido à natureza delicada do caso."

"Você não acha que Lolland se matou?"

"Não, eu não. Mas o problema do trabalho de detetive é que o que você pensa e o que pode provar são coisas diferentes." Crew ergueu sua bebida. "É a razão pela qual tantos detetives são alcoólatras furiosos."

Alex sorriu. "Achei que isso era um clichê guardado para uma televisão ruim."

“Talvez seja. Acho que só posso falar por mim mesmo.”

O detetive Crew terminou sua bebida e fez sinal para o barman.

“Se Jerry Lolland não se gaseou, então como ele morreu?”

“Oh, o gás o matou, isso não está em debate. Eu vi a linha de gás com meus próprios olhos. Ele morreu de asfixia devido ao envenenamento por monóxido de carbono. Mas não é a causa da morte que estou questionando, é a maneira. O suicídio foi listado na autópsia como a forma formal de morte. Sempre acreditei que fosse homicídio.

A bebida do detetive chegou e ele tomou um gole.

“O problema é que eu nunca consegui provar quem o matou, embora tivesse certeza absoluta de quem era.”

Alex engoliu em seco. Ela se lembrou do palpite de Lane Phillips do dia anterior: se meu perfil estiver correto, quem matou sua família também matou Jerry Lolland. E isso significa que o assassino foi uma das vítimas de Jerry Lolland.

CAPÍTULO 61

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 19h35.

JACQUELINE JORDAN MANTIU ALEX de perto desde que a encontrou no escritório, na noite anterior. Em um raro momento de pânico e pensamento irracional, ela até dirigiu até o apartamento da garota em Georgetown com a ideia de tocar a campainha e permitir que Alex a convidasse para entrar, onde Jacqueline teria finalmente amarrado a ponta solta que estava se desenrolando há muito tempo. dez longos anos. Mas aquele momento impulsivo passou e Jacqueline abriu a mente para outras opções melhores para resolver o problema de Alex Armstrong.

Quando Alex deixou Lancaster & Jordan naquela tarde, Jacqueline o seguiu. Quando Alex entrou na rodovia saindo de DC, Jacqueline permaneceu a uma distância segura enquanto seguia Alex pelas montanhas. Não demorou muito para entender para onde a garota estava indo. Claro que ela estava indo para Wytheville. É claro que ela estava rastreando tudo o que podia sobre Jerry Lolland e Camp Montague. Buck transformou a garota em uma investigadora feroz e Alex descobriu pistas suficientes para que Jacqueline soubesse que era apenas uma questão de tempo até que ela descobrisse a verdade. Enquanto dirigia, Jacqueline considerou a ironia de que as coisas finalmente terminariam no mesmo lugar onde começaram.

Depois de horas dirigindo, Alex diminuiu a velocidade ao entrar na cidade de Wytheville e entrar no estacionamento do Shady Side Motel. Jacqueline continuou em frente, mas voltou para avistar o carro de Alex estacionado em frente ao quarto 109. Ela encostou no acostamento e esperou, batendo no volante e pensando em seu próximo movimento. A ansiedade que crescia lentamente começou a dominá-la quando Jacqueline se lembrou da noite em que foi ao apartamento de Alex para discutir o caso Matthew Claymore. Foi então que ela viu o quadro de evidências de Alex. Agora, enquanto Jacqueline estava sentada em seu carro na beira da estrada em frente a um motel barato, imagens do quadro de Alex surgiram em sua mente: Roland Glazer, Dennis e Helen Quinlan, Byron Zell. Durante a breve inspeção do curioso painel de evidências, Jacqueline também viu a foto de uma única impressão digital. Ela sabia que a impressão era dela, saiu na noite em que entrou na casa dos Quinlan e tocou na janela de Alex depois que sua luva de látex rasgou.

Desde aquele dia no condomínio de Alex, Jacqueline começou a traçar um plano para cuidar da menina. As coisas haviam acelerado drasticamente desde a noite anterior e Jacqueline sabia que seus pensamentos atuais estavam nublados pelo pânico e pelo medo. A ideia de que essa garota iria expor a verdade era mais do que Jacqueline podia tolerar. A ideia de que Alex iria esclarecer tudo — começando com o abuso que Jacqueline sofreu na cabana escura em Camp Montague, onde Jerry Lolland mudou para sempre o curso de sua vida — era demais para ser racionalmente resolvida. O segredo de Jacqueline seria revelado para o mundo ver, e só havia uma maneira de evitá-lo.

Suas batidas nervosas no volante se transformaram em batidas fortes e, em uma explosão de birra, ela pisou no acelerador e girou no cascalho ao entrar no estacionamento do motel. Ela estacionou a duas portas do carro de Alex, pegou sua sacola de suprimentos no banco do passageiro e saiu do carro. Ela caminhou direto para o quarto 109, com a respiração irregular e o pulso batendo forte nos ouvidos. Se a porta estivesse destrancada, ela simplesmente entraria na sala e acabaria com isso. Caso contrário, ela bateria e abriria caminho quando Alex atendesse. Nenhuma das soluções era perfeita, mas Jacqueline tinha uma necessidade irresistível de acalmar a sua ansiedade. Ela precisava acalmar as vozes que lhe diziam que era agora ou nunca acabar com essa ameaça.

Ela havia dado apenas alguns passos em direção ao quarto 109 quando a porta se abriu. Isso a assustou, e antes que seu corpo entendesse os comandos de seu cérebro, ela se virou e caminhou na direção oposta. Ela ouviu um bipe de um carro sendo destrancado por um chaveiro e, em seguida, uma porta abrindo e fechando. Quando ela finalmente olhou por cima do ombro, viu Alex saindo do estacionamento.

Jacqueline correu de volta para o carro e seguiu Alex até a cidade, onde a observou estacionar na rua e depois entrar em um bar chamado Sly Fox. Ela ficou tentada a entrar para ver o que Alex estava fazendo ali, mas foi outro pensamento impulsivo que Jacqueline rapidamente deixou de lado. Numa cidade pequena como esta, entrar num bar de esquina era como anunciar o seu nome num altifalante. As pessoas notaram, e a última coisa que Jacqueline precisava era que alguém a notasse naquela noite.

Ela estava feliz porque sua decisão precipitada de entrar à força no quarto de motel de Alex havia sido frustrada. Jacqueline respirou fundo

enquanto se sentava no carro e tentava se acalmar. Ela tinha um plano e precisava cumpri-lo. Ela sabia onde Alex estava hospedado e uma abordagem furtiva seria a melhor maneira de lidar com as coisas. Foi poético, na verdade. Alexandra Quinlan acabaria com a vida dez anos depois da tragédia que se abateu sobre a sua família, num motel barato no meio do nada.

CAPÍTULO 62

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 20h30.

“FOI UMA DE SUAS VÍTIMAS?” Alex perguntou. “QUEM VOCÊ ACREDITA que matou Jerry Lolland?”

O detetive Crew tomou outro gole de uísque e assentiu. "Era."

"Como você chegou a essa conclusão? E se você tinha tanta certeza, por que era tão difícil provar?

“Você tem que entender o que eu estava enfrentando. Fui chamado ao local de uma suspeita de suicídio, não de homicídio. Portanto, as primeiras pessoas lá não eram policiais, mas sim a unidade de erradicação de evidências.”

Alex semicerrou os olhos. "Quem?"

“É assim que chamamos os paramédicos e o corpo de bombeiros. O trabalho deles é salvar vidas, não preservar cenas de crimes. Quando fui chamado ao local, os conselheiros do acampamento, os paramédicos e todo um corpo de bombeiros já haviam perambulado pela cabana de Lolland. Portanto, não havia muitas evidências boas que pudéssemos extrair da cena. Estava muito contaminado. Mesmo assim, consegui encontrar o suficiente para me deixar desconfiado.”

"Como o que?"

“Impressões digitais. Se a teoria de que Lolland havia se matado estivesse correta, suas impressões digitais deveriam estar na válvula de gás na lateral da cabine, já que ele teria sido a última pessoa a tocá-la. Mas é claro que, depois que o diretor do acampamento, um cara chamado Allen McGuire, encontrou Lolland inconsciente na cama, ele também sentiu cheiro de gás, encontrou o cano de gás preso no parapeito da janela e correu para fora para desligar o abastecimento. As impressões digitais de McGuire estavam na válvula de gás, mas ele tinha um álibi sólido. Se houvesse outras impressões digitais na válvula, incluindo as de Jerry Lolland, elas foram destruídas quando McGuire a tocou. A janela do quarto, porém, era outra história.”

"A janela?"

"Sim. Os técnicos obtiveram uma impressão nítida e completa da palma da mão e de cinco impressões digitais da janela da cabine de Jerry Lolland.

A mente de Alex voltou ao quadro de evidências e à única impressão digital não identificada que havia sido encontrada na janela do quarto.

“Você conseguiu identificar a impressão digital?” ela perguntou.

“Nós analisamos o banco de dados, mas não obtivemos resultados, e eu sabia que não o faríamos. A impressão palmar era pequena e claramente feita por uma criança. Quando não obtivemos nenhuma resposta, perguntamos aos pais das vítimas – as crianças nas fotos – se poderíamos tirar as impressões digitais de seus filhos. Havia quatorze crianças nas fotos e todas concordaram em ser impressas.”

"E? Um deles combinava com a janela?

“Sim”, disse Crew, tomando outro gole de uísque. “O problema é que, como Lolland usou sua cabana para abusar das crianças, não havia dúvida de que as crianças nas fotos estavam na cabana de Lolland. Inferno, as fotos foram tiradas quando as crianças estavam na cabana. Então encontramos diversas pegadas em vários pontos da cabana pertencentes às crianças, e aquele ângulo rapidamente se tornou um beco sem saída. Na verdade, meus superiores me ordenaram que nem sequer considerasse que um dos garotos havia matado Lolland ao colocar o gasoduto em sua cabine enquanto ele dormia.

"Mas você suspeitou disso?"

"Eu fiz."

"Por que?" Alex perguntou. “Por causa da impressão palmar na janela?”

“Não foi a impressão em si que me deixou desconfiado. Era o local da impressão.

"Porque . . . o quê, estava na janela, certo? No vidro?

"Sim. Mas estava do lado de fora, como se alguém tivesse aberto a janela enquanto estava do lado de fora da cabana.”

"Ah Merda."

“Exatamente”, disse Crew. “Alguém abriu a janela de Lolland pelo lado de fora e colocou o cano de gás em seu quarto. Mas aqui está o chute. Se Lolland tivesse sucumbido à culpa e colocado as fotos ao seu redor como uma confissão antes de se matar, seria de esperar que as fotos estivessem cobertas com suas impressões digitais.

“Eles não estavam?”

"Não. As fotos Polaroid ao redor do corpo de Lolland estavam cobertas com impressões digitais de outra pessoa. E as impressões da janela

correspondiam às impressões tiradas de cada uma das fotos ao redor do corpo de Lolland.

O detetive Crew enfiou a mão no bolso do paletó esporte e retirou um pedaço de papel. Ele colocou no bar.

“Esta é uma lista das vítimas de Jerry Lolland – todas as crianças que estavam nas fotos, além de mais algumas que se manifestaram depois que a história foi divulgada.”

“Ele não tirou fotos de todas as suas vítimas?”

"Aparentemente não."

Alex puxou a folha de papel para ela.

“Você não encontrará esses nomes em nenhum registro público”, disse Crew, “porque as vítimas foram mantidas anônimas”.

Alex examinou a lista de nomes. A ansiedade inundou seu sistema quando ela viu o nome no final da lista. Ela olhou para cima.

“De quem eram as impressões digitais nas fotos e na janela?”

Crew estendeu a mão e apontou para a lista. Alex seguiu o dedo pela página até parar em um nome. Jaqueline Jordão.

CAPÍTULO 63

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 21h30.

ALEX destrancou a porta do quarto de motel e entrou no quarto 109. Já era tarde e ela estava exausta depois do encontro com o detetive Crew, mas ainda assim considerou dirigir de volta para DC. Com sua mente acelerada como estava, dormir seria difícil e as horas noturnas poderiam ser melhor aproveitadas na Rodovia 81, com uma estrada aberta à sua frente e nada além de seus pensamentos para lhe fazer companhia enquanto ela descobria qual, exatamente, seria seu próximo passo. movimento seria. Ela precisava conversar com Garrett, pelo menos. Talvez a polícia. Mas o que ela diria a eles? Como ela poderia explicar articuladamente que dez anos de busca pelo assassino de sua família a levaram de alguma forma à porta de Jacqueline Jordan – a mesma mulher que ajudou a limpar o nome de Alex anos antes? A mesma mulher que desempenhou um papel fundamental no seu caso de difamação contra o estado da Virgínia. A mesma mulher que a empregou durante os últimos oito anos.

A visão da cama, porém, a fez mudar de ideia. A adrenalina estava diminuindo e ela se sentiu subitamente dominada pela dor e pela incerteza. Ela tomou um banho rápido antes de se esconder debaixo das cobertas. Sua mente continuou a relembrar o nome de Jacqueline rabiscado na lista das vítimas de Jerry Lolland. Poderia esse caminho que ela seguiu por dez anos realmente ter levado a este lugar? Seria mesmo concebível que Jacqueline tivesse matado a sua família? O lado compassivo do seu cérebro lhe disse que não, não era possível. Mas o lado racional, o lado que aprendeu a seguir as provas onde quer que elas levassem, disse-lhe que a sua investigação tinha sido impecável e que as provas não mentem.

Para ter certeza, porém, um pensamento lhe ocorreu. Uma maneira infalível de chegar à verdade. Todos os advogados em DC foram obrigados a fornecer impressões digitais à ordem dos advogados do estado para serem licenciados. Tudo o que Alex precisava fazer era obter acesso às impressões digitais de Jacqueline – uma tarefa simples que não exigiria mais do que alguns telefonemas e alguns favores. Em seguida, ela compararia as impressões de Jacqueline com a única impressão encontrada na janela do quarto da casa de sua infância. Alex contaria com a ajuda de Donna para isso. Apesar do exílio de Donna do Departamento de Polícia de McIntosh

após o julgamento de Alex, Alex tinha certeza de que Donna ainda tinha contatos lá.

Decidida com um plano de ação, ela passou uma hora na cama olhando para o teto antes que seus pensamentos se acalmassem o suficiente para que ela adormecesse. Apesar disso, foi um sono superficial e agitado; ela nunca ouviu a porta do motel se abrindo.

CAPÍTULO 64

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h30.

O ROSTO DE JACQUELINE MATERIALIZADO EM SEU SONHO. ELE DESAPARECEU E DESAPARECEU. Alex correu até o relógio de pêndulo e se espremeu atrás dele, mas o rosto de Jacqueline apareceu na esquina.

“Agora não me incomode”, Alex ouviu Jacqueline dizer. “Isso só será difícil se você dificultar.”

Alex forçou-a a fechar os olhos e colocou os dedos nos ouvidos para não ter que ouvir a voz de Jacqueline. Então ela sentiu algo tocar seu cotovelo. Era Jacqueline afastando o braço esquerdo da orelha e endireitando-o. Alex abriu os olhos e percebeu que ela não estava mais escondida atrás do relógio de pêndulo, mas sim deitada na cama. Examinando a sala, ela não conseguia entender aonde o sonho a levara. Quando ela sentiu a picada aguda na parte interna do antebraço esquerdo, seus olhos entraram em foco. Jacqueline estava de pé ao lado dela e inseria uma agulha em seu braço. Enquanto observava Jacqueline pressionar o êmbolo da seringa, Alex pensou que talvez este não fosse um de seus sonhos lúcidos.

Ela estendeu a mão direita para tocar o rosto de Jacqueline. Sua mão quase chegou ao destino, mas seu braço caiu sobre o peito antes de chegar lá, como se o membro tivesse sido esvaziado. Ela tentou novamente levantar o braço, mas nada aconteceu.

“Você pode lutar o quanto quiser”, ela ouviu Jacqueline dizer. “Você pode resistir até ficar exausto ou pode aceitar que, por mais que tente, não conseguirá mover um músculo. Os músculos extraoculares que controlam o movimento dos olhos serão menos afetados, então você ainda poderá olhar para mim.”

Cheia de pânico, Alex tentou sentar-se, mas rapidamente percebeu que seus esforços eram inúteis. Ela tentou se convencer de que estava no meio de uma paralisia onírica, fenômeno em que a mente acorda antes do corpo e, apesar de um esforço hercúleo, o movimento é impossível até que o sistema nervoso e o sistema motor decidam se conectar. Mas Alex sabia que não era esse o caso. O mundo fictício em que ela estava alguns minutos antes havia se transformado em realidade. Ela não estava apenas olhando

para a imagem de Jacqueline Jordan, ela estava olhando para a própria mulher. E Jacqueline tinha acabado de injetar nela uma substância química que a fez sentir como se suas veias estivessem cheias de chumbo.

CAPÍTULO 65

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h35.

A DROGA FOI CHAMADA SUCCINILCOLINA. ADMINISTRADO POR INTRAVENOSA, causou paralisia em segundos. Por via intramuscular, funcionou igualmente bem, mas demorou um pouco mais para fazer efeito. Dependendo da dosagem, a paralisia pode durar horas. Jacqueline obteve a droga como preparação para os planos daquela noite. Ela encontrou a succinilcolina na bolsa cirúrgica que seu marido carregava para o hospital e a colocou em suas coisas quando foi à casa de Alex na noite anterior, com o pensamento impulsivo de matá-la em seu apartamento, mas depois abandonou essa ideia. Matar a garota em sua casa traria mais problemas do que resolveria. Jacqueline decidiu que a melhor maneira de Alex morrer seria fazer parecer que ela se matou. Foi poético que o suicídio de Alex tenha acontecido tão perto de Camp Montague, onde a busca de Jacqueline por justiça começou há tantos anos, com a encenação de um suicídio diferente.

“Jac. . . Queline”, ela ouviu Alex balbuciar.

“Não fale”, disse Jacqueline. “Em breve suas cordas vocais vão parar de funcionar de qualquer maneira. Eu falo, você escuta.

Jacqueline puxou uma cadeira para o lado da cama e sentou-se.

“Você está procurando respostas e esta noite vou entregá-las a você.”

"Eu já . . . sabe — Alex disse com a voz tensa, como se estivesse falando com uma dor de garganta violenta. "O . . . fotos. Jerry. . . Lollândia. Assim como todos os outros. Apenas . . . como meus pais.”

“Sim”, disse Jacqueline, balançando a cabeça. “Quando vi seu quadro há algumas semanas, sabia que era apenas uma questão de tempo até que você descobrisse. Então, ontem à noite, encontrei você em seu escritório. Quando você olhou para mim, foi como se estivesse olhando para um fantasma. Voltei e vi seu trabalho. Você puxou os arquivos de Clément, Klein e Coleman. Você voltou aos arquivos e encontrou o arquivo dos seus pais. Você viu que eu era o advogado que os representava. E quando vi que você havia pesquisado na Internet histórias sobre Jerry Lolland, soube que o fim havia chegado.”

"Por que?" Alex ofegou.

"Seus pais? Porque ajudaram e encorajaram Roland Glazer, um predador sexual como Jerry Lolland. Seus pais o ajudaram a esconder o dinheiro, o que significa que o ajudaram a perpetrar crimes contra crianças. Depois que matei Jerry Lolland, anos atrás, prometi a mim mesmo que nunca deixaria os pecados de outro predador ficarem impunes.

"Mas . . . por que . . . Raimundo?

“Sim, eu sei que isso tem atormentado você ao longo dos anos. Infelizmente, seu irmão sofreu danos colaterais. Meu coração ainda dói por aquela criança. Ele estava no lugar errado na hora errada. Mas sua morte foi para um bem maior. E sua morte será a mesma. Eu sei que é difícil ouvir. Mas finalmente é hora de parar de cuidar de você. Todo mundo cuida do pouco, o frágil Alex. Todo mundo trata você com luvas de pelica e garante que sua vida seja perfeita. Eu só gostaria de ter recebido uma fração dessa preocupação daqueles que deveriam estar cuidando de mim quando fui abusado quando criança.”

CAPÍTULO 66

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h45.

Alex piscou os olhos. Ela não conseguia virar o pescoço para Jacqueline, mas moveu os olhos o mais para a esquerda possível e viu que Jacqueline estava sentada em uma cadeira ao lado da cama.

“Pensei em fazer isso ontem à noite”, disse Jacqueline. “Fui ao seu condomínio para acabar logo com isso, mas decidi que era muito arriscado. Quando você saiu do escritório esta tarde e saiu de DC em direção ao sul pela 81, me dei conta para onde você poderia estar indo. Claro, o investigador em quem Buck o transformou estava procurando respostas. E você acreditava que essas respostas poderiam ser encontradas investigando a morte de Jerry Lolland em Camp Montague. Isso funciona muito melhor. Uma garota solitária tira a própria vida em um motel solitário no meio do nada. Uma garota problemática sucumbindo a uma vida conturbada.”

Alex manteve os olhos em Jacqueline, ou até onde seu olhar pudesse alcançar. Suas pernas e braços pareciam pesados demais para sequer tentar se mover, então ela começou com os dedos da mão esquerda, que estavam dobrados perto da coxa. Ela esperava que Jacqueline não percebesse. Era muito perigoso testar os dedos da mão direita, pois a paralisia fizera com que o braço direito caísse sobre o peito, e a mão e os dedos estavam bem visíveis.

Ela apertou com toda a sua energia e sentiu o dedo indicador esquerdo cutucar sua coxa. Depois de mais algumas tentativas, ela percebeu que o esforço físico era menos importante que a concentração mental. Ela fechou os olhos e tentou novamente. Quando ela se concentrou totalmente nos dedos da mão esquerda, descobriu que era capaz de movê-los. Ela tinha certeza, na verdade, de que poderia abrir e fechar a mão, mas não conseguiu provar isso a si mesma, com medo de que Jacqueline notasse o movimento e esvaziasse outra seringa em seu braço.

Alex manteve os olhos fechados e continuou a testar a sua teoria de que a concentração lhe permitiria quebrar a paralisia induzida pela droga. Ela se concentrou no pé direito desta vez e mexeu os dedos dos pés. Foi muito mais fácil do que a luta que ela lutou para mover inicialmente os dedos.

“Ele me dissuadiu de qualquer maneira”, ela ouviu Jacqueline dizer. “Seu mentor por tantos anos.”

Alex abriu os olhos e viu que Jacqueline estava andando pela sala.

“Ele me disse que fazer isso no seu condomínio ontem à noite foi uma péssima ideia. Na verdade, ele acha que esta é uma ideia terrível em geral. Mas ele não sabe o que eu sei. Ele não viu seu quadro. Ele não sabe o quão perto você está de descobrir isso.

Alex experimentou os dedos do pé esquerdo em seguida, com o mesmo resultado.

“Ele estava tão orgulhoso de ter colocado você sob sua proteção. Tão orgulhoso de seu pequeno prêmio que ele nunca conseguiu entender o que eu sempre soube.”

Jacqueline continuou a andar de um lado para o outro. Alex tentou mover a cabeça da esquerda para a direita. Isso exigiu mais esforço, mas com concentração concentrada ela conseguiu. Ela sentiu como se estivesse prestes a acordar de um sonho e que a qualquer momento sua força e mobilidade retornariam.

“Mas eu sabia que esse dia estava chegando”, continuou Jacqueline. “Sempre soube que era inevitável. Sempre soube que, para continuarmos a eliminar os predadores do mundo, teríamos que amarrar a única ponta solta que deixamos para trás.”

Alex estava prestes a testar a força de seu braço direito, que estava sobre seu peito, mas Jacqueline se materializou acima dela, olhando para baixo com uma expressão desanimada no rosto.

“Você é um seguidor tão leal, não é? Sempre foi sua maior fraqueza.”

Ela viu Jacqueline oferecer um sorriso triste enquanto virava um pequeno frasco de vidro de cabeça para baixo, enfiava a agulha da seringa na rolha de borracha e retirava um produto químico branco turvo até que a câmara ficasse cheia.

Então ela ouviu um estrondo quando a porta do quarto do motel se abriu.

“FBI! Coloque as mãos para cima!

CAPÍTULO 67

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h55.

ALEX TENTOU MOVER A CABEÇA PARA A DIREITA E FICOU SURPREENDIDA quando os músculos do pescoço responderam. Annette Packard estava parada na porta, agachada em posição de atirador, com as duas mãos em uma arma apontada para Jacqueline. Na confusão do momento, passou pela cabeça de Alex o pensamento de que Annette parecia deslocada. Alex só a conhecia como a mulher sofisticada e bem vestida que investigava a vida dos políticos, e não como uma verdadeira agente do FBI treinada em armas de fogo. Talvez esse preconceito tenha sido o que confundiu Alex e a fez pensar que algo estava errado. Mas outro momento de clareza disse a Alex que Annette não estava usando um colete à prova de balas ou blusão do FBI. Ela estava vestindo uma roupa estilosa de calça cônica, blusa branca e salto alto. E não havia outros agentes com ela. Sem backup. Sem sirenes. Apenas Annette e a arma que ela reclamava de ter que carregar o tempo todo.

"Levante as mãos!" Annette gritou.

“Annette,” Alex disse com uma voz rouca que a assustou.

A súbita explosão de adrenalina estava superando os efeitos da droga paralisante.

“Alex”, disse Annette. "Venha aqui."

“Ela não pode”, disse Jacqueline.

“Alex. Vir. Sobre. Aqui."

Alex ouviu Annette pronunciar cada palavra lentamente, sem tirar os olhos de Jacqueline enquanto ela permanecia equilibrada em sua postura.

“Não posso”, disse Alex, sentindo a força retornando às suas cordas vocais. “Ela me injetou alguma coisa.”

“Succinilcolina”, disse Jacqueline. “Injetado em seu braço, paralisa seus músculos. Injetado em seu coração, irá matá-la em segundos.”

Houve um breve impasse em que nenhum deles se moveu: Alex estava deitado na cama, Annette estava congelada na posição de atirador e Jacqueline parecia uma estátua, segurando a seringa cheia na mão como uma adaga.

“Largue a seringa”, disse Annette.

Ainda ninguém se mexeu.

“Largue isso ou eu atiro em você.”

O impasse terminou quando Jacqueline levantou a seringa por cima do ombro e depois desceu em um movimento de facada em direção ao peito de Alex. O disparo da arma ecoou nas paredes do quarto do motel, e o odor sulfuroso transportou a mente de Alex de volta à noite em que sua família foi morta. A noite em que sua casa cheirava a fogos de artifício do Quatro de Julho. Ela foi incapaz de impedir que as imagens inundassem seu sistema, mesmo enquanto observava Annette entrar no quarto, mergulhar na cama e bater de cabeça em Jacqueline.

CAPÍTULO 68

Wytheville, Virgínia, quarta-feira, 31 de maio de 2023, 23h57.

POR UM MOMENTO, SUA MENTE A COLOCOU ATRÁS DO RELÓGIO DO AVÔ novamente, espiando pela borda e observando Raymond dar um passo após o outro em direção ao quarto dos pais.

“Pare,” ela tentou sussurrar.

Quando seu irmão continuou andando pelo corredor, ela falou mais alto.

"Parar."

Seu irmão continuou.

“Raymundo! Parar!"

Alex gritou as palavras, alcançando profundamente seu âmago para torná-las o mais altas possível. O esforço levou sua mente a uma dimensão diferente de consciência. De repente, Raymond não estava mais de pijama nem andando em direção ao quarto dos pais. Em vez disso, ele estava vestido com seu uniforme de beisebol e parado na base, segurando um taco bem alto sobre o ombro direito, esperando o próximo arremesso. Alex estava sentada em uma cadeira de jardim assistindo ao jogo, como fizera milhares de vezes durante sua infância. Ela havia trabalhado duro ao longo dos anos para evitar memórias como essas. Imaginar seu irmão mais novo como uma pessoa viva e vibrante trouxe muita dor e culpa por não ter feito mais por ele naquela noite. Durante anos, Alex lutou contra a culpa de permitir que Raymond fosse até o quarto dos pais naquela noite, em vez de sair correndo do próprio quarto para impedi-lo. Uma das ferramentas que ela usou para afastar a culpa foi evitar pensar inteiramente em Raymond. Mas agora, de alguma forma, ela queria pensar nele. Precisava se lembrar do animado menino de treze anos que ela conhecia.

O arremesso veio e Alex observou Raymond balançar o taco. Ela ouviu o tilintar ecoando durante a tarde enquanto ele acertava a bola no campo esquerdo. A bola passou entre os defensores externos e quicou até a cerca.

Raymond correu pela primeira base e foi para a segunda.

“Vá, Raimundo!” Alex aplaudiu.

Seu irmão cortou o segundo lugar e foi para o terceiro no momento em que o defensor central pegou a bola e jogou-a para o homem do corte.

Alex viu Raymond voar pela terceira base e voltar para casa.

“Vá, Raimundo!” Alex gritou novamente enquanto ela pulava da cadeira e corria até a cerca para ter uma visão melhor.

O homem do corte disparou a bola para o receptor, que estava agachado sobre o home plate. Alex observou enquanto Raymond descia pela linha da terceira base e mergulhava de cabeça no home plate no momento em que a bola chegava e o receptor acertava uma marca. Depois houve silêncio. A multidão que aplaudiu ruidosamente, o árbitro e os jogadores ficaram em silêncio. Uma nuvem de poeira cresceu ao redor da placa base após o primeiro slide de Raymond, e Alex semicerrou os olhos para ver a conclusão da peça. Para ver se Raymond estava seguro ou fora. Mas quando a poeira baixou, não havia ninguém lá. Raymond havia desaparecido. Assim como a multidão, o campo de beisebol e o parque.

Alex abriu os olhos e voltou ao quarto do motel. A explosão de adrenalina de torcer por Raymond colocou seu corpo na posição sentada ereta. À sua esquerda, Annette e Jacqueline estavam contra a parede, envolvidas numa batalha feroz, ambas as mulheres debatendo-se e lutando por uma posição dominante. Alex percebeu que a arma de Annette havia caído perto da porta do banheiro e parecia que os dois estavam tentando impedir o outro de recuperá-la.

Alex ouviu um grito agudo vindo de Jacqueline quando a mulher tropeçou em direção à cama, trazendo Annette com ela. Como um lutador greco-romano, Jacqueline levantou Annette do chão quando ela caiu para trás e rolou sobre a cama, de modo que quando elas atingiram o chão do outro lado da cama, Jacqueline estava por cima. O movimento foi violento e o impacto de seus corpos sacudiu a cama como um terremoto. Ambas as mulheres começaram a lutar novamente. Alex viu que a batalha agora estava focada no braço direito de Jacqueline e a seringa ainda segurava firmemente em sua mão.

Alex observou Jacqueline garantir uma posição dominante sobre Annette. Ela queria ajudar, mas apesar da adrenalina inundar seu sistema, ela ainda lutava para se mover. Um pensamento estranho, mas clarividente, passou por sua mente, e por um momento ela acreditou novamente que estava sonhando, já que a imagem da página de seu livro de física – aquele que ela havia estudado na noite em que sua família foi morta – entrou claramente em foco. A primeira lei de Newton percorreu seus pensamentos.

Um objeto em repouso permanece em repouso a menos que seja influenciado por uma força desequilibrada.

Da posição sentada, Alex se jogou para trás, fazendo com que o colchão a impulsionasse no processo. Ela girou o corpo para a esquerda quando o impulso do estrado a fez saltar da cama. Ela caiu no chão e rolou em direção à porta do banheiro. Ela foi longe o suficiente para que a arma estivesse ao seu alcance. Seus músculos estavam trabalhando novamente, ainda que de forma espasmódica e descontrolada. Ela ficou de joelhos e rastejou o resto do caminho até a arma, agarrou o cabo na palma da mão e caiu de lado. Ela correu até a parede, virou-se e usou as pernas para ficar sentada. Com as costas pressionadas contra a parede, Alex tinha uma visão clara por cima da cama. Ela viu Jacqueline libertar o pulso da mão de Annette e, num movimento rápido e embaçado, baixar a agulha.

O colchão bloqueava sua visão. Alex não viu onde a agulha penetrou, apenas ouviu o grito de Annette e soube que havia acertado. Depois, silêncio, exceto pela respiração pesada de Jacqueline. Alex levantou a arma e a firmou. Parecia uma bigorna em suas mãos. Ela viu primeiro as costas curvadas de Jacqueline, depois sua cabeça quando Jacqueline se sentou. Alex considerou atirar, mas seus braços balançavam demais para que ela acreditasse que seria precisa.

Jacqueline levantou-se, olhando para Annette, que estava paralisada na melhor das hipóteses, e morta na pior. Demorou um pouco até Jacqueline se virar e ver que a cama estava vazia. Mais um momento antes de seu olhar pousar em Alex e na arma apontada para seu peito.

Alex respirou fundo para se acalmar e focou a mente como um laser, permitindo que a imagem de Raymond parado do lado de fora do quarto dos pais desaparecesse de seus pensamentos por tempo suficiente para que ela se concentrasse. Primeiro nos ombros, depois nos braços, nas mãos e, finalmente, no dedo indicador direito. Então, ela apertou o gatilho.

PARTE VII
Círculo completo

“Não tenho como ficar.”

—Alex Armstrong

CAPÍTULO 69

Washington, DC Sábado, 10 de junho de 2023, 15h32.

JACQUELINE JORDAN FOI DECLARADA MORTA PELO SERVIÇO QUANDO chegaram ao quarto 109 do Shady Side Motel. Alex e Annette foram levados ao hospital e tiveram alta na manhã seguinte, depois que a succinilcolina foi eliminada de seus sistemas com grandes quantidades de solução salina administrada por via intravenosa. Eles não estavam desgastados, e o único ferimento de Annette foi um ombro deslocado sofrido quando Jacqueline Jordan caiu em cima dela durante a luta violenta.

Alex e Annette foram interrogados pela polícia. Cada um deles contou uma história semelhante. Eles estavam trabalhando juntos – Alex em um caso para Lancaster & Jordan, Annette em um veterinário para o governo federal – quando descobriram que seus respectivos casos se sobrepunham, sendo Duncan Chadwick o denominador comum. Eles estavam perseguindo uma pista que os levou a Wytheville. Annette foi ao quarto de motel de Alex para uma reunião agendada e o inferno começou quando ela encontrou Jacqueline Jordan parada sobre o corpo paralisado de Alex. A história tinha muitos buracos, mas continha água suficiente para superá-los. A posição de Annette no FBI e os seus laços diretos com a Casa Branca impediram muitas perguntas complementares que, de outra forma, poderiam ter sido feitas.

Como prometido, uma semana depois da experiência angustiante, Alex encontrou-se com Annette para lhe entregar tudo o que tinha conseguido descobrir sobre a história de Laura McAllister: as suas notas, os seus resumos e uma cópia do episódio de Laura. Eles se conheceram no The Perfect Cup e beberam Americanos enquanto conversavam.

“Isso dificilmente parece uma troca justa”, disse Alex. “Estou lhe dando informações em troca de você salvar minha vida.”

“Não”, disse Annette. “Você está me dando informações em troca de informações, exatamente como combinamos.”

O braço direito de Annette estava preso por uma tipoia que imobilizava seu ombro machucado.

“E toda aquela coisa de salvar minha vida?”

Annette sorriu. “Eu poderia argumentar que foi o contrário.”

Alex tomou um gole de café, refletindo sobre aquela noite. “Acho que nos ajudamos, mas você instigou isso.”

"Isso", disse Annette, "eu levarei o crédito."

“Eu estava bastante mal quando você apareceu, mas você estava usando salto alto quando invadiu a porta do quarto do motel?”

“Edição padrão,” Annette disse com uma risada. “Eu sabia que a informação que Lane descobriu foi bastante devastadora para você, então planejei ficar de olho em você. Veja se você precisava de alguma coisa. Acabei seguindo você para fora da cidade e foi quando vi Jacqueline Jordan te seguir até o motel. Eu não estava planejando entrar em um tiroteio.

Alex encolheu os ombros enquanto ela revirava sua pesquisa, empurrando uma grande pasta de arquivo sanfonada sobre a mesa. “Eu lhe devo mais do que isso, então se houver uma maneira de retribuir, me avise.”

Annette pegou a informação. “Eu diria que estamos empatados. Se você decidir voltar para DC, me procure. Tomaremos um café.

"Vai fazer."

Annette estendeu a mão e pegou a mão de Alex.

“Obrigado, Alex. Você vai ficar bem.

Alex assentiu. "Eu sei."

* * *

Uma hora depois, Alex bateu na porta de Garrett e Donna. Como uma frente unida e pais substitutos, eles atenderam a porta juntos.

“Oi, querido”, disse Donna.

Alex sorriu. "Oi. Ele voltou?

“Sim”, disse Donna. “Entre.”

Antes de ela adormecer no quarto do motel, dez dias antes, Alex havia elaborado um plano para obter as impressões digitais de Jacqueline na Ordem dos Advogados do Distrito de Columbia e testá-las com as impressões encontradas na janela de seu quarto na noite em que sua família foi morta. Depois da noite no Shady Side Motel, a confirmação da impressão digital era uma formalidade, mas encerraria totalmente um acontecimento que havia definido sua vida. Depois de procurar tanto pela verdade, Alex precisava ter certeza.

Embora a polícia ainda estivesse tentando descobrir o motivo pelo qual um advogado proeminente tentou matar um de seus investigadores, nenhuma resposta foi encontrada e Alex não ofereceu nenhuma pista. Havia

dois motivos pelos quais Alex decidiu guardar para si os detalhes sobre o papel de Jacqueline Jordan na morte de sua família. A primeira foi egoísta: a última coisa que Alex queria era ressuscitar a história do assassinato de sua família e colocá-la de volta nas manchetes. Contar às autoridades o que ela sabia sobre Jacqueline Jordan faria exatamente isso. Alex escapou por pouco do escrutínio da mídia há uma década. Ela tinha certeza de que não sobreviveria aos tablóides e aos loucos por crimes reais pela segunda vez. A outra razão era altruísta e tinha a ver com seu amor por Garrett e Donna Lancaster. Revelando os detalhes sensacionais de que Jacqueline Jordan - a advogada que desempenhou um papel crucial na anulação das acusações originais contra Alex e que ajudou a vencer o caso de difamação de Alexandra Quinlan contra o estado da Virgínia - foi, de fato, quem destruiu o A família Quinlan era uma história tão poderosa que sem dúvida afundaria Lancaster e Jordan, arruinaria a carreira de Garrett e mandaria ele e Donna para o exílio. Alex passou muitos anos lá para proferir a mesma sentença às pessoas que ela mais amava no planeta.

Em vez disso, seu encerramento ocorreria de forma privada. Donna ainda tinha contatos dentro do Departamento de Polícia de McIntosh, e Alex pediu que ela aproveitasse esses recursos e obtivesse a única impressão digital da janela de seu quarto que estava guardada como prova. Alex pediu um favor final a Annette Packard, e Annette trabalhou com Donna para que a impressão fosse analisada em comparação com a de Jacqueline. Demorou uma semana, mas agora, todos sentados no canto da cozinha, Donna empurrou um único pedaço de papel sobre a mesa para que ficasse na frente de Alex. Ela olhou para Donna por um momento, criando coragem até finalmente olhar para a página.

A impressão de Jacqueline Jordan correspondia à que foi retirada da janela do quarto de Alex. Alex respirou fundo, embora tivesse quase certeza do que encontraria. Ainda assim, finalmente chegar à verdade depois de tantos anos a deixou sem fôlego. Lágrimas brotaram de seus olhos e Garrett estava imediatamente ao lado dela. Ele colocou o braço em volta dela enquanto Alex virava a cabeça dela em seu peito.

“Sinto muito”, sussurrou Garrett.

Donna estendeu a mão e pegou a mão de Alex, completando a família improvável que eles haviam se tornado.

“Precisamos decidir”, disse Donna, “o que faremos com esta informação”.

“Nada”, disse Alex, levantando a cabeça do peito de Garrett. “Não vamos fazer nada com isso.”

“Mas, Alex...” Donna começou.

“Não”, disse Alex, interrompendo-a. “Esta deve ser minha decisão. Você precisa me permitir fazer isso. Não posso passar por tudo de novo. Não posso ver a imagem da minha família em todos os tablóides de supermercados. Não posso passar pela imprensa pairando do lado de fora da minha porta. Além disso, desta vez vocês dois estariam tão mal quanto eu.

“Não nos importamos com o que isso faria a nós ou à minha empresa”, disse Garrett.

"Mas eu sim. E é isso que eu quero. Quero que isso fique entre nós três. Não quero que mais ninguém saiba.”

“E quanto a Annette Packard e o FBI?” Garrett perguntou.

Alex balançou a cabeça. “Annette estava me fazendo um favor. Ela trabalhou com um ex-criador de perfis do FBI que é amigo dela. Ela não passou por nenhum canal formal e não disse uma palavra.”

Garrett e Donna se entreolharam e Alex viu a confirmação silenciosa entre eles.

"Você tem certeza?" Donna perguntou.

"Tenho certeza."

* * *

Garrett puxou-a para perto mais uma vez. “Alguma chance de impedirmos você de sair?”

Alex colocou a cabeça contra o peito dele novamente e fechou os olhos.

“Não tenho como ficar.”

CAPÍTULO 70

McIntosh, Virgínia, segunda-feira, 12 de junho de 2023, 10h04

Ela parou em sua antiga casa em Montgomery Lane e estacionou na entrada da garagem. Os irrigadores subterrâneos estavam funcionando e o gramado tinha um lindo tom de verde – recém-cortado no dia anterior, com as bordas aparadas e os cantos em ângulos agudos de noventa graus. As sebes foram podadas e as azaléias brilhavam com a luz do sol matinal e pingavam enquanto eram banhadas pela névoa do aspersor.

Alex saiu do carro e olhou ao redor da vizinhança. Foi a primeira vez que ela voltou a McIntosh em algum tempo. A casa estava indo bem, sem nenhum problema nos últimos dois anos que exigisse sua presença. Algumas pequenas coisas surgiram, mas foram facilmente resolvidas pela equipe de manutenção que Alex contratou para cuidar da propriedade. O aquecedor de água quente precisava de uma nova luz piloto, um pica-pau havia feito um buraco no revestimento de cedro e uma laje de concreto na passarela da porta da frente havia afundado e precisava ser levantada.

Uma onda de nostalgia tomou conta dela enquanto olhava para a casa de sua infância. As boas lembranças dos primeiros dezoito anos de sua vida, com o tempo, ofuscaram a escuridão de uma única noite, quando a casa se transformou em outra coisa. Apesar do tempo que levou para acontecer, sua mente conseguiu colocar as coisas de volta na ordem correta. Ela poderia mais uma vez olhar para a casa e deleitar-se com todas as lembranças alegres que ela guardava.

Alex não tinha certeza de como a transformação ocorreu. Provavelmente foi o resultado de alguma combinação de terapia, tempo e o encerramento que ela finalmente encontrou. Seja como for, ela ficou feliz por finalmente ficar na frente da casa de sua infância sem medo. Durante anos ela o manteve meticulosamente mantido e cuidado, mas agora estava pronta para deixá-lo ir. Não, porém, antes que ela cuidasse de uma última coisa.

Ela trancou a porta da frente e entrou em seu passado. Ela se lembrou da noite quente de verão, quando entrou furtivamente em casa pouco antes de partir para Cambridge. Foi na noite em que ela veio recuperar a coleção de cartões de beisebol de Raymond, mas encontrou os extratos bancários que a iniciaram em uma jornada de anos. Ela se lembrou do odor úmido que a

casa exalava naquela noite — o ar pegajoso do verão penetrando nas paredes e enchendo a casa com um cheiro amargo de vazio e abandono. Hoje, nesta manhã ensolarada e clara, a casa estava imaculada e arejada, transportando o aroma de cera de limão do piso de madeira que brilhava com a luz do sol.

Ela caminhou pelo primeiro andar e examinou os quartos vazios. As paredes recém-pintadas eram luminosas e acolhedoras, os pisos recém-acabados, lisos e brilhantes. A cozinha parecia saída de uma série da HGTV, com bancada de quartzo, despensa e exaustor decorativo sobre o forno. O empreiteiro fez um ótimo trabalho e a casa deixaria algumas famílias muito felizes.

Terminada a inspeção do primeiro andar, Alex voltou ao vestíbulo e começou a subir as escadas. Ela fez isso sem hesitação ou medo. Já havia passado bastante tempo e essas memórias, embora nunca erradicadas, podiam ser bem controladas e mantidas sob controle. No topo da escada, ela se virou e caminhou pelo corredor até seu antigo quarto. Vazio agora e com madeira em vez de carpete, o quarto parecia menor do que ela lembrava. Ela teve a mesma sensação quando entrou no quarto de Raymond.

Finalmente, ela saiu para o corredor e caminhou até a beira do quarto dos pais. A porta estava aberta e ela entrou. Aqui também as paredes foram pintadas recentemente e o carpete foi substituído por madeira imaculada para combinar com o resto da casa. Alex sorriu. A casa era perfeita.

Houve uma batida na porta da frente e Alex desceu as escadas.

"Oi. Alex? a mulher disse quando Alex abriu a porta.

"Sim."

“Tammy Werth.”

“Olá, Tammy”, disse Alex ao corretor de imóveis. “Entre.”

Tammy olhou ao redor da casa e sorriu. “O exterior é lindo e muito bem conservado. E o interior é igualmente imaculado. Não creio que a casa seja difícil de vender.

"Realmente?" Alex perguntou.

“Não no mercado de hoje e neste tipo de condição. Está pronto para morar. Vou apenas tirar algumas fotos e medidas para o site.”

“Parece bom”, disse Alex. “Faça o que quiser e me avise se precisar de mais alguma coisa.”

Tammy sorriu e começou a trabalhar. Poucos minutos depois, Alex viu a van em mudança voltar para a garagem e dois jovens robustos emergirem. Ela abriu a porta da frente e acenou para que entrassem.

“Oi”, disse um dos caras. “Viemos da On-the-Go Movers.” O cara olhou em volta. “Não há muito para se mover, pelo que vejo.”

“Apenas um item”, disse Alex. “Está lá em cima.”

Alex conduziu os dois carregadores escada acima e apontou para o final do corredor onde ficava o relógio de pêndulo.

"É isso?" o cara perguntou.

"É isso."

“E vai para nossas instalações de embalagem e envio?”

“Sim”, Alex disse. “Forneci a eles o endereço para onde será enviado.”

Os dois homens removeram as alças que estavam enroladas em seus ombros antes de se aproximarem do relógio de pêndulo. Alguns minutos depois, Alex sorriu ao ver os homens colocarem o relógio na traseira do caminhão. Ela imaginou como seria seu novo apartamento em Londres. Ela tinha visto fotos do lugar online e já havia decidido para onde iria o relógio.

“Só preciso da sua assinatura”, disse um dos caras depois de fechar a traseira do caminhão.

Alex rabiscou na página e devolveu a prancheta. Os homens subiram na cabine e Alex observou o caminhão de mudança se afastar.

“Tudo pronto”, disse a corretora de imóveis, saindo pela porta da frente com a câmera amarrada no pescoço. “Farei com que minha equipe coloque a placa de VENDA no gramado da frente hoje mais tarde e listarei formalmente a casa em nosso site esta noite. Avisarei se tivermos algum interesse.

“Obrigado”, Alex disse.

“Aposto que temos uma oferta antes do final da semana, mas vou mantê-los informados.”

Alex ficou na entrada da garagem enquanto o corretor de imóveis se afastava. Ela absorveu os sons normais da vizinhança – o chilrear dos pássaros e o zumbido do cortador de grama a algumas casas de distância – enquanto se sentava na varanda da frente e esperava. Quinze minutos depois, um carro parou na garagem. Alex levantou-se e observou o carro de perto.

Por fim, Tracy Carr, a repórter que foi a primeira a chegar ao local na fatídica noite em que sua família foi morta, saiu do carro e olhou para ela da garagem.

“Engraçado encontrar você aqui”, disse Alex na tentativa de quebrar o gelo.

“Você sabia que eu te reconheci naquele dia na minha sessão de fotos”, disse Tracy enquanto fechava a porta e caminhava pelo caminho da frente até onde Alex estava.

"Eu fiz."

“Você parece muito diferente”, disse Tracy. “Mas seus olhos denunciaram você.”

“Eu imaginei”, disse Alex.

As duas mulheres se entreolharam por um momento.

"Você me chamou. O que agora?"

Alex pegou o batom do bolso, um tom laranja acentuado, e cobriu os lábios antes de sorrir. “Agora eu te faço uma oferta.”

CAPÍTULO 71

Londres, Inglaterra, sábado, 1º de julho de 2023, 13h05.

DUAS SEMANAS DEPOIS QUE A PLACA DE VENDA FOI FICADA NO JARDIM DA FRENTE da casa de sua infância, Alex chegou a Londres. Anos antes, ela apareceu como Alexandra Quinlan, fugindo e escondida. Desta vez ela veio como Alex Armstrong, fugindo do nada e não se escondendo de ninguém, determinada a recomeçar que havia falhado na primeira vez.

Ao analisar sua vida, ela concluiu que não havia outro lugar para onde pudesse ir. Permanecer em DC e continuar seu trabalho na Lancaster & Jordan não parecia viável nem apropriado. Ela havia desenvolvido, ao longo dos anos, um conjunto único de habilidades investigativas e sabia que Londres era o melhor lugar para colocá-las em prática. Donna e Garrett entenderam, mas fizeram com que ela prometesse manter contato. Alex concordou, mas o contrato não escrito não era necessário. Garrett e Donna Lancaster estavam entrelaçados na trama de sua vida, e Alex não poderia mais existir sem eles, assim como ela não poderia existir sem ar.

Seu apartamento em Londres era de tamanho e preço modestos. Alex não tinha motivos para comprar algo maior, embora tivesse condições de fazê-lo. Ela queria causar o menor impacto possível quando aterrissasse em sua nova cidade e começasse seu novo emprego. Quando a campainha tocou no sábado à tarde, Alex sorriu. Ela teve dificuldade em controlar sua excitação e não conseguia explicar por que estava tão feliz por finalmente ver o homem que tocou a campainha. Talvez fosse porque ele tornou possível o novo capítulo da vida dela. E apesar de ela ter passado menos de uma semana com ele, por algum motivo ele ocupou um lugar significativo em seu coração ao longo dos anos. Não romanticamente. Ele tinha o dobro da idade dela. E não como figura paterna – Garrett Lancaster sempre ocuparia esse lugar em sua vida. Mas o homem que tocou a campainha ocupava um lugar especial em sua vida que Alex não conseguia definir.

Ela caminhou até a porta e a abriu.

“Leo, o Britânico”, disse Alex com um sorriso.

— Alex, o pistoleiro — disse Leo com seu forte sotaque britânico, erguendo as mãos como se estivesse preso. “Você não vai me encher de buracos, vai?”

Alex sorriu. "Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?"

“Improvável, cara.”

“Entre.”

A última vez que Alex viu Leo foi quando ela o beijou levemente na bochecha, anos atrás, depois que ele a salvou de Laverne Parker e Drew Estes. Foi então que Alex soube que Garrett Lancaster havia contratado Leo para cuidar dela. Apesar dos anos que se passaram desde a última vez que se viram, Alex considerava Leo um amigo. Oito anos de mensagens de texto e FaceTiming permitiram que eles formassem um vínculo estreito. Leo era uma presença enigmática, mas cativante em sua vida.

Na época em que Leo foi contratado para cuidar de Alex, ele estava iniciando sua prática de investigação particular em Londres. Para todos os efeitos, Alex tinha sido o seu primeiro caso e Garrett Lancaster o seu primeiro cliente. Leo passou um ano e meio seguindo Alex pela Europa e mantendo o controle sobre ela. Quando o trem da alegria acabou e Alex pegou um avião de volta aos Estados Unidos, Leo foi forçado a procurar outros clientes pagantes. Ele os encontrou e agora dirigia uma empresa de PI de sucesso. Quando Alex mandou uma mensagem para ele avisando que suas habilidades investigativas estavam à venda, Leo aproveitou a oportunidade. As coisas estavam ficando complicadas e ele precisava de ajuda. Até o momento, ele não conseguiu encontrar um parceiro competente. Alex prometeu que ela era a resposta.

“Então você provavelmente quer saber quanto vou pagar e o que vou pedir que você faça.”

“Não”, disse Alex. “Podemos discutir tudo isso mais tarde. Tenho certeza de que você me pagará de forma justa e estou mais do que confiante de que superarei suas expectativas com qualquer coisa que você me pedir para investigar.”

Leo semicerrou os olhos. “Se você não me convidou para falar sobre o trabalho, então o que estou fazendo aqui no sábado?”

“Eu ia te dar uma cerveja primeiro, mas vamos deixar a cerveja para quando terminarmos.”

“Terminar o quê?”

“Vamos”, disse Alex, indo em direção à porta. “Preciso de ajuda com alguma coisa.”

Um caminhão de entrega estava estacionado na rua em frente ao apartamento dela. Um homem estava sentado no para-lama traseiro com a porta deslizante aberta.

“Você será capaz de lidar com isso?” o motorista do caminhão perguntou a Alex enquanto lhe entregava uma prancheta.

"Eu sou agora."

Alex assinou a entrega e devolveu a prancheta ao motorista. Leo, o britânico, olhou para a traseira do caminhão, onde um item alto estava embrulhado em plástico bolha e esperando.

“Preciso que você me ajude a levar isso para cima”, disse Alex.

"O que é?" Léo perguntou. “E quanto pesa?”

“Um relógio de pêndulo. E muito.”

Leo olhou do formidável obstáculo que esperava na caminhonete para Alex. “Estou deduzindo o custo dos meus serviços do seu primeiro salário.”

Alex sorriu. “Parece justo e razoável.”

* * *

Mais tarde naquela noite, Alex sentou-se em seu novo apartamento. Já era tarde, a televisão estava desligada e o único som vinha do relógio de pé no canto da sala. Alex dera corda no relógio para elevar os pesos o mais alto possível. Agora ela ouvia o tique-taque do relógio enquanto o pêndulo balançava. Durante a maior parte de sua infância, o relógio passou despercebido no corredor do segundo andar, fora de seu quarto. Alex já havia passado por ali mil vezes, sem se importar com sua beleza. Então, na noite em que sua família foi morta, tudo se tornou outra coisa: algo grandioso e protetor.

Com nada além do tique-taque do relógio lhe fazendo companhia, Alex pegou o exemplar do dia do New York Times. Tracy Carr havia terminado seu artigo sobre Laura McAllister e a história de estupro na Universidade McCormack que a garota estava prestes a quebrar antes de ser morta. Incluía os nomes daqueles que foram incriminados em seu episódio. O artigo cobriu minuciosamente o papel de Duncan Chadwick na obtenção da droga de estupro usada para aumentar as bebidas em sua fraternidade. Certamente se seguiria uma investigação e, mesmo antes de o artigo ser publicado, Larry Chadwick retirou-se voluntariamente da lista de indicados para preencher a vaga na Suprema Corte. A história foi explosiva e Tracy fez um ótimo trabalho homenageando Laura McAllister no artigo.

Alex recostou-se depois que ela terminou de ler. Com certeza haveria parasitas. Com certeza haveria fanáticos por crimes reais que nunca deixariam de procurar Alexandra Quinlan. Mas sem um repórter proeminente liderando o caminho, esses fanáticos logo se esgotariam. A oferta de Alex a Tracy Carr envolvia avisar o repórter sobre uma história de grande sucesso envolvendo o filho de Larry Chadwick e Laura McAllister. Em troca da informação que Alex entregaria, Tracy Carr concordou em parar de perseguir Alexandra Quinlan. Não há mais atualizações anuais. Chega de vídeos sinistros. Chega de viajar para McIntosh para filmar na frente da casa de sua família.

Ela colocou o jornal de lado. Foi uma jornada árdua, mas ela finalmente chegou àquela bifurcação na estrada da vida que marcou seu novo começo. Ela recostou-se na almofada do sofá, fechou os olhos e ouviu o pêndulo balançando do relógio de pêndulo enquanto ele batia. Vai e volta. Vai e volta.

CAPÍTULO 72

Os Montes Apalaches, sábado, 14 de outubro de 2023, 21h52.

Ele dirigiu o SUV pelas estradas sinuosas das montanhas Apalaches. Embora longe das câmeras de vigilância da cidade, ele evitou postos de gasolina e áreas de descanso onde sua imagem pudesse ser registrada e tomou o cuidado de trocar suas placas por outras retiradas de um ferro-velho de Maryland. Enquanto ele dirigia, a face da rocha subia verticalmente ao lado dos guarda-corpos, prendendo-o enquanto a estrada cortava um desfiladeiro com montanhas de cada lado. Outras partes do caminho estavam abertas, com nada além de montanhas ondulantes ao longe. Quando viu fumaça saindo em espiral das chaminés de casas escondidas, ele sabia que estava chegando perto.

Se Larry Chadwick tivesse sido nomeado para o Supremo Tribunal, a missão daquela noite teria sido exponencialmente mais difícil. Os nove juízes do Supremo Tribunal foram estreitamente protegidos por agências governamentais. Dentro dos limites do Distrito de Columbia, a Polícia da Suprema Corte protegia os juízes dia e noite. Fora de DC, o US Marshals Service forneceu detalhes de segurança. Felizmente, o juiz Chadwick foi preterido pela Suprema Corte. Tecnicamente, ele renunciou e retirou-se voluntariamente da consideração. De qualquer forma, como juiz federal e não como juiz da Suprema Corte, os destacamentos de segurança de Larry Chadwick só aconteciam por solicitação, não por comissão. Nos testes realizados na casa de férias do juiz, ele não viu tal detalhe. Escondido no sopé dos Apalaches, o juiz provavelmente se sentiu isolado e seguro. A cidade de Heathrow era pequena e tranquila. Consistia em uma única estrada com dois semáforos e lojas e restaurantes familiares em cada lado da rua. Os residentes eram cordiais e formados por ricos habitantes da Costa Leste que valorizavam sua privacidade.

Ele fez a curva final e acelerou pela estrada que passava atrás da casa de férias do juiz. A programação habitual do juiz envolvia Chadwick e sua esposa saindo de DC no meio da tarde de uma sexta-feira e retornando à cidade no domingo à noite, a tempo para jantar e uma taça de vinho antes de o juiz ler os resumos em preparação para sua súmula de segunda-feira de manhã. Era uma das grandes ironias da América, pensou agora enquanto reduzia a velocidade do veículo, que o homem que contratara Reece Rankin

para violar e matar Laura McAllister tivesse recebido o poder de presidir à justiça de uma nação.

Jacqueline poderia ter ido à polícia com o que descobriu em sua visita a Reece Rankin. Ela poderia ter contado às autoridades sobre a confissão de Rankin e que ele estuprou e matou Laura McAllister após ser contratado por Larry e Duncan Chadwick. Mas fazê-lo teria colocado os Chadwicks nas mãos protetoras do sistema de justiça americano, onde seria improvável que uma sentença adequada tivesse sido proferida. Chadwick e o seu filho mereciam mais do que o sistema de justiça americano poderia proporcionar.

Ele parou no acostamento da estrada e entrou em uma área arborizada. Ele enfiou o carro o suficiente na folhagem para que ficasse fora da vista dos veículos que passavam, depois saiu e caminhou pela floresta por quase um quilômetro até que o caminho estreito terminasse nos fundos da casa de férias de Larry Chadwick.

Ele chegou cedo. As luzes ainda iluminavam as janelas da casa, e ele se acomodou em uma clareira para esperar que os Chadwicks se retirassem para dormir. Ele tirou o Smith & Wesson da cintura e colocou-o no chão ao lado dele. Ele parou um momento para ouvir a calma da natureza ao redor da propriedade. O vizinho mais próximo estava a mais de um quilômetro de distância. Um mergulhão arrulhou de um local distante no lago. O som o lembrou de sua juventude, quando passava os verões no acampamento. A clareira onde estava sentado o trouxe de volta à noite em que mataram Jerry Lolland.

Foi em Camp Montague que a jornada de sua vida começou. Foi em Camp Montague que ele resolveu o problema pela primeira vez. Foi lá, depois de suportar um verão de abusos e depois testemunhar o mesmo abuso acontecer com Jacqueline, que ele decidiu que algumas pessoas não eram dignas da justiça branda que a América proporcionava - uma existência confortável na prisão onde os predadores desfrutavam de três refeições diárias e das alegrias de entretenimento que incluía livros e televisão e muito mais. Não, alguns perpetradores mereciam mais do que uma vida mimada atrás das grades. Aqueles que cometeram os mais hediondos actos de violência – agressão sexual contra crianças – e aqueles que os ajudam mereciam uma justiça que este país não poderia proporcionar.

Enquanto estava sentado na clareira nos limites da propriedade dos Chadwick, ele se lembrou de Jerry Lolland. Ele se lembrou de ter encarado o corpo do homem enquanto os paramédicos o levavam para fora da cabine, com um lençol branco cobrindo-o da cabeça aos pés, confirmando o quão bem o plano havia funcionado. Jerry Lolland foi a primeira morte deles. Jerry Lolland foi a primeira vez que ele e Jacqueline se uniram para deter um predador. Outros o seguiram ao longo dos anos, mas ele ainda se lembrava de Jerry Lolland com mais nitidez.

Ele se lembrava de todos eles em graus variados porque aprendeu algo novo com cada um deles. A maioria ocorreu conforme planejado e foi perfeitamente executada. Um, no entanto, ainda o assombrava. Um deles produziu danos colaterais que, no final, foram a sua ruína. Agora, ele teria que continuar seu trabalho sozinho.

Enquanto estava sentado na floresta atrás da casa de Larry Chadwick e esperava que as luzes da casa diminuíssem, ele se lembrou daquela noite.

McIntosh, Virgínia, 15 de janeiro de 2013

A cidade de McIntosh era pequena e unida. Matar Dennis e Helen Quinlan teria consequências, mas ele não conseguiu dissuadir Jacqueline. Havia uma ironia nisso: ele havia iniciado a dupla de vigilantes décadas antes em Camp Montague, mas Jacqueline tinha sido o catalisador que a manteve funcionando todos esses anos. A missão daquela noite era algo que ela não negaria, apesar dos protestos dele sobre as possíveis armadilhas.

Ele estacionou o carro no estacionamento industrial que ficava no bairro tranquilo onde Dennis e Helen Quinlan moravam. Além de clientes, os Quinlan eram, após um exame minucioso de seus registros fiscais e documentos financeiros, os contadores que ajudaram Roland Glazer a perpetrar sua quadrilha de tráfico sexual. Os Quinlan eram os magos financeiros que ajudaram Glazer a esconder seu dinheiro. Foram eles que emitiram os cheques e iniciaram as transferências de dinheiro que permitiram a Glazer a liberdade de viajar para sua ilha isolada, onde mulheres jovens eram entregues semanalmente. Outros estavam envolvidos – políticos, empresários e membros da realeza – mas nenhum desses atores era tocável. Os Quinlans, no entanto, eram acessíveis e há anos tinham suas impressões digitais nos negócios sujos de Glazer. A desculpa que ofereceram quando abordaram Lancaster & Jordan – que não sabiam de onde vinha o dinheiro de Glazer, ou para onde foi depois de terminarem de protegê-lo – era, na melhor das hipóteses, frágil, mais provavelmente uma mentira descarada. A explicação pode ter sido verdadeira a princípio, talvez. Mas era incompreensível que a ignorância deles persistisse por mais do que um momento fugaz. Sua culpa foi evidenciada pelo fato de que, depois que Roland Glazer foi indiciado federalmente, os Quinlans correram para Lancaster & Jordan em busca de proteção contra processos judiciais.

Ele desligou os faróis e parou enquanto as rodas esmagavam o cascalho.

“Entra e sai”, disse ele a Jacqueline.

Um rápido aceno de cabeça foi tudo o que ele recebeu em troca. Então, ela abriu a porta e desapareceu na floresta. Com os faróis apagados, ele manteve o motor ligado. Eles haviam cronometrado a missão três vezes diferentes e tinham uma estimativa de quanto tempo ela deveria levar para caminhar pela floresta, esgueirar-se pelo gramado dos fundos, recuperar a espingarda de Dennis Quinlan na garagem, entrar pela porta dos fundos, subir as escadas. , cuide de Dennis e Helen Quinlan, saia de casa, corra de volta pela floresta e escape.

Ele observou o relógio enquanto esperava. O limite de tempo inferior veio e passou. Ele começou a suar quando o limite superior se aproximou e ficou inquieto quando passou. Algo deu errado e ele pensou por um breve momento em ir para a floresta para ver o que havia acontecido. Mas essa foi uma decisão errada que colocaria os dois em risco. A outra opção era pior: abortar a missão e partir sem ela.

Ele não podia fazer nenhuma das duas coisas, então esperou. E esperou mais, até que finalmente viu uma figura na floresta. Jacqueline corria de uma forma frenética que ele nunca tinha visto antes. Algo deu errado. Ele deu ré no carro e, assim que ela subiu no banco do passageiro, ele pisou no acelerador e girou no cascalho enquanto fazia uma inversão de marcha violenta para trás. Depois de mudar para a direção, ele saiu do parque industrial. Já na estrada principal e com alguma distância entre eles e a casa dos Quinlan, acendeu os faróis e reduziu a velocidade ao limite legal.

Ele olhou para ela e viu que ela colocou as mãos enluvadas sobre o rosto. O dedo indicador da mão direita projetava-se através da luva onde o látex se rompera.

“Sua luva está quebrada”, disse ele.

Ela tirou as palmas do rosto e inspecionou a mão direita.

“Você pode ter deixado uma impressão digital para trás”, disse ele.

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. “Esse é apenas o começo dos nossos problemas.”

Ele parou na calçada em frente à casa dela e eles ouviram o scanner por alguns minutos enquanto chegavam relatos de tiros disparados. Durante o passeio, ela ofereceu a ele um resumo dos acontecimentos que aconteceram dentro da casa dos Quinlan, paralisada o tempo todo em que falava com a mão direita e o dedo indicador nu.

"Você tocou em alguma coisa?" ele perguntou.

Ele observou enquanto Jacqueline repassava mentalmente. “A janela”, disse ela. “Abri a janela do quarto da criança para olhar para fora. E a maçaneta da porta da frente, mas pode ter sido com a outra mão.

Ele observou enquanto ela continuava a olhar para o dedo nu que se destacava dos outros.

"O que deveríamos fazer?" ela perguntou.

“Não podemos fazer nada neste momento. Ir para dentro. Tente dormir. Eu quero sair da estrada.”

Houve silêncio enquanto ela permanecia imóvel no banco do passageiro.

"A garota viu você?" ele perguntou.

"Não sei. Eu não acho. A janela do quarto estava aberta e ela havia sumido.” Ela fez uma pausa antes de olhar para ele. “O menino. . . ele me viu. Eu não tive escolha."

Ele assentiu. "Eu sei. Ir para dentro. Conversaremos amanhã. Queime as roupas. Botas, luvas, tudo. Faça isso esta noite.

Sem responder, ela abriu a porta e saiu do carro. Ela não disse mais nada enquanto caminhava até a porta da frente e desaparecia lá dentro. Ele engrenou o carro e foi para casa. Quando a porta da garagem se abriu, ele entrou e ficou sentado no escuro por alguns minutos, correndo pela noite e querendo perguntar o que exatamente havia acontecido dentro da casa dos Quinlan. Jacqueline estava muito abalada para lhe contar tudo. Só que ela, depois de matar Dennis e Helen Quinlan, também matou o filho de treze anos deles quando o menino abriu a porta do quarto dos Quinlan e a assustou. Ela não compartilhou detalhes sobre como isso aconteceu. Ela estava muito abalada para arrancar mais

informações dela, exceto que a filha havia escapado e agora era uma desconhecida.

Depois de alguns minutos no escuro, ele saiu do carro e entrou em casa. Ele manteve as luzes apagadas e subiu na cama. Ele se revirou por uma hora, sem conseguir dormir. Em todos os seus anos, nada parecido havia acontecido antes. Eles foram cuidadosos e meticulosos. Apenas os culpados foram punidos, nunca os inocentes. Ele e Jacqueline eram os que lutavam pelos inocentes. Eram eles que exigiam justiça aos membros verdadeiramente vis da sociedade, justiça que o sistema americano não conseguia proporcionar adequadamente. Eles sempre foram protetores dos inocentes. Até hoje a noite.

Eram 3h10 da manhã quando ele verificou o relógio de cabeceira. Finalmente, depois de muita consternação, suas pálpebras caíram e ele adormeceu. Vinte e cinco minutos depois, o telefone tocou e o despertou de um sono superficial e inquieto. Quando ele pegou o celular para verificar a identidade, uma sensação de aperto tomou conta de seu estômago.

"Olá?" ele disse com uma voz grogue.

"Garrett!" Donna disse em um sussurro urgente. "Sou eu. Preciso de você na delegacia. Eu sei que é tarde, mas preciso de você imediatamente."

Garrett Lancaster não fez perguntas. Sua disposição de correr para a delegacia de polícia e ajudar sua esposa no meio da noite soaria como heróica – o ato de um marido dedicado e ansioso por fazer qualquer coisa para ajudar sua esposa. Na verdade, sua falta de curiosidade sobre o motivo pelo qual sua esposa o convocava à delegacia vinha do fato de saber que havia ocorrido um triplo homicídio em sua pequena cidade. Era impossível prever que sua vida estava prestes a colidir com a de Alexandra Quinlan. E que alguma parte de seu coração sangraria para sempre pela garota só seria percebido mais tarde.

Ele saiu da cama, pensou brevemente em tomar um banho e vestir terno e gravata, mas optou por simplesmente vestir jeans, colocar um boné do Washington Wizards sobre o cabelo despenteado e sair pela porta.

RECONHECIMENTOS

Minha sincera gratidão vai para as seguintes pessoas:

Todo o pessoal da Kensington Publishing que defende meus livros todos os anos e trabalha muito nos bastidores para ajudar a tornar meus romances um sucesso. Principalmente John Scognamiglio, que me ajuda a esclarecer minhas histórias; e Vida Engstrand, cujo marketing inteligente os ajuda a serem notados.

Amy e Mary, por serem as primeiras a ler, as primeiras a criticar e as primeiras a encorajar.

Detetive Ray Peters, por me ajudar a organizar meus fatos sobre cenas de crime e interrogatórios.

Michael Chmelar, advogado e amigo, por doar generosamente seu tempo para ler um primeiro rascunho e me ajudar a tropeçar na cena de abertura do tribunal. Tenho certeza de que não executei exatamente como você desenhou, mas suas sugestões me ajudaram a torná-lo bastante real.

Eric Bessonny, M.D., por responder às minhas perguntas sobre a succinilcolina e por ficar estranhamente entusiasmado com as possibilidades de paralisia consciente. Certamente usei minha licença literária para fazer a droga funcionar em minha história, mas você me ajudou a mantê-la dentro dos limites.

Donna Kopkash, pela sua generosa doação à One Million Monarchs – uma magnífica instituição de caridade que aborda a questão de saúde pública do luto infantil e oferece apoio a crianças que perderam um dos pais ou irmãos. Seu gentil presente veio com a vantagem adicional de ter um personagem em meu livro com o seu nome.

E, finalmente, a todos os leitores - quer vocês tenham acabado de descobrir meus romances ou tenham lido todos eles com veracidade - obrigado por tornar meu sonho realidade.